

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

*“Feitiços sem feiticeiros:
modernos objectos de culto e novos paganismos?”*

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Sónia Isabel Moreira Cabeça

Orientador:

Prof. Doutor José Rodrigues dos Santos

“Esta dissertação não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri”

Évora

Outubro 2005

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

*“Feitiços sem feiticeiros:
modernos objectos de culto e novos paganismos?”*

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Sónia Isabel Moreira Cabeça



155 910

Orientador:

Prof. Doutor José Rodrigues dos Santos

“Esta dissertação não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri”

Évora

Outubro 2005

A

Irmã

Pais e avós

Família e amigos

A todos eles, ao orientador, entrevistados
e a todos que tornaram possível este trabalho,
o meu **muito obrigada**,
bem mais importante quando transmitido pessoalmente...

“Feitiços sem feiticeiros: modernos objectos de culto e novos paganismos?”

Resumo

Referimo-nos ao fanatismo na presença de um tipo de relação cuja principal característica é um certo tipo de investimento por parte dos indivíduos nos seus objectos de interesse, um investimento que não deixa o indivíduo intacto, que interfere na sua estrutura psíquica e modifica a sua identidade. Concerne a um processo através do qual os indivíduos se apropriam destes mesmos objectos, um processo simultaneamente individual e colectivo: individual porque é determinado pela relação com o objecto; colectivo porque o indivíduo é apanhado numa rede que preexiste, na qual ele desenvolve as suas relações com os demais. Mas que fenómeno é este do fanatismo? Que mecanismos sócio-cognitivos operam no domínio propriamente individual dos sujeitos e que os impelem para objectos de interesse? Que mecanismos sociais levam à inserção dos sujeitos em grupo? Um fenómeno alargado na sociedade actual e importante para a compreensão das dinâmicas culturais do nosso tempo...

“Fetishes without sorcerers: modern cult objects and new paganisms?”

Abstract

We refer to fanaticism to characterize a relationship in which the main characteristic is a kind of investment made by the individuals in their objects of interest, an investment that does not leave the individual intact, but interferes in his psychical structure and modifies his identity. Fanaticism is thus a process through which the individuals appropriate those objects, a process that is simultaneously individual and collective: individual because it is determined by a personal relationship with the object; collective because the individual is caught in a pre-existing social network, in which he develops his relationships with others. But what kind of phenomenon is this, that we call fanaticism? Which socio-cognitive mechanisms operate in the subject's specifically individual dominium that leads them to invest in these interest objects? Which social mechanism leads to group insertion? We intend to analyze this broad phenomenon in present society, important to understand today's cultural dynamics...

ÍNDICE

Introdução	1
Cap. I: Questões Teóricas Gerais	5
1.1 Novas formas de pertença	5
1.2 A adesão voluntária	10
1.3 Idolatria, modelos, heróis e celebridades	13
Cap. II: Quadro de Referência (Da Teoria...)	18
2.1 Particularismos universais?	18
2.2 Do Fanatismo	19
2.3 Clubes de fãs: um universo proliferante	20
2.4 Aspectos relevantes sobre o fanatismo e os clubes de fãs	32
2.4.1 <i>Aspectos místicos e religiosos do fanatismo e a reemergência do</i> <i>paganismo</i>	33
2.4.2 <i>O carácter fetichista da relação com o objecto</i>	44
2.4.3 <i>O fanático: grau de identificação</i>	49
2.4.4 <i>Campos de pertença e de oposição</i>	53
2.4.5 <i>Os clubes de fãs enquanto tribos ou movimentos sociais</i>	58
2.5 A construção de um modelo de análise	62
2.5.1 <i>Escolha do tema e questão de partida</i>	62
2.5.2 <i>Hipóteses e objectivos</i>	64
2.5.3 <i>As etapas da investigação</i>	65
2.6 Fanatismo: a operacionalização do conceito	66

Cap. III: Questões Empíricas (... à Prática)	68
3.1 Questões gerais orientadoras da escolha metodológica	68
3.1.1 <i>Micro e macrossociologia</i>	68
3.1.2 <i>Métodos qualitativos e quantitativos</i>	68
3.2 A opção empírica	69
3.2.1 <i>Tipo de estudo</i>	69
3.2.2 <i>Técnicas de recolha de dados</i>	70
Cap. IV: A Investigação Empírica	72
4.1 A recolha dos dados.....	72
4.1.1 <i>As questões</i>	72
4.2.1 <i>Os entrevistados</i>	74
4.2 Caracterização das unidades de estudo	75
4.2.1 <i>A claque do Benfica</i>	75
4.2.2 <i>O Clube de Fãs do Tony Carreira</i>	80
4.2.3 <i>O Vespa Clube</i>	82
4.2.4 <i>O clube columbófilo</i>	85
4.2.5 <i>A associação de filatelia e outros colecionáveis</i>	88
4.2.6 <i>A comunidade e o Caminho Neocatecomunal</i>	90
4.3 Descrição dos dados	95
4.3.1 <i>Ser benfiquista e membro da claque</i>	95
4.3.2 <i>Ser fã e membro do clube de fãs do Tony Carreira</i>	104
4.3.3 <i>Ser vespista e membro do vespa clube</i>	110
4.3.4 <i>Ser columbófilo</i>	118
4.3.5 <i>Ser colecionador e membro da associação</i>	127
4.3.6 <i>A caminho de ser cristão em comunidade</i>	135

4.4 Interpretação e análise comparativa dos dados	144
4.4.1 <i>Caracterização do investimento</i>	144
4.4.2 <i>A dimensão psicológica</i>	149
4.4.3 <i>A dinâmica das práticas</i>	151
4.4.4 <i>A relação com e mediada pelo objecto</i>	154
4.4.5 <i>O grupo</i>	157
4.4.6 <i>Aspectos em comum</i>	165
4.4.7 <i>Impressões finais</i>	171
Discussão	175
Conclusão	190
Bibliografia	193

Anexos

(o fenómeno no dia-a-dia, excertos de entrevistas, sobre os clubes)

INTRODUÇÃO

É um risco assumido iniciar um estudo dizendo que ele se refere ao fenómeno do fanatismo. Para a maioria, o fanatismo é um “palavrão” impregnado de juízos de valor que porventura remeterá para um padrão de comportamento marginal. Livremo-nos, pois, antes do mais, dessas noções de senso comum atribuindo ao fanatismo um espaço próprio na ciência e fora das concepções anteriormente produzidas.

Cortando com a visão tradicional, o fanatismo é aqui apresentado como uma relação entre sujeito e objecto no qual há um investimento por parte do primeiro no segundo, um investimento energético que interfere na estrutura psíquica do sujeito e modifica a sua identidade. É, portanto, um processo de investimento nos objectos cuja intensidade não deixa os indivíduos intactos. Este termo é aplicável a toda a realidade que compreende o fenómeno aqui a abordar, operando como homogeneizador das relações e inclusivo ao designar todo e qualquer processo de investimento no objecto nos moldes acima descritos. É, pois, determinante para a compreensão desta realidade que para tantos continua encoberta. Na verdade, é possível sermos apanhados de surpresa quando perante este fenómeno, cuja dimensão permanece não raramente desconhecida até com ela nos depararmos.

O fanatismo não é apenas um fenómeno individual, determinado pela relação sujeito / objecto: ele é também um fenómeno colectivo, pois refere-se igualmente a um processo de agregação, selecção e controlo que constitui uma rede na qual os sujeitos desenvolvem as suas relações com os demais através do seu investimento nos objectos.

Existem pois, no domínio do fanatismo, vários clubes de fãs – toda e qualquer associação livre ou grupo de interesse cuja característica principal seja uma relação privilegiada com um objecto. E é através da sua observação que constatamos o vasto universo do fanatismo. Apesar de dominarem os clubes associados ao culto de novas imagens icónicas (do cinema, tv, música, etc), ao lazer e ao consumo, ele alarga-se às mais diversas esferas da sociedade e diversos objectos são apropriados. Personalidades; personagens fictícias e mitológicas; objectos; locais; clubes e modalidades desportivas, culturais e outras formas de lazer e entretenimento; animais; acontecimentos históricos e actuais, ideologias ou ideias; e outros focos de interesse veiculados pelos *mass media*... São várias as categorias e tudo pode ser objecto de fanatismo. Daí que a abordagem ao

fanatismo permita compreender e conhecer alguns mecanismos fundamentais das dinâmicas culturais do nosso tempo.

Como caracterizar então este processo do fanatismo? Que mecanismos sócio-cognitivos operam no domínio do sujeito e que o impele para objectos de interesse? Que diferenças há entre os clubes de fãs cujos objectos de interesse são diferentes? Cada investimento e clube de fãs é dotado de particularidades que o distingue dos demais? Ou são orientados por modelos similares? Ou seja: a particularidade inerente a cada investimento e a cada clube de fãs é passível de ser universalizada? É possível a existência de um mecanismo sócio-cognitivo comum que impele os indivíduos para o investimento num determinado objecto?

Destas questões infere-se que o tema é aqui abordado no sentido de o fanatismo poder ser um particularismo universal: particular porque os objectos de investimento não são iguais para todos; e universal porque o fanatismo não é definível pelo objecto em si mas pela relação que com ele se estabelece, sendo o processo de investimento – apesar da diferença dos objectos – o mesmo. Assim, admite-se que a homogeneidade possível deste fenómeno pode residir na existência de mecanismos sócio-cognitivos similares que são accionados pelos indivíduos, levando-os à apropriação de objectos de interesse. E tal dita que a “economia da energia dos sujeitos” não é definível pelo objecto de interesse: aquilo que impele os indivíduos para um objecto com o qual estabelecem uma relação privilegiada é um mesmo processo de fanatismo, um mesmo mecanismo sócio-cognitivo que opera independentemente do objecto em questão, não sendo o objecto de fanatismo que determina o fanatismo em si. O fanatismo seria então um processo universal de procura de satisfação através do investimento em objectos, de uma necessidade que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse. São estas as hipóteses assumidas.

O fanatismo refere-se directamente a uma relação entre os indivíduos e os seus objectos de investimento, um processo que se ambiciona descrever e compreender. Assim, o estudo vem descrever mecanismos até agora desconhecidos (ou pelo menos, pouco referenciados), tentando compreender o estabelecimento de relações com e através dos objectos e como se estruturam os nossos interesses nos dias de hoje. Pretende-se pois com este estudo compreender que mecanismos sócio-cognitivos são operados ao nível dos sujeitos e que os impelem para um objecto no qual eles investem, estabelecendo

similitudes entre os mecanismos operados por diferentes sujeitos na sua relação com diferentes objectos e os mecanismos sociais que permitem a inserção dos sujeitos em grupo. Através de um entendimento destas questões, o desafio está em estabelecer uma relação entre particularismo e universalismo e pôr à prova a hipótese que o fanatismo não é determinado pelo objecto em si.

Num primeiro capítulo deste trabalho são expostas algumas questões teóricas gerais, nas quais são abordadas, entre outras questões, as várias mudanças operadas no campo das pertenças – que surgem cada vez mais ligadas ao tempo de lazer e onde os laços sociais se formam cada vez mais em torno da afectividade e dos gostos e interesses comuns – e da adesão voluntária, que funciona como um espaço independente, de liberdade de escolha, onde o indivíduo pode determinar a sua própria identidade e as suas interacções.

O segundo capítulo é dedicado ao quadro de referência. Nele o conceito de fanatismo surge como um instrumento fundamental para a organização do quadro teórico-conceptual, permitindo ligar conceitos aparentemente desligados. Definem-se e desmembram-se conceitos em unidades observáveis e clarificam-se as hipóteses. São igualmente utilizados exemplos ilustrativos provenientes de uma pesquisa e análise da informação existente. Dir-se-ia que, por si só, este capítulo é um objecto de estudo e reflexão permanente; um capítulo onde se dá conta do universo proliferante que é o universo de fãs e se revelam alguns aspectos que se julgam importantes para a sua compreensão – a reemergência do paganismo, o carácter fetichista do objecto, o grau de identificação do fanático, os clubes como campos de pertença e de oposição e tribos ou movimentos sociais. Conceitos como feiticismo, *mana*, satisfação, pulsão, paganismo são aqui explorados.

A definição dos métodos e técnicas a utilizar (assim como as questões gerais orientadoras da escolha metodológica) são introduzidas num terceiro capítulo. Finalmente, a investigação empírica, abordada no quarto capítulo. Através do conceito totalizante do fanatismo – noção que deu origem às diversas dimensões, variáveis e indicadores – passa-se do conceito hipotético de fanatismo para o seu conceito real, observável. Sendo este estudo concernente tanto à relação fanático / objecto como às relações estabelecidas entre os sujeitos através do objecto, simultaneamente individual e colectivo; é nos clubes de fãs que se encontram investimentos em objectos que interessam compreender. Do mesmo

modo, é necessário compreender como os mecanismos de investimento operam face a diferentes objectos. Assim, este quarto capítulo dá conta da realidade do fanatismo vivido em diferentes grupos nos quais há um investimento em diferentes objectos: no coleccionismo, na columbofilia, numa claque, numa comunidade religiosa, num clube dedicado a um veículo motorizado e num clube de fãs de um músico e cantor. Estes grupos são caracterizados e descritos, fazendo-se igualmente uma interpretação e análise comparativa dos dados aferidos e que remontam às várias dimensões assumidas: caracterizadora, psicológica, a dinâmica das práticas, a relação com e mediada pelo objecto e inserção grupal.

Convida-se pois o leitor a entrar neste mundo de “feitiços sem feiticeiros”, um mundo em que os objectos são dotados de propriedades mágicas que impelem os sujeitos a neles investir...

CAP. I: QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS

1.1 – Novas formas de pertença

“A modernidade mergulhou num tédio mortal” (Kurz, 1999b), numa sociedade incapaz de desafios comuns ou conteúdos e objectivos sociais, sendo o individualismo considerado um dos traços mais característicos das sociedades modernas. De facto, a tendência é a perda da coesão da família, dos modos de pertença tradicionais (pertenças territoriais – bairro, vila – escola, trabalho, classe social, associações políticas, sindicatos) num processo de afirmação individual, de um viver melhor para si mesmo. Referências como a classe social, a família, a comunidade local, a religião e a nação perderam a sua influência, as relações secundárias predominam e os contextos em que ocorrem são mais impessoais. O indivíduo está hoje “afastado da família e dos laços de vizinhança, livre para se associar numa larga série de agrupamentos voluntários” (Mellor, 1984: 316).

A perda de influência por parte de instituições como o estado, a escola e a família leva a uma nova centralização do indivíduo na sua satisfação pessoal (uma “defesa narcisista contra um mundo exterior ameaçador” – Giddens, 2000: 87), agora sem grandes projectos de identificação colectiva. Segundo Giddens, a modernidade descontextualiza as relações sociais e implica a “intitucionalização da dúvida”: antes a amizade era fundada no campo de possibilidades de criar alianças, baseada em valores como a “sinceridade” e a “honra”. “Com o desenvolvimento dos sistemas abstractos, a confiança em princípios impessoais e em pessoas anónimas torna-se indispensável à existência social (...) o impessoal submerge cada vez mais ao pessoal” (84).

Contudo, os indivíduos não se contentam com este enfraquecimento das formas tradicionais de pertença e com a impessoalidade das relações, reinventando novos mecanismos de participação intensiva que, mesmo não substituindo os antigos, vêm pelo menos servir de intermediário entre o indivíduo e a sociedade global e um novo universo cultural é constituído fora da esfera familiar. Segundo Cohen (1978), os laços que prendem os símbolos às relações sociais não afrouxaram, apenas mudaram: “as instituições de parentesco e da religião que dominavam a sociedade ‘primitiva’ desintegraram-se diante do impacto da industrialização” (67) mas novos símbolos tomam o seu lugar. E se tal facto

é verdade na transição da sociedade primitiva para a sociedade industrial, também o é na transição para uma sociedade pós-industrial.

No seu livro “The Lonely Crowd” (1953), Riesman dá conta de uma mudança na personalidade social do indivíduo (personalidade ou carácter individual que é partilhada com o grupo social a que pertence e que é produto da experiência grupal) motivada pela passagem de uma era de produção para uma era de consumo.

Segundo o autor, num passado remoto (a Idade Média), o indivíduo aprendia a viver através da adaptação e não da inovação. A conformidade era ditada pelas relações de poder (ritual, rotina, religião como orientação) e um forte sistema de valores ligava o indivíduo à família, ao grupo em geral e à terra. O indivíduo raramente pensava em si individualmente, sentindo o impacto da sua cultura como unidade. Este indivíduo é por ele caracterizado como *traditional-directed*. Com o Renascimento, a Reforma e Contra-Reforma, a Revolução Industrial e uma série de revoluções políticas desde o séc. XVII, a mobilidade pessoal, a acumulação de capital e a expansão (de bens e pessoas, colonialismo, imperialismo, exploração); dá-se o início de uma era profundamente marcada pela produção. Há também uma perda de influência dos grupos tradicionais: a sociedade é mais racional e individualizada, o progresso científico leva a alguma perda de religiosidade e a criança deixa de ser um dado económico. Este tipo de sociedade encaminha o indivíduo para uma escolha mais individualizada (apesar de limitada às novas associações voluntárias às quais ele se prende) em que este não se contenta só com a conformidade social. O indivíduo é *inner-directed*, tem controle sobre si mesmo e vê os outros como indivíduos. Uma terceira fase é marcada pela mudança para uma nova era de consumo, que traz um novo tipo de personagem social, a *other-directed*. Este é mais superficial, mais gastador, sem grandes certezas sobre si próprio e dos seus valores e mais necessitado de aprovação. Ele tem mais sensibilidade para a acção e desejos dos outros pois visa a sua aprovação e tenta a conformidade com estas não só a nível superficial mas também na qualidade da sua experiência pessoal. Há mais liberdade de escolha nas amizades. Como procura aprovação, negar-lhe a sociabilidade é torná-lo anómico (Morrish, 1975), pelo que este necessita encontrar novas formas de pertença: “the family is no longer a closely knit to which he belongs but merely part of a wider social environment

to which he early becomes attentive (...) the border between the familiar and the strange (...) has broken down” (Riesman, 1953: 41).

Estas novas formas de pertença devem então ser entendidas como produto da evolução da sociedade, tendo a sua explicação num conjunto de relações históricas que levaram a uma nova era de consumo exacerbado.

Bocock e Thompson (1992) explicam estas mudanças graduais na sociedade a partir de 1945, pós II Guerra Mundial. Do negócio de família passa-se à grande empresa, de um pequeno grupo capitalista à fragmentação do capital e com o desenvolvimento da tecnologia dá-se o desaparecimento da indústria tradicional. As mudanças na família são também evidentes. É a burguesia que primeiramente valoriza o isolamento e os valores ligados à família, como expressão da sua personalidade e numa tentativa de se diferenciar das classes populares (“como se sabe, a intimidade é uma criação burguesa que, como esclareceu Habermas, vai dividir o espaço social entre a esfera pública e a esfera privada, no interior da qual se situará outra ainda mais recolhida, a esfera íntima.” (Pena, 2002)). Contudo, esta esfera privada torna-se cada vez mais “pública” com a intervenção cada vez mais recorrente do estado em áreas como o planeamento familiar e com o desenvolvimento de novas políticas sociais, nomeadamente na saúde e segurança. As mulheres vão construindo a sua identidade fora do casamento e da maternidade e entram no mercado de trabalho em áreas tradicionalmente dominadas pelos homens. O tamanho da família diminui, os filhos vêm mais tarde. Fobias como a homossexualidade e o divórcio são erradicados. A educação é formal, havendo em curso uma operação de escolarização de massas. A comunidade moral diz-se perdida e a partilha de símbolos nacionais cada vez menor. Há um aumento da liberdade de escolha, uma liberdade construída fora dos constrangimentos morais, uma secularização, sendo a satisfação mais individual que colectiva.

Na década de 50 do século passado, Hoggart constata que nas classes populares ainda subsistem formas originais de cultura – sindicatos, estilos de canções, fanfarras municipais, entretenimento – e alguns valores tradicionais. Apesar da influência de novos consumos culturais, ainda se revêem nas atitudes tradicionais da sua classe, em que os jovens seguem o mesmo modo de vida das gerações anteriores e tanto as formas de pertença como os tempos de lazer (o bricolage, os passeios de bicicleta e as associações de

lazer) são formas de resistência ao mundo industrial e de prolongar uma vivência rural. Apesar disso as fronteiras entre classes atenuam-se, na medida em que a sociedade tem cada vez mais consumos culturais em comum (“les frontières de l’appartenance de classe sont en train de se transformer, dans la mesure où la plupart des membres d’une société moderne ont de plus en plus de consommations culturelles communes” – 1970:395). Há, portanto, um “emburguesamento” da classe trabalhadora e as fronteiras entre as classes são esbatidas.

Várias mudanças afectaram as relações entre os indivíduos e entre as classes a que pertencem. Há uma nova cultura urbana em que o consumo é uma forma de criar a própria identidade. A nova sociedade capitalista está mais relacionada com o consumo do que com a produção e esta preocupação com o consumo é visível em todos os seus aspectos – música, decoração, vestuário, transporte – que são usados como referência, marcando as diferenças entre o estatuto social dos vários grupos.

Há uma nova ética que encoraja ao consumo despegado da satisfação de todas as necessidades: “this process of identity construction around patterns of consumption involved a ‘symbolic’ dimension, distinct from purely biological survival. (...) Consumption became detached from the satisfaction of biological needs and entered into the processes surrounding the construction of social identities” (Bocock e Thompson 1992: 123).

Vivemos pois numa sociedade predominantemente materialista e consumista. Para Rojas (1994), o indivíduo tem materialmente quase tudo, daí que tudo lhe interesse apenas superficialmente. Este homem, a que Rojas apelida de homem “light”, é indiferente por saturação: carece de pontos de referência e vive num grande vazio moral, produto da sociedade civil actual que tudo trivializa e que propugna a lei do menor esforço e da máxima comodidade.

Contudo, a visão negativa da sociedade actual que alguns destes autores evidenciam, subestima a pluralidade de novas possibilidades no campo da adesão voluntária: a vida continua, socialmente activa na sua adesão a formas de pertença. Até porque esta visão negativa não é exclusiva ao homem actual, existindo em vários momentos ditos de transição: do homem da Idade Média para o Renascimento, na destruição da revolução industrial e desta para o pós-industrialismo com a queda dos

partidos políticos e dos sindicatos... Ao longo dos tempos, a substituição de formas de pertença por outras foi gradual, havendo sempre formas de organização social. Não se passa de uma época do pleno para o vazio: há, sim, uma deslocação nos interesses.

Segundo Max Weber (1864-1920), "o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo 'desencantamento do mundo', levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes" (1998:51). O mundo moderno abandonou os seus "deuses", seguindo agora uma lógica instrumental de meios e fins, num processo de racionalização que rompe com o sentimento, a paixão e a vontade, a ética... Mas contradizendo este desencantamento do mundo surgem novas necessidades sociais e de realização pessoal.

Como resposta ao desencantamento proporcionado pela inexistência de grandes ideais (não existem mais mistérios e tudo pode ser explicado pelo homem), explica Araújo (2003), há hoje uma proliferação de um "neotribalismo" e de novas formas de pertença na sociedade actual – nas quais a estética predomina – como forma de luta contra a dominação pela realidade existente. Assim, numa sociedade marcada pelos interesses individuais e pelo tempo de lazer, há uma tendência da sociedade para valorizar o tempo que os indivíduos dedicam a si mesmos, declinando as associações de defesa dos interesses comuns como os sindicatos, as associações de pais, os partidos políticos. Com o desapego a estas formas de sociabilidade e a busca de um desenvolvimento pessoal, o indivíduo revê-se em novos mecanismos de participação intensiva como associações de carácter desportivo, lúdico e cultural, sobretudo de música e de desporto (Bromberger, 2001).

Segundo Inglehart (in Ganzeboom e Flap, 1989), a evolução económica e tecnológica pós II Guerra Mundial e o aumento do nível educacional permitiram uma mudança nas orientações valorativas individuais de uma orientação material para uma orientação pós-material. A explicação deste fenómeno deve-se ao desenvolvimento económico que possibilitou a satisfação de todas as necessidades básicas, dando assim espaço para a emergência de novas necessidades imateriais como a auto-realização. Por outro lado, a expansão da educação e dos mass media assegura a informação dos indivíduos e determina uma maior capacidade para assumir opiniões políticas. Como consequência da mudança de valores e de capacidades, mudam também os comportamentos. Assim, quanto maior é o nível de segurança e de bem-estar social de uma

sociedade, mais os seus membros aderem aos valores pós-materialistas. Um indivíduo socializado numa sociedade que responde às necessidades básicas tem maior tendência para aderir a estes novos valores. Do mesmo modo, em sociedades que ainda se encontram algumas dificuldades na satisfação dessas necessidades básicas (ou pelo menos a possibilidade destas dificuldades acontecerem), os indivíduos tendem a optar por valores sobretudo materialistas. Assim, é possível que em certas sociedades pós-modernas, valores tais como manter a ordem da Nação, lutar contra a subida dos preços, manter o crescimento económico, aumentar as forças de defesa nacional, manter uma economia estável e lutar contra o crime; venham gradualmente a perder importância face a outros valores como uma maior participação dos indivíduos nas decisões governamentais, no trabalho e na comunidade, a protecção da liberdade de expressão, a aposta na estética urbana e rural e na construção de uma sociedade menos impessoal e mais amigável.

As novas formas de pertença surgem então ligadas ao tempo de lazer e os laços sociais formam-se cada vez mais em torno da afectividade, dos gostos e interesses comuns. E também em torno dos laços de solidariedade estabelecidos.

1.2 – A adesão voluntária

Todas estas mudanças operadas não significam uma quebra total com as formas de pertença tradicionais: devem – antes – ser compreendidas enquanto uma deslocação do campo de interesse (e não como um corte efectivo com estas). Ou seja, as novas formas de pertença traduzem-se igualmente nas formas de sociabilidade formais, como a família e a religião: o indivíduo pode continuar ligado a estas mas a sua forma de lhes pertencer é diferente. Estes aspectos da vida tradicional quotidiana são exemplos da mudança nas formas de pertença mas igualmente da persistência – apesar do enfraquecimento – das instituições tradicionais. Vejamos a questão religiosa. Com a secularização das instituições e da cultura e uma autonomização das actividades humanas, surgem novos movimentos e personagens religiosas, observando-se uma desregulação da igreja em que a relação tradicional entre esta e os indivíduos é quebrada. Outrora, a inserção numa igreja era um “dado adquirido”, “um factor hereditário” e sem possibilidades de escolha, uma vez que se tratava de uma inserção automática. Na sociedade actual, a religião persiste, apesar do enfraquecimento proporcionado pela individualização e pelo aparecimento de novas

religiosidades. Um novo domínio de religiões emerge, nas quais cada um compõe a sua “própria ementa”, as suas formas de pertença: “Chacun peut faire du *shopping idéologique* et se construire à loisir son propre système de sens à partir d'éléments disparates proposés par les systèmes idéologico-religieux déjà disponibles” (Gosselin, 1985). A própria crença sofreu uma mudança: hoje pensa-se mais na paz interior (fruto do individualismo da cultura moderna e da autonomia do sujeito) em detrimento da união religiosa do grupo (Danielle Hervieu-Léger, 2001). Estas mudanças são também visíveis na família, que outrora se impunha de forma regular, constituindo uma rede estruturada de relações baseadas na linhagem. Com as novas formas de família (fruto do divórcio, do casamento em segundas núpcias, da aceitação da união de facto e da homossexualidade, etc.), surge igualmente uma liberdade para constituir a família fora dos parâmetros tradicionais. Apesar da tendência para esta desinstitucionalização / desestruturação da família, ela subsiste, embora as formas de lhe pertencer tenham mudado e novas estruturas venham submergindo.

Utilizando a terminologia de Parsons (Turner, 1999), podemos denotar um decréscimo de influência dos agentes de socialização primários (*ascribed*) e a maior influência dos agentes de socialização secundários (*achieved*): o indivíduo está mais liberto dos tipos de controlo primários (*ascriptive*), sendo os seus interesses e motivações cada vez mais autónomos e individuais. O status atribuído, resultado do nascimento ou das qualidades biológicas hereditárias, opõem-se ao status alcançado, resultado das acções pessoais. As escolhas são orientadas, fugindo-se do grupo herdado e procurando o grupo pretendido e o indivíduo procura a pertença a outros grupos que não aqueles no seio dos quais ele foi concebido.

Observa-se então na sociedade actual a confluência de dois factores: um individualismo emergente e a existência de novos modos de pertença. A existência do indivíduo é assim o centro de decisão, o que reporta para uma situação paradoxal experimentada na contemporaneidade: se, por um lado o indivíduo é mais autónomo e auto-construído, por outro, ele não pode ser desligado da sociedade. Assim, apesar do declínio das formas de pertença tradicionais (visíveis através de fenómenos como o celibato voluntário e a autonomização dos filhos em relação aos pais), o indivíduo não troca a liberdade pela anomia e alienação, observando-se apenas uma deslocação da

ligação destes campos para outros. Daí o impacto cada vez maior das redes de sociabilização construídas através da adesão voluntária a diversos grupos na vida quotidiana dos indivíduos.

Vimos já como as adesões voluntárias são formas de o indivíduo não se desligar da sociedade em que a necessidade de pertença funciona como força motriz. O indivíduo detém agora o poder de escolha e opta por formas de pertença que são materializadas em adesões voluntárias (o que não significa que sejam totalmente livres; apenas socialmente não determinadas) a grupos que lhe permitem continuar o prazer que o individualismo de hoje em dia lhes proporcionou. Daí o maior crescimento das “associações” dedicadas ao tempo de lazer (música, cinema, entretenimento, desporto, etc.). Mas porque se afiliam as pessoas agora que estão livres para poderem ser mais hedonistas? Ou a adesão voluntária fará parte desse processo hedonista? De acordo com o referido, sim. Mas muitas são as explicações proporcionadas pela observância deste fenómeno.

A adesão voluntária pode ser compreendida enquanto procura de um reequilíbrio e de uma independência face às formas de pertença tradicionais, enquanto forma de “nos relacionarmos com aqueles que não representam as nossas relações contratuais ordinárias” (Cohen, 1978: 75), constituindo igualmente uma forma de inserção e de contrastação com a impessoalidade da vida quotidiana. O campo da adesão voluntária funciona como um espaço independente, de liberdade de escolha, onde o indivíduo pode determinar a sua própria identidade e as suas interações e tem o poder de opção que muitas vezes lhe escapa nas relações de sociabilidade tradicionais, uma vez que o consumo de bens simbólicos enquanto exercício de uma liberdade de escolha não encontra expressão livre em outras dimensões da vida social. Assim, a adesão voluntária faz parte de um processo de procura e definição de identidade, sendo a construção do *self* um projecto da modernidade (Giddens, 2000). Esta construção do *self* é feita através da comunicação simbólica com os outros e manifesta-se quando o indivíduo se vê tal como vê os outros, como um objecto para ele mesmo (refere-se ao que descobrimos sobre nós quando falamos connosco da mesma maneira que falamos com os outros e que nos proporciona a descoberta do nosso Eu, de nós próprios – Mead, 1977). Daí a necessidade de confiança nos outros (Giddens, 2000). O autor dá o exemplo das religiões tradicionais, nas quais “as suas figuras tradicionais permitem uma transferência directa da confiança pessoal com

amplios elementos de reciprocidade” (80). E esta necessidade de estabelecer uma rede de sociabilidade baseada na confiança pode motivar a adesão voluntária, uma vez que esta proporciona ao indivíduo o desenvolvimento de relações de interacção nas quais é criado um espaço para a construção da sua própria identidade, do seu *self*.

A adesão voluntária é então igualmente um processo de "estilização da vida", que une e ao mesmo tempo diferencia. O estilo de vida designa um conjunto de preferências diferenciadoras que se traduzem nos micro-espacos simbólicos e que dotam os grupos de uma homogeneidade no campo das suas práticas e representações (Costa et. all., 1996). O estilo de vida surge assim enquanto operacionalizante de uma identidade. Uma relação de pertença intensa e um conjunto de regras com alto nível de implicação dentro destas novas formas de sociabilidade dotam os indivíduos de práticas e de um estilo de vida comuns entre os seus membros que é ao mesmo tempo diferenciador de outros grupos.

A inserção nestes grupos fora do contexto dos modos de pertença tradicionais amplia a rede de sociabilidade e enriquece a experiência pessoal. Há uma necessidade de criar estas novas redes mais afectivas, que o indivíduo procura pela sua necessidade de pertença, exposição e contactos (“All people want and need to be liked by some other people some of the time” - Riesman, 1953: 38). Segundo Donne (1979), o encontro do "outro" representa a tentativa de resposta para o sentimento de solidão urbana e permite uma "recriação" da sociedade através da elaboração de códigos e regras próprias. Assim, a adesão voluntária seria a resposta à indiferença da cidade e da vida quotidiana dos nossos tempos e à impessoalidade das relações sociais nas quais os indivíduos, embora fisicamente próximos, estão distantes.

1.3 – Idolatria, modelos, heróis e celebridades

O termo idolatria, do grego *eidololatria*, é utilizado por diversas religiões para descrever a adoração de uma falsa divindade, denominando nomeadamente o amor excessivo e a adoração de ídolos “físicos”. É neste sentido que o conceito é aqui referido. Muitos são os estudos realizados neste domínio, sobretudo no que concerne à relação fã/ídolo ou abordando uma destas dimensões. Apesar deste fenómeno da idolatria ser somente um dos muitos aspectos passíveis de investigação empírica sobre o fanatismo (no qual se trata uma realidade mais ampla) e apenas uma das múltiplas categorias dos clubes

de fãs, são expostos nas linhas que se seguem alguns dos estudos e problemáticas associadas ao fenómeno.

Segundo Zal (1992), é comum no adolescente a procura de novas formas de sociabilização e uma das causas da inserção nos mais diversos grupos, nomeadamente em clubes de fãs, é a procura de um modelo ou mentor com o qual ele se possa identificar no processo de formação da sua própria identidade. Deste ponto de vista, a idolatria é um fenómeno de procura de identidade. O ídolo é um agente de socialização nas vidas dos seus fãs, tornando-se uma fonte bastante influente na formação da sua identidade, competindo com os agentes de socialização tradicionais, como os pais, os amigos e a escola. Skirvin (1999), abordando a relação de um membro de uma banda com os seus fãs e a sua possível influência nestes, compreendeu como este personificava muitos dos problemas que os seus fãs sentiam e como estes segundos procuravam junto do primeiro um modelo de orientação. Este tipo de relação pode também ser encontrada na adoração de vários outros tipos de guias e “gurus” (no seu sentido lato de orientador, instrutor e educador), nomeadamente na esfera religiosa e espiritual.

Na procura de uma identidade, o adolescente pode eventualmente tornar-se fã de uma celebridade apenas pela sua necessidade de aceitação: uma identificação com o ídolo e a existência de actividades conjuntas podem servir como potenciador da sua auto estima. Num estudo que compara membros de clubes de fãs de Hong-Kong a outros adolescentes, Cheng (1997) conclui que uma baixa auto estima e o medo de uma avaliação negativa – ou seja, a necessidade de aceitação por parte dos demais – motivam o ingresso num clube de fãs. A participação nas actividades do clube que leva ao desenvolvimento de relações entre os seus membros e a identificação com uma pessoa socialmente aceite, servem então para elevar a auto estima do adolescente. O facto de ele ter um autógrafo de uma celebridade pode, por exemplo, influenciar a sua relação com os demais, na medida em que a sua relação com um ídolo o pode tornar também a ele socialmente aceitável. Daí que a idolatria seja tão comum nos adolescentes.

Outras razões para explicar o fenómeno da idolatria são apresentadas por Karniol (2001). A investigadora realizou um estudo em Israel a 50 raparigas entre o 7º e o 9º ano no qual questionava o papel dos ídolos para estas adolescentes. Segundo Karniol, o estudo sugere uma relação entre a escolha do ídolo e a sexualidade das jovens fãs: as raparigas

que não desejavam ter um namorado escolheram predominantemente ídolos (do sexo masculino) com características femininas; as raparigas que desejavam um namorado tinham predominantemente ídolos com características mais masculinas; todas as raparigas com namorado tinham um ídolo mais masculinizado. Ou seja, as reticências (ou ausência delas) em relação ao sexo mostravam-se determinantes para a escolha de ídolos feminizados ou masculinizados. Assim, segundo a autora, durante a adolescência as raparigas escolhem ídolos com atributos femininos, servindo tal para lhes proporcionar um objecto de amor seguro. Do mesmo modo, ídolos feminizados e não feminizados servem funções psicológicas diferentes, já que os primeiros levam a sentimentos de conforto e amor, enquanto os segundos levam a pensamentos de índole sexual. A idolatria representa assim uma forma de as adolescentes lidarem com novos sentimentos trazidos pela transição para uma vida sexual activa: as estrelas são objectos sexuais preferenciais por serem inacessíveis, servindo para aceitar os novos sentimentos e permitindo às adolescentes desempenharem um papel de “gostar de alguém” e fantasiarem que são retribuídas. De salientar ainda que das várias jovens questionadas nesta investigação apenas uma rapariga admitiu não ter um ídolo.

No estudo da idolatria, é comum a referência ao fenómeno enquanto “próprio da juventude” e associado a uma “cultura juvenil”. Contudo, podemos encontrar idólatras das mais diversas idades. Será então a idolatria uma consequência de um outro fenómeno visível na sociedade contemporânea – a juvenilização da cultura? A juventude tornou-se protagonista: o ideal é parecer-se jovem o mais tempo possível (Epstein, 2004). Ginásios e cirurgias plásticas, programas de televisão, música, roupa e cinema orientados para os jovens são sinais do triunfo da cultura juvenil. A juventude deixa de ser vista como uma fase transitória da vida para passar a ser uma aspiração. É agora uma condição permanente: os gostos juvenis passam às gerações mais velhas e os jovens servem como modelo a gerações anteriores. Podemos então falar da existência de uma cultura juvenil “de massas”, uma vez que pertencer a uma mesma geração é “possuir uma contemporaneidade de ideias, de influências, de saberes, de filiações identitárias, de valores” (Pais, 1998: 27), apesar de não ser possível a generalização desta máxima, já que os próprios jovens possuem diferentes culturas (há sim, uma “juvenilização” da cultura).

Mas quem são os modelos ou mentores de hoje em dia, aqueles que admiramos?

Cowen (2000) dá conta de uma mudança nas personalidades admiradas, motivada pela separação entre a fama e o mérito: já não se admiram as personalidades pelo seu mérito ou moral e as celebridades substituem os heróis. O autor dá um exemplo: em 1898 foi perguntado nas escolas americanas a 1440 alunos entre os 12 e os 14 anos qual era a pessoa de quem ouviram falar ou ler e que mais gostariam de ser parecidos, ao que 40% escolheram George Washington ou Abraham Lincoln (antigos presidentes); em 1986 apresentava-se um estudo sobre as figuras mais admiradas pelos jovens americanos e as mais cotadas estavam ligadas ao mundo do entretenimento (sobretudo cinema) como Bill Cosby, Sylvester Stallone e Eddie Murphy (actores).

Para Helal (1999), o espaço dos heróis foi ocupado pelas celebridades através de um processo no qual os meios de comunicação em massa se apresentam enquanto potenciadores do fascínio exercido pelas figuras públicas. Daí que Pena (2002) se refira aos heróis contemporâneos enquanto “heróis fabricados”: os heróis já não são heróis e apenas “interpretam heróis”. A fabricação de heróis, ou seja, a adopção de comportamentos e histórias de vida coniventes com o estatuto pretendido, traduz-se num crescimento de atenção por parte dos demais: ao elevar o indivíduo ao estatuto de herói, ele é adoptado como um modelo de referência capaz de gerar um maior interesse. Neste processo de fabricação, são os meios de comunicação de massas que detêm o papel principal, produzindo celebridades para delas se poder alimentar. Esta relação entre os media e as celebridades é de tal forma intensa que vem por vezes tomar o lugar das formas tradicionais de entretenimento. Daí que a exposição da intimidade seja uma das principais estratégias de sobrevivência das celebridades: ao permitir um maior conhecimento das suas vidas, as pessoas tornam-se cada vez mais íntimas destas (“Sei mais sobre a vida íntima de Lady Di que sobre minhas amigas”). Mas no caso dos músicos, por exemplo, é provável que o facto de estes possuírem um dom artístico que os diferenciam dos demais (Becker, 1966) motive a sua admiração, na medida em que possuem qualidades que não estão acessíveis a todos os membros da sociedade. Contudo, mesmo para algumas destas personalidades dotadas de um dom particular, os meios de comunicação de massa são determinantes na forma como estas são reconhecidas.

Esta mudança estrutural da esfera pública / privada e a redefinição dos papéis, visível no processo de formação de figuras públicas, é tanto mais importante quando se

trata da criação de heróis. Segundo Helal (1999), há uma diferença entre heróis e celebridades: os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. Para assumir de uma personagem enquanto herói, é tanto mais importante a exposição da sua intimidade, uma vez que o seu processo de humanização é fundamental para mitificá-lo: há que evidenciar as características da sua personalidade, como a perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo. No desporto, por exemplo, a derrocada de um ídolo leva as pessoas a perceber que este é humano e a identificarem-se com ele (lembramo-nos do mito do super-homem, cujo fascínio recaía justamente no facto de este viver entre os homens sob uma falsa identidade). Assim, a criação de um herói é um processo que alia o homem ao mito, o ordinário ao extraordinário. Fala dos obstáculos, dos desafios conquistados e da determinação e esforço necessário. O fenómeno da idolatria não pode pois ser hoje em dia desligado das formas de comunicação de massa: “A mídia é a mediadora por excelência da relação entre fãs e ídolos, legitimando os últimos como heróis da sociedade” (Helal, 2003: 226).

CAP. II: QUADRO DE REFERÊNCIA (DA TEORIA...)

2.1 – Particularismos universais?

Que diferenças há entre os clubes de fãs cujos objectos de interesse são diferentes? Cada clube de fãs é dotado de particularidades que o distingue dos demais? Ou são orientados por modelos similares? Ou seja: a particularidade inerente a cada clube de fãs é passível de ser universalizada? É possível a existência de um mecanismo sócio-cognitivo comum que impele os indivíduos para o investimento num determinado objecto?

Por particularismo entende-se um sistema de ideais, ideias e representações restritas, locais e tendencialmente exclusivas a um determinado número de pessoas, que são referentes a si próprias. Quando esse sistema se torna ilimitado, de cariz global e inclusivo estamos na presença de um fenómeno alargado à escala universal, ou seja, o universalismo.

À luz destes conceitos, pretende-se abordar os clubes de fãs – fenómenos culturais e sociais – sob o ponto de vista da associação entre a afirmação de particularismos orientados para o exclusivismo e, simultaneamente, a proliferação universal, seguindo porventura modelos similares, desses mesmos modos de afirmação. A chave para essa associação será o conceito de fanatismo: poderá este ser assumido enquanto mecanismo particular (referente a objectos particulares restritos) promotor da proliferação de clubes de fãs, dotando-os assim de um carácter universal?

Utilizando a terminologia de Goffman, trata-se de compreender este fenómeno na sua dimensão micro-sociológica (enquanto fenómeno particular, de dimensão restrita ao nível das interacções entre indivíduos ou grupos restritos) e na sua dimensão macro-sociológica (enquanto fenómeno de proliferação universal). Pretende-se compreender que mecanismos sociais e culturais estão na origem destes particularismos e se estes mesmo mecanismos serão ou não operantes em todos os casos de construção de particularismos que respeitem ao domínio da constituição de clubes de fãs. Caso o modelo de produção de um sistema de ideias seja semelhante, estamos na presença de um particularismo universal ou da universalidade de um tipo de particularismo (que não deve ser confundido com universalismo), um particularismo que se pode encontrar enquanto elemento constituinte em todos os clubes de fãs.

2.2 – Do Fanatismo

A palavra fanatismo aparece frequentemente associada a uma conotação negativa, designando habitualmente juízos de valor: desequilíbrio, facciosismo, extremismo, radicalismo, obstinação, etc. Aqui, ela é destituída destes juízos para dar lugar a um conceito que designa um processo que é operado a nível dos sujeitos e cuja abordagem permite compreender e conhecer alguns mecanismos fundamentais das dinâmicas culturais do nosso tempo.

De facto, o fanatismo é aqui apresentado como uma relação cuja principal característica é um certo tipo de investimento por parte dos indivíduos nos seus objectos de interesse. Concerne a um processo através do qual os indivíduos se apropriam destes mesmos objectos, sendo um mecanismo sócio-cognitivo operante quer a nível individual – através de um processo de invenção social de objectos de polarização das relações sociais – quer a nível colectivo – através de um processo de agregação, selecção e controlo que constitui uma rede que pré-existe em relação ao indivíduo, na qual ele é “apanhado” e desenvolve as suas relações com os demais através desse investimento no objecto. É portanto um processo simultaneamente individual e colectivo: individual porque é determinado pela relação com o objecto; colectivo porque o indivíduo é apanhado nessa rede preexistente. Mas o que faz deste investimento um caso especial é a sua intensidade: ele não deixa o indivíduo intacto, antes interfere na estrutura psíquica do indivíduo e modifica a sua identidade.

A definição do fanatismo aqui proposta obedece a uma lógica de coerência que é determinada pela natureza do estudo, pela pergunta de partida e subsequentes hipóteses, pela procura de um enquadramento teórico sólido e pelas necessidades de aferição empírica:

1) Na abordagem de um fenómeno cujas explanações teóricas são limitadas e quase inexistentes, a opção é a construção de conceitos capazes de determinar uma lógica assumida como fio condutor na procura de uma consistência teórica e de um processo empírico;

2) Ao pretender aferir uma possível homogeneidade no seio dos clubes de fãs – que seria a existência de mecanismos sócio-cognitivos similares accionados pelos indivíduos

na apropriação de objectos de interesse – é necessário definir o processo que estamos a referir;

3) Sendo o fenómeno dos clubes de fãs proliferante, heterogéneo, não selectivo e aleatório na escolha dos seus objectos de interesse e de extensão ilimitada; a não existência de um termo capaz de servir como referência implicaria uma complexidade que instauraria dúvidas e dificuldade de interpretação;

4) É pois esta função do conceito de fanatismo aqui proposto que pretendemos aplicável a toda a realidade que compreende o fenómeno a estudar, homogeneizador das relações e inclusivo ao designar todo e qualquer processo de investimento no objecto nos moldes acima descritos;

5) Permite associar conceitos habitualmente desligados, proporcionando um enquadramento teórico significativo;

6) Proporciona um importante instrumento de análise ao explorar num momento empírico a associação entre fenómenos aparentemente desconexos.

Resumindo: o fenómeno de adesão aos clubes de fãs parece ser uma manifestação de uma necessidade que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse, estando esse processo subjacente a qualquer clube de fãs, de áreas ou contextos diferentes. Esse investimento nos objectos será aqui designado de fanatismo, o possível particularismo universal deste fenómeno.

2.3 – Clubes de fãs: um universo proliferante

Segundo Bromberger (2001), é necessário compreender a sociedade contemporânea através das suas associações livres (de adesão voluntária), uma vez que o quotidiano é profundamente marcado pelos interesses individuais e pelos tempos de lazer. Há uma tendência da sociedade para valorizar o tempo que os indivíduos dedicam a si mesmo, desapegando-se de outras formas de sociabilidade e buscando um desenvolvimento pessoal. Declinam pois as associações de defesa dos interesses comuns como os sindicatos, as associações de pais, os partidos políticos e cada vez mais se tem em conta as associações de carácter desportivo, lúdico e cultural, sobretudo de música e de desporto.

Para Bromberger, estas “paixões habituais” inserem-se em cinco campos principais: o campo da vida doméstica (bricolage, jardinagem, etc); o campo científico; o campo dos espectáculos e dos jogos (sobretudo espectáculos no domínio do desporto e da música); o campo da aventura, da performance do corpo e da natureza; e o campo dos que estão decepcionados com os saberes e os dogmas oficiais (e que exploram e experimentam outras vias para as suas vidas pessoais, como o ocultismo). A utilização do termo “paixão” por parte do autor destina-se a um investimento nos afectos operantes na formação de novas formas de pertença (paixão, do latim *passione*, tendo entre outros significados “a afecção da alma” (Machado, 1977)).

Assim, e utilizando a noção de Maffesoli (2000), observa-se na sociedade actual um “neotribalismo” evidente, uma vez que os grupos de pertença se definem cada vez mais pela identificação por gostos, práticas, inclinações e sensibilidades comuns, reconhecendo-se uma tendência para os laços sociais se formarem à volta de gostos e sentimentos de admiração partilhados. Estes novos grupos sociais emergentes, denominados metaforicamente por “tribos”, apagam as atitudes e identidades individuais, que são substituídas pela “teoria de identificação de simpatia”, ou seja, pela auto-identificação com os valores colectivos do grupo.

Neste sentido, os clubes de fãs têm um cariz neotribalista, uma vez que as suas práticas de sociabilidade produzem solidariedades e identidades grupais que giram em torno de sentimentos de admiração partilhados pelos seus membros.

Já em 1953 Riesman dava conta da proliferação de associações livres: “Almost everyone has a hobby (...) one will find fast friendship among bird lovers, motorcycle fans, mineral collectors, poetry fanciers” (89). Esta realidade é cada vez mais visível, observando-se nas sociedades modernas uma proliferação destas associações, nomeadamente de clubes de fãs. Por todo o mundo são constituídos grupos formados por indivíduos que partilham um “fanatismo” por qualquer objecto de comum interesse, observando-se muito provavelmente a existência de um modelo de afirmação similar entre eles.

A determinados indivíduos – ou grupo de indivíduos – é tributado muito respeito e veneração, sendo mesmo objectos de adoração. Potenciada pela exposição ao público, esta situação leva à criação de “clubes de fãs”, constituídos por pessoas que partilham esse

mesmo respeito e veneração. Os ídolos, objectos de adoração “em massa”, são personalidades das mais variadas áreas da sociedade, como a música, o cinema, a televisão ou o desporto, podendo ser eventualmente personagens imaginárias ou inanimadas (caso de heróis de banda desenhada, bonecas, personagens da ficção cinematográfica ou literária, etc.).

Contudo, e apesar do adjectivo fã ser geralmente relacionado a objectos de investimento humanos (“fã= pessoa que tem grande admiração por certo artista, desportista, grupo, etc.”), este universo não se limita apenas a indivíduos, apesar de estes serem os objectos de fanatismo mais comuns. Do mesmo modo, a definição de clubes de fãs é aqui utilizada para denominar toda e qualquer associação livre ou grupo de interesse cuja característica principal seja a tal relação privilegiada com um objecto. Alarga-se assim o domínio dos clubes de fãs a todas as associações nas quais é possível encontrar este fenómeno do fanatismo.

Uma breve pesquisa sobre clubes de fãs conduz a uma realidade bastante mais alargada, cujos objectos de afeição não se limitam a estas noções do senso comum. Efectivamente, é possível encontrar clubes de fãs que centram a sua atenção nos mais variados objectos, constituindo um mapa multidimensional de categorias de clubes de fãs assaz diverso:

- *Personalidades*: indivíduos solitários, grupos e famílias, na sua maioria ligada ao mundo do espectáculo – cantores, músicos, bandas musicais, modelos, escritores, realizadores, actores, desportistas, treinadores de futebol, jornalistas, políticos, activistas, pintores e outros artistas, membros e famílias reais, etc. – e à história mundial mas também “ex-anónimos”. Existem mesmo clubes dedicados a pessoas socialmente desprezadas e conotadas com qualidades negativas por parte de uma maioria significativa da sociedade;

- *Personagens fictícias e mitológicas*, podendo tratar-se de personagens inanimadas – como alguns heróis da banda desenhada – ou animadas por determinada pessoa que é admirada pelo papel que representa e não pela sua real personalidade, como acontece no caso de personagens existentes apenas em livros, filmes e séries televisivas (James Bond, Harry Potter...) ou numa determinada civilização (deuses romanos, gregos...);

- *Objectos* (no sentido de “coisa material”) e *marcas* (no seu sentido de sinal distintivo, sobretudo associado à sua vertente económica – ao produto) dotados de valor

utilitário ou simbólico, maioritariamente associadas ao consumo (perfumes, carros, bebidas e respectivas marcas). Em certos casos, o clube de fãs tem como objecto de interesse uma marca mas é de facto centralizado num dos produtos desta (caso da Harley Davidson, cujo interesse é focalizado nas suas motorizadas); noutros, acontece o inverso, sendo um determinado objecto que chama a atenção dos fãs para a sua marca (caso do Herbie, o famoso carro Volkswagen Ragtop Sedan de 1963 protagonista do filme “Herbie the Love Bug” (1968) que levou a um interesse generalizado pela marca e modelo a que pertence, o vulgo “carocha” da Volkswagen);

- *Locais*, sobretudo associados ao lazer e ao consumo – como os parques temáticos Heide-Park (Soltau, Alemanha) e Isla Mágica (Sevilha, Espanha) – e às suas potencialidades (natureza, história, etc.);

- *Clubes e modalidades* desportivas, culturais (dos quais o melhor exemplo serão os clubes de futebol e as claques que os representam - o Sport Lisboa e Benfica e as claques “No Name Boys” e “Diabos Vermelhos”; o Sporting Clube de Portugal e a “Juventude Leonina” e “Torcida Verde”; o Futebol Clube do Porto e os “Super Dragões”) e outras formas de *lazer e entretenimento* (jogos lúdicos, brinquedos, jogos de computador e outras diversões virtuais);

- *Animais*, de determinada espécie (cavalo, chinchila, gato, etc) ou individualizados (um animal reconhecido pelo público em geral como a Lassie – cadela de uma série televisiva – ou Gem Twist – um cavalo de alta competição):

- *Acontecimentos históricos e actuais*, duráveis ou efémeros, localizados no espaço e no tempo ou abrangentes a um período; sobretudo associado às personagens históricas e alargados ao seu universo (heróis das Guerras Mundiais, história das casas reais...) e *ideologias ou ideias*;

- *Outros focos de interesse veiculados pelos mass media* e potenciados pela exposição ao público, como séries e filmes habitualmente vistos na televisão, musicais, programas de rádio, publicações (sobretudo divulgados através da TV, prática regular que continua a dominar os tempos livres domésticos), do qual a série Star Trek é o exemplo mais emblemático, uma vez que os seus fanáticos – Trekkies – são bastante mediatizados.

É mesmo possível encontrar fãs de outros fãs e das formas de arte por estes produzidas e que utilizam o seu objecto de interesse como inspirador de poemas, desenhos, contos, etc.

Assim, encontramos uma multiplicidade de objectos de fanatismo. Mas este fenómeno é ainda mais complexo se atendermos às razões apresentadas para a focalização nestes objectos ou para a constituição de clubes de fãs. Seguem-se as principais razões aferidas, na medida em que elas evidenciam um universo alargado.

Quanto à focalização no objecto de fanatismo:

- Admiração das qualidades / propriedades do objecto;
- Por influência (por parte de outros fãs);
- Por identificação com as qualidades e/ou universo do objecto (caso de futebolistas amadores ou de pessoas particularmente atentas ao futebol que se tornam fanáticas de um jogador ou de um clube de futebol);
- Por “inerência”:
 - a) A admiração de um determinado objecto pode estender-se ao seu universo (no caso de uma personalidade ao universo familiar / relacional / profissional / cultural a que pertence – como os fãs da família Jackson ou da família Marley, motivados pela admiração para com um membro da família);
 - b) A admiração de um determinado universo desportivo / cultural / histórico / social pode levar à focalização da atenção num objecto que o representa.
- Por “associação” (quando determinada personalidade é alvo de atenções devido às suas relações familiares, profissionais ou de amizade com uma personalidade já famosa ou quando alguém famoso diz que é fã dessa mesma pessoa).

Quanto à constituição de clubes de fãs:

- Admiração das qualidades / propriedades do objecto em questão (denominador comum entre os clubes);
- Contacto com clube já existente;
- Como forma de coleccionismo;
- Pela necessidade de apoio e defesa de interesses;
- Com o objectivo de divulgação / promoção;

- Pela necessidade de reunir / aceder à informação sobre o objecto;
- Como forma de “oficialização” das relações fã/fã e fã/objecto de fanatismo (ou como procura desta relação);
- Como ponto de encontro e convívio interpessoal;
- Como processo de “oficialização” do fanatismo.

O universo dos clubes de fãs é de tal forma alargado que seria impossível apresentar uma “fórmula” passível de identificar uma estrutura dos clubes de fãs distinta de outras associações de adesão voluntária. A heterogeneidade é visível em vários aspectos da vida interna dos clubes de fãs. Encontram-se sobretudo diferenças na sua organização, no nível de envolvimento dos seus membros e no processo de formação. Contudo, a maioria centra-se na divulgação e apoio ao objecto de fanatismo e no coleccionismo e pressupõem um certo grau de interacção (ainda que em alguns não haja interacção “presencial”) entre os seus membros. Diferentes *objectivos* (divulgação / apoio, estabelecimento de relações, coleccionismo), *formas de angariação e sedução de membros* (passatempos, campanhas promocionais, publicidade e coleccionismo), *actividades* (apoio ao objecto de fanatismo e aos membros do clube, convívio, merchandising e coleccionismo), *meios* (revista, linha telefónica, página de Internet, apartado, fóruns e canais IRC, publicidade nos meios de comunicação, patrocínios, arquivo de informações e artigos próprios de coleccionismo), *símbolos e vínculo de pertença* (hinos, cartões de sócio, diferenciação de membros) e *formas de organização* (regulamentos e estatuto próprios, oficialização, órgãos sociais); evidenciam essa heterogeneidade e a inexistência de um modelo único de formação e estruturação dos clubes de fãs.

Os clubes de fãs são então, muito diversificados, tanto na forma como se constituem e se organizam como nos seus objectos de investimento e nas razões que levam à apropriação destes. Urge então criar uma tipologia dos clubes de fãs na qual se possam constituir categorias passíveis de abarcar todo um conjunto de clubes distintivos.

Quadro I: Tipologia dos Clubes de Fãs

Dimensão	Categorias	Descrição
Geral	<i>Natureza</i>	natural / artificial
	<i>Objectivos</i>	definidos / dispersos
	<i>Número</i>	pequeno / alargado
	<i>Comunicação</i>	livre / restrita
	<i>Incidência</i>	localizado no espaço e tempo / disseminado
	<i>Duração</i>	efémero / durável
	<i>Membros</i>	inclusivo / exclusivo; hierarquizado / equitativo.
	<i>Relação com o exterior</i>	aberto / fechado; influyente / não influyente; secreto / não secreto.
Quanto ao objecto	<i>Natureza</i>	real / abstracto; humano / não humano; ser vivo / inanimado
	<i>Focalização</i>	centralizada / dispersa
	<i>Quantificação</i>	único / plural
	<i>Apropriação</i>	singular / múltiplo
	<i>Reconhecimento</i>	particular / universal
	<i>Exclusividade</i>	específico / comum (a diversos clubes)

A adopção de categorias abertas (inclusivas e não exclusivas) permite um posicionamento flexível dos clubes. Esta flexibilidade nas categorias implica que entre os seus extremos exista uma série de posições que os clubes podem ocupar. É esse o caso de clubes de fãs de desportistas que alargam o seu interesse ao clube desportivo que este representa, sendo igualmente fãs desse clube (neste caso a focalização do objecto é simultaneamente centrada e dispersa).

Contudo, existe ainda uma terceira dimensão importante no estudo dos clubes de fãs. Esta concerne exclusivamente às especificidades existentes nestes clubes e cuja

averiguação permite compreender melhor as particularidades dos clubes e a possível universalização destas.

Quadro II: Tipologia dos Clubes de Fãs (cont.)

Dimensão	Categorias	Descrição
Quanto ao clube de fãs:	<i>Formas de culto</i>	misticismo / religiosidade simbolismo / ritualismo
	<i>Coleccionismo</i>	coleccionismo / ausência de coleccionismo
	<i>Identificação com o objecto de fanatismo</i>	total / parcial exteriorizado / não exteriorizado
	<i>Campo de oposição e diferenciação</i>	identificação por oposição / auto-referência diferenciação / não diferenciação
	<i>Movimento social</i>	cariz ideológico / cariz tribal
	<i>Modo de legitimação</i>	oficialização / não oficialização
	<i>Iniciativa</i>	determinada pelo objecto / autónoma
	<i>Relação com o objecto de fanatismo</i>	directa / indirecta formal / informal reconhecimento / desconhecimento
	<i>Organização do sistema no qual se insere o clube</i>	relação entre objectos de fanatismo / objectos de fanatismo não relacionados

Se atendermos a estas três dimensões e às categorias que as constituem, é possível constituir um mapa assaz heterogéneo de clubes de fãs. Estamos perante um fenómeno diversificado no qual se podem encontrar clubes numa série de posições diferenciadoras nas diversas categorias e que os dotam de particularidades.

Apesar de no seio deste fenómeno dominarem os clubes de fãs associados ao culto de novas imagens icónicas (do cinema, tv, música, etc), ao lazer e ao consumo, ele alarga-se às mais diversas esferas da sociedade, sendo possível encontrar clubes de fãs de categorias que para a sociedade em geral seriam (aparentemente) incapazes de gerar

interesse. Assim, e dada a diversidade de objectos de interesse (que podem eventualmente opor-se uns aos outros, como é o caso dos clubes de fãs de políticos de partidos diferentes e de clubes de futebol concorrentes), urge questionar se existe algo ou alguém que não possa ser objecto de fanatismo. De facto, até as mais improváveis personalidades são alvo de fanatismo, como responsáveis de seitas, terroristas e outros criminosos, provando que não é necessário que o objecto de investimento seja consensual para a sociedade em geral ou para os outros clubes de fãs (como ocorre em vários casos). O mesmo é aplicável às restantes categorias.

Esta questão pode ser compreendida se atendermos à noção de *campo*, apresentada por Bourdieu. Por *campo* entende-se um conjunto de relações entre posições; é uma estrutura de possibilidades, espaço de jogos, de ganhos e sanções, em que os indivíduos participam, procurando as recompensas que este oferece. A diferentes campos correspondem diferentes motivações que podem reunir ou não as condições necessárias para preencher o espaço vazio do interesse de um determinado indivíduo. Diferentes indivíduos demonstram diferentes interesses, daí o seu posicionamento em diversos campos. As práticas sociais e os gostos são diversificados e os objectos que surgem como potenciadores de interesse são os mais variados, dependendo de indivíduo para indivíduo. Esta dinâmica dos interesses representa a posição de cada um dos grupos no campo, que determina o lado / face objectiva do seu interesse, que é determinada pelo investimento afectivo dos agentes colectivos.

Parsons (in Turner, 1999) na sua teoria da acção (na qual classifica e relaciona os componentes presentes na relação actor / situação através da construção de um esquema conceptual de classificação) aborda o significado dos objectos para os actores. Assim, e tendo em conta duas categorias, é possível encontrar quatro tipos de objectos. As duas categorizações do objecto reportam à valorização do objecto e à relação deste com o actor. Nesta primeira categorização encontramos duas modalidades: a da performance (corresponde aos objectos valorizados pela sua utilidade, por aquilo que “fazem” ou “realizam”) e a da qualidade (objectos valorizados pelas suas qualidades). Em relação à segunda categorização – relação objecto / actor – encontramos relações particulares (em que o objecto em questão, comparado com outros, tem mais significado para o actor ao ser incluído num sistema de interacção) e universais (objectos de propriedades universais).

Através destas duas categorizações e subsequentes subcategorias é possível analisar e encontrar quatro tipos de objectos no que se refere ao seu significado para o actor:

- 1) Objecto de performance particular (objecto de catexia - objecto investido de energia - potencialmente gratificante para as necessidades consumistas do actor);
- 2) Objecto de performance universal (objecto de utilidade, visto como potencial auxiliador para o aumento do consumo do sistema em geral);
- 3) Objecto de qualidade particular (objecto de identificação, significativo para o actor independentemente do seu valor utilitário);
- 4) Objecto de qualidade universal (objecto de respeito generalizado).

Daqui se retira a ilação de que, por um lado, é a relação entre o indivíduo e o objecto e, por outro, a relação entre os indivíduos por intermédio do objecto; que determinam o interesse que este segundo pode eventualmente gerar no primeiro e não o objecto em si. Daí que a fronteira entre o passível / não passível de ser objecto de fanatismo não possa ser determinada. Tendo em conta o mapa multidimensional de categorias de clubes de fãs e a sua diversidade, responder à questão “o que pode ser objecto de fanatismo?” torna-se uma tarefa assaz complicada. Mais ainda: mesmo abordando a questão sobre o ponto de vista daquilo que não pode ser objecto de fanatismo, a resposta não será clara.

Face ao exposto, a possível resposta reside no conceito de “objecto”. Por objecto entende-se quer a coisa materializada (pessoa, material), quer a noção abstracta (beleza, Deus). Qualquer objecto poder-se-á então tornar objecto de fanatismo, desde que esse mesmo objecto seja reconhecido enquanto tal. Assim, o requisito fundamental para algo ou alguém se tornar objecto de fanatismo é o reconhecimento desse algo ou alguém por parte dos demais, a admissão da sua existência.

Clubes de fãs de objectos cuja real existência não está cientificamente provada – como é o caso do “Monstro do Loch Ness” – são um exemplo da pluralidade e da abrangência dos objectos de interesse. Apesar de não haver a confirmação da existência real do “monstro” (embora o presidente deste clube tenha um seguro contra possíveis ataques do monstro no valor de £250,000) este conceito existe abstractamente (tal como a

noção de Deus). Assim, a variável operante na criação de clubes de fãs é a existência do conhecimento de algo (o objecto real, a coisa existente, uma ideia, uma noção) por parte dos demais. Tal acontece igualmente no caso de indivíduos anónimos que se tornam objecto de fanatismo. Apesar do desconhecimento inicial de determinada pessoa por parte dos demais, uma vez dada a conhecer a sua existência, esta está sujeita a ser objecto de fanatismo, mesmo que tal seja pouco provável. São mesmo constituídos clubes de fãs dedicados a (outrora) desconhecidos, havendo mesmo exemplos de pessoas que saíram directamente do anonimato para passarem a ser objecto de interesse por parte de clubes de fãs sem passar por uma exposição anterior àqueles que se tornariam membros do seu clube de fãs. O processo de investimento é portanto o mesmo, independente do objecto em questão, seja ele o “monstro que talvez exista” ou “aquele que até há bem pouco ninguém sabia quem era”.

Outra conclusão a retirar desde já é a existência de uma diversidade tal que não há uma ordem instituída, não havendo uma estrutura formal no domínio dos objectos de fanatismo. No domínio dos clubes de fãs, o objecto de fanatismo é “tudo e mais qualquer coisa”, aleatório, abstracto e de expressão ilimitada. A extensão do seu domínio abarca todo e qualquer objecto, existente ou não (mas, uma vez investido, o objecto torna-se necessário). O seu universo não está organizado. Apesar de alguns nichos de organização, em que há uma estrutura de relações entre os clubes de fãs, muitos constam apenas de uma “lista” que não reagrupa os objectos em sistemas complexos de relação. Ou seja, não há necessariamente um sistema de ordenação complexa entre os diversos objectos de fanatismo nem um sistema de relações estruturadas entre os diversos clubes de fãs. Assim, o universo em que estes fenómenos ocorrem é profundamente desorganizado e aleatório, não constituindo um todo enquanto sistema de organização e estrutura de relações. Podemos encontrar nichos de pequenas estruturas nas quais os diferentes clubes de fãs constituem uma estrutura de relação – como por exemplo o conjunto de fanáticos de diferentes pintores ou de uma determinada época histórica – mas o universo, no seu conjunto, é desorganizado.

A constituição de clubes de fãs é pois um fenómeno de tal forma proliferante que seria altamente improvável – e não necessário – conhecer todos os clubes existentes (mesmo em Portugal), dadas as diferenças com que se apresentam. Espontâneos ou

deliberados, mais ou menos organizados, com poucos ou muitos membros, existe uma variedade de clubes de fãs que torna o fenómeno tão heterogéneo como proliferante. A homogeneidade possível do fenómeno – questão a abordar neste estudo – pode então residir na existência de mecanismos sócio-cognitivos similares que são accionados pelos indivíduos, levando-os à apropriação de objectos de interesse e à criação de clubes de fãs. É esta a hipótese assumida.

Os homens procuram objectos de interesse e o objecto é através deste processo investido por forças que impelem para uma relação entre este e as pessoas nas quais os segundos aceitam o poder “sobrenatural” do primeiro. Esta relação fetichista, do português feitiço, revela o “enlevo; fascinação; sedução” (Enciclopédia Verbo, 2004) com que os objectos se podem apresentar aos indivíduos. Então, tal como qualquer objecto pode ser objecto de fanatismo, qualquer pessoa é susceptível de ser fanática de qualquer coisa. Ou seja, os indivíduos não podem deixar de investir no seu interesse: não existem sujeitos desligados e há uma energia disponível que procura investimento de interesse. Esta economia da energia dos sujeitos é a hipótese assumida: o fanatismo não é definível pelo objecto de interesse mas sim por uma activação do animismo, por uma “crença” na animação dos objectos naturais por uma força impessoal. Assim, o fanatismo seria como que uma pulsão, que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse (que permitem a satisfação da pulsão), como se de uma necessidade básica como a fome ou a sede se tratasse. O que nos leva a uma outra hipótese: a adesão a clubes de fãs é uma das manifestações de um processo universal de procura de satisfação através do investimento em objectos, de uma necessidade que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse, por um lado, e das formas de agregação social, colectivas, dos indivíduos, por outro.

As razões para a constituição de clubes de fãs são geralmente “razões colectivas”, ou seja, a existência de clubes de fãs realça a natureza colectiva do fenómeno, sendo estes clubes a forma de expressão colectiva do fanatismo. Pode-se então desde já aferir o fanatismo como um fenómeno de dupla face: um mecanismo individual, um processo de invenção social de objectos de polarização das relações sociais; e um mecanismo colectivo, de agregação, de selecção e controlo.

Deste modo, estes mecanismos que impelem o indivíduo para o investimento num determinado objecto devem ser estudados não só quando potenciam a construção de clubes de fãs mas também na sua manifestação mais comum: o simples fanatismo sem envolvimento grupal manifesto. Não se trata de dois mecanismos diferentes (individual e colectivo) mas sim de um mesmo, que articula os dois níveis. Logicamente, quando o indivíduo se associa a clubes de fãs, terá porventura outras razões que o levam a tal. Mas o mecanismo, esse é semelhante e passível de ser evidenciado em qualquer indivíduo, seja qual for o seu comportamento posterior (inclusão ou não num clube de fãs). Contudo, tal como Durkheim (1995 (1894)) apresenta a questão, é necessário um esforço para apresentar os fenómenos sociais isolados da sua manifestação individual (é a lógica de que os fenómenos são mais representativos se forem desligados dos factos individuais que os manifestam). Assim, recorrendo aos clubes de fãs é possível aferir o fenómeno do fanatismo na sua dupla dimensão.

Deste debate, duas questões de maior importância podem ser então inferidas:

1) O fanatismo enquanto fenómeno simultaneamente individual e colectivo:

- Individual porque concerne aos mecanismos sócio-cognitivos operados nos fanáticos que os levam ao investimento no objecto e à relação que com eles estabelecem;
- Colectivo porque determinam – e exigem ou pressupõem – relações de vínculo social estabelecidas com os demais (através do objecto) e com uma rede preexistente de domínios do fanatismo.

2) O fanatismo enquanto um particularismo universal:

- Particular porque os objectos de investimento não são iguais para todos (e portanto a sua escolha é um processo particular), sendo estes os mais variados e de natureza diversa;
- Universal porque o fanatismo não é definível pelo objecto em si mas pela relação que com ele se estabelece, sendo o processo de investimento – apesar da diferença dos objectos – o mesmo.

2.4 – Aspectos relevantes sobre o fanatismo e os clubes de fãs

Muitos são os aspectos passíveis de ser analisados numa investigação empírica da realidade dos clubes de fãs e da sua relação com as hipóteses assumidas. Contudo, essa

variedade de aspectos muito dificilmente poderá ser analisada com a profundidade e clarividência necessária num trabalho desta natureza. Entre os muitos aspectos possíveis de análise, as linhas que se seguem incidem nos seguintes aspectos:

- 1) *Aspectos místicos ou religiosos do fanatismo e a reemergência do paganismo;*
- 2) *O carácter fetichista da relação com o objecto;*
- 3) *O fanático: grau de identificação;*
- 4) *Campos de pertença e de oposição;*
- 5) *Os clubes de fãs enquanto tribos ou movimentos sociais.*

Apresenta-se de seguida os principais temas de debate dos aspectos a evidenciar.

2.4.1 Aspectos místicos ou religiosos do fanatismo e a reemergência do paganismo

A associação do fanatismo à religiosidade encontra a sua raiz no próprio conceito de fanático – do latim, *fanum* (templo / casa) – que é também um conceito de cariz religioso, como se pode constatar com recurso a vários dicionários e enciclopédias: “dizia-se dos sacerdotes de certas divindades (Cibele, Beloca) que entravam em delírio sagrado, durante o qual se feriam e faziam correr o próprio sangue”; “que(m) se julga inspirado por alguma divindade; paixão exagerada por uma ideia, doutrina ou religião”; “excessivo zelo em matéria de religião”. Por religião entende-se uma “atitude assumida pelo homem perante um poder sobre-humano do qual se reconhece dependente como criatura sua”, (que tem como base, no contexto cristão, o desejo de salvação) e de conciliação com esse poder. A religião, a “experiência do sagrado”, é exprimida através do culto ou de práticas rituais através das quais se realiza a comunhão com o mundo sobrenatural. Assim, a eventual associação entre o fanatismo e a religiosidade que aqui interessa abordar diz respeito à possibilidade da existência de alguns aspectos de religiosidade – visíveis nas práticas adoptadas – no seio dos clubes de fãs. Mais: haverá diferenças intrínsecas fundamentais entre a adesão a uma igreja, a uma seita, a um clube? Ou é um mesmo mecanismo sócio-cognitivo que é accionado nos indivíduos? Será a religião um particularismo do fanatismo ou vice-versa?

Segundo Cohen (1978), a sociedade tornou-se complexa, cheia de diferentes grupos, o que provoca uma “separação entre um grupo e o culto de formas simbólicas que

o legítima” (19). Daí que o mesmo culto possa ser adoptado por diferentes grupos de interesse. Por símbolos o autor entende objectos, actos, conceitos ou formas de linguagem com diferentes significados, evocando emoções e sentimentos que impelem os homens para acção e que indicam padrões normativos de comportamento. Símbolos como emblemas, lemas, bandeiras, desfiles, canções; são determinantes na adopção de comportamentos que representem colectivamente um mesmo grupo. Assim, fanatismo e religião seriam diferentes mas com denominador comum: através da adopção de símbolos que reforçam a coesão do grupo, o mesmo culto pode ser apropriado. Este culto traduz-se num conjunto de práticas de adoração que são, portanto, comuns a várias dimensões da sociedade. Dessas práticas destacam-se os rituais, comportamentos estáveis, com “uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é colectivo, e uma percepção de que eles são diferentes” (Peirano, 2001:4). O ritual é uma actividade formalizada, conscientemente organizada tendo em consideração regras de procedimento que imprimem (atribuem, são responsáveis pelo) o sentido à acção. Ora este ritualismo é observável dentro e fora da religião.

Bromberger (2000) evidencia uma secularização da actividade ritual, numa convivência entre rituais religiosos e rituais seculares, que permite que um mesmo “ritualismo” seja comum a várias actividades da sociedade. Assim, é possível identificar analogias entre rituais de diversas naturezas, como as encontradas por Bromberger entre rituais religiosos e rituais desportivos, em particular o futebol. Uma primeira analogia é observável na organização e nos princípios de funcionamento, traduzidos por um universo hierarquizado visível na própria configuração espacial. Lembremo-nos da hierarquia dos espectadores de uma partida de futebol (bancadas diferentes, tribunas vips), da hierarquia das organizações futebolísticas (federações e ligas) e de toda uma hierarquia fundada no grau de fervor dos adeptos (os mais fervorosos estarão presentes muito antes do espectáculo). Há também afinidades temporais, traduzidas na existência de um calendário ou referências cíclicas. O comportamento da massa tem também semelhanças: os indivíduos expressam o seu fervor emocional através de uma intensa participação corporal que acompanham com palavras e cânticos. Existem gestos e atitudes codificadas, vestuário, materiais e vocabulários específicos. Os “altares domésticos” (com fotografias, emblemas e outras relíquias) e o espírito de comunidade aquando da partida / cerimónia são também

aspectos que reforçam esta analogia. Mas este não é um fenómeno específico dos espectadores, estendendo-se, por exemplo, aos jogadores: a preparação da partida, a comida, os rituais antes da hora marcada, todos estes comportamentos são observáveis também nos rituais religiosos. Eventualmente, tanto espectadores como jogadores, refugiam-se na crença em forças sobrenaturais, tendo algumas superstições (há quem não corte a barba, quem utilize sempre a mesma roupa...) e recorrendo a rezas ou à invocação de Deus, utilizando igualmente amuletos como tentativa de dominar o aleatório e influenciar a sorte. Há ainda os símbolos utilizados como as medalhas, bandeiras, cachecóis, as mensagens. Como na religião, os desafios desportivos dizem muito sobre valores fundamentais como o mérito (lembremo-nos da visão do desportista enquanto herói), a solidariedade, a sorte ou a justiça. Tanto num caso como noutro existem vários graus de participação: desde o acérrimo e violento defensor ao “consumidor” ocasional.

Assim, a organização e os princípios de funcionamento ditam em ambos os casos um universo hierarquizado com uma configuração espaço-temporal específica na qual é possível encontrar semelhanças. Do mesmo modo, o comportamento das massas e a sua participação, a crença em forças sobrenaturais e a existência de valores fundamentais comuns aproximam ainda mais estes rituais. Mais: a própria linguagem que define alguns clubes é uma linguagem quase que “religiosa”. Skirvin (1999), ao entrevistar vários fãs de um músico, constatou que era neles frequente o uso de frases de cariz religioso como “quando o encontrei” e “ele era como Jesus”.

Mas é também na relação entre misticismo e fanatismo que existem paralelismos, na medida em que é possível encontrar uma “experiência mística” em alguns clubes de fãs, como casos nos quais fanáticos procuram contactar os seus ídolos já falecidos (como Claude François, popular cantor francês do anos 70). O misticismo está profundamente ligado ao conhecimento esotérico e, apesar de ser conotado com uma certa religiosidade, pode ser observada fora dela (Smith in Woods, 1980). Stahlman (1992) faz um apanhado das características inerentes à definição da experiência mística: distorção do tempo e do espaço, uma consciência intuitiva, uma experiência afectiva intensa, infabilidade e um sentido do sagrado. A estas características, junta-se uma comunicação directa com a entidade sobrenatural. Alguns fãs descreverem momentos de transcendência e misticismo:

“A presidente do Fã-Clube "Jerry Adriani – Maior Cantor do Mundo", Maria do Rosário Ricardo do Nascimento, recorre ao Espiritismo para explicar esse amor sem limites. Depois de recorrer a psiquiatras, psicólogos e analistas, achou a resposta que buscava numa consulta à uma paranormal. Nesse dia, soube que em outra vida ela e Jerry Adriani foram irmãos gêmeos idênticos. Isso se deu no século XVII, numa cidade do interior da Itália”

(in http://www.unainet.com.br/jerry_adriani.htm)

O recurso à experiência mística é então por vezes apropriada pelos clubes de fãs, observando-se vários graus de experiência, desde a utilização não deliberada do misticismo na sua plenitude – na qual os aspectos místicos são apenas um factor secundário e pontual – ao acto ponderado de experiência mística – cuja utilização constitui uma necessidade para o clube de fãs. Este recurso ao misticismo, visível em vários aspectos da sociedade, é muitas vezes utilizado no sentido de legitimação do objecto de fanatismo, que adquire assim uma certa “razão natural” de adoração (“Em todos os sistemas políticos os homens que detêm o poder desenvolvem uma ‘mística’ que os coloca em posição superior à da multidão, confere validade a essa posição ante essas pessoas e as convence a si próprias do ‘direito’ que lhes autoriza a ocupá-las” - Cohen, 1978: 30). Assim, o misticismo é posto ao serviço dos clubes de fãs tendo em conta dois objectivos: a legitimação do objecto de fanatismo e a sedução e angariação de fanáticos.

É pois possível que algumas motivações para a entrada num clube de fã estejam associadas a esta “participação mística”, uma vez que alguns comportamentos e linguagens simbólicas parecem apontar para esta eventual dimensão religiosa, embora maioritariamente pagã.

A existência de uma dimensão religiosa ou mística em alguns clubes de fãs será melhor compreendida com o recurso a alguns exemplos.

A apropriação de rituais e linguagem religiosa é uma das características da “Igreja Maradoniana”, um clube de fãs constituído enquanto “igreja”, dedicada ao futebolista Diego Maradona. Jogador de futebol argentino, Maradona – conhecido como “El pibe” – representou vários clubes de futebol de renome (Boca Juniors, Barcelona, Nápoles...) e

conquistou vários títulos desportivos: mundial de selecções, ligas, taça UEFA e Bola de ouro (atribuída pela FIFA) no mundial 86 de México. Juntamente com Pelé (jogador brasileiro) ganhou o prémio da FIFA que o reconhecia como o melhor jogador dos últimos 70 anos. Granjeou popularidade não só nos relvados (a sua transferência para o Barcelona foi a primeira transferência milionária) como também fora deles, dado o seu carácter polémico (consumidor de cocaína, condenado a dois anos de sanção, acusou doping 3 vezes, exerceu brutalidade sobre jornalistas, etc.).

A *Iglesia Marodoniana* segue uma estrutura própria da Igreja Católica, adoptando tal como esta 10 mandamentos, uma bíblia, rezas e orações; celebrando casamentos e baptismos. O papel atribuído a Jesus na Igreja Católica é aqui substituído pela figura do jogador. Os seus seguidores – apóstolos (à semelhança da Igreja) – celebram a “navidad marodiana” tal como os católicos celebram o nascimento de Cristo e estabelecem o seu calendário de acordo com esse acontecimento: se a sociedade marcada pela “cristianização” adopta um calendário determinado pelo nascimento de Cristo – 2005 d.C. – a *Iglesia Marodoniana* estabelece o seu marco temporal tendo em conta o nascimento do jogador – 44 d.D. (Diego Maradona nasceu a 30 de Outubro de 1960, sendo que d.D. se refere obviamente a “depois de Diego”). Outra analogia é encontrada entre a palavra Deus (em espanhol Dios) e D10S (Diego Maradona, habitual camisola nº 10). A própria rigidez gramatical utilizada normalmente quando se refere Deus, Jesus Cristo e outras entidades sagradas (nomeadamente na adopção da letra maiúscula) é aqui adoptada.

The First Presleyterian Church of Elvis é um outro exemplo no qual a religiosidade (pagã) e fanatismo se confundem. Esta igreja “presleyteriana” é dedicada ao ícone da música Elvis Presley. Elvis, famoso cantor norte-americano de rock 'n' roll (também actor) nascido em 1935, tornou-se conhecido pela forma como actuava (acentuando os movimentos pélvicos de profunda sexualidade - Elvis “The Pélvis”), tendo atingindo o primeiro lugar do top de vendas americano por 51 vezes. O cantor, cuja personalidade esteve sempre associada a várias polémicas (até acerca da sua causa de morte) e excentricidades, morreu em 1977 vitimado por um ataque cardíaco motivado pela combinação de vários medicamentos (ou não?).

Desde a sua morte o seu sucesso continuou a crescer, como prova a criação da igreja “presleyteriana” do divino Elvis. Os seus fundadores (que afirmam terem sido

ordenados padres pelo próprio Elvis) esperam milagres e mensagens do cantor, o único músico digno de adoração (todos os outros ídolos pop são falsas divindades – Michael Jackson é o anti-Elvis). Os fiéis desta igreja, fanáticos de Elvis, seguem vários procedimentos tais como rezar diariamente posicionando-se em direcção a Las Vegas; consumir os mais variados produtos alimentícios como carne picada, gelado de baunilha e chocolate, manteiga de amendoim e pudim de banana (comidas designadas de “sagradas”, uma vez que seriam as preferidas do cantor); e pelo menos uma vez na vida fazer uma peregrinação até Graceland (terra natal do cantor). Esta igreja veicula ainda dogmas próprios das religiões tradicionais, adoptando-as à figura do seu objecto de fanatismo: a ressurreição de Elvis, a sua descida dos céus (é eventualmente possível “avistar” Elvis), a celebração do seu nascimento e, tal como no caso de Maradona, a referência ao cantor com recurso à letra maiúscula (Ele, Lhe...).

Estes exemplos reforçam a ideia de que o fanatismo se pode constituir como uma forma de religiosidade, oferecendo conforto espiritual e respostas que a igreja tradicional não proporciona. Contudo, essa será apenas uma das dimensões na qual os clubes de fãs se podem inserir. Referindo-se a este fenómeno (em particular a Elvis), Duffett (2003) alerta para o facto da comparação entre fanatismo e religiosidade reduzir a admiração a uma “subserviência obsessiva” que em muito contribui para a criação de um estereótipo. Assim, atribuir à admiração por Elvis Presley um carácter religioso é menosprezar esse objecto de fanatismo não tendo em conta as suas qualidades artísticas.

A apropriação de aspectos religiosos ou místicos por parte dos clubes de fãs, que se traduz num redimensionamento da experiência sagrada ou mística, pode ser compreendida como uma forma de estruturação do fanatismo, adoptando um certo ritualismo ou simbolismo que é determinante no estabelecimento das relações entre fanáticos membros de um clube e entre estes e o seu objecto de fanatismo. Deste modo, esta religiosidade ou misticismo surgem como elementos estruturantes das relações, que dotam um mesmo grupo de fanáticos de uma homogenia possível através da adopção de comportamentos e sentimentos comuns que reforçam a coesão e a identificação dos seus elementos. O sentimento de pertença é reforçado pela elaboração (de início) ou existência de um “código” comum àqueles que partilham o mesmo objecto de fanatismo, distinguindo-os dos demais. Daí que alguns clubes de fãs se estruturam à semelhança das igrejas

tradicionais. Mas esta relação entre os clubes de fãs e a religiosidade não é apenas visível na adopção de uma mesma estrutura: eventualmente, também alguns objectos de fanatismo das igrejas tradicionais são apropriados pelos clubes de fãs (clubes de fãs de Jesus Cristo, por exemplo) sendo o investimento neles feito diferenciado. Assim, observamos neste fenómeno duas direcções: uma aproximação dos clubes de fãs à estrutura das igrejas tradicionais – em que o objecto de fanatismo é substituído por um outro – e a demarcação dos clubes de fãs em relação às igrejas – ao apropriarem-se dos seus objectos de fanatismo mas constituindo uma nova estrutura de fanatismo. Acresce que as próprias igrejas de índole mais tradicional (igrejas de auto-definição religiosa, cristãs, sincréticas ou outras), retomam à sua conta os modelos de fanatismo ou idolatria elaborados por certos clubes de fãs.

Existem igualmente clubes de fãs dedicados a membros das igrejas tradicionais. A existência de um clube de fãs dedicado a Joseph Ratzinger¹ (Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé - vulgo Inquisição) é um exemplo. Ratzinger, que desde sempre foi polémico no seio da Igreja Católica (foi o mesmo que anos antes visionava a Inquisição como prejudicial ao desenvolvimento da teologia), é objecto de fanatismo de um clube de fãs que se demarca da própria Igreja a que este pertence. Constituído como resposta às constantes críticas ao teólogo, este é um clube no qual se destacam as suas qualidades pessoais (fé, honestidade, integridade) e académicas. Apesar de divulgar o trabalho desenvolvido pela Congregação, este clube de fãs demarca-se da igreja católica na medida em que não inclui qualquer tipo de religiosidade na sua estrutura: religião e clube de fãs são aqui, apesar das nítidas ligações (dada a confissão religiosa dos fanáticos ir de encontro à professada pelo objecto de fanatismo), distintos. Ou seja, eles não confundem os objectos: cardeal e Deus. Como católicos, apresentam-se como adoradores de Deus e adeptos do Cardeal e não o contrário. Não há uma sobreposição e nem o Cardeal é confundido com Deus, não se prestando o mesmo culto religioso a Ratzinger como à Igreja que representa.

O que une de facto estes dois fenómenos – religião e clubes de fãs – é a existência do fanatismo enquanto processo ou mecanismo de identificação/agregação, de um objecto

¹ Entretanto eleito em conclave (19/04/2005) o representante máximo da Igreja Católica, adoptando o nome de Papa Bento XVI. O seu clube de fãs manifestou activamente a sua preferência pelo inquisidor-mor para tal incumbência.

de fanatismo. O processo de inclusão quer nas igrejas quer nos clubes de fãs tem alguns aspectos em comum, na qual a pertença é a dominante (o homem procura a não separação, a pertença, a afirmação da possibilidade de uma ligação) e um mesmo mecanismo de investimento num objecto de fanatismo pode ser observável em ambos os casos, o que aliás, não se limita nem aos clubes de fãs nem à religião. Tanto o ingresso numa religião como num clube de fãs pode ser compreendido como uma procura de satisfação através do investimento em objectos de interesse, de fanatismo. Mas, se por um lado, é impossível deixar de evidenciar aspectos religiosos ou místicos no seio dos clubes de fãs, não é possível, por outro, resumir este fenómeno à existência desses aspectos. Contudo, a relação privilegiada com um objecto é do domínio de ambos os fenómenos. A adesão a uma igreja não pode ser entendida como um fenómeno totalmente congénere à adesão a um clube de fãs, uma vez que, apesar da existência de um denominador comum (a pertença e a apropriação de um objecto de fanatismo), estes são dois fenómenos diferentes cuja estrutura pode eventualmente ser similar (até porque se, por um lado, o mesmo culto pode servir diferentes fenómenos visíveis na sociedade, por outro lado, também “As sociedades adoptam diferentes formas simbólicas para obter um mesmo tipo de funções” - Cohen, 1978: 45). Daí a distinção que Bromberger faz entre rituais religiosos e seculares, sublinhando o facto de este ser sim, um fenómeno de “secularização da actividade ritual”, o que é, aliás, visível em vários outros aspectos da sociedade. Para além disso, existem clubes de fãs em que estes aspectos religiosos ou místicos não são visíveis. Há, portanto, que compreender o fenómeno dos clubes de fãs na sua totalidade: uma eventual religiosidade ou misticismo é apenas um dos aspectos que os clubes podem assumir e resumi-los a este fenómeno é amputá-los da sua real dimensão.

O fanatismo, enquanto investimento no objecto, enquanto adesão a uma relação privilegiada com um objecto de interesse, é então a base que proporciona uma relação entre a religião e os clubes de fãs. Tal como os segundos, a religião é um caso particular de fanatismo que eventualmente pode servir como modelo orientador para a adopção de práticas ritualizadas no seio dos clubes de fãs ou proporcionar a estes um objecto de investimento. Religião e clubes de fãs são dois fenómenos diferentes que possuem na sua génese um mesmo mecanismo que impele os seus membros para o investimento num objecto de interesse; o mesmo será dizer, o fanatismo.

Mas, mais explicitamente, é ainda noutro contexto que a noção de religião surge associada ao fanatismo.

“... A apregoada crise das ideologias e dos sistemas de valores transmitidos pelas religiões tradicionais aparece associada ao pronunciamento de novas imaginárias sociais que desembocam em novos cultos – designadamente no culto de novas imagens, com variados elementos icónicos e simbólicos: do cinema, tv, publicidade e – não menos importante – da imagem que cada um constrói de si mesmo. Daí a importância da reconstrução imaginária do corpo através da moda, dos tratamentos de beleza, dos regimes dietéticos, etc.” (Pais, 1998: 49). Referindo-se aos jovens, o autor evidencia um proliferar de “um politeísmo funcional ou uma ‘religiosidade difusa’ que se expressa num redimensionamento do ritual da emoção, o qual se valoriza, por sua vez, como experiência do sagrado: na música moderna, na representação performativa do desporto, no corpo erigido à sua dimensão de objecto de culto” (34). Podemos pois encontrar essa experiência do sagrado fora da experiência religiosa, tal como Carlos Correia (1998) evidencia em espectáculos de futebol ou de música, nos quais “podemos encontrar experiências do sagrado, típicas, que não têm nada de religioso. Da mesma maneira podemos encontrar formas de vivência da religiosidade que se demarcam de qualquer experiência sacralizada” (pp:30).

De facto, observa-se a reemergência de uma relação com o sagrado que é politeísta – no número de objectos adorados – e pagão – na escolha dos objectos. Politeísmo e paganismo, apesar de utilizados enquanto conceitos similares são no entanto diferentes, uma vez que o paganismo inclui não somente as religiões politeístas mas igualmente religiões monoteístas sem procedência profética.

Segundo António Carvalho (1998) não é possível “aderir a uma religião como se adere a um clube ou a um partido político. Quando fazemos a experiência da fé, esta torna-se tão íntima de nós que nem sequer podemos falar de adesão. Haverá, sim, um acto espontâneo, natural, que nos integra completamente numa coisa que já nos pertence. Trata-se mais de uma apropriação que uma adesão. Como no amor” (pp:124). Mas para Marc Augé (1982) é evidente a persistência deste paganismo na cultura popular contemporânea e na crença na pluralidade (e não só na que concerne ao politeísmo), em que emergem novas formas de religião sem fé e sem culto unificado (“Sans doute serait-il très difficile, mais

non entièrement vain, de chercher à mettre en évidence les liaisons subtiles entre les divers pratiques symboliques parcellaires qui constituent pour une partie importante des sociétés modernes une manière de religion sans foi ni culte unifié.” (pp: 320)). Geralmente, reconhece-se a existência de uma religião sempre que numa sociedade se manifeste um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural. Ora, segundo o autor, a religião popular não é necessariamente um sistema de crenças: comportar-se como um bom cristão, participando de maneira activa nas actividades rituais que comporta essa condição, é algo perfeitamente compatível com a carência absoluta de fé. E é neste contexto que observamos uma associação excepcional entre estes dois conceitos: ao desligar a religião de um sistema de crenças é-nos permitido compreender o fanatismo como uma forma de actualização do paganismo, uma vez que este não remete apenas para padrões de comportamento religiosos mas também para sociais, sem por isso implicar um sistema de crenças.

Ao aplicar o termo pagão também ao estilo de vida, atribuir-se, por exemplo, ao politeísmo grego um paganismo que, para além da adoração dos seus deuses, idolatrava igualmente semi-deuses e heróis (apesar de não ignorar as devidas hierarquias). Na clássica civilização grega, a religião era eminentemente pública, uma “religião cívica” essencialmente ritualista que se integrava no mundo da cidade, na qual os deuses eram adorados por todos. Porém, para além das diferentes formas de adoração aos deuses (que variavam não só de cidade para cidade mas também dentro de cada uma destas), existia igualmente todo um conjunto de dedicatórias particulares fora do legalismo vigente (aliás, grande número de rituais pertence à esfera familiar em que o chefe de família é também o responsável pela execução do rito). E é esse aspecto que marca o dualismo particularismo / universalismo do politeísmo grego: “a religião viva, verdadeiramente praticada, dos gregos concentra-se nas festas (...) os calendários caracterizam-se por um particularismo que não podia ser mais exagerado. Existem praticamente tantos calendários quantas cidades e tribos (...) Apesar disso, os calendários antigos são todos construídos da mesma maneira...” (Burket, 1993: 437).

Se assim o é, a religião pode ser entendida como um caso particular de fanatismo, ao mesmo tempo que este aparece enquanto actualização de um paganismo reemergente que, apesar de não ser em si um padrão de comportamento propriamente religioso, é um

padrão de comportamento social no qual há um redireccionamento do investimento em objectos para fora da esfera religiosa. Há, pois, uma separação do universo religioso da religião. Se por um lado o religioso corresponde a um conjunto de modos de relacionamento entre os indivíduos e entidades com uma realidade extra-natural, a religião é uma organização social com certas características específicas: o religioso será o fundo; a religião a forma. Recordemos a obra de Danielle Hervieu-Léger (2001) e a ideia de que as novas religiões podem investir em qualquer objecto, de acordo com lógicas individuais, sendo o religioso moderno um “objecto de mercado”. Há hoje um mercado da religião no qual os bens simbólicos estão acessíveis e os adeptos são muitas vezes os consumidores dispostos a pagar. Esta nova forma de religiosidade, em que o consumidor opera num mercado simbólico, disposto a pagar, revela uma “economia do religioso”, uma religião pessoal que emerge da liberalização do mercado religioso. O mercado de bens simbólicos é alargado, tornando religião e fanatismo (nova forma de paganismo) “competidores” na procura de adesão. Daí que a Igreja esteja particularmente atenta a este fenómeno do novo paganismo, compreensível nas orações e meditações do Cardeal Joseph Ratzinger aquando a Semana Santa de 2005:

“A tradição da tríplice queda de Jesus sob o peso da cruz recorda a queda de Adão – o ser humano caído que somos nós – e o mistério da associação de Jesus à nossa queda. Na história, a queda do homem assume sempre novas formas. Na sua primeira carta, S. João fala duma tríplice queda do homem: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Assim interpreta ele a queda do homem e da humanidade, no horizonte dos vícios do seu tempo com todos os seus excessos e depravações. Mas, olhando a história mais recente, podemos também pensar como a cristandade, cansada da fé, abandonou o Senhor: as grandes ideologias, com a banalização do homem que já não crê em nada e se deixa simplesmente ir à deriva, construíram um novo paganismo, um paganismo pior que o antigo, o qual, desejoso de marginalizar definitivamente Deus, acabou por perder o homem. Eis o homem que jaz no pó. O Senhor carrega este peso e cai... cai, para poder

chegar até nós; Ele olha-nos para que em nós volte a palpitar o coração; cai para nos levantar.”

Mas nem a Igreja está isenta de críticas por professar um certo “paganismo religioso”. Segundo o Padre Mário de Oliveira (2000), a própria estrutura do cristianismo remete para o paganismo, para um “cristianismo paganizado”: na tentativa da Igreja cristanizar o paganismo, acabara ela mesmo por ser paganizada. Fátima seria assim um exemplo de um fenómeno religioso típico da religião pagã.

2.4.2 O carácter fetichista da relação com o objecto

O sistema de interacção no qual é estabelecido a relação fanático / objecto de fanatismo é um dos aspectos que interessa abordar, na medida em que este permite compreender como os indivíduos valorizam os seus objectos de interesse através de um processo de investimento nestes que adquire contornos de uma reactivação do animismo, possível pelo carácter fetichista (ou, porque não, feiticista) dos mesmos. Esta relação fetichista foi já aqui abordada, dando conta do “enlevo”, “fascinação” e “sedução” com que os objectos – dotados de propriedades “sobrenaturais” – se apresentam aos indivíduos. Karl Marx (1975 (1867)) referia-se a esse mesmo carácter fetichista da mercadoria na sua relação com o mundo de trabalho, ao encontrar esta especificidade na relação entre o proletariado e os produtos do seu labor. Essa relação era possível uma vez que o objecto – a mercadoria – era desligada do seu valor de uso para se apresentar ao indivíduo não como mero objecto de utilidade, mas sim como um símbolo das características sociais do trabalho, como se os objectos representassem, no fundo, as características do próprio trabalho em si, mas de modo abstracto, tornando-se os objectos separados do modo de produção e, logo, da experiência laboral e social da classe proletária.

Segundo Marx, não é pelo trabalho, nem pelos seus produtos que o operário é pago com salário, mas sim pela sua força de trabalho, pela sua capacidade para produzir. Outrora o trabalho pago era o trabalho em concreto, o objecto em si e a relação entre o produtor e o produto do seu trabalho era concreta. Quando este último se torna um puro símbolo trocável, a mercadoria passa a exprimir essa separação entre o trabalho e o seu valor, exprimindo simultaneamente as formas de relações sociais de produção e a

separação entre as forças de produção e a força de trabalho. Nesse sentido, a mercadoria apaga as suas origens, as condições sociais de produção – a exploração da força de trabalho. Aparece como uma reificação, desligada das relações sociais que a produziram. Mas essa mesma separação exprime a própria separação entre o trabalhador e o seu trabalho. E ao desligar-se (na sua apresentação, aparência, etc.), a mercadoria torna-se um fetiche, porque ela parece assumir um poder universal (cuja forma absoluta é o dinheiro) e veicular uma força enigmática. A cultura actual, particularmente onde ela assume as suas formas mais excessivas, estrutura-se em redor de um fetichismo do meio absoluto de troca – o dinheiro – um fanatismo a cujo carácter sagrado não se pode escapar.

Mas no domínio do fanatismo, os objectos são valorizados pelo seu cariz simbólico, que os dota de um certo carácter místico. E é esta premissa que sustenta o facto do fanatismo não ser definível pelo objecto de interesse em si mas por uma nova forma de feiticismo, por uma reactivação do animismo.

Este feiticismo, adoração de objectos e lugares, foi primeiramente utilizado por traficantes de escravos portugueses denominando a “coisa enfeitada”, “embruxada” (Akoun, 1983: 238). O feiticismo surge no contexto do fanatismo enquanto uma reactivação do animismo, uma crença na animação dos objectos por uma força impessoal e na existência de objectos habitados por espíritos e forças: é este animismo que actualiza o feiticismo, visível nas novas formas de coleccionismo e mimetismo observáveis nos clubes de fãs.

Segundo Adriani (1997), “a intuição primitiva é a de que o mundo constitui um todo, um conjunto vivo, de que as inúmeras realidades singulares – coisas, situações, eventos e, obviamente, também os homens – são precisamente participantes, e são-no enquanto congregados numa consciência solidária com a animação e o movimento «todo o mundo é alma» (...) Não há distinção entre coisas «animadas», já que, precisamente, tudo é alma, que qualquer entidade é dotada de uma força individual própria” (18). “O mundo primitivo participa sem condições ou reservas na vida total da realidade física e mais do que a física” (17). E é na reactivação deste animismo que o fanatismo encontra as suas raízes: ele é, no fundo, como que uma pulsão que impele o indivíduo para estes objectos “enfeitados”, aos quais ele atribui poderes sobrenaturais.

Mauss (1971 (1925), 1988 (1950)) aborda a questão aquando o estudo de um fenómeno de dádiva que acontece em várias sociedades e na qual o objecto, apesar de ofertado voluntariamente, carrega a obrigação da retribuição; um “fenómeno social total” na medida em que está expressa em todas as instituições (religiosas, jurídicas, morais, políticas, familiares, económicas, etc), sendo “um denominador comum de um grande número de actividades sociais aparentemente heterogéneas entre si” (Lévi-Strauss in Mauss, 1988: 33). É aqui que Mauss se depara com este fenómeno em que a coisa que é dada é dotada de uma “força misteriosa”, em que “as coisas são confundidas com o espírito das coisas” (Mauss, 1988: 113). Há, portanto, uma força inerente à coisa. Esta economia de troca e dádiva é muito diferente da economia do utilitarismo: “é o bem e o prazer que se procura, não a sua utilidade material”. O *maná* (expressão utilizada pelo autor para definir o encantamento dos objectos) é a “expressão de sentimentos sociais que se formaram quer fatal e universalmente quer fortuitamente, a respeito de determinadas coisas” (1988: 39). A virtude das coisas não existe fisicamente nos bens trocados, é antes concebida aplicando-lhes uma fonte energética: “as coisas têm ainda um valor de sentimento para além do seu valor venal” (185), a magia não está nas coisas mas é atribuída na relação que estabelecemos com elas. O *maná*, no sentido a que aqui reportamos, é uma força espiritual, não mecânica, ligada à “coisa mágica”, ao encantamento. O *maná* é a força por excelência. Um exemplo dado pelo autor é a existência desse *maná* numa determinada flecha que não tendo veneno, está envenenada: é ao *maná* da flecha e não à sua ponta aguçada que se atribui a eficácia do objecto. “El valor mágico de las cosas es el resultado de la posición que ocupan en la sociedad o por su relación con ella. Las nociones de virtud mágica y de posición social coinciden en la medida en que la una produce la otra” (Mauss, 1971: 132).

Deste modo, o objecto feitiço não é adorado em si mesmo, visto não deter espontaneamente um poder oculto ou sobrenatural mas sim por aquilo que este representa (“É a ausência do pénis que faz o falo, objecto de desejo” – Lacan, 1996:309), que será facilmente compreensível tendo em conta as noções de fetichismo e pulsão introduzidas por Freud. Para este, o fetichismo é um desvio ou deslocação do interesse de um objecto para outro que é suposto representar o primeiro: é a relação com um objecto que representa uma outra coisa. O feiticismo de um objecto reside então no facto deste ser dotado de uma força mágica em que o indivíduo só consegue a sua satisfação mediante a sua relação com

o objecto. O interesse do indivíduo é afunilado ao ponto de se tornar um condicionamento (é preciso um estímulo para uma resposta) de tal modo que, em situações extremas, o objecto se torna o pólo exclusivo de atenção e a sua não presença é uma amputação para o indivíduo, o que tem como consequências a exclusividade de sentimentos e a perda de liberdade.

Assim, o fanatismo pode ser entendido como uma pulsão, um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, factor de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo” (Laplanche, 1976: 506). É pois no objecto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo. O objecto é o correlativo da pulsão, aquilo em que e por que esta procura atingir o seu alvo (satisfação). A pulsão, o “impulso energético, uma tendência para agir, que encontra a sua origem numa tensão orgânica” (Monteiro e Santos, 1999: 269) encontra a sua satisfação na relação com o objecto. Esta “corrente que parte do desprazer para o prazer” (Santos, 1996: 27), este desejo, resulta de estímulos endógenos que criam situações de pressão só possíveis de descarregar mediante uma acção específica (Santos, 1996) à qual o indivíduo não pode deixar de aceder para seu próprio prazer. Há, portanto, uma submissão do sujeito ao significante, através da qual o objecto se relaciona com o desejo (Lacan, 1996). Neste sentido, o objecto é o protótipo da significância do corpo.

O fanatismo é, portanto, um processo através do qual os indivíduos investem nos seus objectos de interesse. Este investimento é feito na medida em que é um processo vital para a satisfação do indivíduo, já que é através da sua interacção com o objecto que o indivíduo alcança o seu intento. Daí que ele não possa deixar de não aceder a essa interacção: privá-lo do objecto equivaleria a uma “fome” ou “sede” que não é satisfeita. Daí o fascínio exercido pelos objectos, que se apresentam não somente como objectos de utilidade, mas também como objectos simbólicos de propriedades “mágicas”, que proporcionam ao indivíduo a não separação, a pertença.

Esta adoração marcada pela associação entre fetichismo – enquanto fixação de afectos em objectos carregados de “forças” – e animismo – enquanto atribuição de “força vital” a um qualquer objecto – pode ser entendida se a ele se associar uma terceira dimensão que parece definir o fanatismo: o politeísmo pagão (já aqui referido).

“Com efeito, se o carácter principal do fetichismo é o da concentração do investimento de afecto num dado objecto, o animismo exprime o facto de que qualquer objecto é, em definitivo, animado. O movimento do fetichismo vai do fetichista para o objecto; o animismo reconhece que o movimento pode vir de qualquer objecto para o sujeito. Por seu turno o politeísmo resulta do encontro dos dois movimentos: o essencial é a pluralidade, a possibilidade de "reconhecer" em qualquer objecto um avatar de um deus, e fazer de qualquer objecto o suporte do culto de um deus, ou de outro. A pluralidade é cultivada, [recusa-se a conceber um ser imaterial exterior ao mundo] e nada é mais estranho a este pensamento do que a unificação "política" do mundo dos deuses. Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.?) nas “Metamorfoses”, reconhece que a luta de morte entre a multiplicidade, o vitalismo que fazia do mundo uma floresta de espectros e o cristianismo – o deus único, o deus exterior, o deus pessoal – vai terminar com a morte, «o crepúsculo dos deuses». Mas hoje talvez vivamos a desforra das «forças da natureza», dos objectos «carregados»², a revitalização e adaptação do animismo à sociedade actual. Este assume-se como um politeísmo difuso, pagão e é nele que jaz o entendimento do fanatismo como uma adoração de objectos de atributos “sobrenaturais”.

Em termos pragmáticos, o fetichismo está também presente nos clubes de fãs, tanto na relação dos membros com o próprio objecto de fanatismo como na relação com os objectos que o representam o objecto de fanatismo.

“Numa sociedade do tipo consumista, marcada pela posse, o sagrado, entendido como dimensão do intocável dá sentido àquilo que possuímos” (Janeira, 1998, pp:34). Tal corresponde o primeiro tipo de relação fetichista, com o objecto em si e nela reconhecemos, por exemplo, a figura do coleccionador.

O segundo tipo de fetichismo é promovido através do coleccionismo e da adopção dos produtos e objectos que relacionam e identificam o objecto de eleição.

De facto, a “mercadoria” veio dominar a vida social (Guy Debord, 1997), sendo o consumismo um dos traços mais marcantes da sociedade actual e dos clubes de fãs em particular – “You are not what you make. You are what you consume” (Twitchell, 2000).

Segundo Baudrillard (1995), “vivemos o tempo dos objectos” e “existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente” (15), experimentando na

² José Rodrigues dos Santos: comunicação escrita

actualidade o *maná* (“it is simply impossible to consume objects without consuming meaning” nas palavras de Twitchell). Mas não se pode resumir a lógica do consumo ao prazer e à necessidade dos objectos: tal como o objecto adorado é uma representação, também o consumo não se funda no objecto em si mesmo. Mais do que um comportamento individual, o consumo é uma “instituição”, uma conduta colectiva que “compõe todo um sistema de valores, com tudo o que este termo implica em termos de integração do grupo e de controlo social” (81). O consumo não é pois apenas biofuncional (em que os objectos são consumidos pela sua eventual utilidade), não se limita às necessidades humanas; é antes um consumo de signos, um “sistema generalizado de troca e de produção de valores codificados”.

Mas para além do controlo e integração dos membros do grupo, o consumo no seio dos clubes de fãs em particular serve igualmente a função de aproximação do fanático ao objecto de fanatismo. E é nesta lógica que se funda a existência de clubes de fãs que têm como uma das principais actividades o coleccionismo relacionado com o seu objecto de interesse (alguns são mesmo constituídos com este propósito). Do mesmo modo, é comum o consumo de objectos (no sentido de produtos) associados aos objectos de interesse. Um exemplo dado por Morin (1972) no seu estudo sobre as “estrelas” é a relação entre Hollywood e a cosmética, em que os produtos cosméticos utilizados na indústria cinematográfica são altamente rentáveis, uma vez que são consumidos pelos espectadores e fãs de cinema e das estrelas que o representam.

2.4.3 O fanático: grau de identificação

Tal como entendemos o fanatismo, ele é um fenómeno simultaneamente individual e colectivo, proliferante e generalizado. É pois possível encontrar vários graus de fanatismo, desde o fanático anónimo cuja relação com o objecto de fanatismo é praticamente inconfessável (de certo modo, um “fanático clandestino”) ao fanático inserido numa manifestação colectiva de fanatismo (como são os clubes de fãs) que assume marcas exteriores da sua condição enquanto fanático. O grau de fanatismo concerne tanto à interiorização (pertença) como à exteriorização (expressão) do fanatismo, quer este aconteça na sua expressão individual ou seja motivada pela sua expressão colectiva. O grau de fanatismo pode ser portanto aferido tendo em conta estas duas dimensões – a pertença e

a expressão – que se exprimem respectivamente através do grau de interiorização – modificação intensiva ou não modificação – e do grau de exteriorização – intensivo ou extensivo. É então possível determinar 4 categorias gerais:

1) *Colectivo profundo*, no qual o indivíduo é profundamente modificado pela relação que o liga ao objecto, mostrando-se interiormente modificado e expressando intensivamente o seu fanatismo;

2) *Colectivo superficial*, em que, apesar da intensidade de exteriorização da sua relação com o objecto, o indivíduo não se mostra particularmente afectado na sua personalidade por esta relação;

3) *Individual profundo (secreto)*, em que o indivíduo, apesar de intensivamente modificado pela sua relação com o objecto, não exterioriza essa mesma relação;

4) *Moda ou capricho*, fruto de uma mera “fascinação” temporária que não implica nem uma grande modificação na personalidade do indivíduo nem uma expressão colectiva da sua relação com o objecto.

Porventura, o fenómeno mais interessante do ponto de vista deste estudo não concerne tanto ao secretismo ou não da relação fanático / objecto de fanatismo mas sim ao grau de transformação que o fã empreende para pertencer ou inserir-se plenamente num clube, para fazer notar o seu fanatismo aos demais, para “oficializar” a relação com o objecto de fanatismo: se é um coleccionador activo e adopta uma postura que o aproxima do objecto de fanatismo ou grupo de fanáticos a que pertence; se o desejo de se assemelhar (o “ser como”) com o seu objecto de fanatismo (no caso de pessoas e personagens) é real e se tal se reflecte profundamente na personalidade.

Na aferição do grau de fanatismo importa ainda considerar a premissa de que “a identificação mútua dos componentes [membros] repousa num laço comum com o chefe do grupo (que pode ser uma pessoa, mas também uma entidade pessoal, ideologia, ou crença)”, em que “todos substituíram seu ideal do eu pelo mesmo objecto” (Freud in Pagès, 1976a: 281). A existência (ou não) de um foco de investimento tal como o chefe, que é o “objecto grupal” de que Freud fala, é um primado essencial, que influencia a forma como o indivíduo se relaciona com o objecto e como essa relação é por este percebida. Do mesmo modo, “quando interiorizamos o simbolismo implícito no ‘estilo de vida’ particular

de um grupo social, adquirimos automaticamente as restrições e as apresentações colectivas do grupo” (Cohen, 1978: 58).

Os grupos distinguem-se através dos seus símbolos externos – penteado, roupas, insígnias, etc – que formam um estilo de vida exclusivo a um determinado grupo e que o distingue dos demais. No caso dos clubes de fãs, é possível que essa diferenciação em relação aos demais se faça através de uma aproximação ao objecto de fanatismo. Daí que comportamentos de mimetismo e coleccionismo sejam comuns. No seu estudo acerca de um ídolo em particular, Skirvin (1999) refere-se a um elo ou união que alguns fãs sentem em relação a este: “they dress like him and do things they believe he would like”. Por exemplo, alguns clubes de fãs de Elvis Presley desenvolvem actividades cujo objectivo é a prossecução das tarefas realizadas pelo ídolo, nomeadamente na área da acção social e da caridade, para além de se aparentarem exteriormente com este e de coleccionarem objectos a ele referente.

Referindo-se às personalidades objecto de fanatismo – as estrelas – Edgar Morin (1972), refere a importância do seu papel enquanto polarizadoras e fixadoras das obsessões. As estrelas intervêm em todos os planos: no plano imaginário e no prático e no plano da dialéctica do imaginário e da prática. As estrelas, sobretudo as de cinema, permanecem nos espíritos dos seus admiradores. Elas modelam os seus sonhos, criando neles uma identificação imaginária. As pessoas identificam-se através do assumir das mesmas práticas e por mimetismo, uma forma de aprendizagem e de adopção de uma personalidade. As estrelas guiam as maneiras, gestos, poses, atitudes e pequenas formas de agir como beber, andar, vestir, fumar ou mesmo como acender um cigarro (lembremo-nos do exemplo dado pelo autor acerca do beijo à Hollywood dos anos 30 do século passado, que foi instituído como o “primeiro sacramento do amor moderno” (126)). A estrela acaba com os dogmas, renova e orienta a moda. Segundo o autor, por vezes o grau de identificação é tal que leva os fanáticos a pensar: “que faria esta estrela se estivesse no meu lugar?”. As estrelas “propõem e comercializam um saber-fazer, um saber-gostar, um saber-viver” (132).

Talvez o melhor exemplo de identificação com o objecto de fanatismo seja o caso dos “Trekkies”, nome por que são conhecidos os fanáticos da já muito célebre série de televisão (também passada para cinema) “Star Trek”, criada por Gene Roddenberry e que

já foi transmitida em mais de cem países. Os primeiros episódios desta saga foram exibidos em 1966 (prolongando-se até ao presente) e relatam as aventuras da tripulação (entre os primeiros o Capitão James T. Kirk e Spock) da nave “Enterprise”, que explora o espaço extraterrestre desconhecido. Esta série de culto influenciou de tal forma a vida dos seus mais acérrimos fanáticos que não é de todo difícil encontrar exemplos de pessoas cujo quotidiano seja profundamente marcado pela vivência desse fanatismo. E a comprová-lo está o facto do termo “Trekkies” estar incluído no *Oxford English Dictionary* (de resto, esta é a única denominação para um grupo particular de fanáticos mencionada no dicionário). De acordo com o documentário “Trekkies” (1997), estima-se que os espectadores da série ascendam a mais de trinta milhões por semana. Também de acordo com a fonte, outros aspectos provam a dimensão do fenómeno: todos os fins-de-semana do ano em pelo menos três cidades diferentes são realizadas “Convenções ‘Star Trek’”; o franchising relacionado com a série obteve receitas superiores a cem biliões de dólares; e até a NASA baptizou a sua primeira nave espacial de “Enterprise”, após ter recebido cerca de 400 mil pedidos. No “mundo dos Trekkies”, é comum a utilização dos uniformes da tripulação como meio de identificação grupal, adoptando-se por vezes a personagem preferida. E no campo das preferências, destaca-se o Comandante Spock, cujas orelhas pontiagudas (típicas do seu planeta de origem – Vulcano) são a imagem de marca. Exemplos desta identificação não faltam: desde o fanático que pondera submeter-se a uma cirurgia plástica para assemelhar as suas orelhas aos habitantes de Vulcano (pontiagudas, portanto) ao fanático que muda o seu nome para assumir o nome de uma das personagens da série (James T. Kirk). Este fanatismo em relação à série levou mesmo à criação de um Instituto no qual é possível aprender a falar correctamente a língua Klingon (*The Klingon Language Institute*), uma linguagem inventada por um linguista falada por alguns povos alienígenas da série. Por todo o mundo, os Trekkies fazem filmes caseiros alusivos à saga, reúnem-se em convenções, debatem a possibilidade de existência de vida extraterrestre e incluem no seu vocabulário diário frases já célebres tiradas da série como “warp speed” e “beam me aboard”.

Os Trekkies são portanto um exemplo da adesão de fanáticos a todo um universo que os dota de uma identidade comum e leva à partilha de um mesmo código de conduta, facilmente identificado pelos indivíduos que lhe são alheios. Contudo, não podemos ver

este indivíduo como completamente dominado: “uma adesão a valores comuns não traduz uma qualquer dissolução da individualidade, mas testemunha a eficácia do controlo social e o eleva do grau de interdependência entre os membros do grupo” (Boudon, 1990a: 87). Segundo Morin, esta relação entre estrelas e os demais é recíproca: as estrelas vivem da existência dos fanáticos e os fanáticos da delas; relação esta que também pode ser extrapolada para outras categorias de objectos de fanatismo. Cowen (2000) expõe esta relação nos seguintes termos: os fãs não são guiados pelas estrelas; utilizam-nas antes como forma de validação do comportamento por eles adoptado, reinterpretando as qualidades dos modelos de modo a adaptá-las à sua própria personalidade e ao seu próprio interesse. Esta reciprocidade é notada se tivermos em conta que o próprio fenómeno do fanatismo pode ter origem deliberada nos objectos de fanatismo ou naqueles que os representam, de forma a provocar um investimento fanático (aspecto aqui não debatido por se assumir a análise do fenómeno partindo do fanático em si).

Guiados ou não, mais ou menos dependentes do grupo de fanáticos a que pertencem, os fanáticos encontram na adopção de marcas exteriores uma forma de não só expressarem o seu fanatismo, mas também de se assumirem plenamente enquanto membros de um grupo cujo denominador comum é o investimento num determinado objecto. O grau de fanatismo pode ser mensurável pelo peso que este fenómeno tem no dia-a-dia do fanático. Comportamentos de coleccionismo e de mimetismo, de adopção de marcas exteriores próprias do universo do objecto de fanatismo ou do grupo de fanáticos que o suporta, a inserção assumida ou discreta em clubes de fãs ou uma clara identificação com um determinado universo de fanáticos; são então variáveis a ter em conta no estabelecimento do grau de fanatismo. Mais difícil será, porém, aferir graus de fanatismo quando os indivíduos não se assumem claramente como fanáticos (o que não invalida uma intensa relação com o objecto de fanatismo). E esta existência de indivíduos de comportamento fanático tão díspar vem reforçar a ideia da heterogeneidade deste fenómeno.

2.4.4 Campos de pertença e de oposição

A procura de uma identidade grupal no seio dos clubes de fãs é jogada no campo da pertença e da oposição. Cada clube de fãs veicula uma mensagem, um ideal próprio, uma

maneira de pensar e agir de acordo com o objecto de fanatismo em questão, veiculando um determinado pensar, mais ou menos coerente e estruturado, que pode ser por vezes competidor a outro ideal. A identidade dos clubes é definida pelas diferenças, em que as suas fronteiras são definidas pelo que "não são", pelo que é considerado o outro: "A diferença em relação a outro grupo é que faz a paridade (...) dos membros de um grupo" (Baudrillard, 1995: 93). A construção de uma identidade fanática pode portanto, em certos casos, operar-se através da oposição (o próprio conceito de fanatismo é por vezes entendido como sinónimo de facciosismo).

Para compreender melhor esta questão há que regressar a Bourdieu e apresentar o seu conceito de "gosto", cuja aferição é importante para determinar a diferenciação existente entre os grupos. "O gosto funciona como uma espécie de sentido de orientação social que orienta os ocupantes de um determinado lugar no espaço social para posições sociais ajustadas às suas propriedades, para as práticas ou bens que convêm aos ocupantes dessa posição" (Bourdieu, 1979: 544). O gosto une e ao mesmo tempo diferencia: é o produto de condicionamentos associados a uma determinada classe de condição de existência; une todos os que são produto de condições semelhantes mas distingue-os de todos os outros naquilo que têm de mais essencial. Ele permite o "reconhecimento mútuo" interno do grupo de pertença e, simultaneamente, manter à distância os que, portadores de habitus e gostos diferentes, devem "ficar de fora", para que a distinção opere. Os gostos são a afirmação prática de uma diferença inevitável, criam aversão pelos gostos dos outros (o que é uma das mais fortes barreiras entre as classes) e evidenciam-se nas práticas humanas, que possuem significações e valores sociais que posicionam os indivíduos no espaço social: as práticas culturais, desportivas, educativas, sexuais, etc, falam de classificação.

A adopção de estratégias de diferenciação entre grupos, já aqui referida, pode levar a esta identidade por oposição em que a relação com um determinado objecto de fanatismo ou um determinado clube de fãs implica a rejeição de outros objectos e clubes, assumindo claramente que ser "fanático de *a*" é ser "anti-*b*".

É nesse sentido que aqui se apresenta um cenário extremo. 1984: "Big Brother is watching you". É neste cenário do livro de George Orwell – 1984 – que o autor concebe um Estado opressor que tudo sabe e tudo vê, não deixando espaço para qualquer

consciência individual, um Estado que reforça a sua autoridade através da fabricação de um inimigo (Goldstein) cuja oposição ao Partido se torna, no fundo, um motivo de coesão entre a sociedade. O inimigo, a quem se dedica dois minutos de ódio (nos quais os espectadores se insurgem contra o inimigo, reagindo com insultos), é a personificação do opositor, a quem se atribui a paternidade de um livro herege contra os ideais da sociedade vigente que, na verdade, fora redigido dentro do partido. Neste caso, o ódio apresenta-se como a força motriz que quebraria todos os laços e reforçaria um único amor pelo partido (“Goldstein e as suas heresias viverão para sempre. Todos os dias, a todo o instante, serão derrotados, desacreditados, ridicularizados, cobertos de escarros...” – Orwell, 2002: 274). Contudo, este seria um exemplo extremo de uma manipulação deliberada na qual a existência de uma oposição reforça internamente o grupo. Mas no universo dos clubes de fãs interessa não tanto o campo das oposições enquanto forma deliberada de coesão do grupo, mas mais a própria concepção do fanático daquilo que lhe é oposto e, conseqüentemente, o comportamento fanático (individual ou grupal) perante essa oposição.

As claques de futebol são um exemplo de como a identidade fanática se pode estabelecer como oposição, de como os fanáticos se movem num campo de pertença diferenciador. Claques como a Juve Leo (Sporting Clube de Portugal – a mais antiga claque de Portugal), os Diabos Vermelhos (Sport Lisboa e Benfica), os Super Dragões (Futebol Clube do Porto) e outros, assumem-se como opositores não só das claques rivais como dos clubes que estas representam (para pertencer à maioria das claques, há que ser sócio do clube que representam) e vice-versa: quem é do Sporting jamais será um “Diabo Vermelho” ou quem é um “Super Dragão” jamais será do Benfica. São conhecidos diversos casos de violência entre claques (a sede da Juve Leo foi incendiada em 1992), sendo estes casos recorrentes sobretudo nos jogos entre clubes cuja rivalidade é mais acentuada. A segurança no desporto – ou a ausência dela – é um tema permanentemente actual na sociedade (lembre-se o debate aquando o Euro 2004), datando a última legislação nacional sobre o tema de 11 de Maio de 2004 (Lei n.º 16/2004 - aprova medidas preventivas e punitivas a adoptar em caso de manifestação de violência associadas ao desporto).

Tanto os lemas das claques de futebol (Diabos Vermelhos: “conosco quem quiser... contra nós quem puder”; Juve Leo: “primeiros a nascer, últimos a morrer”) como

os cânticos por elas entoados reforçam a ideia de que as claques se movem num campo de oposições, de pertença por oposição. A utilização de termos depreciativos (os sportinguistas são apelidados de “lagartos”) quando se pronunciam sobre os seus opositores e o recurso a outras formas de violência verbal é recorrente nos diversos cânticos que é possível ouvir num estádio de futebol por parte das várias claques, cânticos estes cujos objectivos directos passam pela diminuição ou inferiorização dos clubes rivais, a sua ridicularização e despreço. Mas nem todos se referem necessariamente aos opositores. Os cânticos compreendem as mais variadas temáticas – dirigidas não só aos clubes, claques e adeptos rivais em geral mas também aos seus pares – e acentuam os desaires das equipas opositoras, criam um estereótipo embrutecido dos rivais, reforçam a superioridade “natural” do clube de fanatismo, enaltecem as características dos membros do grupo e dos outros adeptos da mesma “cor clubista”, declaram directamente o fanatismo e o amor pelo clube, etc.:

“Nós somos os ultra”

Nós somos os ultra
Os ultra dragões
Comemos lagartos
Também lampiões
Nós vamos ao sul
Ninguém nos detém
Por ti grande porto
Nós vamos cantar
É a pronúncia do norte
Somos o clube mais forte

"Ultras do Benfica"

Ai estes são os ultras do Benfica
Primeiros a nascer
Odiamos os tripeiros
Queremos ver o porto a arder

“Toda a vida esperei para ver...”

Toda a vida esperei para ver
Aquilo que está a acontecer
São já nove anos sem ganhar
Filhos da puta vão acabar
É de partir a moca
Ah! Ah! Ah!
Benfica fora d'europa

(cântico sportinguista)

Estes cânticos manifestam uma identidade fanática por oposição a um grupo rival. Porém, o campo no qual se movem os clubes de fãs é simultaneamente um campo de pertença em que por vezes essa oposição é apenas determinada pelo estabelecimento de limites entre “o que é” e “o que não é”, não havendo uma clara e directa oposição a algo mas sim uma limitação do espaço no qual os clubes se movem. E nem sempre esses limites estão claramente definidos. O fanatismo é um espaço de reinvenção que, apesar de trazer a marca da condição social dos seus membros, actualiza permanentemente a margem de jogo dos actores sociais. Para Bromberger (2001), este é um espaço em que as fronteiras entre as categorias estão menos definidas, em que o “jogo das distinções sociais” se opera mais no estilo do que propriamente na natureza das práticas. Os fanáticos pelas motas podem não ser os mesmos que os fanáticos pela escrita mas estes limites não estão rigidamente impostos. Um exemplo do autor: os cinófilos têm por norma profissões ligadas à defesa do património económico, o que não invalida que um intelectual não possa partilhar essa cinofilia.

Esta problemática leva a uma outra assaz interessante: haverá a existência de “poli-fanatismos”? Será possível que determinados sujeitos adiram a mais do que um objecto, observando-se um investimento múltiplo? E, se sim, que processo é este e como se dá? Ou, pelo contrário, cada objecto de fanatismo absorve a totalidade da energia fetichista do indivíduo? É claro que, no caso destes clubes cuja pertença se define por oposição, existem combinações incompatíveis (quem é do Porto não é do Sporting). Mas no vasto domínio do

fanatismo haverão combinações privilegiadas? É possível que o investimento num determinado objecto remonte para o investimento noutros objectos (como foi referido, o investimento em determinado objecto pode-se dar por “inerência”). Mas será possível a coexistência de relações privilegiadas com diversos objectos na qual a “economia da energia do sujeito” é distribuída equitativamente?

2.4.5 Os clubes de fãs enquanto tribos ou movimentos sociais

É no campo de pertenças e no campo de oposições, no estabelecimento de uma identidade, que é possível aferir a natureza ideológica ou tribalista dos clubes de fãs.

O possível carácter neotribalista dos clubes de fãs já foi aqui referido, na medida em que este advém da partilha de uma mesma admiração. O conceito principal nas tribos seria, segundo Costa et. al. (1996), a sua afectividade, sendo comunidades emocionais com uma lógica de grupo e atitude empática que têm uma relação de pertença intensa e um conjunto de regras específicas com alto nível de implicação. Neste sentido, alguns clubes de fãs têm um cariz tribalista, uma vez que as suas práticas de sociabilidade produzem solidariedades e identidades grupais que giram em torno de sentimentos de admiração partilhados pelos seus membros. Este seu cariz tribal é observado em afinidades sobretudo ligadas à música (punks, rappers, metaleiros, etc) e às ideologias. Os clubes de fãs e outros “grupos de fanáticos” – entenda-se grupos nos quais os membros se relacionam através de um mesmo investimento num objecto de interesse – podem ser considerados tribos se atendermos a estas especificidades da sua conduta. Para Araújo (2003), “falar em tribo é como falar em pacto”, um pacto que assenta na procura de uma identidade, num “resgate das raízes”. Paraphraseando Maffesoli, o autor vê este neotribalismo – que deve ser entendido como uma metáfora – como a representação do declínio do individualismo. Esta metáfora do tribalismo apresenta-se como um processo de reencantamento do mundo (em resposta ao desencantamento do mundo constatado por Weber), uma procura da humanização das relações e da criação de laços afectivos. Mas deste neotribalismo actual não são esperados grandes projectos de transformação do mundo: mais que uma componente ideológica, é a estética que parece predominar.

Estas novas “tribos” não terão uma definição conivente com a terminologia antropológica, uma vez que a elas lhes falta muito das tribos primitivas. São, antes, tribos

afectivas, o que não exclui a possibilidade de nelas haver, à semelhança das suas antecessoras, uma estrutura política, ainda que incipiente. Mais: elas são também altamente territorializadas, defendendo os seus espaços próprios. As “tribos” do novo século, tal como alguns grupos de fãs, são comunidades emocionais, “pequenas mitologias” (Costa e tal., 1996) nas quais os membros estabelecem e reforçam a sua identidade ao construir um esquema de atitudes e comportamentos próprios. Estas novas tribos parecem também distantes do carácter político de que Weber as dota, enquanto “produto artificial da comunidade política” dotadas de uma existência tribal especificamente política (Weber 1994 (1914): 274). Não menosprezando o confronto e a segregação do mundo exterior, por vezes inerente à inclusão tribal, podemos então compreender estas tribos como grupos mediados por um mesmo interesse ou um mesmo objectivo de identidade nas quais, mais do que um grupo de interesse, se estabelece um grupo de pares. De facto, e em oposição aos movimentos sociais, as tribos não parecem ser particularmente motivadas por um desejo de transformação exterior aos membros do grupo e do grupo em si. A predominância de uma estética dita a sua existência de um certo carácter niilista, por oposição aos movimentos sociais.

A existência de clubes de fãs com características de movimento social tem a sua génese na identificação dos fanáticos com o seu objecto de investimento e no campo de oposições (a relação do grupo com os outros ao preservar os valores endógenos no exterior).

Muitos ídolos desenvolvem uma consciência social, ambiental, política, etc; que os leva a assumir diversas causas: um presidente, um partido, uma ideologia, uma religião. Há embaixadores da ONU, membros de organizações ambientais, concertos com fins humanitários... E como ficou registado em relação ao grau de fanatismo, alguns fanáticos assumem uma postura o mais semelhante possível ao seu objecto de fanatismo, o que os leva a abraçar as mesmas causas. A propósito da passagem de Madonna por Portugal em Setembro de 2004, eis um relato do seu concerto:

“Na epopeia da digressão "Re-Invention Tour", Madonna lembrou os males do mundo e os seus antídotos, a música e a religião (...) Obsessões de Madonna?

(...) A Cabala mas sobretudo a mensagem anti-Bush e pró-paz (...) Foram várias as imagens vídeo com iconografia da Cabala (...) Madonna está fascinada com a Cabala, o milenar misticismo judaico. Mas há várias imagens de apelo à união entre palestinianos e israelitas, como a das crianças com "kippa" e lenço árabe que se abraçam..."

(in Jornal O Público – 15/09/2004)

Mas se os ídolos vêm introduzir no fanático uma consciência ideológica, é também possível que estes venham apenas legitimar a ideologia do indivíduo (lembre-se a afirmação de Cowen). De resto, uma das razões apresentadas como promotoras do investimento no objecto de fanatismo é precisamente a admiração das qualidades deste:

“Sven Jashan é um jovem alemão de 18 anos que confessou ser o autor dos worms Sasser e Netsky (...) Os worms Sasser e Netsky, que Sven Jashan criou, deverão ter causado inúmeros estragos em todo o mundo, contando com os danos provocados nos sistemas operativos dos computadores, manipulação ilegal e abusiva de dados e corrupção de sistemas de instituições públicas. (...) O jovem é considerado responsável por mais de 70% dos vírus que circularam na internet nos últimos seis meses (...) No entanto, a posição de Sven Jashan, está agora invertida: passou de condenado a 5 anos de prisão a herói. Tem o seu próprio clube de fãs, o "Sasser support team", que justifica este vírus como necessário para "despertar o mundo".

(in <http://ciberia.aceiou.pt>)

Ou poderão ser os ídolos que, identificando-se com o seu público, se adaptam às suas expectativas? Ou poderá ser uma “acção conjunta³”?

³ A título de exemplo, foi criado um movimento designado por *PunkVoter*, composto por membros de bandas, editoras e fãs da música *punk* e cujo objectivo geral é a oposição ao presidente norte-americano George Bush.

A resposta não será clara. Lembremo-nos dos anos 60, da música como expressão de um novo movimento – o *flower power*. Lembremo-nos da cantiga de intervenção em tempos de autocracia, dos cantores enquanto voz do povo e símbolo de protesto. Parece pois haver uma dupla direcção: por um lado, o objecto de fanatismo vem dar sentido a uma determinada ideologia ou ideal, por outro, ele vem desempenhar o papel que nessa ideologia ou ideal lhe é atribuído.

Há movimentos sociais porque há um interesse num objecto de fanatismo que tem uma ideia capaz de gerar um movimento social ou os movimentos sociais apropriam-se de objectos de fanatismo que se tornam assim a cara de um movimento? Estas duas direcções coexistem.

Alguns clubes de fãs são então dotados de particularidades associadas a movimentos sociais. Situações de carência, interacção, proximidade, comunicação, um sistema de estratificação, associações voluntárias; são condições para a emergência de movimentos sociais (Morrison in Genevie, 1978). A condição *sine qua non* é desejo de mudança ou resistência: eles têm de produzir ou tentar produzir mudanças sociais. Uma tendência para a institucionalização, a organização em torno de uma determinada afinidade, a criação de novos valores, novos estilos de vida e novos projectos de vida, uma forma alternativa de comportamento colectivo, um protagonismo colectivo; são indicadores a ter em conta. E, se existem clubes de fãs que se constituem como movimentos sociais, existem igualmente grupos que se auto-determinam como ideológicos e que serão porventura apenas clubes de fãs. Veja-se o caso dos neo-nazis: eles aparecem fora do contexto, desligados da realidade.

Blumer (in Genevie, 1978) divide os movimentos sociais em movimentos sociais gerais e movimentos sociais específicos. Os movimentos sociais gerais seriam desorganizados, sem liderança e sem membros reconhecidos, com novos valores e concepções utópicas e as suas conquistas feitas através da experiência individual (através do exemplo a ser seguido). Já os movimentos sociais específicos são caracterizados por objectivos definidos, uma liderança e membros reconhecidos, uma estrutura social com valores, filosofia, regras e expectativas próprias na qual cada um ocupa a sua função. Para Herbele, a identidade grupal tem de ser forte e solidária, com ideia e ideologia, grande o suficiente para persistir em caso de mudanças. O movimento social deve sobreviver à

morte dos seus fundadores, desenvolvendo assim um culto místico. A mística, apelando emocionalmente, prometendo sucesso, argumentando com heróis (Lang e Lang in Genevie, 1978) é o instrumento que proporciona o perpetuar do movimento. Os primeiros líderes são lembrados como heróis, mártires, percussores. Daí a importância do líder (só se conhece Hitler e não aqueles a que ele se juntou ou que se lhe juntaram). Os movimentos sociais começam não raramente com um exemplo individual de luta, um líder ou um pequeno grupo que oferece uma solução. Pode partir do líder ou este pode ser escolhido ou apropriado. Pode ser construído com base numa pessoa que representa o movimento ou pode haver um movimento que se aproprie de uma pessoa para se legitimar. Daí a relação directa entre o fanatismo e os movimentos sociais. Daí a relação entre os clubes de fãs e os movimentos sociais. Mais: o próprio objecto de fanatismo pode ser uma ideologia, uma ideia, um ideal, um movimento social em si mesmo, sendo os movimentos sociais uma outra forma de manifestação de um fanatismo, de uma paixão por uma ideia.

2.5 – A construção de um modelo de análise

Um bom problema é “aquele que provoca uma profunda remodelação do espaço problemático da disciplina” (Santos, 1999: 438), “uma questão cuja solução empírica não é trivial mas é possível” (439).

2.5.1 Escolha do tema e questão de partida

Que mecanismo é este que impele as pessoas para o seu objecto de interesse? Concertos, convenções, espectáculos artísticos, exposições, competições desportivas... o que leva determinadas pessoas a deslocarem-se regularmente para estarem perto daqueles que admiram? Que fenómeno é este dos clubes de fãs? Contudo, as primeiras pesquisas no sentido de compreender o fenómeno deram conta de uma realidade muito mais alargada: os objectos de interesse não se limitam a sujeitos nem o fanatismo se pode limitar à existência de clubes de fãs. Dada a evidência de estarmos na presença de um fenómeno não só alargado aos mais variados objectos (heterogeneidade dos domínios) mas também proliferante na sociedade actual, urgiu a necessidade de procurar uma questão cuja resposta levasse à explicação do problema contido na génese deste fenómeno. E esta tornou-se possível com a criação de um conceito que abrange toda a realidade do fenómeno, até

então pouco conhecida: o fanatismo em si. A hipótese e o tema foram então deslocando-se à medida que a realidade dos clubes de fãs surgia como um fenómeno muito alargado, proliferante, heterogéneo, não selectivo e aleatório na escolha dos seus objectos de interesse, tendo-se passado de uma investigação destes clubes para o fenómeno do fanatismo em si, este ainda mais alargado mas proporcionador de uma base de entendimento. Este redireccionar e alargar dos horizontes foi necessário uma vez que os primeiros contactos com a realidade a investigar empiricamente revelaram vários aspectos ainda não ponderados.

Foi então a problemática dos clubes de fãs que permitiu compreender melhor a realidade. Mas não são estes o objecto de investigação em si: esse é o espaço preenchido pelo fanatismo, enquanto um tipo de investimento por parte dos indivíduos nos seus objectos de interesse, que interfere na sua estrutura psíquica e modifica a sua identidade. Uma pergunta aparentemente evidente referente a um fenómeno julgado ser particular de poucos levou à evidência de uma realidade para muitos. Daí a necessidade de alargar a temática num primeiro momento – para situá-la no campo a que ela pertence – e afunilar o estudo num segundo momento – para compreender a génese do fenómeno, estudando-o mais de perto.

Em ordem a tornar esta problemática num problema sociológico, do domínio da ciência, há que abandonar o carácter social do problema, tentando em vez compreender o seu modo de produção. A pergunta de partida deve pois ter em conta os parâmetros de formulação que a enquadram no domínio da ciência: não pode ser muito vaga, longa ou complexa, não deve incluir juízos de valor ou ser filosófica, não deve ter uma resposta óbvia logo à partida ou incluir projecções demasiado alargadas e não pode pedir apenas uma resposta descritiva (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Que processo é este do fanatismo? Que mecanismos sócio-cognitivos operam no domínio dos sujeitos e que o impelem para objectos de interesse? Qual é a sua verdadeira importância na sociedade actual? São estas perguntas de partida que levam à produção de todo um novo espaço de problemas, o que torna o estudo ainda mais interessante e pertinente. Sendo esta problemática carente de um debate ou estudo clarificador, a sua investigação empírica traz novas perspectivas à sociologia acerca do fenómeno desprezado ou mesmo desconhecido do fanatismo.

2.5.2 Hipóteses e objectivos

O fanatismo é um facto social normal que se produz na sociedade em geral (Durkheim, 1995 (1894)), um fenómeno complexo e presente em vários níveis da sociedade. Dada esta evidência de abrangência da temática, não será estranho que se possam admitir várias direcções possíveis de seguir numa investigação empírica. É neste contexto que a adopção de hipóteses se torna essencial. Estas são igualmente importantes na ausência de uma anterior investigação sobre a temática. As hipóteses definem então o rumo empírico substituindo a pergunta de partida enquanto fio condutor da investigação empírica e critério para a selecção de dados a recolher e servem para explicitar a lógica das relações das várias dimensões do conceito de fanatismo. Mas tal não exclui uma particular atenção a outras informações não previstas.

São três as hipóteses a verificar ao longo da investigação, hipóteses que não se excluem, antes complementam-se:

H1: *O fanatismo é um processo universal de procura de satisfação através do investimento em objectos, de uma necessidade que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse.*

H2: *A homogeneidade possível deste fenómeno reside na existência de mecanismos sócio-cognitivos similares que são accionados pelos indivíduos, levando-os à apropriação de objectos de interesse.*

H3: *Esta “economia da energia dos sujeitos” não é definível pelo objecto de interesse. Aquilo que impele os indivíduos para um objecto com o qual estabelecem uma relação privilegiada é um mesmo processo de fanatismo, um mesmo mecanismo sócio-cognitivo que opera independentemente do objecto em questão, não sendo o objecto de fanatismo que determina o fanatismo em si.*

Tendo em conta as hipóteses acima descritas, pretende-se com este estudo contribuir para um melhor conhecimento de mecanismos fundamentais das dinâmicas culturais do nosso tempo:

1) *Compreendendo os mecanismos sócio-cognitivos operados ao nível dos sujeitos e que os impelem para um objecto no qual eles investem;*

2) *Estabelecendo similitudes entre os mecanismos operados por diferentes sujeitos na sua relação com diferentes objectos;*

3) *Estabelecendo os mecanismos sociais que permitem a inserção dos sujeitos em grupo e descrever a sua estrutura;*

4) *Compreendendo a exclusividade ou não dos mecanismos que operam no fanatismo, estabelecendo uma relação particularismo / universalismo;*

5) *Pondo à prova a hipótese que o fanatismo não é determinado pelo objecto em si.*

2.5.3 As etapas da investigação

A investigação pode ser dividida em quatro etapas essenciais: o contacto com a temática, o estabelecimento de um quadro de referência, a estratégia empírica e a ligação entre elementos teóricos e práticos. As duas primeiras etapas são aqui diferenciadas na medida em que acentuam a necessidade de “descoberta” do fenómeno do fanatismo e de construção dum espaço próprio que não lhe fora previamente atribuído.

1) *A definição do estudo:* escolha da temática, primeiras literaturas e pesquisas.

Uma investigação apoiada em exemplos ilustrativos provenientes de uma pesquisa e análise da informação existente mas simultaneamente atenta ao universo no qual este fenómeno se enquadra: a sociedade contemporânea. É esta a conduta assumida. A utilização de informação já produzida é uma opção viável e adequada à situação, uma vez que se trata de informação válida não estudada previamente. Sendo um estudo exploratório e alargado a todo um universo, a produção de informação só se justifica após a análise da documentação existente que, no presente caso, não fora ainda devidamente apreciada.

2) *Criação do espaço de problemas:* pesquisa bibliográfica, definição de conceitos e das suas ligações, organização do quadro teórico-conceptual, clarificação das hipóteses, desmembramento dos conceitos em unidades observáveis.

Dada a inexistência de estudos sobre a temática e de um espaço de problemas claro, é necessário construir um conceito de fanatismo capaz de providenciar um enquadramento teórico consistente ao associar conceitos habitualmente desligados. O conceito de fanatismo proporciona um importante instrumento determinando as variáveis a observar.

3) *A conduta empírica:* definição dos métodos e técnicas a utilizar e recolha de dados.

É estabelecida a abordagem empírica à temática, sendo delineadas as questões a aferir assim como as unidades passíveis de proporcionar um entendimento destas. Num segundo momento procede-se às entrevistas.

4) *A dinâmica teórico-prática*: interpretação dos dados, ligação dos materiais empíricos aos conceitos teóricos, conclusões.

2.6 – Fanatismo: a operacionalização do conceito

“A produção de conhecimentos especificados sobre a realidade social não pode dispensar, entretanto, a transformação dos conceitos e relação entre conceitos (...) em elementos categorizados e proposições capazes de (...) dar conta dos processos sociais nas suas configurações particulares” (Almeida e Pinto in Silva e Pinto, 1995: 69). Esta operação é feita através do desmembramento dos conceitos em indicadores: observar pressupõe categorizar, traduzir conceitos em manifestações observáveis e mensuráveis.

No presente estudo, apresenta-se o conceito totalizante do fanatismo, noção que dá origem às diversas dimensões, variáveis e indicadores que permitirão passar do conceito hipotético de fanatismo para o seu conceito real, observável. Sendo um conceito abrangente, a opção é partir para a explanação do fenómeno sob o ponto de vista do fanático, procurando assim a sua génese. Apesar disso, há nesta delimitação abertura suficiente para a inclusão de outros indicadores que venham a surgir por via da investigação empírica. Do mesmo modo, é essencial apresentar o fenómeno na sua manifestação social.

Quadro III: FANATISMO

Dimensões, variáveis e indicadores do conceito

Dimensão	Variável	Indicadores
Caracterizadora	Adesão	Escolha do objecto Início do interesse / fanatismo Motivos do interesse
	Definição relação	Descrição da relação com o objecto Limites do “fanatismo saudável” Condições / qualidades necessárias para ser fanático

Psicológica	Afecção	Comportamento face à ausência do objecto Outros possíveis objectos de fanatismo
	Significação	Significado do objecto na satisfação do sujeito Sentimentos em relação ao objecto
Dinâmica das práticas	Apropriação	Coleccionismo e adopção de produtos
	Exteriorização	Marcas exteriores visíveis da relação de fanatismo Práticas comportamentais (gestos e atitudes) Práticas simbólicas (vestuário, vocabulário)
	Interiorização	Modificação operada na personalidade dos sujeitos
Relacional (mediada pelo objecto)	Relação com o objecto	Grau de importância do objecto na vida diária
	Relação com os outros	Percepção da relação por parte dos “não-fanáticos” Percepção da relação por parte de outros fanáticos
Social (inserção grupal)	Ingresso	Razões e processo de ingresso Recepção dos outros membros Percepção do ingresso por parte dos demais
	Identificação	Práticas comportamentais (gestos e atitudes) Práticas simbólicas (vestuário, vocabulário)
	Pertença	Vantagens/desvantagens Tempo dedicado a membros e actividades do grupo Pertença a outro grupo Aspectos comuns a todos os membros Existência de ligações afectivas / amizades Conflitos internos
	Estrutura Grupal	Conflitos externos Liderança Diferenças de estatuto dos membros Momentos-chave e rituais

CAP. III: QUESTÕES EMPÍRICAS (... À PRÁTICA)

“No trabalho científico, como num jogo de xadrez em certa fase do seu desenvolvimento, o sistema de regras mais o estado actual do jogo (...) condicionam as opções possíveis dos protagonistas envolvidos” (Almeida e Pinto in Silva e Pinto, 1995: 61).

3.1 – Questões gerais orientadoras da escolha metodológica

3.1.1 Micro e macrossociologia

A assumpção de que o fanatismo é um fenómeno simultaneamente individual e colectivo, particular e universal leva à necessidade de compreender este processo na sua totalidade. Assim, o estudo do fanatismo concerne tanto à relação fanático / objecto como às relações estabelecidas entre os sujeitos através do objecto; tanto à relação com um objecto que é particular como ao processo como o indivíduo nele investe. O fanatismo é então simultaneamente determinado a uma escala micro-sociológica e macro-sociológica e deve ter em conta factores de ordem individual e social e cultural na relação fanático / objecto e na interacção entre os fanáticos e estes e os demais. O fanatismo deverá ser assumido como um todo e nas suas partes, abarcando o estudo das relações interpessoais e intergrupais; os fanáticos, os grupos organizados e a sua relevância na sociedade actual.

3.1.2 Métodos qualitativos e quantitativos

O fanatismo refere-se directamente a uma relação entre os indivíduos e os seus objectos de investimento, um processo que se pretende descrever e compreender. Assim sendo, o fanatismo é uma problemática aberta e extensiva cujo domínio permanece “oculto”: ele é um espaço de descoberta. Tendo em conta este universo no qual as próprias variáveis em jogo necessitam ser validadas e há a necessidade de compreensão de uma relação de investimento não quantificável; o planeamento metodológico deve obedecer aos métodos denominados de qualitativos. A escolha prende-se com o próprio objecto de estudo e da necessidade de descrição e exploração de uma problemática cujo enquadramento teórico conceptual apenas pode relacionar o estudo a realizar com os conceitos de referência. Urge explorar o significado desta relação para os actores

(significados estes inter-subjectivos) apresentando-se a metodologia qualitativa como o recurso ideal para o conhecimento desta realidade. Os métodos qualitativos partem do suposto que o mundo social é construído com significados e símbolos e é precisamente este o objectivo do trabalho: como se dá o processo de investimento no objecto? Que significa para o actor o objecto e a relação que com este desenvolve? Como comparar os diversos clubes de investimento em diferentes objectos? Como relacionar a dimensão do fanatismo às dinâmicas culturais do nosso tempo? O permanente questionamento e problematização do fanatismo e o assumir de uma perspectiva compreensiva determinam esta escolha. Não é, pois, adequado submeter esta realidade a controles ou adoptar modelos estatísticos de precisão matemática. Mesmo que fosse possível, tal não teria significado sem a qualificação dos dados assim proporcionados.

De salientar ainda que em tudo os métodos qualitativos se aplicam ao universo do fanatismo: o conjunto de variáveis não é fechado, havendo a necessidade de uma actualização constante do domínio no qual este processo se desenvolve. Daí que neste caso a metodologia seja igualmente um aspecto em permanente questionamento e evolução.

3.2 A opção empírica

O quadro de referência delimita a opção empírica mas não a pode determinar por inteiro sob a pena de assim se perderem informações muito importantes: não pode ser um sistema fechado.

3.2.1 Tipo de estudo

Pelas razões acima descritas, este é um estudo predominantemente qualitativo, não havendo um procedimento pormenorizado: “é mais o trabalho em si que estrutura a investigação, e não o contrário” (Bogdan e Biklen in Bell, 1997: 36). O fanatismo é uma realidade complexa, na qual o recurso aos métodos qualitativos proporciona os instrumentos que permitem compreender a realidade de modo inteligível, captando o verdadeiro significado dos fenómenos sociais. É através destes que se pretende descobrir o significado do investimento nos objectos para os actores, adaptando os conceitos à realidade observada e compreendendo os meios pelos quais os sujeitos agem significativamente. O objecto aqui deve ser encarado como um elemento (Grisez, 1975) em

que devemos procurar o que o objecto representa para o indivíduo não o retirando do seu contexto social. É também utilizado neste trabalho o paradigma analógico, transportando para o estudo em questão teorias de outros domínios (na ausência de teorias relacionadas directamente com o objecto de estudo).

3.2.2 Técnicas de recolha de dados

Procurar-se-á, através da recolha de dados, a exploração do fanatismo e a produção de um discurso descritivo do processo que atenda aos princípios de credibilidade e aplicabilidade da investigação, de fiabilidade e objectividade (Obaluenga e Ispizua, 1989). A partir de um processo directo (descritivo) e inferencial das informações recolhidas será possível uma *análise qualitativa e comparativa* que faculte a compreensão das estruturas de significação. As técnicas são aqui apresentadas de modo sucinto:

1) *Pesquisa bibliográfica*: é aqui incluída uma vez que o enquadramento teórico determina a opção de outros instrumentos de recolha de dados. Trata-se evidentemente de uma etapa crucial, ainda mais no presente caso, em que a informação assim obtida é adaptada ao fenómeno do fanatismo e não directamente concernente a ele. A pesquisa bibliográfica é, por si só, um objecto de estudo, já que não são conhecimentos que proporcionam apenas um enquadramento da temática: ela própria é objecto de reflexão e impõem-se o seu questionamento;

2) *Entrevistas* a indivíduos representativos no seio dos clubes dedicados a diferentes objectos. A entrevista é fundamental dadas as “condições complexas de produção do discurso” (Grisez, 1975). É importante o investigador apresentar-se perante os membros dos clubes a entrevistar já que os seus comportamentos são difíceis de traduzir da sua linguagem “analógica” para a “digital”. A interacção entrevistador / entrevistado permite assim aprofundar e compreender melhor os significados “em jogo”. “Ao apresentar um conjunto prévio de respostas possíveis, o investigador condiciona desde logo as formas através das quais é possível responder às perguntas” (Foddy, 1996:17). Daí que as entrevistas realizadas sejam semidirigidas, permitindo perguntas abertas (pois dão espaço ao entrevistado para se pronunciar livremente e respeitam a sua linguagem e sistematização do pensamento), sem um formalismo rígido, dando espaço para o entrevistado falar para além daquilo que o investigador lhe propõe. A entrevista deve ser orientada de forma a que

a informação pretendida seja adquirida sem requerer ao entrevistado que ele se afaste da sua espontaneidade. Assim, pretende-se uma maior liberdade para o entrevistado se pronunciar e dar informações, o que pode eventualmente proporcionar informações que, embora não fossem previstas ou consideradas, são importantes. O guião da entrevista deve, pois, surgir como orientador mas não como condicionante: no tema em questão há ainda muito para descobrir sobre o significado dos objectos, da relação que com eles se estabelece e da relação com os outros que por eles é mediada;

3) *Observação directa não participante*, aquando a realização da entrevista, que se pretende realizar no próprio local de convívio dos clubes. Esta será um complemento à informação recolhida através da entrevista que, para além de proporcionar informação adicional, servirá igualmente para testar / validar a informação recolhida por outras vias e esclarecer algumas dúvidas. Captando os comportamentos no momento em que se produzem é possível, entre outros dados, identificar líderes carismáticos e determinar as relações estabelecidas;

4) *A conversa informal*. “Os inquiridos procurarão perceber quais as razões de ser da investigação e das perguntas que vão sendo colocadas, assim como compreender o que é que o investigador pensa deles” (Foddy, 1996: 23), o que pode ter influência sobre o discurso formal do entrevistado. O desenvolvimento de conversas informais de linguagem fácil, fora dos condicionantes que a gravação da informação produz é um poderoso instrumento: garante a espontaneidade e autenticidade das respostas e pode revelar características dos indivíduos que de outra maneira poderiam não ser apreendidas. A observação, entrevista e conversa informal proporcionarão dois tipos de informação que se complementam: uma em que os sujeitos não intervêm na produção da informação; outra em que há intervenção;

5) *Outra documentação*: documentos próprios dos clubes de fãs a estudar (estatutos, sistema de direitos e deveres, acções realizadas, etc) que permitem o acesso à linguagem do informante e um complementar da informação; e outros artigos e informações que concernem ao universo do fanatismo (por exemplo, notícias de jornais ou artigos de revistas).

CAP. IV: A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

4.1 A recolha dos dados

4.1.1 As questões

As questões aqui apresentadas relacionam-se com as variáveis e dimensões previamente definidas como necessárias à exploração do conceito fanatismo. Elas são aqui apresentadas por ordem e de forma esquemática, servindo como guião para as entrevistas dos diversos clubes. Contudo, há que compreender que a linguagem aqui utilizada não está adaptada a uma situação de entrevista: as questões foram colocadas tendo em conta o próprio objecto de interesse e o grupo de fanático. Este guião proporciona as principais temáticas a abordar mas não determina por completo a ordem das perguntas ou exclui a existência de outras informações a aferir, podendo surgir outras questões induzidas pelas respostas dos entrevistados. É portanto, tal como a própria tese, um guião em permanente actualização, aberto a novas dimensões que podem ter escapado inicialmente. Além destas questões foram igualmente realizadas entrevistas a membros relevantes dos clubes, procurando-se assim aferir informações complementares sobre o clube em si como o seu processo de formação, objectivos, actividades desenvolvidas, número de membros e outros esclarecimentos sobre o clube ou o objecto.

Quadro IV: Questões das entrevistas

Questão	Variável	Dimensão
Como começou o interesse pelo objecto? Porquê esse interesse?	Adesão	Caracterizadora
O que é ser fanático do objecto? Que qualidades é necessário ter? O que distingue o objecto dos demais? Porque não outro objecto? Quais são os limites do “fanatismo saudável”?	Definição da relação	

Como se comporta face à ausência do objecto? Existem outros objectos de fanatismo? Quais?	Afecção	Psicológica
O objecto é importante porquê e para quê? Que sentimentos advêm da relação com o objecto?	Significação	
Colecciona artigos ou adopta outros produtos relacionados com o objecto?	Apropriação	Dinâmica das práticas
Há uma tentativa de exteriorizar essa relação? Há algo na forma de apresentação que denote o fanatismo?	Exteriorização	
De que forma a relação com o objecto modificou a personalidade?	Interiorização	
Fora da esfera grupal, dedica tempo pessoal ao objecto?	Com o objecto	Relacional (mediada pelo objecto)
Tem amigos ou familiares fanáticos? Do mesmo objecto ou de outro? Como família e amigos (fanáticos e não fanáticos) sentem o seu fanatismo? É criticado, incentivado? Que opiniões e sentimentos?	Com os outros	
Como tomou contacto com o grupo? Como se processou a inserção no grupo? Como família e amigos (fanáticos e não fanáticos) reagiram ao seu ingresso? Tem amigos ou familiares pertencentes ao grupo? Como foi a recepção dos outros membros?	Ingresso	Social (inserção grupal)
O grupo e os seus membros partilham uma mesma forma de se comportar ou apresentar perante os outros? O que une todos os membros do grupo?	Identificação	
Existem relações afectivas de amizade entre os membros? Dedica muito tempo aos membros e actividades do grupo? O que é ser um membro exemplar?	Pertença	

Quais são as vantagens e desvantagens de pertencer ao grupo? Há conflitos entre os membros? Já ponderou sair? Em que caso sairia? Pertence a outro grupo de fanáticos? Qual?	Pertença (cont.)	Social (inserção grupala)
Existem outros clubes ou objectos com o qual o grupo se relacione? Ou grupos considerados opostos? Os membros possuem o mesmo estatuto ou há uma hierarquia? Existe alguém que assuma a liderança do grupo? Há rituais seguidos pelo grupo? Quais são os momentos-chave?	Estrutura Grupala	

4.1.2 Os entrevistados

Na procura de mecanismos sócio-cognitivos que determinem o fanatismo é necessário compreender como estes operam face a diferentes objectos. Sendo o fanatismo um fenómeno simultaneamente individual e colectivo é também essencial comportar a dimensão social do fenómeno e o ingresso nos diversos clubes. Assim, a investigação empírica incide sobre membros de vários grupos nos quais há um investimento em diferentes objectos:

- 1) Coleccionismo (filatelia, numismática e outros colecionáveis)
- 2) Columbofilia (competição desportiva com o pombo-correio)
- 3) Claque (grupo de apoio ao clube Benfica)
- 4) Comunidade (grupo de caminhada para o cristianismo)
- 5) Vespa Clube (veículo motorizado)
- 6) Clube de fãs do Tony Carreira (músico e cantor)

Procurou-se, sempre que possível, entrevistar membros de diferentes classes etárias e ligações ao objecto e ao clube mais e menos duráveis, num total de cerca de 15 horas de entrevistas.

Quadro V: Entrevistas por grupo

Nº/ Anos	Grupo											
	Colec.		Colum.		Claque		Comum.		Vespa		Tony	
	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx
Idade	46	74	26	54	19	27	17	78	26	74	28	50
Ligação ao objecto	5	50	15	45	S	S	S	S	6	50	3	11
Permanência no grupo	3	25	8	24	1 / 2	3	3	27	6	6	RE	5
Entrevistados	7 (5M 2F)		7 (7M)		7 (7M)		5 (2M 3F)		5 (5M)		6 (6F)	

S = Sempre

M = Masculino F = Feminino

RE = Recém entrada

4.2 Caracterização das unidades de estudo

4.2.1 A claque do Benfica

Ninguém vai desistir / Ninguém te vai abandonar / Somos Ultras Benfica / Diabos Vermelhos pra te apoiar / Para ti sempre fieis / Trazemos-te no coração / Por ti nada temeremos / Por ti sofreremos / És o campeão

(Cântico do Núcleo de Évora dos Diabos Vermelhos “Sempre fieis”)

O Sport Lisboa e Benfica, clube desportivo, nasceu em 1904 como Sport Lisboa, clube de futebol vermelho e branco, com a águia como símbolo e sob a divisa *Et Pluribus Unum*. Nos seus mais de cem anos de história, o “Glorioso” (como é apelidado), alcançou vários títulos no futebol como 31 campeonatos nacionais, 24 taças de Portugal e 2 Taças dos Campeões Europeus (Liga dos Campeões). A claque de apoio ao Benfica, Diabos Vermelhos, foi formada em 1982 por um grupo de sócios que habitualmente se juntava nos encontros de futebol no Estádio da Luz e tem como símbolo um diabo, o “Docdevil”. Com o lema “connosco quem quiser... contra nós quem puder”, são uma associação cuja relação

com o clube Sport Lisboa e Benfica é baseada no apoio, defesa e enaltecimento do clube (tanto mais que para se ser sócio dos Diabos Vermelhos é necessário ser sócio do Benfica). Assim, a pertença ao grupo implica, antes do mais, apoiar o Benfica (“a todos aqueles que pretendem ser sócios dos Diabos Vermelhos para ter benefícios pedimos que não se inscrevam”). Para além disso, os membros dos Diabos Vermelhos comprometem-se igualmente a defender a sua associação e membros.

Em 2002, no regresso de um jogo do Benfica, alguns eborenses decidem constituir um núcleo dos Diabos Vermelhos em Évora. Havendo um número razoável de interessados, o núcleo estabeleceu as suas reuniões às quintas-feiras, aproximando os seus membros, que habitualmente se deslocam aos mais variados locais para apoiar os encontros desportivos do Benfica, principalmente de futebol. O núcleo de Évora tornou-se pois bastante activo, fazendo mesmo deslocações fora do país para assistir e apoiar os jogos internacionais da equipa de futebol do Benfica. Para além do apoio ao Benfica, o núcleo desenvolve pontualmente outras actividades com o intuito de angariar fundos para as despesas das deslocações como feiras e torneios que servem, por exemplo, para o aluguer de transporte. Actualmente o núcleo, reconhecido oficialmente pela claque e com mais ou menos 15 elementos, reúne-se em sede (propriedade de um dos membros) todas as quintas-feiras, reunindo-se igualmente aos fins-de-semana para assistir ao vivo aos encontros do Benfica. É, à semelhança das claques no geral, composto por jovens.

Mais do que fazer parte de um grupo, é essencial na claque ser-se benfiquista, ter muito amor ao clube, pois implica a deslocação e a presença nos mais variados locais onde o Benfica joga – Madeira, Bruxelas, Roma, Porto, etc. – traduzindo-se num esforço não só monetário mas também numa dedicação que absorve bastante tempo (“lembro-me de ir a Braga, cheguei eram 7 da manhã, lembro-me de ir ao Dragão e cheguei eram 7 e meia, olha este ano vou para o Bessa cheguei eram 7 da manhã, a Guimarães, fui a Guimarães cheguei eram 8 e meia”). Apesar de alguns elementos da claque declaradamente se dedicarem mais ao grupo que ao Benfica, para os membros do núcleo primeiro está o segundo: “sou dos Diabos por causa do Benfica, não sou do Benfica por causa dos Diabos”. Um interesse excessivo na claque em detrimento do Benfica, para além de prejudicar o clube, mostra uma desunião que se quer afastada, pois uma claque tem de ser unida. Estar na claque é

portanto apoiar o Benfica e dedicar-se à claque de forma a reunir o apoio que o clube merece (mesmo que os jogadores não o mereçam tanto).

Ser um membro da claque não é, portanto, ser um adepto normal de bancada. Ser um membro da claque é fazer parte de um grupo organizado de apoio que marca presença “em todo o lado” e que tem uma visão completamente diferente daquilo que deve ser o apoio prestado: “enquanto o Benfica sofre um golo o pessoal começa a assobiar, a gente começa a cantar, a incentivar”. Nos bons e nos maus momentos, a claque apoia o clube durante os noventa minutos em que decorre um jogo. Seguramente, vêem na sua conduta uma forma de motivação que tem uma cota parte de influência num resultado favorável. Daí a importância de estar no estádio.

O apoio é, pois, o conceito dominante. Este é feito de forma organizada, ocupando as claques um espaço próprio (um sector ou uma “curva”) e desenvolvendo as mais variadas coreografias com recurso a diversos materiais (bandeiras, faixas, tochas, fumos, papéis, tambores) e cânticos, o que traz um outro “colorido” ao espectáculo. No fundo, a sua forma de apresentação – o “tifo” – é um espectáculo dentro do próprio espectáculo, uma dinâmica de cor, alegria e movimento. As coreografias são um aspecto fundamental. Mantidas em segredo até à altura dos jogos, pretendem também surtir um efeito surpresa nas claques adversárias. Este secretismo deve-se ao facto de ser importante não dar pistas ao adversário que, conhecendo a coreografia opositora, poderia adequar a sua coreografia como resposta: “Eu lembro-me de uma vez, houve um jogo em Alvalade que a gente sabíamos a coreografia deles e também metemos uma resposta. Eles tinham uns “chouriços” [matracas] (...) e a gente mandou uma resposta a dizer: “esses chouriços são o quê? é um fetiche?”, uma coisa assim”.

Ficando a coreografia à responsabilidade da sede da claque, cada núcleo tem por tarefa própria realizar as suas próprias faixas, estandartes, bandeiras e outros materiais. Assim, apesar da claque se apresentar como um todo, cada núcleo possui o seu próprio material e o de Évora não foge à regra. Tirando a faixa, que identifica a origem dos adeptos, todos os outros estandartes, com os mais variados temas, foram realizados pelos elementos do núcleo: “anti-lagartos”, “é Porto é merda”, “Diabos on tour”, etc. É importante a identificação do núcleo dentro da própria claque, a sua origem e a sua cidade, motivo de orgulho: “Nós aqui que somos um núcleo dos mais recentes e meia dúzia de

gatos-pingados, etc., já vamos às deslocações lá fora e é sempre bonito um gajo lá estar presente.”.

A possível contribuição para a vitória da equipa passa também pelo domínio sobre a sorte ou o azar através da ritualização. O núcleo, pelo sim pelo não, sempre vai realizando os mesmos gestos que talvez tenham influência (ou não) sobre o desenlace de uma partida. As “místicas” passam por beber um bagaço em Vendas Novas, comer uma sopa de pedra em Almeirim quando se deslocam ao Norte, parar sempre no mesmo sítio nas deslocações, fazer as mesmas coisas todos os fins-de-semana. Estas são já tradições do núcleo: mesmo que não tenham influência, elas são sempre realizadas para “dar sorte”. Outro ritual do núcleo é o “exorcismo”. Trata-se de uma prática destinada aos novos membros, uma espécie de praxe, uma “brincadeira (...) também para esse rapaz que vai entrar” que talvez possa funcionar como reforço do espírito de grupo e facilitadora da inserção do novo membro: “cada vez que entra aqui um membro novo (...) é exorcizado. Exorcizamos aqui! É desde ser atado com fita-cola, pintado, tirar fotografias deles depois pintados, todos ali ao pé da estrada, todo atado às cadeiras”.

Os Diabos Vermelhos, enquanto associação, têm uma direcção própria. Em Évora, contudo, não há uma hierarquia definida. A experiência dita-lhes que a existência de um presidente local é causa de conflitos (“parece que ninguém quer mandar mas, quando há um a mandar, há sempre aquele que quer mandar”) pelo que as decisões são tomadas em conjunto e as tarefas distribuídas numa lógica de entreajuda. Havendo um dia estabelecido para as reuniões, os assuntos são debatidos pelos presentes na procura de um consenso: um voto é um voto. Mas a distribuição de tarefas também implica que haja membros que se destacam pela especificidade do trabalho que realizam no núcleo. Há um responsável pelas contas, um responsável por encomendar os bilhetes e outras tarefas como marcar reuniões ou contactar com a sede. Assim, apesar de não haver uma liderança efectiva, há alguns membros mais respeitados. E essas diferenças são visíveis: “Nem a gente, nem todos davam a entrevista, de certeza absoluta. Mesmo se quisessem não davam todos, que a gente não deixava, que há aqui pessoas que são...”.

Em Évora não existem outras claques tão organizadas como os Diabos (pelo menos não há esse conhecimento por parte dos membros), daí que a relação com os apoiantes

locais de clubes rivais não seja necessariamente conflituosa. Na verdade, alguns elementos têm amigos em claques rivais, apesar de tal não significar que haja um bom entendimento a nível de claques. A única amizade oficial conhecida é com a calque do Espanhol de Barcelona. Em Évora há igualmente um bom entendimento com a outra claque do Benfica, os “No Name Boys”. Na sede do núcleo, podem-se mesmo encontrar pessoas exteriores à claque e mesmo de clubes rivais.

Mas se em Évora a relação com outros membros de claques resulta pacífica, “todos se dão bem”, nas deslocações “não se podem ver uns aos outros”. A rivalidade nem sempre é assumida como inimizade mas na altura dos jogos a competição é levada a sério, tanto mais que é possível encontrar nas coreografias e estandartes alusões depreciativas sobre os rivais. As hostilidades são direccionadas sobretudo para as claques dos clubes rivais, provocando alguns episódios que ultrapassam a violência verbal: “Panteras Negras: os Diabos e os Panteras Negras do Boavista não se podem nem ver. Há sempre briga! Quando é isso, Boavista-Benfica há sempre, sempre, sempre.”; “no dia dos jogos, quando é Benfica-Porto por exemplo, são inimigos autênticos porque uma pessoa vai ali... é mesmo defender e fugir e sei lá. Porque é assim: eu apesar de não gostar de porradas, eu vou ao estádio deles; se vierem para cima de nós eu tenho de me defender. Aí é assim.”. Podem-se apelidar de anti-lagartos (Sporting) ou anti-tripeiros (Porto) mas acima de tudo, os Diabos Vermelhos são do Benfica e o clube é mais importante do que qualquer rivalidade.

Aliás, em relação à violência nos estádios, a claque sente-se injustiçada. “Normalmente na televisão – ou mais na televisão e nos jornais – só se fala para dizer mal. É só da violência. É isso. Acontece como acontece em todos os sectores da sociedade. Todos. Aqui é mais marcante porque uns estão vestidos de vermelho, os outros estão vestidos de outra cor qualquer ou o contrário”. Como “em todo o lado”, há pessoas com diferentes propósitos e enquanto uns apoiam o clube, outros procuram confrontos: “é meio meio”. Daí o preconceito que existe em relação às claques, tidas como potencialmente violentas. Mas segundo estas, a polícia é muitas vezes, por negligência ou provocação, a causadora das cenas de violência. No núcleo reforça-se que o principal objectivo da claque é o apoio ao Benfica, o estabelecimento de amizades e o apoio entre os membros. Daí que haja também membros que são da opinião que há que repreender esses mesmos membros que provocam distúrbios.

De resto, reforçam espírito de grupo fomentado na claque e deixam o convite: “Venham para a claque que isto é bom!”. Mas “não venham a pensar em violências que isso não leva a nada”.

4.2.2 O Clube de Fãs do Tony Carreira

*Tudo só por ti / com amor vamos fazer! / Tudo só por ti / e ainda é pouco podes
crer (...) Para dizer a verdade / não damos nem metade / do que nos dá / Pelo que nos tens
feito / viver no nosso peito / não é demais / não tem preço que teste / e se a gente merece /
tu mereces muito mais (...) Tony mereces tudo / que há de profundo / em nossos corações*

(Excerto do hino do clube “Tudo só por ti”)

Tony Carreira, músico e cantor português, começou a sua carreira por concorrer ao festival da canção em 1988. Tendo conseguido o seu primeiro contrato em 1990, lançou o seu primeiro disco no ano seguinte. Em 1994 chega pela primeira vez à platina e um ano depois consegue o seu primeiro grande sucesso. O ano de 1999 representa uma viragem na sua carreira, tornando-se então cantor de baladas de amor. Já esgotou salas como o Olympia de Paris e o Pavilhão Atlântico. Dois dos seus álbuns (2003 e 2004) são quádrupla platina.

O seu clube de fãs – Fã Clube do Tony Carreira – foi criado em Agosto de 1999 e tem hoje cerca de mil e quinhentos fãs. É um clube oficial com uma quota anual de 25 euros e cujo ingresso dá direito a um poster autografado do artista e a um CD com o hino do clube. Os membros do clube têm ainda acesso à sua agenda de espectáculos e descontos na sua discografia. O clube de fãs tem uma presidente que é responsável pela sua organização, que contacta os outros membros, dando conta de algumas actividades ou avisando quando se devem pagar as cotas. De resto, todos os membros são iguais, apesar de “pessoas que estão no clube há mais tempo” poderem sentir “que têm outra importância”. Não vêem outros grupos como “amigos ou inimigos” mas lá vão dizendo que o seu clube é o melhor.

Uma das particularidades deste clube é a organização anual de um almoço de convívio entre os membros do clube e o artista, que é muito apreciado pelas fãs: “é um dia diferente, é um dia que estamos com ele, é um dia que almoçamos com ele e que ele nos dedica o dia inteiro a nós. E depois passa a tarde a cantar para nós e a tirar fotografias connosco e nós saímos de lá felizes. Como nenhum faz!”. Outras actividades desenvolvidas passam por excursões para acompanhar o artista aos vários locais no estrangeiro onde actua.

As suas fãs gostariam de poder acompanhá-lo para todo o lado, o que se torna complicado, já que ele se desloca a todos os cantos do país (e fora dele). Muitas não vão a todos os espectáculos porque não podem, tendo assim que seleccionar os sítios mais perto das suas áreas de residência. Assim, vão acompanhando sempre que podem e têm disponibilidade – “Acho que devemos fazer isso por ele.” – e essa iniciativa é tomada individualmente: “Nós vimos a um concerto pura e simplesmente por carolice, digamos assim. Nós vimos mas não há interesse nenhum (...) Nós vamos porque vamos, não é nada incitado pelo clube de fãs.”

As fãs estão nos concertos horas antes do espectáculo para conseguir um lugar da frente. Cinco horas antes do espectáculo já a fila da frente está preenchida por fãs que aguardam sentadas: “São cinco horas que estamos aqui à espera só para o ver, só para o ouvir cantar. Mas depois também temos paz.”. Quando o “check sound” começa, acompanham os primeiros acordes com as letras das músicas, que sabem do princípio ao fim. Algumas levam cartazes de apoio ao artista ou com o nome das suas terras e nos concertos pode-se ouvir: “É To, é Ny, é Tony Carreira”, “Oh Tony és tão bom”, “És tão bom”, “És o maior”...

Os membros contactados fazem questão de dizer o seu número de sócio e disponibilizam-se para mostrar os seus cartões. Gostam de se identificar não só como fãs mas também como membros do clube. Gostam igualmente de ser reconhecidas pelo cantor enquanto tal pois ser do clube é diferente de ser um mero fã: “eu sinto-me um bocado especial apesar de mesmo as pessoas que não fazem parte do clube de fãs o admirarem, gostarem dele. Só que acho que ele começa-nos a conhecer e eu sinto-me muito feliz com isso.”. Entrar no clube de fãs é pois um ponto de viragem: “desde que comecei a fazer parte do clube de fãs sinto que é diferente quando vou ao pé dele.”; “É diferente. Sinto um

tratamento diferente. Não sou uma igual às outras todas.”; “a relação que nós temos é diferente, é já mais de amizade.”.

A exposição que o Tony Carreira tem é de tal ordem que até nas fãs causa alguma perplexidade: “Este homem tem que ter um dom qualquer para arrastar estas multidões e para despertar um interesse”. Daí o enfatizar das qualidades do artista, sobretudo a humildade pois é por isso que ele se destaca, por ser tão humano. As fãs apenas desejam que ele assim continue, a cantar durante muitos anos: “o que eu gostava e quando tenho oportunidade lhe digo é que ele se mantenha o Tony de sempre, o Tony que tem sido até hoje. Porque tenho a plena noção que uma pessoa começa como ele começou, que chega onde ele está, tem que ter os pés bem, bem, bem assentes na terra para não se deixar mudar.”. Mas esta exposição pode também ser negativa e há quem ridicularize este fenómeno. Por isso, as fãs deixam um apelo: “acho que ele é uma pessoa muito humilde e que respeita todas as pessoas. Acho que todas as pessoas também o deviam respeitar.”. Até porque “é saudável vir aos concertos dele. Sinto-me bem quando saio daqui!”. Finalmente, fazem um convite: “as pessoas se gostam não perdem nada em fazer parte do clube de fãs”.

4.2.3 O Vespa Clube

A vespa carrega uma “história apaixonante” que todos os apaixonados deste “veículo mítico” sabem de cor e gostam de contar. Durante a Segunda Guerra Mundial, uma fábrica italiana do campo aeronáutico, propriedade de Enrico Piaggio, estudou um novo motor que substituísse as pesadas baterias dos bombardeiros e que lhes retiravam capacidade de carga. Finda a guerra, todo o projecto, que teria implicado altos custos, torna-se obsoleto, tendo sobrado igualmente outras peças excedentárias como rodas de trens de aterragem e alumínio. Decidido a mudar de rumo, Piaggio (“o senhor das vespas”), idealizou uma scooter que pudesse ser fabricada com todo esse material sobran-te. Assim, a vespa, que começou a ser comercializada em 1946, é “quase que como um subproduto da Segunda Guerra Mundial” cuja popularidade se depreendeu desde muito cedo, sendo na década de 50 do século passado utilizada enquanto veículo de passeio que já permitia – a quem não possuía poder de compra para adquirir um automóvel – percorrer maiores distâncias. Com mais de 15 milhões de veículos vendidos e sendo um fenómeno à

escala mundial, a vespa foi divulgada por vários nomes sonantes, incluindo a célebre actriz Marilyn Monroe. O seu curioso nome deve-se, segundo pensam, à sua “cinturinha apertada e aquela parte de trás que fazia mesmo lembrar o abdómen de uma vespa”, apesar de outras versões indicarem que o seu nome provém do som característico do seu motor.

O Vespa Clube de Évora descende do Núcleo Vespista de Évora que foi criado em 1996, aquando do 1º Iberivespa. A esse encontro assistiram alguns dos agora membros do clube, que ao verem os veículos restaurados, recordaram a sua antiga “paixão” pela vespa: “Quando a pessoa tem em si o bichinho do hobby e de querer fazer, então isto é apelativo para fazer, para dizer assim: “eu vou comprar uma coisa destas e fazer um trabalho deste””. Juntaram amigos que partilhavam esse mesmo gosto pela vespa e influenciaram outros a gostar, dando origem ao Núcleo Vespista de Évora. Em 1999 o núcleo decidiu oficializar a sua relação à vespa, tendo realizado a escritura notarial de constituição do clube e passando a denominar-se de Vespa Clube de Évora.

O clube, um dos únicos três vespa clubes registados, apresenta-se em vários encontros de vespistas em todo o país – cujo objectivo “é falar de vespas, é ver vespas” – e realiza ocasionalmente passeios de vespa durante o fim-de-semana: “Juntamos grupos de pessoas (...) Vamos nas vespas, apanhamos o fresco na cara, a sensação das duas rodas (...) vamos andando, vamos passeando.”. O clube realizou também vários encontros anuais em Évora: “Comprávamos o porco, assávamos um porco, um porco inteiro assado no espeto para pôr ali para a malta comer”. Em Évora, são cerca de quarenta a cinquenta associados e o clube é aberto para todos os que tenham vespa.

Não há laços estreitos com outros grupos fora do universo da vespa. Pontualmente são-lhes pedidos apoios para determinados eventos (participaram, por exemplo, no dia da marca italiana) mas as relações que desenvolvem são sobretudo com outros clubes vespistas: “a toda a hora nos telefonam a perguntar coisas; se não fazemos nada este ano; como é que é o encontro tal (...) onde é que eu comprei as peças... Isso é normalíssimo com os outros clubes de vespa”. Essas ligações vão sendo cimentadas nos vários encontros de vespas e vespistas. Tendo a vespa uma grande divulgação pelo mundo inteiro, estes encontros são também locais privilegiados de convívio entre vespistas de todo o mundo.

Segundo os membros do clube, não existem grupos opositores ao seu já que ocupam um “espaço muito próprio” (“muito nosso, único”). Daí que também não sejam “concorrentes de ninguém”. Aliás, “a filosofia do vespista é um gajo pacífico, calmo, tranquilo e que consegue aguentar tudo e levar tudo, não fazer caso, deixar andar.”. Fazem questão de se demarcar dos motards, que têm uma “filosofia completamente diferente”: “Os motards é andar depressa, em alta velocidade, correndo riscos de acidente (...) enquanto que as vespas andam a oitenta e a noventa e a gente curte na mesma o prazer das duas rodas: o ar na cara, o andar em equilíbrio.”. Os motards têm “outro tipo de organização”, são “gente com mais sangue na guelra”.

O Vespa Clube de Évora tem um presidente mas a liderança “é um bocado assumida por todos”, por parte dos membros mais activos. “Não é o presidente que decide, que impõe”: as decisões são tomadas em conjunto (“falamos todos, discutimos todos, é válida a ideia de todos”) e no núcleo duro do clube todos trabalham na medida das suas possibilidades (“somos todos igualmente amigos, igualmente importantes, igualmente necessários”). Mas há sempre membros que se destacam, sobretudo pelas suas capacidades técnicas e que, por isso, têm um estatuto especial

Apesar de não imporem aos seus membros a escolha da vespa em detrimento de outros veículos motorizados (os “aspiradores” – aceleras e outras scooters), os seus passeios são de “participação exclusiva a possuidores de vespas”. Não têm actividades ritualizadas com um aspecto sistemático mas sempre se vão juntando, normalmente perto de uma bomba de gasolina, para seguirem em grupo nos seus passeios ou assistir a vários encontros por todo o país. Outrora tentou-se institui-se um dia, local e hora para os passeios mas tal não resultou, pelo que “o melhor é combinar de véspera sem passar pelo clube”, passando a notícia de boca em boca.

Sendo utilizadores e admiradores das vespas fazem uma chamada de atenção para a falta de segurança que sente na estrada, sentindo na pele “a incompreensão das outras pessoas e a superioridade por irem num automóvel”, “verdadeiras armas de arremesso”. Fazem também um apelo: as vespas devem ser bem tratadas (“como elas merecem”) e recuperadas pois “é muito bonito a gente ver aqueles veículos a funcionar e a girar na estrada.”.

4.2.4 O clube columbófilo

A columbofilia é ainda hoje uma prática desconhecida para muitos. Para alguns, os columbófilos são apenas “os indivíduos dos pombos”, desconhecendo que a columbofilia é, de facto, um desporto: “um desporto em que o columbófilo acaba por ser o preparador físico dos pombos, o orientador tático, o veterinário”. Na prática columbófila, há que “escolher os pombos, saber quais é que estão em condições, mantê-los em condições sanitárias tanto quanto possível o mais perfeito para que no dia dos concursos os pombos possam ganhar”. Esta dimensão da competição é “a mola real da columbofilia”, de “um desporto que ao fim-de-semana [altura das competições] é conjunto mas no dia-a-dia é um desporto isolado”. A classificação do pombo é pois “o ponto final sobre o trabalho de uma semana”. A columbofilia alia o gosto pelo pombo-correio (que tem características intrínsecas que o diferencia) à dimensão desportiva: há pessoas que têm pombos e não são columbófilos mas todos os columbófilos gostam de pombos. A palavra columbófilo reporta, pois, para uma estrutura; uma organização de agremiação de uma prática desportiva. E para a prática deste desporto é preciso pertencer a um clube: “Ter pombos de competição e não fazer parte de uma colectividade não faz sentido (...) só podemos ter pombos de correio fazendo parte da colectividade, uma vez que as anilhas são requisitadas através da colectividade.”. Na competição, o pombo-correio é solto a várias distâncias do pombal, sendo o objectivo o seu regresso. Levam na pata uma anilha extensível que permite, aquando do seu regresso, marcar “a hora, o minuto e o segundo a que o pombo chegou. São feitas as contas – porque nem todos os pombos estão à mesma distância do local da solta – são feitas as contas e o que fizer melhor média é o que ganha.”.

Durante cinquenta anos apenas houve uma sociedade columbófila em Évora, das mais antigas do nosso país. Com o seu desenvolvimento, surgiram algumas “desavenças” que levaram a uma cisão entre os seus membros. Como “havia columbófilos em número suficiente que justificassem uma outra colectividade”, dividiram-se, vindo alguns desses membros a fundar, em 1981, o “Clube Columbófilo de Évora”, “a colectividade mais forte do distrito” nos dias de hoje.

“Essencialmente quando se fundou e se construiu esta sede o objectivo não era a única vertente de praticar a columbofilia mas sim ter horizontes alargados em termos

sociais”. Acolhendo, por exemplo, a população idosa. Daí que o clube esteja aberto não só para praticantes da columbofilia mas também para outros que se lhe queiram associar. Mas nem sempre é fácil conciliar estas duas vertentes – a prática desportiva e o apoio social – pois a maioria dos columbófilos são amadores, com outras actividades e, a não ser através da exploração do bar, não há forma de promover essa vertente social. Assim, a actividade desenvolvida passa sobretudo pela prática da columbofilia. Têm igualmente um bar no qual é possível conviver. Dependendo das direcções, ocasionalmente desenvolvem outras actividades como exposições, concursos de desenhos e sessões de esclarecimento, promovendo a construção de pombais nas escolas (que existem em várias destas instituições mas não em Évora).

O clube é um “ponto de encontro” de um desporto que é sobretudo individual, sendo a competição a vertente praticada em grupo. Ele serve para recolher os pombos a enviar a concurso e para saber os resultados. E também como convívio.

Os destinos do clube são confiados a cinco membros que compõem a direcção, três do conselho técnico, três do conselho fiscal e mais cinco da assembleia. Estruturalmente, estão divididos entre “sócios efectivos” – que são os praticantes da columbofilia – e os “sócios auxiliares” – outros associados que não estão directamente ligados à prática columbófila – e que perfazem no total cerca de duzentos associados. Hoje em dia são mais os sócios auxiliares pois há no clube um bar para uso exclusivo dos sócios (a tal vertente social). Apesar de não estarem ligados à columbofilia, estes sócios acabam por interessar-se por este desporto, colaborar e acabam “por torcer por este ou por aquele”. Apesar de haver jovens no clube, a prática columbófila acarreta muitas despesas, o que afasta alguns jovens, sem possibilidades de sustentar sozinhos esta actividade. “Há poucos pais que querem investir” e “infelizmente”, também “não é um desporto que vá cativando os jovens”. Entre os membros não há quem “se sobreponha aos outros” mas há “pessoas que têm mais aceitação”, que são mais respeitados (sobretudo os mais velhos). São todos tratados “de forma igual”, “toda a gente é respeitada e que toda a gente se respeita” e “o poder de liderança provém mais da idade do que da pessoa, dos anos que a pessoa tem de columbófilo e dos resultados que obtém em termos desportivos também porque um columbófilo que tenha um passado recheado de êxitos é sempre um columbófilo mais respeitado do que um que tenha um passado recheado de fracassos.”.

O clube (e a própria prática columbófila) tem nos campeonatos o seu ritual. As tarefas inerentes à prática columbófila são divididas pelos membros do clube (e “quanto maior número de tarefas forem divididas pelo maior número de pessoas tanto melhor”). Há que organizar a campanha desportiva, enviar os pombos e isso tem de ser feito dentro da legalidade. Por isso, “há sempre pessoas encarregues semanalmente (...) e isto passa por todos”, superintendidas pela direcção, que determina as “escalas de serviço”.

O pombo é o símbolo da paz e por isso o clube colabora ocasionalmente com outras entidades como por exemplo em datas comemoradas com soltas de pombos de correios. Mas fora isso, não há amizades com outros grupos. Há sim um relacionamento com todas as outras colectividades existentes a nível distrital e nacionais ligadas à columbofilia pela via da competição.

É “lógico” que num meio desportivo haja rivalidades, acentuadas pelo facto de este clube ter suplantado a sociedade original em termos desportivos. Como esta colectividade “teve origem em desavenças e desacatos”, “logicamente” “foram redigidos artigos e estatutos que inviabilizavam a entrada desses membros [da colectividade originária] que eram considerados menos bons de poder vir fazer parte deste clube. Logicamente essas pessoas se calhar estariam contra, que é normal.”. As rivalidades são assumidas naturalmente, como algo que acontece no meio competitivo, “uma oposição saudável”, longe da inimizade: “Eles dizem mal (mal entre aspas) de nós; nós, como somos superiores, só temos é que ouvir e ignorar. (...) Mas que há, há. É escusado estar a dizer que não há”. Não são opositores, são “adversários”. Mas tudo isso deve ser relativizado e o clube deve estar, sobretudo, virado para si mesmo, o que é desta forma resumido: “O principal destes clubes era unir as pessoas e fazer amigos e que todos nós viéssemos para aqui, deixássemos o stresse da vida lá fora e que todos nós falássemos um pouco. Cada um fala dos seus, dos seus pombos e cada um desabafa com aquele e estamos sempre a aprender uns com os outros. E devia ser essa a intenção quando nós para aqui entramos. Nem sempre é assim que acontece porque há certas pessoas (...) que não contribuem para que essa amizade se mantenha. Mas pronto, é assim! É assim que está, é assim que vamos ter de passar: o que menos bem está há-de passar!”.

4.2.5 A associação de filatelia e outros coleccionáveis

A associação que agora se dedica à filatelia e outros coleccionáveis começou por ser a “Associação Fotográfica do Sul”, da qual herda o nome. Quando esta antiga associação, dedicada à fotografia, esteve à beira de fechar as suas portas, pensou-se direccioná-la para a filatelia, já que alguns dos seus membros partilhavam igualmente um interesse pelos selos. Apesar de não mudarem o nome da associação, acrescentaram-lhe uma “Secção de filatelia”. Tal aconteceu há muitos anos, “tantos” que os membros de agora não conseguem precisar (“há mais de vinte e cinco anos”) pois dos membros iniciais nenhum resta.

A associação tem cerca de cem sócios. Entre os seus associados encontram-se adeptos de coleccionismo diverso. Aceitam igualmente qualquer sócio, “mesmo sem serem coleccionadores”, “para ajudar a associação”, cuja cotização é “pequeníssima”, “a mais pequena de Évora” e que é “para pagar a água e a luz, mais nada”. A associação só depende dessas cotas pois tem “pouco movimento monetário”. Os dois “pontos fortes” da associação são a filatelia e a numismática. Anualmente, em Dezembro, delineiam-se as actividades a realizar no ano seguinte. Tem como objectivos realizar “duas exposições de filatelia”, “uma de numismática” e “quatro ou cinco exposições de coleccionismo diverso” (“interessa é ser colecção”: esferográficas, isqueiros, cintos de charutos, postais, pacotes de açúcar, etc.). A associação tem sua porta aberta todos os sábados (das 14.00h às 18.00h) para mostrar a exposição que preparam todos os meses, para alguma coisa que associados ou outras pessoas precisem, para conviverem e também para “angariar mais sócios e trazer para cá os jovens”. São uma associação “reconhecida no meio ligado à actividade”, “das principais do país” e uma “referência”.

A associação tem uma direcção: “há o presidente e o vice-presidente e a partir daí há o primeiro secretário, o segundo secretário e o vogal na direcção”. A hierarquia é necessária, para “se manter um certo rigor” e para assim haver uma divisão de tarefas e responsáveis a quem se dirigir. “Mas não há assim aquela hierarquia que se diga assim: “o presidente é que manda, ele é que diz, ele... assim é que se faz””. Há, portanto, uma certa liberdade, até porque os estatutos não estão actualizados, “já são do tempo da outra senhora” e existem apenas “porque é preciso ter”. O líder assumido é o presidente mas

observa-se uma abertura entre todos, como se de “uma família” se tratasse. Aliás, quando há assuntos a tratar e decisões a tomar “ninguém toma essa decisão – nem o presidente as toma – sem que peça um conselho aos outros membros da direcção”. Há eleições periódicas mas os associados disponíveis “são sempre os mesmos”, que se ocupam de todas as tarefas necessárias. Como noutra qualquer associação desta natureza, reúnem-se em assembleia-geral para debater os seus assuntos.

Rituais não existem mas sim tarefas especiais, que devem ser feitas: “tentamos todos os meses ter uma exposição diferente dos mais diversos temas”. Para as exposições há que “preparar o material”, “estudar, estruturar” aquilo que será realizado e tudo isso é feito pelos membros. Para além das exposições, deslocam-se por vezes a feiras e desenvolvem um intercâmbio com uma “associação congénere” de Badajoz, com os quais convivem quatro vezes por ano; duas vezes em Évora, duas em Badajoz. Este intercâmbio, que permitiu “alargar o leque de conhecimentos”, partiu de um convite da associação eborense que, sendo aceite, promoveu um contacto entre os seus membros que “parece mais já de familiar para familiar”.

Inserida na Federação Portuguesa de Filatelia, os membros desta associação estão federados, o que lhes permite inscrever-se em exposições e concursos nacionais e internacionais. Em Évora existe outra associação de filatelia (a “Confraria Timbrológica Meridional”) mas, ao reger-se “por outros princípios”, não são considerados opositores.

Antigamente havia mais jovens que se interessavam pelo coleccionismo: “faziam os avós, deixavam aos filhos, depois aqueles que tinham filhos deixavam aos filhos e assim ia seguindo por várias gerações.”. Hoje tal não acontece. Na associação havia “um número grande de sócios já pessoas de idade e às tantas pararam com aquilo, venderam as colecções porque não tinham filhos e nem afilhados nem sobrinhos nenhuns que se interessassem por aquilo e eles para as coisas não ficarem e depois andarem para aí perdidas a irem para o lixo, acabaram por vender aquilo”. Muitas vezes, não é dado o devido valor a essas colecções: “os nossos filhos depois é que as vendem; quando não percebem, quando agarram nelas compram uma casa ou compram um automóvel com as nossas moedas e a gente esteve a guardá-las sem vender”. Por isso a impressão geral é que algumas das colecções se perdem por falta de interesse das novas geração (“nós os velhos,

quando isto acabar a nossa parte, tenho a impressão que as coisas vão-se morrendo porque não há ninguém a aderir a nada”). Mas não é apenas por falta de interesse: ser filatelista ou numismata requer ter algum dinheiro e como “os novos não têm possibilidade portanto, os novos desapareceram dessas actividades”. É caro, mesmo para os mais velhos: “eu também sinto na minha pele e na minha carteira que as coisas são caríssimas, que as coisas são muito caras e as peças são muito caras hoje em dia”.

De qualquer maneira, a filatelia seria para os jovens uma “maneira de ocuparem os tempos livres” “muito positiva”: “Com a construção das temáticas, têm de se arranjar livros – não só os conhecimentos que os outros filatelistas lhe dão – têm de arranjar livros para ver a história, para ver, para procurar os selos que precisam para fazer aquela história.”. Esperam que tanto a filatelia como a numismática venham a fazer parte dos interesses de mais pessoas pois, “além de ser um bom hobby, é uma maneira de fazer investimento”. Quem tiver dinheiro, “em vez de comprarem papéis de acções ou empregarem noutros lados, que apliquem na numismática”, em moedas realmente valiosas.

Gostariam que outros coleccionadores se dessem a conhecer. A maioria das pessoas que possuem colecções “não são muito motivadas a trocar” mas na associação encontrariam outras pessoas com o mesmo interesse, o que possibilitaria um sistema de trocas. Quanto aos demais, não estão conscientes de que podem eventualmente possuir peças que, apesar de não lhes interessar, são de um grande interesse para outros: “há pessoas também que têm essas peças, às vezes até as deitam fora e não se lembram de pensar que haverá pessoas que qualquer pecinha dessas para ela seja um grande valor”.

4.2.6 A comunidade e o Caminho Neocatecomunal

“O que é que nós vimos aqui fazer? Escutar a palavra de Deus e sentir como a palavra de Deus não é uma lenda, não é uma teoria mas como a palavra de Deus tem uma relação com a nossa vida e tem poder de dar sentido à nossa vida, de nos levar a viver da gratuidade do amor de Deus e a vivermos experimentando o perdão e a comunhão entre os irmãos.”

“O caminho surge na Igreja na altura da renovação do Concílio do Vaticano II, que decorreu em 1964/1965 convocado pelo Papa João XXIII”. Havia na altura, uma “interrogação”: estaria a Igreja “a corresponder àquilo que era o chamamento de Jesus Cristo”? Estaria “desajustada relativamente ao tempo”? De facto, observava-se “um divórcio entre o mundo das pessoas que iam à Igreja, entre a religião e a vida: uma coisa era as ideias que as pessoas professavam dentro do templo e outra coisa era a sua vida fora do templo”. Segundo Papa João XXIII, “a renovação da Igreja viria através dos pobres”.

Ouvindo estas palavras, um artista espanhol “sentiu que era importante estar com os pobres”. Decidiu então “partilhar a sua experiência de vida” com os moradores de um bairro de barracas de Madrid, levando consigo uma bíblia e uma viola (“porque ele tinha tido de facto uma experiência de fé, de se encontrar com Jesus Cristo na sua vida”). Juntando as pessoas, “lia a bíblia e ia perguntando às pessoas que ali estavam “o que é que esta palavra te diz a ti?””. “De uma forma simples e natural”, “a palavra de Deus estava ali a ser proclamada”, mudando a “mentalidade” e o “estilo de vida” daquela população carenciada, “com condições sociais muito complicadas” que compreendia agora a “boa notícia”: “Deus os amava, em Jesus Cristo”. Entre este grupo criaram-se “laços de comunhão”, na qual “os pecados daqueles homens, daquelas mulheres estavam transparentes”; sentindo-se entre eles “a presença do Espírito Santo”.

Sabendo dessa realidade, o arcebispo de Madrid “pediu que aquela experiência a fossem fazer nas paróquias da cidade”. Nestas, semanalmente, celebrava-se uma “eucaristia viva”, “com os sinais renovados, com muitos cânticos, com flores, com alegria” (que aproximava as pessoas da Igreja). Uma vez por mês, a comunidade experimentava o “viver juntos, estar juntos, partilhar juntos a refeição, partilhar juntos a sua experiência de vida, a sua história, as suas dificuldades, as suas crises”. Esta experiência assemelhava-se ao catecomunato da Igreja primitiva, em que os seus membros “só eram baptizados depois de terem feito um caminho de iniciação cristã, de terem aprendido a conhecer e a viver à maneira de Jesus Cristo e quando mostravam na sua vida, na sua experiência de todos os dias que tinham abandonado os ídolos dos pagãos e que viviam como os cristãos, viviam o amor, viviam a unidade”. Daí o nome de “Caminho Neocatecomunal”: a experiência da “iniciação cristã”, numa “caminhada para a renovação do baptismo”.

O Caminho Neocatecomunal corresponde, assim, ao “sair da religião”, ao abandonar de “uma relação com Deus baseada no medo” e abraçar da fé e “viver o amor de Deus”. Longe de ser “uma seita”, o caminho é uma redescoberta, um “chamamento a ser cristão” em que os “irmãos” vivem “a preocupação de viver a fé com radicalidade e com seriedade”. Ser cristão é assemelhar-se a Jesus Cristo, uma afirmação “muito séria”; daí não se definirem como cristãos mas sim como “gente adulta na fé” que está “a caminho de ser cristã”, vivendo essa experiência em comunidade.

A comunidade surge como um encontro “em que os irmãos se descobrem uns aos outros”, um “encontro de oração”, um “encontro com a palavra de Deus”. É a “descoberta de Deus”, “do irmão” e de si próprios “perante a vida e perante Deus”. O objectivo é também “formar comunidades cristãs como no princípio” quando os discípulos de Cristo se espalharam pelo mundo difundindo “a palavra que tinham ouvido de Jesus”. Também “podem e devem ser sal, ser fermento, ser luz numa sociedade onde estão integradas”.

Em Évora o Caminho existe há 27 anos, havendo na paróquia sete comunidades, o que perfaz cerca de 200 pessoas. É um grupo heterogéneo, uma “expressão da sociedade”. É um caminho “para os pobres e para os fracos, para aqueles que não se sentem com forças para por si dar sentido à sua vida e mudar a sua história”.

O caminho tem estatutos, aprovados pela Santa Sé que servem, de certa forma, como afirmação: “Sim senhor, aqui há sinais que efectivamente demonstram que Jesus Cristo está presente na vida deste grupo”. Algumas normas regem a forma de viver em comunidade mas “mais nada do que isto”: “Ninguém aqui impõe regras nem ninguém aqui diz que tem que ser assim. Claro que olhando a Jesus Cristo ele é a nossa referência e portanto em Jesus Cristo nós vamos encontrar um sentido efectivamente para cada problema, para cada acontecimento; dizer: “olha, à maneira de Jesus Cristo aqui deve-se fazer assim, à maneira de Jesus Cristo não se pode fazer assado””. É, portanto, uma “adesão em liberdade”.

O caminho nasce nas catequeses anuais (cuja idade mínima é de 12 / 13 anos) cuja duração é de dois meses – “o tempo de catequização” – e que depois levam à formação de “uma pequena comunidade” de “15 a 30 / 35 irmãos”. Sempre que há a necessidade de

suprir a ausência de membros numa determinada comunidade juntam-se-lhes as novas catequizações; quando tal não acontece, constituiu-se uma nova comunidade.

Cada comunidade tem uma “equipa de responsáveis”, de “catequistas que estão em obediência ao bispo e o bispo em obediência ao papa”. Entre os membros da comunidade, cada um tem o seu “carisma”: para além dos responsáveis há o cantor, o arrumador da sala, o que fica com as crianças, os leitores. Mas não se sente uma “hierarquia”: mesmo aqueles que não têm uma função específica “têm o mesmo papel na comunidade”. Sendo uma caminhada, alguns têm uma caminhada na fé maior, pelo que são “diferentes”. A primeira comunidade “já acabou o caminho mas continua a caminhar” e “são capazes de olhar para a história deles e ver onde é que Deus actua”, pelo que são uma referência. Todos têm o mesmo estatuto mas “é impossível em qualquer sociedade não haver uns que se destacam mais do que outros”. Na verdade, há quem veja num determinado membro, um líder.

Como o nome indica, a comunidade não é algo estanque, parado: é uma caminhada. E por isso tem também etapas, à semelhança do caminho existente na igreja primitiva, que começam pelas catequeses, finalizadas com a “entrega das Bíblias” abençoadas pelo bispo. Uma das etapas importantes “é a comunhão”. Há também “escrutínios”, exames em que a Igreja – “na pessoa do bispo” – avalia a maneira como Deus intervém na vida da comunidade. Dito simplesmente, a comunidade está organizada por passos e em cada passo há determinadas coisas que se devem fazer. “Temos o primeiro escrutínio que é um passo do caminho, depois há o chamado segundo escrutínio e assim sucessivamente (...) em cada passo desses, há sempre um rito que é com o bispo e isso que fazemos lá tem certos simbolismos também para a adaptação à palavra”.

A vida em comunidade assenta num “tripé”: a “celebração da palavra” e “a eucaristia” semanais e o “convívio” mensal. O que nestes rituais se passa é algo de íntimo, próprio da comunidade. “Os momentos em que nós estamos a louvar, a bendizer a Deus, os momentos de oração, são momentos únicos, são momentos extremamente importantes”. Entre esses momentos conta-se “a invocação do Espírito Santo” – que possibilita a “comunhão entre os irmãos” – as leituras preparadas em grupo – que permitem compreender melhor “como é que o que diz na bíblia se aplica aos dias de hoje” nas suas vidas – e a “ressonância” – em que os “irmãos” reflectem sobre o sentido da palavra.

Alguns membros da comunidade têm palmas nas suas casas. Porquê? “A palma na igreja primitiva tinha um sinal de vitória. Ainda um outro sentido: é que a folha da palma, as folhas, mesmo quando a palma seca, nunca caem, estão sempre agarradas ao tronco. E portanto é isso que nós pretendemos ser: a folha que está agarrada ao tronco, que é Jesus Cristo. E ao mesmo tempo ajuda efectivamente a, cada vez que entro ou saio da minha casa, a saber que eu tenho um chamamento a ser cristão.”. Mas será uma forma de reconhecimento? “Quer dizer, se fosse para isso significaria que desde o início que entramos numa comunidade tínhamos a palma e a palma só aparece na nossa vida a partir de determinado momento, de determinada etapa, digamos assim. Não é uma identificação entre nós; é uma ajuda para nós, para nos recordar a importância da fé.”.

No caminho, há não só a manifestação da fé em grupo mas também o espalhar da palavra. “Há épocas em que efectivamente a vida da comunidade passa pela evangelização, por levar a boa notícia que nós temos experimentado aos outros. Portanto, isso fazemos normalmente duas, três vezes por ano nos tempos fortes da vida da igreja: o Advento, a Quaresma e o tempo pós-pascal.”. O mesmo se passa nas peregrinações, por exemplo: “andamos sempre com a palavra (...) e depois damos também a nossa experiência, como é que nós vamos para a peregrinação, como é que estamos a ir para a peregrinação e depois também damos a nossa experiência do que é que nos tocou mais na peregrinação e se houve alguma coisa que nós vimos diferente”.

As comunidades estão todas ligadas entre si e inseridas numa paróquia: “A comunidade não é um movimento isolado que se instala aí numa paróquia qualquer. Cada comunidade só caminha porque tem um pároco, precisa de ter paróquia para caminhar”.

“Há desvios e verdades de fé negadas por seitas” e há outras pessoas que podem considerá-los opositores mas a comunidade não vê nenhum outro grupo enquanto tal. De resto, se houver alguns mal entendidos com outros grupos da paróquia (como os escuteiros) são pontuais e prendem-se com a angariação de fundos que também os jovens das comunidades fazem para estarem presentes nas jornadas mundiais da juventude.

Mas, de acordo com um dos membros, também é importante alguma oposição, “para passarmos por essas provações (...) neste sentido de criticarem e de acharem que não é o melhor caminho, mesmo pessoas dentro da igreja”: “é importante para nós crescermos

com isso e também um bocado para demonstrarmos que (...) às acusações que nos fazem não respondemos com acusações.”

Compreendem que no mundo de hoje, são “diferentes”: “à partida acreditamos em coisas que são diferentes daquilo que acreditam hoje”. Mas julgam que esta experiência da fé, esta vida em comunidade, seria importante para todos (“vale a pena ver as coisas da forma como hoje começo a ver”), o que não invalida que não tentem compreender os outros: “Deus faz a história com cada um”.

O caminho é, pois, “ser diferente, é estar de modo diferente, é encontrar aquilo que eu busquei durante estes anos todos e não tinha ainda encontrado”.

4.3 Descrição dos dados

4.3.1 Ser benfiquista e membro da claque

Caracterização

A preferência clubista desde o berço não é um facto anormal. De facto, todos os entrevistados se assumem como benfiquistas desde sempre. A razão é simples: o interesse pelo Benfica preexiste no seio familiar. Há, pois, uma orientação da família para um determinado clube que é inculcada aos outros membros desde muito cedo. Pais, tios e outros familiares oferecem recordações do Benfica, levam os mais novos à bola. O “bichinho” é assim alimentado e o clube de eleição é escolhido desde muito cedo. Não é pois de estranhar que as famílias destes membros sejam igualmente, na sua maioria, benfiquistas: “Desde pequenino que sempre gostei de futebol, principalmente do Benfica, porque fui habituado pela minha família. A maior parte dos elementos da minha família são todos benfiquistas”. A influência da família na escolha de um clube de preferência é tal que por vezes se admite que a opção pessoal talvez fosse outra caso a família tivesse também ela outra preferência (“se o meu pai fosse do Sporting...”). Porquê o Benfica e não o Sporting? “Se calhar por influência da minha família... Porque não tenho ninguém da minha família do Sporting.”

Mas se ser benfiquista é muitas vezes uma “tradição” de família, não é esta a única razão para o interesse, já que uma orientação para determinado clube nem sempre surte efeito. Há mesmo quem tenha familiares próximos de outro clube e opte pelo Benfica. A

explicação para tal não é uma tentativa de oposição mas sim “a grandiosidade do clube”, diferente de todos os outros. Talvez ser benfiquista seja mesmo algo “que também já nasce connosco”, talvez já “se nasce assim”. Ou mais simplesmente, gosta-se da cor do clube, gosta-se de vermelho.

Mas nada disto diminui o interesse ou o clube escolhido: o Benfica “tem mística”, “é um clube enorme”, “é o maior”, “tem mais troféus” e pauta-se pela diferença. Ser benfiquista é, pois, “ser diferente dos outros todos”: “um adepto do Benfica é um adepto que se distingue. É assim: isto em Portugal só há três tipos de adepto, não é? É os do Porto – que são os bairristas, que é aquela aldeiazinha lá no Norte – os do Sporting – que é normalmente é o jetset ou coisa parecida – e o Benfica – que é o clube do povo. E por acaso é mesmo o clube do povo porque não há estratos sociais, não há nada.”. Daí que não seja necessário nenhuma qualidade especial para se ser do Benfica. Basta gostar-se pois o Benfica é o clube do povo e benfiquista “tanto é um rico como é um pobre”. A sua popularidade é tal que até “quem não gosta de futebol é do Benfica.”. Segundo a claue, ser do Benfica não tem nada a ver com ser do Sporting ou de outro clube qualquer. “Ser benfiquista é ser adepto do melhor clube do mundo”. Ser benfiquista é “uma maluqueira”, “um vício”, “uma emoção muito grande”. Ser benfiquista é sentir orgulho de o ser, é ser diferente e um bom benfiquista demonstra o seu interesse pelo clube e tem o dever de “apoiar a equipa nos bons e nos maus momentos; tanto nas vitórias como nas derrotas.”.

Pelo Benfica faz-se quase tudo (“excepto matar”) mas segundo alguns membros também há limites para um interesse saudável. O emprego, a família, estão em primeiro lugar e o interesse pelo Benfica não pode prejudicar a vida profissional e familiar. As suas vidas, os seus interesses, as suas famílias antes do mais e reconhecem alguns excessos praticados por outros adeptos: “Tipo, há lá gajos que – como é que eu te hei-de dizer? – tipo, faltam ao trabalho para ir ver o Benfica. Mas a minha teoria é: se faltares ao trabalho vais ver o Benfica, no dia a seguir és despedido e já não podes ir a mais jogos sem teres dinheiro. Então é assim: se faltares a um jogo, depois continuas com um emprego e com dinheiro para ir ver o Benfica. Tipo: há coisas que estão primeiro. Poucas mas estão.”. Assim, há que, por exemplo, abdicar um pouco da “bola” ou assistir menos vezes aos jogos para estar com a namorada, com a família.

O núcleo também não se mostra favorável a actos de vandalismo e de violência (“não vou andar à porrada por causa do Benfica”) mas em caso de necessidade de defender os colegas de uma agressão há quem não hesite: “sou capaz de defender um colega. Se os meus colegas entrarem em conflitos com outros clubes eu sou capaz. Agora eu fazer, não.”. Mas uma coisa decerto não fariam: mudar para outro clube!

A dimensão psicológica

O que se sente por ser benfiquista? Será difícil descrever pois é um sentimento muito forte. Sente-se “prazer”, “gosto”. Sente-se “orgulho” por ser do Benfica. E sente-se frustração quando o Benfica perde (que ninguém consegue animar).

“Não há, não há nada melhor que o meu clube”, há que defendê-lo em qualquer situação, em qualquer altura. É algo único: “vou ao café, falo do Benfica; vou à escola, falo do Benfica; vou para o trabalho, falo do Benfica; venho para aqui, falo do Benfica. Eh pá, é único mesmo.”. É algo que muitas vezes está presente no quotidiano, no qual se pensa durante toda a semana no trabalho, em casa. Ir ver um jogo é esquecer os problemas e as chatices do dia-a-dia.

Daí que seja complicado imaginar a ausência do objecto, não ter acesso à informação, à classificação do campeonato, não ver os jogos do Benfica. Para a maioria é até impensável viver sem tudo isso. Seria “íngrato”, um motivo de “preocupação” e de “desespero”, geraria “ânsia”, “frustração”. Seria mesmo possível viver sem o Benfica? Talvez já não consigam pois “o bichinho” está sempre lá (“Acho que não era capaz de viver assim”; “não sei viver sem isso, acho eu, ou não consigo.”). Ou talvez teriam de aprender a viver com isso mas a curiosidade, essa estaria sempre presente: “Como estará o Benfica? Será que está bem? Será que está mal? Está em primeiro? Já mudou de treinador?”. Tudo isso seria natural: “Eu digo normalmente, cada um tem a sua maluqueira: há uns que são pelas motas – cada um tem uma maluqueira – outros é pela pesca, outros é pela caça. A gente é pela bola ou mesmo pela claque.”. E apesar de haver outros interesses (“Não é só Benfica, não é?”) – como informática, cinema, música e outros desportos (nos quais também se “torce” pelo Benfica) – geralmente não têm a mesma dimensão que o Benfica ocupa nas suas vidas. Outros interesses estão também relacionados com este interesse pelo Benfica, como o futebol e jogar à bola.

Quanto à possível existência de um interesse em determinados jogadores do clube, todos são unânimes em reconhecer que o clube é o principal: o clube está à frente de tudo. Apesar de haver “jogadores que se confundem com a camisola”, “os jogadores passam e a camisola fica. O clube é que fica, o resto é tudo passageiro.”. Como apoiar o clube implica apoiar a equipa durante o jogo e motivá-la a ganhar, enquanto os jogadores estão no clube não devem ser assobiados. E há, logicamente, jogadores mais apreciados, como o caso do Simão, atleta da escola de futebol do Sporting e actualmente jogador do Benfica assumidamente benfiquista. Aliás, há quem reconheça que gosta mais dele precisamente por esse facto. O exemplo contrário será o de João Pinto, antigo jogador do Benfica que em tempos se mudou para o clube rival Sporting.

A dinâmica das práticas

Ser benfiquista e membro da claque muda certos hábitos pois a “maluqueira” de estar presente no maior número de jogos possível leva a uma maior assiduidade. Mas ser benfiquista diz alguma coisa sobre a personalidade destes adeptos? Para uns tal não tem influência determinante; para outros diz muito; para outros ainda diz tudo.

Para aqueles que afirmam que há efectivamente uma influência na sua personalidade, esta é associada às relações de interacção social; pelo facto de ser benfiquista ser diferente ou pelo facto de o Benfica estar sempre presente nas suas vidas. Quando se é o único benfiquista de um grupo de amigos – em que os que não são do Benfica são do “anti-Benfica” – é natural que a sua personalidade venha a ser marcada por este aspecto, já que significa uma diferenciação dos demais, muitas vezes promovida pelos outros. Para além disso o Benfica é um assunto que faz parte do dia-a-dia: sempre que alguém fala do Benfica, qualquer que seja o sítio, há sempre tendência de dar a sua opinião, mostrar interesse. O dia passa-se sempre com referências ao Benfica, a falar do clube o que no fundo é exteriorizar a relação com o objecto.

Não é fácil distinguir quem é do Benfica ou do Sporting, não havendo nada que o indique, através de um simples olhar. Muitos gostam de usar camisolas do Benfica ou dos Diabos, mesmo fora dos jogos e nos carros usam bandeiras e cachecóis. Há mesmo quem pense em fazer uma tatuagem relacionada com o Benfica ou com a claque. Ninguém tem problemas em dizer e mostrar que é do Benfica. Aliás, esse é também um motivo de

orgulho. Todos gostam de ter os equipamentos oficiais e cachecóis do Benfica que acabam, de certa forma, por coleccionar. T-shirts, bonés, postais, perfumes, relógios e outros artigos alusivos ao Benfica acabam por ser adoptados. Há mesmo quem não resista a coleccionar artigos do Benfica: flautas, porta-chaves, isqueiros, canetas, bandeiras, emblemas, etc. Quando acontece algo de importante no clube – como a recente vitória no campeonato – é comum comprar os jornais como recordação.

A relação com e mediada pelo objecto

A dedicação ao Benfica implica certos esforços e sacrifícios. Todos tentam apoiar o Benfica assistindo ao maior número de jogos possível e nesse aspecto são muito activos. É uma dedicação simultaneamente ao clube e à claque que implica muito tempo, pois há deslocações a vários pontos do país e também para fora dele. Para além disso, é uma situação economicamente difícil de sustentar. Muitas vezes, há que fazer opções: “eu sou capaz de ter um jantar de anos e não ir ao jantar só para ir ao Benfica. Sou capaz de estar com os amigos e eles vão para a discoteca e eu não vou porque são 10 euros e para isso gasto os 10 euros no Benfica, na bola.”; “Posso-te dizer que já deixei de sair à noite e isso para ter dinheiro para ir ver o Benfica”.

Sempre que não é possível ir ao estádio, acompanham-se os jogos pela televisão. A informação diária é também importante (“Todos os dias tenho de ler o que se passa no Benfica”). Procuram informação através da Internet no site do Benfica e em blogs sobre o Benfica e lêem os jornais desportivos – “todos os dias vou ao site do Benfica ver se há novidades, leio blogs acerca do Benfica, todos os dias leio o jornal. Se chegar ao café, beber o cafezinho e só tiver 5 minutos, só leio os 5 minutos do Benfica” – até porque gostam de “falar com conhecimento de causa”. As quintas-feiras, data das reuniões da claque são também momentos dedicados ao Benfica.

Como geralmente o interesse pelo Benfica é partilhado pela família, sentem-se apoiados por serem benfiquistas. São incentivados? “Então quase toda a gente é benfiquista!”. Para além do mais, é perfeitamente normal ter um clube de eleição. Só que a maioria não tem um interesse tão vincado nem se desloca tanto ao estádio como estes membros da claque. Pais e outros familiares, amigos e claro, os outros amigos da claque (têm-se uns aos outros) incentivam, apoiam e tentam animar quando o Benfica perde. As

críticas que por vezes sentem prendem-se mais com o hábito que desenvolveram de assistir a muitos jogos e logo, não estarem tão disponíveis ou terem muitas despesas. De resto, há sempre troças por parte de familiares e amigos de clubes rivais quando o Benfica perde.

A inserção grupal

Nem sempre se toma contacto com o núcleo com o intuito de vir a pertencer-lhe e há mesmo quem não tivesse boa impressão das claques. Os Diabos têm uma maior facilidade em adquirir bilhetes para jogos importantes e por vezes essa é a única maneira de garantir um assento em jogos de lotação esgotada. Acabam por ir ver jogos através do núcleo e, apesar de por vezes a intenção até nem ser ficar ligado definitivamente à claque, os membros acabam por “ir ficando” porque já conhecem outros membros, porque o ambiente lhes agrada ou porque vão dando continuidade às actividades da claque. Outros são introduzidos na claque através de amigos já pertencentes ao núcleo e outros fazem-no por iniciativa própria, por quererem apoiar o clube ou estar vinculados ao Benfica e/ou à sua claque.

Todos se sentem bem recebidos – até porque a maioria já conhecia outros membros da claque – o que é fundamental para a continuidade. O contacto com os outros membros é pois, muito importante. Depois, as próprias reuniões servem como forma de adaptação e vão acontecendo “peripécias engraçadas” nas deslocações que unem mais os membros do núcleo: “avariou-se o carro no caminho, tivemos de andar à chuva, etc., etc., chegámos de manhã já no outro dia...”. Tudo isto solidifica a posição de membro ao ponto de por vezes sentirem o núcleo e a claque como parte integrante das suas rotinas (“acho que já nem passo sem isto” ou “comecei a gostar... agora não saio daqui”).

Alguns membros entram por via de outros que já se encontram no núcleo mas para além destes outros membros da claque, nenhum tem outros amigos ou familiares no grupo. Os familiares e amigos encontram-se portanto mais afastados da realidade das claques e alguns não têm uma noção clara sobre estes grupos. Alguns reagem bem ao facto deles pertencerem à claque: têm gosto em dizer aos demais, admiram o facto de irem ver os jogos ao vivo, gostam de vê-los na televisão. Outros reagem com indiferença. Outros recomendam cuidado, motivado por alguma preocupação pelo que vêem na televisão e lêem nos jornais. Depende também, do grau de informação que têm. Por exemplo, há uma

ideia geral – errada segundo o ponto de vista da claque – que “as claques só apoiam quando estão a ganhar” e que “essa gente é tudo só gente maluca, só porrada”.

Mas a verdade é que é realmente perigoso: “quem não quer ser lobo não lhe vista a pele. Eu sei isso. Estou aqui a dizer que aquilo há lá brigas”. Mas também sabem que às vezes estas só não são evitadas porque não se quer: “acho que nós só levamos se quisermos. Porque há aquela coisa: há porrada ali e eu se quiser afasto-me e há muita gente que vai naquela e não sei o quê e sujeitam-se a levar.”. E nem sempre os familiares e amigos se apercebem desta realidade, que eles também não fazem questão de lhes divulgar. Mas quem conhece essa realidade de alguma violência preocupa-se ainda mais: “O meu pai está farto de me dizer para eu sair daqui disto, estou a meter a minha vida em perigo por causa de uma bola.”.

Todos têm alguma história para contar, algo que se tenha passado com os próprios ou a que tenham assistido. Já houve situações em que se sentiram “à rasca”, em que tiveram de fugir. Não são nenhuns “meninos” ou “santinhos” mas a violência não parte só das claques. É sim, perigoso, mas não é como o público em geral pensa (e alguns deles pensavam antes de entrar); há é, no seu entender, uma manipulação por parte da comunicação social que os deixa mal vistos e que os responsabiliza por todos os comportamentos desregrados, recusando-se a atribuir-lhes qualidades positivas. Exemplos de histórias em que se sentem injustiçados são inúmeros:

“Por exemplo, como é que justificas que o Benfica vá jogar a Guimarães, a gente está duas horas à espera para sair do estádio – não há condições de segurança no exterior que eles lá é só atirarem pedras. Até aí nada de anormal: se fosse preciso até um gajo ficava lá três ou quatro, é as regras de segurança e acho bem. Agora é assim: ao fim de duas horas a polícia entende que há condições para o pessoal sair do estádio e os adeptos do Guimarães começam a atirar pedras. Sabes o que é que a polícia faz? Não vai bater neles! Começa a bater-nos (do Benfica): “vá, corram, corram, corram, corram” e diziam que ao baterem o pessoal corria e fugia das pedras. Isto é a ideia que eles têm. Ora pois claro que houve logo briga. Toda a gente quis bater na polícia com pedradas e não

sei quê, pronto. Uma coisa que foi provocada por eles e tu no dia a seguir o que é que vem na comunicação social? “Distúrbios, membros mais violentos da claque...” e não sei quê. Isso também eu vi. E posso dar outros exemplos.”

“O ano passado na final da taça foi um caso gritante: como eles organizaram aquilo não podia acontecer outra coisa senão aquilo. Quando o sector norte, que era a entrada principal, estava os gajos do Porto e na praça da maratona os No Name... Só nós é que estávamos no sector sul e estávamos isolados. Ora é claro: uns quando entravam ao lado uns dos outros... não havia hipóteses! E às vezes, como se viu, como as televisões mostraram no jogo do Benfica – Penafiel, que houve alguém que arremessou, houve adeptos do Benfica que arremessaram coisas para o relvado... mas a seguir tudo de braços no ar a dizer para a polícia parar e eles toma, toma, toma, toma e nunca mais pararam.”

O que há em comum entre os membros da claque? O amor ao Benfica, o gostar de fazer parte do grupo. No núcleo, também é a amizade e o convívio que os une. Estão “disponíveis uns para os outros” e realizam actividades em comum, passando algum tempo juntos fora da claque (saem à noite, jogam à bola, etc.). E claro, há também a caneca de cerveja!

A grande virtude da claque é pois, o estabelecimento de relações afectivas. Conhecem muitas pessoas e desenvolvem até algumas amizades nos jogos a que se deslocam. No núcleo, são como “uma pequena família”. São amigos com quem se pode contar e dedicam algum do seu tempo pessoal aos membros da claque: saem juntos, fazem jantares, jogam à bola. As deslocações para apoiar ao Benfica são também momentos de convívio.

As quintas-feiras servem igualmente para aproximar os membros, sendo mais do que simples reuniões para discutir assuntos da claque: “A reunião... olha, eles estão todos ali a falar: aquilo já acabou, agora só estão ali só a beber copos.”. Assim, o núcleo dedica-se não só ao grupo como um todo mas também aos seus membros. No fundo, tanto as

deslocações ao fim-de-semana como as reuniões às quintas-feiras constituem simultaneamente uma dedicação à claque, ao Benfica e aos outros membros. De tal forma que no princípio da semana já se pensa na quinta-feira “para se vir aí sentar aqui com o pessoal”, “mesmo que não haja nada para falar sobre o Benfica... mas já é uma mania que temos. Nem que seja só para beber ali o cafezinho!”.

Mas a dedicação à claque é levada a sério. Por isso há as quintas-feiras de reunião. Há que arrumar a sede, determinar a apresentação no “tifo”, combinar as deslocações, marcar os bilhetes, desenvolver actividades para angariar fundos. Mesmo quando não há muito tempo disponível, os membros mais assíduos tentam ajudar na medida do possível. E mesmo longe da sede e dos outros membros, há quem pense constantemente nas actividades que o núcleo pode realizar. Tudo isto faz também parte de uma conduta exemplar.

Um membro exemplar da claque é um verdadeiro benfiquista: sente a paixão pelo clube e demonstra-o, vai a muitos jogos e apoia a equipa dentro e fora do campo. Um membro exemplar não prejudica a claque e “quando é preciso de estar na linha da frente porque dá para o torto ele está; quando é preciso repreender os nossos ele repreende”. É um membro que não arranja conflitos, “não liga às porradas”, que puxa pelo clube, que “está lá os 90 minutos a cantar”. É também um membro que sabe “mandar criticas também quando a equipa não está a dar rendimento”.

A maioria não pertence a mais nenhum grupo (apenas um pertence a uma comunidade na Internet e outro a uma associação ligada a um outro desporto “mas não tem nada a ver com isto”). Quanto às vantagens de se pertencer a uma claque, o estar inserido num grupo proporciona convívio, permite conhecer gente, arranjar amigos, promove a camaradagem e há um espírito de companheirismo entre todos. Segundo um dos membros, “o feitio do adepto alentejano é um feitio completamente diferente (...) qualquer um em Lisboa ou no Porto ou qualquer dos Diabos que vá à bola reconhece a gente, fala com a gente.”. Para além do mais, têm bilhete garantido em certos jogos importantes e o preço destes é mais reduzido. A própria forma de apoio que é dado ao clube é também uma vantagem: “eu dantes ia ver o Benfica, lembro-me de (...) querer cantar, de querer gritar (...) E eh pá, estás num sítio onde és tu o único, que só fazes figura de parvo.”. As vozes

ouvem-se melhor, a qualidade do apoio prestado é mais eficaz. Finalmente, há também um sentido de protecção, o “sabermos que estamos mais protegidos se nos juntarmos do que andarmos sozinhos”.

As desvantagens prendem-se sobretudo com as despesas de deslocação, financeiramente complicadas (“este ano tenho mais de 100 contos gastos”) e no tempo que é dispendido para assistir aos jogos. Depois há sempre alguns perigos, algumas brigas, injustiças, bastonadas; são mal tratados pela polícia e marginalizados. Mas isso não é motivo de desistência: “se eu um dia por causa de alguma coisa eu levar uma bastonada nas costas – por acaso já levei mas agora não interessa – não me posso queixar. Se eu lá estou é porque quero. Porque é que eu lá vou? Posso ir ver a bola para outro lado, não é?”.

Apesar disso, já quase todos pensaram em sair, desvincular-se da claque ou do núcleo mas não do Benfica: Alguns já se afastaram e voltaram quando viram reunidas as condições para tal. Outros pretendem reduzir a sua actividade, deslocar-se a menos jogos, ponderam até ver jogos longe da claque. “Eu gosto de ir à bola, gosto do Benfica. Se eles quiserem vir, vão; se não quiserem vir não vão: eu vou sozinho. Tenho carro, sou sócio, posso reservar o meu bilhete, não preciso de ir aqui através do núcleo”. Outros já pensaram sair do núcleo mas não da claque. Deixar o núcleo e a claque só se implicasse demasiado na vida pessoal e familiar, se houvesse dúvidas acerca do empenho pessoal, por falta de dinheiro ou de tempo ou no caso de haver conflitos e discussões constantes no núcleo. Já houve efectivamente casos de pessoas que saíram em conflito.

Mas neste núcleo não há muitos conflitos. A nível da claque nacional sim; “sobretudo políticos” (membros de esquerda, direita, skinheads...). Há o grupo que está com a antiga direcção dos Diabos e o grupo que está com a nova direcção mas o núcleo não se posiciona. A nível local, a maioria das discussões são originadas pelas deslocações: ninguém quer levar o carro. Aliás, as discussões são normais e resolvem-se facilmente: uma vez passado o portão da sede “está tudo bem, tudo amigo.”.

4.3.2 Ser fã e membro do clube de fãs do Tony Carreira

Caracterização

Um primeiro interesse no Tony Carreira surge através das suas músicas, que são “giras e românticas” e facilmente entram no ouvido. O artista pode ser visto em programas

de televisão e nos seus espectáculos e as músicas ouvidas na rádio ou através da compra da sua discografia. À partida, o interesse é despertado pelas suas qualidades artísticas: “Comecei a comprar cassetes e cds e não encontrava uma música sequer que não gostasse!”. Deve-se também ao facto das letras das suas músicas chamarem à atenção. Todas elas lhes “dizem qualquer coisa” e é possível a identificação das fãs com as histórias e sentimentos que elas transmitem: “aquilo que ele disse já se tinha passado comigo na minha vida.”. O Tony Carreira é também, segundo as fãs, muito bonito. Destaca-se pela sua voz e por cantar bem.

Mas o interesse é também pela pessoa e é ainda maior precisamente pelas qualidades humanas do artista: “é um doce”, “uma pessoa muito simpática, acessível”, “muito inteligente”, “sensível”, “que dá atenção a todas as pessoas”. Gostam dele pelo “carinho que tem pelas pessoas”, “pela simplicidade”, pela sua maneira de estar, pela forma como se apresenta nas entrevistas. E acima de tudo, o que todas reforçam, é a sua humildade, que o torna tão especial, ainda para mais com a projecção que ele tem (e que o podia tornar mais distante ou mesmo arrogante). É diferente e atencioso com as fãs: “Quando nós chegamos, ele vê quem está e depois lembra-se no próximo concerto: “você esteve lá”. Isso é muito bom e nós ficamos muito sensibilizadas.”. Para além disso, “não faz distinções entre ninguém. Para ele as pessoas são todas iguais.”. Tudo isto torna o interesse ainda maior e diferencia o Tony Carreira de todos os outros artistas. As fãs gostam, pois, não só do “Tony artista” mas também do “Tony pessoa”.

Ser fã do Tony Carreira é apoiar o artista, é comprar os seus trabalhos discográficos, ir aos seus espectáculos, divulgar a sua música na rádio (“porque há rádios que não passam música dele e eu estou sempre em cima”). Ser fã é gostar, “ir para um concerto que começa às 10h e meia às 5h”, é ser participativa e “desejar ir sempre aos concertos dar apoio”. Ser fã é não esperar nada em troca senão bons momentos passados nos concertos. Mas gostariam de o conhecer melhor: “se me dessem essa oportunidade, adorava. Acho que era uma prenda para tantos anos que eu dedico ao Tony Carreira, não é?”. E ser fã é também fazer “quase tudo por ele” (“é preciso ser mesmo uma grande loucura que não fizesse por ele”). O limite é “não deixar que a vida tome algum tipo de rumo diferente” por causa do interesse: uma vez ou outra larga-se tudo mas o limite “é a pessoa saber e ter noção até onde é que pode ir e não deixar de maneira nenhuma que a

vida se altere por isso”. Assim, deve-se participar nos concertos, esperar depois para estar um bocado com o artista, falar-lhe e cumprimentá-lo; nada mais que isso: “eu venho a um concerto, eu mantenho-me na minha postura. (...) uma pessoa vai-se emocionando e não sei quê mas nunca à exaustão como muitas pessoas vão.”. E às vezes há mesmo esta incompreensão das fãs em relação a outros que, segundo as primeiras, têm comportamentos excessivos: “Jamais escreveria aí uma coisa maluca qualquer num placard como há pessoas que escrevem.”; “há aquelas pessoas que “ai meu Deus do céu” não é? Eu venho aos espectáculos que posso. Mas há pessoas que vêm... Eu fico, eu fico admiradíssima como é que as pessoas conseguem andar, sei lá, uma coisa impressionante, desde Albufeira para Lisboa, de Lisboa para... sei lá. É complicado. Eu não consigo.”.

A dimensão psicológica

“O Tony Carreira é um anti-stresse, é um anti-stresse. Quando estou mais stressada é Tony Carreira que se ouve logo de imediato. É uma calma, é uma paz. Todas as letras que ele tem nos dizem alguma coisa. É uma paz, é uma paz mesmo.”. Ir a um concerto do Tony Carreira dá “alento” e “calma” para encarar o quotidiano, como se de uma terapia anti-stresse se tratasse. Ouvi-lo é um sentimento indescritível. Falar com o artista é motivo de felicidade e faltar à sessão de autógrafos após o concerto, motivo de infelicidade. Há um sentimento especial por parte das fãs por serem reconhecidas pela assiduidade nos concertos e é para elas importante o reconhecimento do artista, que sabe “que estamos aqui hoje, estivemos ontem, estivemos a semana passada.”. No fundo, sentem como que uma amizade recíproca: “eu sinto-me amiga dele e sinto que ele também é meu amigo.”.

Por tudo isto é difícil de imaginar a vida sem espectáculos ao vivo e sem a música do Tony Carreira, até porque os outros interesses que têm passam precisamente pela música. “Custa um bocado” quando se falta a um concerto, pensar que também se podia lá estar. Não contactar com todo este universo seria motivo de tristeza, algo com o qual seria difícil de lidar e até difícil de imaginar. “É uma coisa que faz parte da minha vida e que eu não me consigo sequer imaginar.”. Mas se calhar, se não houvesse este contacto, provavelmente até criticariam comportamentos semelhantes aos seus (“Bem, grandes malucas, vão para ali tão cedo”).

A dinâmica das práticas

A relação com o objecto promovida pela inserção no clube de fãs leva por vezes a um acréscimo de assistência aos concertos, tornando-se a relação com o objecto mais constante. E essa relação é, para algumas, uma experiência que opera mudanças a nível das suas personalidades. A paz que ele transmite minimiza o stresse e traz a cura para alguma tristeza. Muito é visto de maneira diferente: há mais “calma”, mais tolerância, “não vale a pena andarmos stressados, andarmos enervados”. A própria maneira de estar na vida pode eventualmente mudar e a parte material é relegada para segundo plano, por oposição à parte afectiva: “eu tenho um restaurante e eu nunca fechava o restaurante para nada. Nada, nada me fazia fechar! Por exemplo, eu hoje estou aqui e deixei tudo para trás! Portanto, eu por ele, consigo deixar tudo para trás.”.

O interesse no Tony Carreira é muitas vezes exteriorizado. A maioria gosta e tem orgulho nesse interesse e sempre que tem possibilidade, mostra o cartão de sócio do clube de fãs. Ouvem constantemente as suas músicas, falam sobre o artista aos demais, procuram novos sócios e colaboradores, incentivam a ida aos espectáculos, mostram as fotografias e autógrafos e colam etiquetas do Tony Carreira no carro. Há, porém, quem se sinta inibido em exteriorizar o interesse, já que há uma grande crítica por parte dos demais. Todos os anos o clube de fãs envia aos seus associados t-shirts do artista, que são usadas pelas fãs. Há mesmo quem tenha fotografias do Tony na carteira, junto à família (“ando sempre com ele, anda sempre comigo.”). As fãs guardam fotografias, autógrafos, compram material discográfico em vários formatos (K7, CD, DVD) e algumas vão coleccionando, de forma mais ou menos organizada (“tenho um dossierzinho com as coisinhas todas”) o que sobre ele sai nas revistas e jornais e outras coisas que lhe digam respeito.

A relação com e mediada pelo objecto

A dedicação ao Tony Carreira é diária. Há uma preocupação com a sua carreira e tenta-se pôr o artista no top das músicas mais ouvidas nas suas estações de rádio locais. Ouve-se música todo o dia, no carro, em casa (e às vezes é mesmo a única música que se ouve), contacta-se com o artista através de correio electrónico (que ele responde). E claro, tenta-se ir ao maior número de concertos possível. É “um bom bocado da minha vida dedicada ao Tony Carreira”. A dedicação ao Tony Carreira é por vezes pautada por alguns

excessos e contam-se histórias como, por exemplo, a de uma senhora que passado apenas cinco dias de uma intervenção cirúrgica assistiu a um concerto do Tony apesar das recomendações de repouso do médico.

No seu interesse pelo Tony Carreira não estão isoladas. Família e amigos são também fãs, apesar de nem sempre se disponibilizarem tanto para segui-lo. Mães, maridos, amigos partilham o interesse, que se vai também transmitindo às filhas (“tenho uma filha de cinco anos que é doida pelo Tony”). E há ainda os amigos que vão fazendo nos concertos.

As reacções ao seu interesse são diversificadas. Se há quem se habitue à ideia e respeite, há também quem não compreenda e critique. O que lhes dizem por ser fã do Tony Carreira? “Que sou maluca. Completamente.”; “Dizem que eu daqui a pouco com 50 anos estou maluquinha” ou “tu és muito exagerada, vais a todos”. Uma pergunta constante é: “irem sempre atrás do artista porquê se é sempre a mesma coisa?”. E depois há ainda o facto adicional de se perder muito tempo nas deslocações aos espectáculos...

A inserção grupal

O clube de fãs é divulgado nos trabalhos discográficos do artista, no seu site oficial e editora, pelo que torna fácil o seu acesso. Muitas fãs tomam assim a iniciativa de se associarem. Outras ingressam no clube por intermédio de outros membros. Geralmente são acompanhadas por outros familiares – cônjuges, primos, etc. – e amigos. Outras apenas têm os amigos que vão conhecendo nos espectáculos a que assistem. Sentem-se bem recebidas, até porque o contacto com o clube não é muito: é mais o contacto esporádico com os outros membros nos espectáculos.

O ingresso no clube, como já foi dito, corresponde a um sentimento diferente pois estas fãs já não são como os outros. E essa mudança também se opera nas reacções que surgem por parte dos demais: as reacções ao facto de se pertencer a um clube são diferentes das relacionadas com o facto de se ser apenas fã. Com esse receio, há quem ainda não tenha contado a novidade (“o meu filho vai dizer que agora é que eu perdi o juízo de vez!”). Como por vezes implica uma maior frequência de espectáculos, é também normal que, a haver críticas, elas não só persistam como também aumentem. Há também diferenças pela positiva e uma certa admiração pela coragem que implica “dar esse passo”.

Ainda assim há quem discorde: “nunca disse “entrei, sou fã a partir de hoje” porque eu antes de ter um cartão eu já era fã portanto não foi isso que mudou nada.”

Os membros do clube fãs partilham uma mesma amizade e admiração pelo Tony e uma grande vontade de assistir e participar nos seus espectáculos. Há em comum o facto de gostarem muito dele e todas sentem “uma paz muito grande quando ele está a cantar.”. “É a loucura, o gostar”. Todas participam no espectáculo, cantando todas as músicas. Todas têm uma mesma “paixão de andar atrás dele para todo o lado”. Nos concertos, “é uma família, já nos conhecemos umas às outras.”. Vão-se fazendo amigos ao longo dos anos, “gente que anda se calhar atrás do mesmo sonho”. Nos concertos já se conhecem, cumprimentam e falam do Tony. Fazem-se sobretudo amizades com pessoas da mesma zona de residência, que se podem encontrar fora dos concertos. Mas na maioria, não há muito contacto fora deste espaço: o encontro dá-se sobretudo nos concertos, locais privilegiados de convívio entre os membros. Fora deste espaço, convivem apenas no almoço anual do clube e ocasionalmente encontram-se nas suas zonas de residência, visitam outros membros com os quais estabeleceram uma relação de amizade ou telefonam.

Nenhuma das entrevistadas pertence a outro grupo. O tempo de dedicação ao clube é aquele que despendem nos concertos, que é simultaneamente uma dedicação ao objecto de interesse. De resto, não há muitas mais actividades para além do almoço anual (em que todas fazem questão de estar presentes) e algumas excursões ao estrangeiro para assistir a espectáculos. Assim, estão presentes em todos os concertos que podem, participando o mais possível. E é isso que é ser um membro exemplar do clube de fãs: o mesmo que ser uma boa fã. Um membro exemplar está presente, acompanha os espectáculos, colabora quando é necessário, divulga a música do cantor, compra os seus artigos, defende a sua pessoa e incentiva outras pessoas a entrar para o clube de fãs. Um membro exemplar zela, pois, pelos interesses do seu clube, que devem ser direccionados para o Tony Carreira.

Não encontram desvantagens em pertencer ao clube; apenas vantagens. Todas referem a importância do almoço e a possibilidade que proporciona de convívio entre os fãs e de contacto com o artista. Aliás, para elas, é possível ter mais contacto com o Tony

através do clube do que sendo apenas fã. Outras vantagens são o lugar garantido em certos concertos e o manterem-se actualizadas acerca da sua agenda de espectáculos.

Como não passam muito tempo juntos, talvez seja por isso que os poucos conflitos que os membros têm conhecimentos são aqueles que observam nos concertos – o querer ficar na fila da frente – ou nos autógrafos – o passar à frente.

Nunca pensaram sair do grupo e tal nem lhes passa pela cabeça. Sair? “Só quando morrer”, se houver “uma grande desilusão com o artista” ou se no clube “me fizessem assim alguma coisa que eu não gostasse mesmo.”. Mas nem pensam nisso!

4.3.3 Ser vespista e membro do vespa clube

“Estou-me a lembrar de um senhor de idade do Norte... (...) Houve um encontro na Alemanha, salvo erro, e então desafiaram-no a ir à Alemanha: “vou sim senhor!”. Mas depois quiseram ir de carrinha, uma Ford Transit com três ou quatro vespas em cima, iam até lá e depois... Ele para lá ainda foi na carrinha, para cá não se aguentou: “eh pá, vocês vão de carrinha que eu vou de vespa””

Caracterização

Para os adeptos mais recentes da vespa, o seu interesse começa por influência – pelo entusiasmo de outros na sua recuperação, na sua história – e pelo facto de a vespa ser um veículo diferente. Para os outros, a “paixão” pelas vespas é “uma história antiga”, associada a recordações de infância e do princípio da vida adulta. A paixão vem desde o tempo “em que os miúdos começam a ver as motos e a saírem-lhe os olhinhos por as motas”, os treze, catorze, quinze anos; em que os passeios organizados pelo Vespa Clube de Lisboa chamavam à atenção: “Eu cheguei a ver chegar ali aquele enxame ali a atestar os depósitos, a meter gasolina, a ver o ar das rodas, a reparar pequenas avarias. Cheguei a ver aquilo e aquilo fascinou-me, aquilo interessou-me...”. Na altura, já a vespa “tinha cores muito atractivas, era muito interessante, muito bonita, era muito fiável” e numa época em que “os transportes eram bicicletas a pedais ou então os autocarros, as camionetas, os comboios”, a vespa já facilitava as deslocações de maneira económica. Há pois, também quem tenha uma ligação à vespa que parte da sua utilização diária: “Andei quinze anos,

não tinha outro transporte. Fosse de dia, fosse de noite, fosse de Verão, fosse de Inverno, era o transporte que eu realmente eu usava na minha vida.”. Daí que a vespa seja associada a várias recordações, sobretudo à família (“levava a minha mulher (...) cheguei a levar dois filhos ali na vespa”). A história “da primeira vespa” é sempre recordada, ligada aos afectos: ela serviu como veículo de deslocação na lua-de-mel, de ligação entre familiares separados pela guerra (“Havia aquela sensação de ter o filho, de ter o irmão no Ultramar, que podia vir, que podia não vir, decidimos comprar a vespa e dar-lhe a alegre notícia de que já tinha uma vespa, que ele gostava de ter uma vespa. (...) Eu gravei com um gravador a vespa a trabalhar e tirei uma fotografia à vespa e mandei-lhe a fotografia e um som da vespa a trabalhar para a Guiné.”).

Para alguns, tudo isto determina a diferença entre “o adepto da vespa” de hoje e os “verdadeiros amantes da vespa”, que têm uma paixão pelas vespas desde há muito. São dois tipos de adeptos diferentes: “hoje qualquer pessoa que goste de veículos antigos, é adepto da vespa. (...) Hoje os adeptos da vespa, grande parte deles, são esses; porque é uma coisa antiga e há ali alguma saudade. Pronto, lembram-se de as ver quando eram novos e dizem assim: “isto existia quando eu tinha vinte anos; agora tenho cinquenta... eh pá, vou comprar uma coisa destas!”. (...) Mas nós andamos a ser possuidores de vespas há vinte e tal anos. (...) Isto são os verdadeiros amantes da vespa”.

A vespa “sempre foi bonita, sempre teve umas linhas que não passavam despercebidas” e embora houvessem outras scooters, “nenhuma se popularizou como a vespa porque, por um lado, era muito simples, aquilo era dar ao pedal e ela ficava a funcionar”. A ideia generalizada é que são veículos “muito fiáveis” e que “raramente se avariam”, “de grande duração”. É uma “máquina elegante” que tem a diferença de ter uma roda suplente. E “é um veículo mítico e traz atrás de si uma história apaixonante” que é motivo de paixão. Hoje em dia, com a danificação que as vespas vão sofrendo ao longo do tempo, há que recuperá-las: “No fundo não é comprar uma coisa já feita; tem de se comprar e recuperar, que difere, a tal coisa que difere de outro veículo qualquer em que normalmente as pessoas compram o carrinho ou compram a bicicleta pronto; já está tudo feito e ali no fundo criamos algum elo de ligação com a vespa”. E é isto que também determina a relação com a vespa, uma relação fruto do empenho do vespista na recuperação da sua vespa que é motivo de “ vaidade”: “olhe, isto foi feito por mim”. O

adepto da vespa “começa logo pelo interesse e entusiasmo que é na recuperação de uma coisa que está parada há muitos anos”. Depois, elas “levam-nos para todo o lado”. São “maravilhosas”, “fiáveis”, “amorosas”, “lindas” e um passeio de vespa proporciona todo o “prazer das duas rodas” com a “vantagem de podermos apreciar a paisagem”.

A ligação à vespa é um “hobby” que permite “aprender” e “estudar” – enquanto se faz a sua recuperação – e proporciona momentos de convívio – o “saber curtir entre os amigos”. Por isso o adepto da vespa tem “trabalho” com os veículos. Na sua vespa, sem exibicionismos ou grandes velocidades, vai andando na “calmaria”, na “tranquilidade”, “na boa”. É “preciso ser calmo, é preciso ser pacífico, é preciso não ser conflituoso no trânsito”. O interesse pela vespa é, pois, um interesse “saudável” e “positivo” que “galvaniza uma série de energias que nós poderíamos até estar a gastar noutra lado pior”. É aceitável do ponto de vista familiar, da pessoa, dos colegas, não vem “extremar posições e criar atritos” e entra na vida sem ser perturbante. A vespa “dá-nos gozo, serve-nos de escape, dá-nos prazer andar, dá-nos prazer passear, dá-nos prazer conviver com os outros vespistas” mas não pode privar os seus adeptos de outras actividades ou pôr em causa família e amigos (“Não podemos ver a vespa, só a vespa e mais nada”). Outro limite é, de facto, a saúde: há coisas para as quais podem não haver condições, como “fazer 2000 quilómetros numa vespa de seguida”. “Saltos com vespas” e outras “brincadeiras” que as maltratam também não fariam.

A dimensão psicológica

Para além de a vespa acompanhar a história de vida de alguns dos seus amantes, ela é uma forma de entretenimento e estudo, uma “paixão” e um “hobby”. É uma maneira saudável de combater o stresse e as angústias, um “equilíbrio emocional”. A reparação e recuperação das vespas é “relaxante”, é um “escape”; um “hobby maravilhoso” em oposição à “muito complicada” vida de hoje em dia (“o trabalho esgota-nos, ocupa-nos”): “o tempo passa-se depressa e é relaxante, que a gente sente-se bem depois.”. Tanto é importante esse aspecto técnico como a parte do convívio com os outros vespistas e o experimentar de um “sentimento de liberdade” proporcionado pelos veículos de duas rodas. Todo este universo das vespas é “apaixonante”, pode até ser “doentio” mas “não é insustentável viver sem vespas”. Desfazerem-se das suas vespas seria complicado pois há

uma ligação a estas: elas apresentam-se como fruto de um investimento físico e emocional do vespista, aparecendo como reflexo do seu próprio empenho. Ficar sem elas seria, pois, causa de abatimento. “Eu tenho de ter uma vespa no Verão”. Sentiriam muita falta dos passeios (o “apanhar ar”, “livre e tronco aberto ao vento”) e das horas despendidas na reparação e desmancho das vespas. Tudo isto é “apaixonante” e a sua ausência não iria ser fácil, até porque a maioria não tem outros interesses desta dimensão (e outros interesses estão mais relacionados com a vida profissional). “Se a vespa me faltasse refugiava-me noutra coisa qualquer”, “era capaz de ter dificuldade de tapar essa lacuna porque depois um indivíduo tinha de arranjar outro passatempo.” Não seria fácil, mas teriam de se sujeitar se não tivessem opções.

A dinâmica das práticas

Para alguns, a experiência de andar num veículo de duas rodas modifica o comportamento no trânsito e, conseqüentemente, opera mudanças na personalidade, no “saber respeitar”: “se calhar antigamente, antes de ter esta ligação à vespa, teria o comportamento semelhante àqueles que eu hoje critico, que vão nos carros e não me respeitam a mim.”. Os colegas interessam-se pela vespa e a família acaba por acompanhar alguns vespistas nos seus passeios e como tal, para esses, a vespa “afecta tudo: afecta a família, afecta a própria pessoa e até mesmo as relações com os colegas” Assim, mesmo que a vespa não mude a personalidade de alguns dos seus adeptos, ela acaba por ser uma marca pois é-lhes imediatamente associada: “hoje toda a gente sabe que eu tenho vespas”.

Há, pois, uma exteriorização do interesse que permite a identificação do adepto da vespa por parte dos demais, ainda mais visível pelo facto de haver a possibilidade da utilização da vespa como veículo de deslocação. Ser vespista é motivo de “orgulho” (“se pudesse andar sem capacete andava, para me conhecerem melhor”) nomeadamente por exigir a restauração dos veículos: “dá-me gozo e sinto vaidade em dizer assim: “esta vespa foi restaurada por mim; comprei-a neste estado e agora está assim” (porque eu tenho fotografias do antes e depois das minhas vespas)” Alguns vespistas usam t-shirts e adereços alusivos à vespa, divulgam o seu interesse e tentam influenciar amigos e familiares a tornarem-se também adeptos da vespa (o que por vezes conseguem). Os prémios e troféus alcançados em encontros (como o de “vespista mais antigo”) são

guardados, assim como fotografias dos veículos. Há também quem colecione miniaturas. Mas o que os vespistas gostariam mesmo de coleccionar seria o próprio veículo. Daí que no seio destes vespistas não se encontre nenhum que possua apenas uma vespa.

A relação com e mediada pelo objecto

A vespa tem não só um cariz simbólico como também utilitário – é possível o seu uso diário nas deslocações – pelo que a relação é simultaneamente simbólica e de utilidade. Ela não só representa um investimento como serve ainda como veículo de deslocação e se torna um “hobby”. Daí que se dediquem mais às vespas fora do clube: há todo aquele ritual de montar, desmontar, recuperar a vespa (que é uma prática individual na qual se “perde” tempo “com agrado e com prazer”) e a utilização da vespa enquanto transporte “pela facilidade de estacionamento, por a facilidade de passar no trânsito em situações complicadas”. Para uns a vespa é apenas um veículo de lazer, para outros um veículo de transporte, para outros ainda é um “hobby”. A dedicação às vespas tem precisamente a ver com qual destas categorias o vespista se insere, categorias estas que não são exclusivas (para alguns a vespa pode ser simultaneamente um veículo de lazer e de transporte, simbólico e utilitário).

No universo vespista são contadas inúmeras histórias de adeptos que dedicam o seu tempo a percorrer várias distâncias no veículo, aparecendo em vários encontros que promovem o convívio dos vespistas. Como as que se seguem:

“Apareceu-nos aí várias vezes, um americano que desmontava uma vespa, metia-a dentro de um caixote, metia-se no avião; chegava a Portugal, abria o caixote, montava a vespa e ia ao encontro com a gente.”.

“Olhe, fizemos um Ibero Vespa em Faro e apareceu-nos lá um italiano que veio da Itália sozinho, a rodar numa vespa. (...) Mete-se na vespa, passa as férias a andar de vespa. Tem uma oficina ambulante naquela vespa. (...) Os quilómetros que aquele homem fez! À volta de,

sei lá, para aí 600 ou 700 quilómetros naquele dia, de vespa. Meteu-se em cima da vespa, faz 600 ou 700 quilómetros...”

“Agora no encontro que tivemos também salvo erro na Figueira da Foz apareceu-nos (...) uma mocinha nova dentro dos vinte e cinco anos. Veio também de Itália sozinha ao nosso encontro da Figueira da Foz. Faz 2000 ou 3000 quilómetros para vir aqui a um encontro numa Vespa 50, uma vespa que anda a 50 / 60 à hora. Demora quinze dias de viagem numa coisa daquelas.”

“Os nossos vespistas, aqueles rapazes que têm ainda condições físicas (...) metem-se na vespa e vão aos encontros europeus todos. Abalam daqui para fazer 6000 quilómetros de vespa. Uma coisa daquelas que só anda a oitenta à hora! São duas semanas em cima daquilo, a andar de vespa, 500 quilómetros por dia!”

Os vespistas deste clube gostam de divulgar o seu interesse, de tal forma que “aqueles que não se interessavam e convivem com a gente passaram a se interessar”. Exemplo disso é o facto de um dos membros nem saber andar de mota antes da sua entrada para o clube (por influência dos amigos). As reacções a este interesse são, pois, geralmente positivas. “A maioria das pessoas vê isto com prazer e com gosto, não é? Ou seja, nunca é assim do ponto de vista de dizer “mas no que tu te meteste” ou “não tens mais nada para fazer senão isso?”. Há normalmente uma “expressão de simpatia”, um “entusiasmo” e um “interesse de saber: “e então como é que fazes?”; “e então as peças?”; “e então e tu és capaz?”; “e então mas como te meteste nisso?”; “e então como é que consegues fazer?”. Muitos também querem “juntar-se ao grupo para dar uns passeios de mota” e alguns familiares e amigos acabam também por vir a possuir vespas. Mas como ser vespista também exige muito tempo (sobretudo para os tais que recuperam as suas vespas), há também uma certa dificuldade inicial. Para além disso, há sempre uma preocupação devido aos perigos inerentes a uma viagem em duas rodas, pelo que lhes é recomendado cuidado.

A inserção grupal

O “núcleo duro” do clube é composto pelos seus membros fundadores, nos quais se encontram os promotores da sua formação e os seus amigos, influenciados a participar. O clube está também aberto a todos os possuidores de vespa e é divulgado através de uma página própria na Internet, que tem levado alguns vespistas a associarem-se. Querem receber bem todos os vespistas (“Se têm vespas são vespistas e se a gente somos vespistas temos que os tratar bem e eles têm que nos tratar bem”) e aqueles que entraram por influência, mais do que bem recebidos, sentem que foram incentivados a fazê-lo: como é necessário ter uma vespa para fazer parte do clube, alguns membros encontraram forma de obter vespas para os amigos, que assim poderiam também participar. Para além disso, alguns membros disponibilizaram-se a colaborar na recuperação das vespas de outros membros. Há pois, uma entreaajuda e uma preocupação com todos os membros, procurando também viajar em conjunto, tendo em atenção a diferença de idade entre os vespistas. Tudo isto faz com que os membros se sintam bem recebidos. A maioria dos membros não pertence a nenhum outro clube (ou pertence a clubes cuja participação não é muito activa ou não relacionados com o lazer).

O clube é “mais ou menos familiar”, sendo a direcção composta por indivíduos cuja amizade precede a existência do clube. Outros familiares e amigos, embora não tendo vespa, acompanham também os passeios, reagindo positivamente à constituição do clube. Aliás, aquando da sua constituição, foram muitos os que se disponibilizaram a ajudar, fazendo mesmo parte dos corpos sociais e directivos do clube: “Foi tudo entusiasmado e conseguimos dinamizar a família toda”. Alguns quiseram ter vespas e as pessoas em geral têm curiosidade e simpatia pelo clube. Apesar disso, quando o clube exige maior esforço e tempo de trabalho, pode eventualmente haver algumas reacções menos positivas por a dedicação ao clube roubar algum do tempo familiar.

Há no clube relações afectivas que precedem a sua constituição, um grupo de amigos de longa data e respectivas famílias. Outras amizades vão sendo feitas através da vespa, tanto dentro do clube como fora dele em encontros com outros vespistas: “ficam sempre laços de ligação”, o que é “formidável”. Essa dimensão é muito importante: “há sempre amigos e é sempre muito bom depois ficarmos ligados a essas pessoas”.

Constituem-se amizades em torno da vespa, “tratamo-nos por tu e já somos amigos, como parece que já foi há tanto tempo.”. A dedicação aos outros membros também é maior pelo facto de haver esta amizade precedente. Há, por exemplo, um círculo de amigos de infância que se encontram nos fins-de-semana, que fazem as suas “paródias” mesmo fora do universo vespista. Com os outros membros, o encontro só se dá “quando a vespa está como galvanizadora do encontro”. Por isso também há muito em comum entre os membros do grupo nuclear, para os quais a vespa é apenas “mais um elo de ligação”.

O “gosto pelas vespas, a vontade de passear” e de confraternizar une os membros do clube. “Todos gostam das vespas e todos gostam de passear nas vespas, nas duas rodas”. Há a “carolice”. Mas há muitas coisas que diferem se reportarmos a todos os membros do grupo: enquanto que para uns o principal é a “paixão pela vespa”; para outros é o “beber e comer” (independentemente do veículo). E tal reflecte-se na distribuição de tarefas, nas actividades realizadas: uns trabalham, outros criticam; uns esforçam-se, outros usufruem dos benefícios (“fartamo-nos de trabalhar, perdemos o tempo que devíamos estar a arranjar as nossas vespas: eles estiveram a arranjar as deles, a gente não as arranjou, andámos a trabalhar todos para eles”).

É esta desmotivação um dos motivos que leva a um desprendimento crescente ao clube, desenvolvendo-se cada vez menos actividades directamente ligadas ao clube e mais a título pessoal: “o espírito de vespista na organização acaba por saturar por estas dificuldades todas inerentes; porque tem que se andar atrás das pessoas”. Assim, as actividades são planeadas sem recurso ao clube: “Quando a gente quer dar uma volta nem precisamos de ir ao clube: “olha, então este fim-de-semana vamos para onde? E se a gente der uma volta de vespa?”. O clube acaba então por dever a sua existência à vontade de organizar um encontro nacional, de ter um nome, para os seus membros se apresentarem nos vários encontros enquanto grupo e as únicas actividades desenvolvidas são esses encontros a que assistem e a organização do encontro nacional em Évora, que entretanto deixaram de fazer. Um clube só de amigos seria preferível ao actual, que só dá “chatices”, dadas as críticas e a falta de colaboração de alguns membros. O ideal seria pois um grupo como o inicial Núcleo Vespista, um grupo de amigos.

Sentem a falta de pessoas “participativas”, que dedicam tempo à organização e colaboram no possível; membros exemplares. E esta é uma das desvantagens deste clube:

são sempre os mesmos a trabalhar; “os outros vão lá é para comer e para beber e para a paródia” e “o trabalho que certas pessoas da direcção têm não é reconhecido pelas pessoas de fora”. Para além disso, há dificuldade nos patrocínios, na organização de encontros. Outra desvantagem deve-se ao facto de se perder muito tempo com as actividades do clube em detrimento daquilo que deveria ser o principal objectivo do mesmo: “Quando nós pertencemos a um clube temos de nos dedicar àquilo de alma e coração e às tantas falta-nos tempo para fazermos aquilo que gostamos, que é estar com as nossas vespas”.

Daí que membros mais desiludidos possam até considerem que nem sequer há vantagens (“para os outros pode haver vantagens, que não fazem nada e vêm cá comer e beber à borla”). Mas há o “companheirismo” que se cria, a “paródia”, o conhecer pessoas dos mais variados locais. E há também a ligação a outros clubes vespistas, os convites para os encontros, a “confraternização”. Há também o receber “feedback”, o contacto com outras pessoas que se interessam pela vespa. E mesmo em termos económicos o interesse pela vespa é viável, podendo mesmo ser lucrativo pois não traz “prejuízos nem grandes investimentos”: o “que gastamos, não perdemos porque depois podemos vendê-las pelo dobro do que a comprámos” e nunca se perde dinheiro.

Por tudo isto, um maior dinamismo na vida do clube passa por um reequilíbrio, minimizando as desvantagens e continuando a usufruir das vantagens que o clube proporciona. Para isso há já uma solução: anular o passo inicial da escritura e continuar o clube sem responsabilidade fiscal; um grupo de amigos que continue a fazer “os seus passeios” e “as suas paródias”. Até porque é importante partilhar o interesse pela vespa, conviver através da vespa: “mesmo que deixasse de andar de vespa por qualquer razão, por qualquer infelicidade, qualquer problema; eu continuaria sempre a estar junto deles e a aparecer e a ir”.

4.3.4 Ser columbófilo

“Columbófilo é-se 365 dias por ano”

Caracterização

Para todos o interesse pela columbofilia surgiu desde muito novos. Para quase todos, o “gosto” foi incutido através de outros columbófilos. A columbofilia surge assim

como uma prática na qual se vai introduzindo os mais novos. Auxiliando os columbófilos nas diversas tarefas (como o ter que levar a anilha ao relógio na altura em que havia apenas um relógio a servir vários columbófilos) e acompanhando de perto o tratamento dos pombos e a “chegada do pombo”, o interesse começa muitas vezes pela colaboração (na medida do possível), progredindo para a construção de um pombal e a competição. Outros começaram pelo interesse pelo pombo em si, por terem pombos desde pequenos que os “deslumbravam” porque a “energia dos pombos era diferente das outras aves”. Tanto o animal em si como o desporto despertam o interesse pela columbofilia. Há mesmo quem admita que o interesse seja “qualquer coisa de sobrenatural, que faz parte dos nossos genes”.

Para todos há uma admiração pelo animal em si. Um pombo-correio é um animal diferente: ele é solto a várias distâncias do local do pombal e regressa (“apanha trovoadas, apanha neve, apanha não sei quê e vem cá ter”). Mas o fascínio é também pelo facto de o pombo-correio ser “uma ave de competição” que tem de ser tratado “como um atleta”. Ser columbófilo é “nós sermos o treinador e treinarmos os nossos próprios atletas” e todo “o processo que implica uma prova de pombos: o tratamento deles, a forma como vêm, a forma como temos de os preparar” desperta interesse. “O simples facto de a gente ter os nossos pombinhos em casa e depois começar a deixá-los aqui perto e começar a deixá-los um bocadinho mais longe” marca a diferença deste desporto, em que os pombos estão na casa dos seus “treinadores”. E depois há “a alegria de os ver chegar a casa”, que resulta da “luta que o columbófilo tem no dia-a-dia para conseguir pôr a ave em melhores condições físicas, em melhores condições sanitárias”. Tudo isso é a “paixão”, o “amor pela columbofilia”.

Ser columbófilo é, antes do mais, tratar bem dos pombos. “Ser columbófilo é ser eu, ter o meu pombal, os meus pombos, viver com eles”. Daí que esteja “muito virada para a sensibilidade das pessoas: mexe com a natureza, mexe com o nascer, com o criar, com o viver e depois com o tratar bem.”. Os columbófilos “são pessoas que gostam de pombos, gostam de competição e vêem no pombo uma forma de ocupar o seu tempo e de competir com eles” e o “adepto da columbofilia” é, “primeiro que tudo”, “um defensor dos animais”, “um amante do animal” que “deve conseguir conciliar o amor pelos animais com a vertente desportiva”. É preciso “ter sensibilidade”, “ter algum espírito de sacrifício” (os

pombos “todos os dias têm de comer, todos os dias têm de voar”), ter “muita paciência e muita persistência” e ter algum poder económico. O columbófilo tem de ser “activo, activo, dinâmico, com energia”, “meiguinho” e “muito humano”.

A columbofilia é um desporto que deve ser praticado “com seriedade”: “a amizade não se pode misturar com essas partes desportivas: há sempre que saber ganhar e perder” e respeitar os que ganham. Por isso há limites. Prejudicar alguém para ganhar, “exceder os limites naturais do pombo para ganhar” ou fazer outras coisas “extra desporto” (o que de resto é raro acontecer) não: o pombo só deve ser enviado a concurso “quando está na plenitude das suas faculdades físicas”.

A dimensão psicológica

A columbofilia é “desporto diferente”, um “hobby” que permite conviver e “fazer amigos”. “A columbofilia faz parte da minha alienação, faz parte do meu ser, faz parte do meu dia-a-dia”. A diferença da columbofilia é, de facto, a ligação que se cria com o pombo: “acaba por ser uma coisa que nos dá algum conforto e alguma paz de espírito porque nós temos os pombos em casa”. É o columbófilo que cria o espaço para o pombo, “um espaço que acaba por ser comungado por nós e pelo pombo”. O investimento afectivo é muito: “dão a alegria, nomeadamente sabermos que um pombo foi criado por nós, nasceu no nosso pombal, foi tratado com muito carinho, foi fazer uma prova de muitos e muitos quilómetros e trouxe-nos a mensagem que é classificar-se em primeiro, em segundo e dar-nos esse tipo de alegria.”. Os pombos fazem parte da vida dos adeptos da columbofilia e é algo sem o qual dificilmente conseguiriam viver. Há pessoas que têm “uma vida dedicada aos pombos” e que dificilmente saberiam “o que fazer” sem eles, pelo que tentarão tê-los sempre presentes. É, também, “uma forma de desanuviar do stresse em termos do dia-a-dia, da rotina das nossas vidas”: há “uma quantidade de carências que eu colmato num espaço pequenino onde existem pombos”. É, pois, “um vício conselheiro”.

O columbófilo “não é o jogador de pombos”. Há um envolvimento emocional: alguns columbófilos “choram quando um pombo não vem, ficam dias inteiros deprimidos porque o pombo não chegou, ficam completamente arruinados sentimentalmente no ego deles porque tentou tratá-lo da melhor forma e por algum motivo lhe aconteceu um acidente. É o mesmo que termos filhos, estarmos à espera deles e depois termos uma má

notícia. (...) Da mesma forma se passa quem gosta do pombo e que trata o pombo, que o viu nascer, que o criou, que fez o casamento dos pombos da mãe com o pai para tirar um campeão. E depois quando ele começa a crescer, começa a dar-nos alegrias, começa a nos dar alegrias como um bom pombo, como poderia ser um bom filho...”

Por isso, de acordo com um dos membros do clube, “quem gosta de pombos, gosta da família”: “a minha relação com o pombo tem muito a ver com a relação com a minha família.”. Guarda na memória com muito carinho os seus pombos, tal como guarda as pessoas de quem gosta (“guardo com muita atenção como guardo as pessoas da minha família, que gosto muito (...) como guardo o meu primo, a minha tia, o meu avô, o meu pai, a minha mãe, o meu irmão (...) os pombos também estão no meu coração, aqueles que eu acho que merecem estar no meu coração.”).

Sendo um desporto que “absorve” (“quase todo o tempo livre que nós temos é para dedicarmos aos pombos”), é difícil ter-se tempo para ter outros interesses, que acabam por ser secundários: não se põe “nada à frente deste desporto”. “Não é fácil ter outro interesse particular (...) mas existem coisas triviais que a gente acompanha e não deixa de fazer.”. A sua ausência dificilmente seria colmatada (“dificuldade em conseguir matar os meus tempos livres”). Seria uma “grande frustração porque dá imenso prazer”. É algo que “já faz parte da vida, da pessoa” e há quem tenha “uma vida inteira dedicada aos pombos”. E para alguns o pombo é uma necessidade básica: “Tudo aquilo que me podem dizer relativamente a proibirem-me é, é tirarem parte da minha vida. (...) só estou realizado quando a minha actividade profissional está bem, quando eu cumpro com as minhas obrigações, quando a minha vida corre minimamente (...) e que o pombo esteja presente porque eu preciso do pombo para viver.”. Mesmo que deixassem de ser columbófilos, acompanhariam este desporto. Enquanto se pode é-se columbófilo, “mesmo que seja criticado e que me ponham alguns obstáculos.”. Por isso tentam fazer com que os pombos estejam sempre presentes, apesar de ser complicado por exigir tempo que a vida hoje em dia nem sempre permite e “primeiro temos de olhar para a nossa vida e depois então a vida dos pombos”. Mesmo que se esteja longe “uma pessoa está sempre com aquele interesse “e os pombos? como é que estão esta semana? estão bons?””. E mesmo se tivessem que abandonar voltariam assim que pudessem. Como já aconteceu a alguns por questões profissionais: “mas quando preenchia a minha vida profissional, na minha profissão, o

pombo estava sempre na minha cabeça e o clube e as pessoas (...) uma das minhas ansiedades era sempre chegar e voltar a ter pombos”.

A dinâmica das práticas

O facto de a columbofilia ser um desporto pode levar a algumas mudanças na personalidade dos seus adeptos: “valorizou-me como pessoa”, já que “aprendo também a respeitar os outros”. Ajuda a “conviver melhor com o facto de perder e com a derrota”. Ajuda também no “respeito pelos animais” e a “conviver com outras pessoas também”. Por outro lado, acontece o contrário: a actividade columbófila “acaba por ser um reflexo daquilo que é o carácter e a personalidade das pessoas”. O facto de a columbofilia limitar o tempo disponível influencia as práticas dos seus adeptos: “fazemos as coisas de acordo com o tempo que sobra da columbofilia.”.

Não que sejam columbófilos para o mostrar (e sim por gostar) mas há um certo “orgulho” em praticar a actividade. Todos acham que a columbofilia não é devidamente divulgada, pelo que há uma necessidade, face ao desconhecimento geral, de tomar iniciativas no sentido de “espalhar o nome da columbofilia”. De qualquer forma, mesmo que não façam por mostrar esse seu interesse, ele acaba por ser-lhes associado: “Para já toda a gente que me conhece sabe que eu tenho pombos porque é impossível não saber devido a todas as condicionantes.” Por isso também a columbofilia acaba também por ser uma marca, pois os demais associam a pessoa ao pombo: é “o “X” dos pombos”. Não há muito o hábito de coleccionar ou adoptar artigos relacionados à columbofilia (salvo os necessário para a prática desportiva e o bem-estar dos pombos) mas há sempre quem guarde algumas cassetes de vídeo e alguns livros sobre columbofilia, calendários, fotografias dos pombos (sobretudo dos melhores) e jornais.

A relação com e mediada pelo objecto

A dedicação tem de ser necessariamente muita se atendermos ao facto dos pombos serem atletas que necessitam de ser tratados como tal e que “estão na casa” dos seus tratadores (precisamente por isso). “Há coisas que a gente deixa de fazer ou frequentar por falta de tempo” porque os pombos necessitam de ser tratados “dia a dia, de manhã e à noite e à tarde”. O tempo torna-se escasso para outras actividades que não o tratamento dos

pombos: “O columbófilo acha que todo o tempo disponível que é pouco para tratar dos pombos”. Fora do clube dedicam mais tempo aos animais “porque todo o outro trabalho é feito em casa no pombal junto dos pombos.” É um “ritual” de “trabalho - casa” (“eu saio do meu trabalho, já me espera o tratar dos pombos”). É impossível não dedicar mais tempo à columbofilia fora do clube pois é o seu “quotidiano normal”.

A maioria tem outros familiares e amigos que se interessam por esta prática desportiva; pais, primos, tios e amigos. Outros têm apenas os outros membros do clube. O gostar de pombos e gostar do desporto causa alguma estranheza inicial aos demais pois “as pessoas que estão de fora não se apercebem do gosto pela columbofilia”. Alguns foram “gozados” pelo seu interesse. Há sempre brincadeiras em torno do interesse: “Tipo, há um jantar: “olha, eu não posso chegar ainda a esta hora, só daqui a bocado é que estou despachado”; “então, tens de ir dar milho aos pombos ou isso?””. Faz também “um bocado de confusão porque é que a gente gosta e porque é que estamos sempre a falar”. Às vezes há um interesse inicial mas quando as pessoas se apercebem de que ter pombos implica depender muito tempo com eles, sobrando pouco tempo para outras coisas e para as outras pessoas, acabam por não aceitar tão bem e “os pombos são vistos como tirando o tempo todo”. “Mas depois lá surge a célebre frase: “primeiro, antes de tu chegares, já cá estavam os pombos””. Ou seja, “quem quer estar com o columbófilo tem de gostar dos pombos também”. Por isso há quem diga “Quem tem pombos é casa de tombos”. Depois há ainda algumas críticas dadas as despesas que a actividade implica. Mas é também uma coisa à qual alguns familiares e amigos se vão habituando: “se calhar é preferível para eles que eu ocupe o tempo numa actividade desta em que goste do que noutra actividade em que não, não tenha muito interesse.”. Todavia, há também aceitação e apoio por parte de alguns e mesmo “curiosidade em saber pormenores”. Como um dos columbófilos frisa, há sempre um lado bom e um lado mau: mau quando não se tem tempo para outras coisas; bom porque obriga a estar em casa.

A inserção grupal

Entre os membros do clube contam-se aqueles que deram início ao seu processo de constituição, mentores da ideia e que o ajudaram a construir. Pela existência de amigos neste clube, outros transferiram-se de outra colectividade ou para ela entraram

directamente. Alguns foram introduzidos no clube por outros membros. Talvez seja por isso que todos se sintam bem recebidos e respeitados.

Como a maioria se interessou pela columbofilia através de outros praticantes é normal que tenham outros familiares e amigos que se interessem por esta prática, para além dos amigos que conheceram após a sua entrada no clube e aqueles que tentaram influenciar. Quando já se tem o interesse pelos pombos e pelo desporto, adivinha-se o passo seguinte: a entrada num clube, que é fundamental para a participação na competição. Por isso alguns amigos e familiares reagem com naturalidade, como que adivinhando esse passo. A haver alguns “entraves”, eles prendem-se sobretudo com o facto da actividade columbófila ser “dispendiosa”, implicar custos económicos. Para quem não tem os seus próprios meios de subsistência é “complicado”, pois só podem prosseguir com o apoio de outros (sobretudo dos pais). E há quem ajude, quem faça sociedade com familiares, pais que comprem pombos e fazem pombais aos filhos. Até porque “se calhar é preferível gastar o dinheiro aqui do que se calhar gastar o dinheiro mal gasto noutros sítios”.

Todos gostam de pombos, todos gostam de competir com eles; todos têm pombos, todos querem ganhar. É isto que há de comum entre os membros do clube. Para alguns “a forma de estar e de conviverem uns com os outros é muito semelhante porque o objectivo final da columbofilia é, para todos, o mesmo e nesse caso apresentam-se da mesma forma”. No clube estabelecem-se relações de amizade, mesmo com aqueles que não se conhecia antes de entrar para o clube. Há mesmo “melhores amigos” entre eles. São amigos com quem se fala de pombos, com quem se gosta de estar por partilharem esse interesse. Mas para alguns essa amizade é relativa: “não há desabafos” ou “situações de entreajuda”. Para outros, essa entreajuda existe mesmo. “É uma das virtudes da columbofilia: é a gente ter columbófilos espalhados por diversos empregos e situações. Muitas das vezes as pessoas chegam ao pé de mim devido à minha actividade profissional porque sabem que eu faço determinado serviço e eu chego ao pé de outros.”. Acontece, pois, encontrarem-se por vezes fora do âmbito da columbofilia. Mas esse contacto não é intenso, apesar de ser motivo de contentamento (“Cada vez que vejo um na rua, um columbófilo, fico radiante”). Aliás, julgam que devia haver uma maior aproximação (pelo menos entre os membros da direcção). Só entre aqueles que têm um grupo de amigos comum (os mais jovens) que

saem juntos, vão beber café, almoçar ou jantar existe um maior contacto. No seio do clube, a existência de um bar promove o convívio entre os sócios. Antes dos concursos, reúne-se, “bebe-se um copo, fala-se de pombos”.

Mas hoje em dia, com as mudanças na tecnologia, operaram-se também mudanças na vida social do clube e o convívio tende a ser cada vez menor pois já não existem tantos momentos como outrora que obrigavam o columbófilo a deslocar-se ao clube. Outrora “metia-se o relógio mais ou menos central – equidistante aproximadamente em relação aos columbófilos – todos corriam para aquele relógio. As coisas evoluíram e cada um passou a ter um relógio (...) Facilitou por um lado o columbófilo e prejudicou, a nível social, a colectividade (...) Havia três ou quatro momentos a mais em que todos eram obrigados a vir à colectividade. Hoje não.”. Mas ainda assim, todos estes columbófilos praticantes se deslocam ao clube nos dias em que os pombos vão para os concursos e nos dias das chegadas (“trazer pombos”, “levar pombos”, “ver as classificações”). Com um bar, a vida do clube é mais activa e os seus associados juntam-se para “beber uma mini, um copo, falar de pombos”. Os membros da direcção procuram disponibilizar todo o tempo possível e dedicam algum tempo pessoal a tratar de assuntos do clube. Outros, mesmo não pertencendo à direcção, fazem o possível e disponibilizam-se para prestar colaboração. De resto, devido às escalas de serviço, há sempre a distribuição de tarefas e uma dedicação ao clube para que tudo corra o melhor possível: “As pessoas quando vêm para a columbofilia têm que compreender que há uma colectividade, têm de se dispor a fazer quando há para fazer. Toda a gente tem que fazer, não é só à espera só que os outros façam.”. Para além disso, há uma rotatividade na direcção, o que faz com que haja um grande número de columbófilos que já tiveram essa experiência: “o columbófilo praticante ronda uma meia centena e as direcções são constituídas por dez / quinze elementos, o que indicia que, de anos a anos, tem de passar, dividir a direcção do clube por os columbófilos. Se calhar quase todos, quase todos já passaram pela direcção do clube.”.

E é isso que faz um membro exemplar (a existir). É fundamental “estar disposto a ajudar e respeitar os outros”. Deve colaborar e trabalhar quando necessário, saber ganhar e saber perder, não ser “um elemento que crie problemas”, ser alguém “que consiga viver em sociedade”. Um membro exemplar cumpre os regulamentos, trata todos “de igual maneira” e faz tudo “de igual maneira; seja o ‘a’ seja o ‘b’”. Um membro exemplar leva a vida

social do clube “o mais correctamente possível”, que “é saber ouvir, é saber aconselhar, é saber ajudar na altura que é preciso ajudar.”.

A vantagem mais óbvia de um clube columbófilo é o facto ser “preciso ser sócio de um clube para se poder competir”, por isso, se não se escolhesse este clube teria de se optar por outro. Estar num clube permite praticar um desporto que se gosta e do qual se retira uma “satisfação pessoal”. O clube permite ter um “entretém”, um “passatempo”. Para além disso “é um sítio em que se pode conversar sobre aquilo que se gosta sem ter que estar a ouvir as outras pessoas “e lá estão vocês a falar de pombos”.”. E também é vantajoso porque em grupo “são muito mais fortes que isoladamente”. Mas há outras vantagens que não estão unicamente ligadas à vertente desportiva do clube. Uma das suas “virtudes” é “viver em sociedade” – e assim respeitar os outros e fazer-se respeitar – e há sempre a possibilidade de conviver com os amigos e conhecer pessoas.

As desvantagens apontadas devem-se às despesas e alguns prejuízos financeiros. O facto da dedicação aos pombos ser constante é por vezes uma desvantagem, pois assim vêem-se um pouco “privados” da sua vida familiar (o que também é uma desvantagem “para quem está de fora”). “Mas quem nos diz a nós que se não estando ligados aqui à columbofilia, estaria ligado a outra coisa qualquer?”. Há também aspectos negativos na competição, em que todo o trabalho de um columbófilo é “criticado” e “analisado” pelos outros. Mas até algumas desvantagens se podem tornar vantagens: “As pessoas, cada uma tem a sua maneira de pensar e a sua maneira de agir e a gente em sociedade tenta moldar as pessoas de acordo com que consigamos viver todos em harmonia.”.

Como “em todas as instituições que é convívio por várias pessoas”, existem alguns conflitos. Uns “sentam-se numa mesa com quatro ou cinco pessoas e se calhar há pessoas que não se sentam nessa mesa”. Aliás, “onde há competição há sempre conflitos”. Com o profissionalismo (“há muita gente aqui que se dedica já a cem por cento aos pombos”), a “amizade às vezes mistura-se um bocadinho com os resultados desportivos”. Por exemplo, escondem por vezes os produtos utilizados: “Eles chegam à minha loja (...) chega lá um e diz-me: “quero isto”. E eu escondo ali, que eu já sei que o outro não pode ver.”. Mas os conflitos são ultrapassáveis e não há “mau ambiente”: o facto de por vezes discordarem não invalida que não possam ser amigos. Tenta-se sempre “manter as coisas num ponto

mais ou menos estável” até porque “o problema não está nos conflitos mas sim na forma de os ultrapassar”. “Há sempre certas pessoas que não se dão umas com as outras” o que “é normal.”. Daí que nem sequer pensem sair do clube. Desde que as suas vidas pessoais e profissionais o permitam, os pombos estarão sempre presentes e só sairiam por motivo de força maior como o caso de falta de saúde. Sair, só se encarassem “outro tipo de vida”, deixassem de ser columbófilos (“para acabar com os pombos”) porque pertencer a um clube desta natureza “é diferente” de pertencer a um outro clube qualquer: “Se for adepto de um clube tenho a convicção e sou fanático. O clube é gerido por dirigentes, por treinadores, não está na minha casa, não tem nada a ver comigo, não faz parte de nada. Afectivamente, a única coisa que me realiza é que eu estou num conjunto, num grupo em que estou incluído nesse clube. Ser columbófilo é ser eu, ter o meu pombal, os meus pombos, viver com eles e depois ser reconhecido pelos meus colegas”.

4.3.5 Ser coleccionador e membro da associação

“Qualquer coisa é colecionável”

“Hoje colecciona-se tudo e mais alguma coisa”

“Aqui a parte do coleccionismo não tem limites, estão todos os dias a aparecer modalidades novas; a gente tenta manter as antigas e as novas ajeitado à modernidade.”

Caracterização

“Eu tenho conhecimento que há no museu da marinha uma colecção de conchas marinhas que estão lá já há volta de quinhentos anos. (...) Essas conchas hoje contam quinhentos anos de existência e estão expostas no museu da marinha, o que dá prova que o coleccionismo não é uma coisa moderna: o coleccionismo vem de há muitos anos.”

Para uns, o interesse começa através da família, “como normalmente começa nos jovens: os pais fazem colecções e ao fazerem as colecções incentivam logo os filhos a interessarem-se por aquilo.”. Outros receberam em herança algumas peças ou foram influenciados por outros familiares também coleccionadores que os introduziram no coleccionismo e os ajudaram a obter peças. Através de amigos e outras pessoas, tomam

conhecimento de outras colecções que lhes despertam interesse. Outros, fazem-no por iniciativa própria. Há quem comece por guardar certas peças para depois mais tarde começar a coleccionar verdadeiramente.

Porquê coleccionar? É um “hobby”. No caso de peças mais valiosas, como os selos e as moedas, são também um investimento. Os selos, por exemplo, “são cultura”, o que “enriquece muito as pessoas”. No caso das moedas, há o poder “mexer na peça, guardar, sentir, saborear”, é fácil de organizar e trazer no bolso ou numa carteira. Outros artigos são escolhidos pela beleza estética. E outros trata-se de ir acompanhando as colecções dos outros e acabar assim por se interessar também.

A “paixão” do coleccionador “começa pelo ajuntamento”: “A gente começa a juntar peças; o que é que as peças vão-se acumulando, o entusiasmo do coleccionismo começa a aparecer quando começamos a tomar contacto com outros colegas e a partir daí a gente depois tem de tomar uma decisão: ou fica como ajuntador – vê as peças a acumular – ou se entra na parte do coleccionar as peças – tem que as organizar, tem que as registar e isso leva realmente muito tempo a fazer.”. Para compreender o coleccionismo, é preciso pois, distinguir o que é ser “coleccionador”, muito diferente de ser “ajuntador”. Há quem diga que faz colecção e não passa de um ajuntador. Qual a diferença? “O ajuntador é aquele que não sabe bem o que tem, ou seja, tem mas não tem nada catalogado, não tem conhecimento quase do que tem. A nossa diferença, que a gente diz aqui, o ajuntador é a pessoa que tem e mete na gaveta ou mete dentro de uma caixa de sapatos; o coleccionador tem e está ordenado, está catalogado, sabe o que tem”.

Na filatelia, a entrada no coleccionismo deve ter “um acompanhamento de um filatelista já experiente” e o adepto deve ter catálogos para “se orientar”. Há livros próprios que indicam o que é que não deve ser colecionável, o que é que não deve ser comprado. Existem diversos sectores da filatelia: “a pré-filatelia, filatelia, maximafilia, bilhetes-postais e postais máximos”. Dentro da colecção de selos propriamente dita, o coleccionador pode optar pelos selos clássicos ou escolher temáticas, coleccionando apenas os selos que dizem respeito a ela. Assim, na filatelia, “as pessoas acabam por se interessar porque estudam” procurando em livros tudo o que se relaciona com determinada temática: “Conforme é o tema, assim ficam mais identificados com isto ou com aquilo. (...) Aprende-se bastante com isso.”. A numismática é algo “restrito”, “fechado” em que

não há uma compra e venda directa e em que as moedas são necessariamente guardadas, dado o valor de algumas colecções.

A escolha do coleccionável prende-se com várias razões. Há que fazer uma opção e dedicar-se a ela, pois “para estar a fazer duas ou três coisas ruins” é preferível “fazer uma coisa boa”: “a gente quando começa a coleccionar uma peça ou colecciona-as e vai fazendo aquela colecção que se possa ver ou então se começa a misturar com outras chega à altura que nem tem uma nem tem outras”. Por outro lado, há outra opção a fazer: onde investir o dinheiro. De facto, nem sempre há poder de compra para adquirir todas as peças desejadas pelo que melhor será comprar uma peça valiosa. Mas quando as colecções são de facto tão caras que será impossível adquirir uma colecção aceitável, o melhor é optar por outro coleccionável: “Quem me dera a mim coleccionar uma boa pintura; o que é que são peças ou peça de antiquários, isso são peças que estão fora do nosso alcance, do nosso bolso.”.

Para se ser coleccionador “independentemente seja do que for”, é necessário ter determinadas qualidades: “gosto, poder de compra e não se importar de dar o dinheiro”. “Há coleccionadores que têm gosto e têm poder de compra e depois têm pena de dar o dinheiro. Quando se tem pena de dar o dinheiro as colecções ficam incompletas. Tem de ser os três conjuntos.”. O coleccionador em geral tem “interesse pela arte”.

Para se dedicar à filatelia há que se ter “calma” e “muita paciência” para que o filatelista possa progredir com a colecção e não se desinteressar. O filatelista tem de ser “uma pessoa atenta” aos pormenores, “tem de se ter quase como um sexto sentido”. Para se ser numismata, deve-se “saber ler” uma moeda e ter um conhecimento sobre os metais de que são feitas e da sua quantidade, saber onde encontrá-las e “ter curiosidade em aumentar” a sua colecção. Para estas duas áreas, é preciso sempre ter algum dinheiro. Daí que muitos dos filatelistas se dediquem a colecções temáticas e não aos clássicos, já que os selos temáticos são mais facilmente adquiridos e por norma mais baratos.

E esta questão monetária é um dos limites no coleccionismo. Nem sempre as peças estão acessíveis a todos: “Empregar demasiado dinheiro, ficar frustrada por não ter dinheiro para comprar outra peça, isso não (...) se vejo que há uma coisa que custa demasiado dinheiro e que eu não posso comprar, também não fico frustrada com isso.”. A

colecção também não pode privar os seus adeptos da sua vida privada, de acompanhar familiares e amigos (“a família em primeiro”). De resto, “há sempre espaço para a gente fazer de tudo um pouco”. Mas só se tivessem “algum azar na vida muito grande” largariam as suas colecções.

A dimensão psicológica

Ser filatelista “alivia muito o stresse”: “A pessoa quando começa a folhear selos, páginas de selos; pronto, alheia-se de tudo.”. Requer “muitas horas de paciências, de conhecimentos” em que os filatelistas se abstêm “de tudo o que se passa à nossa volta”. São “horas perdidas com gosto”, que alimentam a “paixão” por este universo dos selos. É importante também porque faz esquecer os maus momentos: “sucedeu-me um azar aqui há dez ou quinze anos (...) Foi muito difícil aquele período em que eu fiquei naquela situação e os selos é que me foram dando ânimo. Ia-me entregando aos selos e iam-me dando ânimo, ajudaram-me a esquecer aquele terror que foi aquele momento.”.

O coleccionismo é um “hobby”, “uma maneira de passar o tempo”. Fazer colecções é uma “ocupação” que permite conviver e “não ficar parado” quando já não se exerce uma profissão. É entusiasmante ter um “conhecimento das coisas”. No fundo, “é cultura também.”. O “prazer” de fazer uma colecção “desenvolve a cultura” e permite contactar com pessoas e ter outros conhecimentos.

É fácil conciliar as colecções com a vida diária porque há sempre um “tempinho” livre e também porque é possível conciliar o coleccionismo com a vida do dia-a-dia. O coleccionismo está presente na vida diária. Um exemplo: “até no meu emprego – eu era professora – eu muitas vezes mesmo na própria escola aproveitava para fazer trocas com os miúdos (...) fiz uma vez com os alunos uma colecção de cromos sobre o Luís de Camões, outra de história, geografia, ciências; aqueles livrinhos. Depois os miúdos compravam e eu comprava também e depois trocávamos. Dentro da escola incentivava isso. Era uma maneira de eu também estar a coleccionar.”. Há quem já tenha pensado em deixar o coleccionismo mas há sempre o “bichinho”. Se não pudessem coleccionar, teriam de “optar por outros passatempos”, que, de resto, também têm como a música, a leitura ou a pesca (que às vezes vão-se sobrepondo e outras vezes deixados para trás).

A dinâmica das práticas

A personalidade do indivíduo pode até nem mudar pelo interesse que tem em coleccionar. Mas é provável que a escolha de se ser coleccionador tenha a ver com a personalidade, ou seja, a personalidade da pessoa pode determinar o seu interesse ou não pelo coleccionismo. Por exemplo, quem começa a coleccionar coisas por gostar de coisas antigas. Na numismática, a personalidade não é modificada porque, segundo dizem, a colecção não é divulgada nem dada a conhecer e portanto não aumenta o contacto pessoal (pois não há exposição nem relação de compra e venda individualizada). Para alguns filatelistas, o interesse “nunca vai ter fim” pois “todos os meses saem selos novos e vamos conquistando sempre selos novos”, acabando por fazer parte da vida. Como ser filatelista implica ter “muita paciência”, é possível que ele acabe por ser “mais condescendente com o outro”, até porque “os filatelistas sempre acabam por acertar as coisas”.

A associação vai fazendo exposições periódicas na sua sede, organizadas pelos seus membros e que podem ser vistas por qualquer pessoa. O gosto em exteriorizar esse interesse pelo coleccionismo depende da colecção que se tenha. No caso da numismática, isso raramente acontece (aliás, um dos numismatas recusou-se a falar por ter uma colecção muito valiosa que não queria divulgar). Mas os outros coleccionadores gostam de o fazer, não com o intuito de “se gabar” mas sim para mostrar aos outros e mesmo para divulgar o coleccionismo. Alguns participam em exposições, nas quais já ganharam prémios (que também gostam de mostrar), outros dão entrevistas para jornais e rádio. Mas mostrar é diferente de expor: há quem goste de mostrar e não de expor. Mesmo assim, há quem pense que as colecções não são divulgadas o suficiente: “As pessoas não gostam muito de mostrar. Não sei se têm medo que as pessoas comecem a ter também e a copiar o que eles têm.”.

A “paixão” pelo coleccionismo é “uma coisa que se aprende a gostar” e que vai aumentando à medida que novas peças são conquistadas. As colecções vão sendo aumentadas à medida que o interesse é também maior: “Quando foi a mudança dos escudos para o euro eu pensei: “ah, vou começar a fazer colecção de selos com os euros impressos nos selos”. (...) Disseram-me: “isso já começou em 99”; “eh, então tenho que recuar para 99”. Entretanto depois houve uma outra pessoa que me arranjou uns selos anteriores e eu pensei: “vou começar a fazer de 74 para cá”. E às tantas arranjaram-me

mais uns selos para trás e eu comecei a fazer de 59 para cá. Entretanto arranjei mais antigos e agora já estou a fazer de tudo: desde que apareceu o selo até aos dias de hoje.”.

A “tendência de qualquer coleccionador” é, pois, “de juntar qualquer coisa mais”. Com o convívio, surge também o interesse pelas colecções de outros. Pacotes de açúcar, carteiras de fósforos, medalhas, réguas, pins, porta-chaves, bonecas com trajes regionais, postais, sabonetes, convites... vão sendo coleccionados ou, pelo menos, ajuntados. Há também outros conhecimentos que se adquirem através do convívio. Por exemplo, “quando se fala de uma moeda todos conhecem, sabem o que é; não é estranha para nenhum”. Outros objectos que são adquiridos são os livros sobre as temáticas às quais se dedicam os filatelistas. Por exemplo, para uma colecção sobre flores, é necessário “saber onde é que se dão as flores, para que servem, quando florescem”.

A relação com e mediada pelo objecto

Ser coleccionador implica organizar, ordenar e catalogar, saber o que se tem e para determinadas colecções, essa forma de organização é muito morosa. É o caso dos selos. Mas quando já está tudo mais ou menos organizado, o pouco que há a fazer é quando se adquire uma peça nova é juntá-la à restante colecção, já está devidamente organizada. Ainda assim, nas horas vagas, é um “entretenimento”. Há quem não tenha outro “hobby” e que se dedique a este durante os “serões”, nem que seja para fazer “novos apontamentos de falta”. No caso da numismática é diferente: as moedas são guardadas em sítio seguro pelo seu valor monetário e por isso só há contacto com a colecção na arrumação de novas peças e na sua limpeza.

Têm, na sua maioria, familiares e amigos que também são coleccionadores e há quem faça colecção para si próprio e para familiares. Como há outras prioridades (“não deixo de dar apoio à família), não há reacções negativas por parte dos demais. No caso de algo tão privado como a numismática, nem sempre se conhece o interesse do coleccionador. Há pessoas que oferecem artigos para que possam ampliar as suas colecções quando sabem que são coleccionadores: “Às vezes digo que eu faço colecção de selos; as pessoas “ah faz, então deixe estar que eu tenho uns selos cá em casa hei-de lhe trazer””; “às vezes ajudam-me a procurar peças que eu tenha interesse” e quando têm a possibilidade de contemplar as suas colecções ficam admirados pela “paciência”, beleza e

qualidade da colecção, pelo que são felicitados. No caso de coleccionadores mais experientes, há quem recorra aos seus conhecimentos.

A inserção grupal

Por convite ou iniciativa própria, vão-se reunindo à associação. Alguns já conheciam outros membros ou vão tomando contacto com eles em exposições, feiras de trocas ou na sede. Tendo a associação uma porta aberta, é igualmente possível tomar contacto com os membros da associação e assim juntar-se ao grupo.

A associação tem ao dispor dos seus sócios variados materiais necessários ao desenvolvimento das colecções (materiais necessários na prática de coleccionador) que vendem pelo preço a que compram. “a gente não lucra nada com aquilo: a gente manda vir, estão ali, os coleccionadores vão à procura disto, daquilo, daqueloutro, a gente tem ali e cede-lhe para eles poderem continuar com os trabalhos, não interromperem.”

“Se eu vier aqui como sócio, entro, adiro, pago e vou-me embora. E se vier aqui uma pessoa, a gente pode-lhe vender a primeira vez as coisas e à segunda vez: “pois é meu amigo, desculpe lá mas isto aqui é para os sócios e tal; o senhor se quiser adquirir as ‘peçazinhas’, pá, a gente sugerimos que entre em sócio porque tem mais possibilidades”. Está a perceber? Não vamos pôr logo as pessoas directamente na rua mas temos de tentar dar a volta não só para angariar sócios como para que eles tenham mais possibilidades de entrar aqui mais à vontade; porque se eu entrar na sua casa, se não tomar conhecimento da família, a senhora diz “desculpe lá, você vem para aqui a entrar, quem é o senhor?””. Será por isso que “já tem havido pessoas que dizem que eles são pessoas um bocadinho fechadas (...) e não se abrem muito à comunidade”? Dentro da associação, ninguém notou isso quando entrou. Sentem-se bem recebidos. “Aliás, como a gente recebe toda a gente; recebemos bem”. E é isso que todos os membros sentem: alguns já foram convidados a realizar exposições, outros a fazer parte da direcção, outro ainda já foi homenageado. No fundo, a associação “é uma família”, mesmo que a maioria não tenha nela nenhum familiar propriamente dito.

Não sendo algo que prejudique familiarmente, as reacções ao ingresso na associação são positivas ou mesmo inexistentes.

“Tentar que esta associação seja, esteja melhor, mais sólida e olhando para o futuro”: é o que há de comum entre os membros mais assíduos da associação. Gostam de partilhar com os outros membros o que têm, estão entusiasmados pelo mesmo “hobby” e os temas são comuns a todos, pois vão-se inteirando das colecções dos outros. E, claro, há os encontros ao sábado, que permitem aos membros conviver e assim tornarem-se amigos. “O coleccionismo junta as pessoas”, estabelece relações de amizade “mesmo muito grandes”. Não admira pois que para os membros, a associação seja “uma família”, até porque “a associação propriamente dita é as pessoas que a frequentam.”. “A amizade é uma coisa extraordinária”, que para alguns, “já vem de dezenas de anos”.

Fora da associação só muito esporadicamente se encontram mas todos tentam frequentar a associação aos sábados. Encontram-se, “trazem umas novidades”, trocam ou entregam objectos para os outros aumentarem as suas colecções. A associação é ponto de encontro e é um hábito frequentá-la, não só por razões ligadas ao coleccionismo mas sobretudo pelo convívio: “No fundo não adiantamos nada senão conversa (...) não venho aqui com o intuito de comprar nem vender; venho aqui para contactar todos os sábados”. É um convívio “saudável”. Tanto que a dedicação à associação é bastante, já que os seus membros mais assíduos realizam todas as tarefas necessárias: “são eles mesmos que lavam, que esfregam, que limpam, que mudam mesas, põem mesas, põem expositores, tentam arranjar dinheiro”. E essa é “uma colaboração que a gente dá à associação e se a gente não tivesse prazer de estar aqui, essas coisas não as fazíamos”. São esses membros que alguns dizem serem “exemplares”. Afinal, fazem o que um membro exemplar deve fazer: “tentamos melhorar a associação em todos os aspectos” e “ter a associação dinâmica com exposições mensalmente das mais diversas temáticas”. Um membro exemplar dá boa imagem da associação, colabora e “está sempre disposto a ajudar”, “é acessível a eles todos, deu-lhes sempre as explicações que eles precisavam”, e dá “o seu conselho”.

Mas também há conflitos, “brigas”, “gritos” e “berros” que são facilmente sanados. “Uma discussão de vez em quando mas isso é até saudável porque se não éramos todos carneiros, andava tudo para o mesmo lado.”. Há discordâncias, mal entendidos. “Felizmente”, “porque uma pessoa que diz sim a tudo também não tem aproveitamento nenhum”. Mas também é para isso que a direcção serve: “pomos os assuntos na mesa, são discutidos e dez minutos depois a coisa está totalmente resolvida”.

Para os membros da associação, não há, portanto, desvantagens em pertencer-lhe, até porque é de adesão livre. Antes pelo contrário, só vêem vantagens. Os associados estão “sempre a par” dos selos que vão saindo, têm um maior conhecimento das peças que realmente vale a pena adquirir, têm acesso ao mais variado material necessário. Na associação, podem partilhar os objectos e fazer trocas, há a “possibilidade de expor ou acompanhar exposições” e tomam conhecimento de “outras peças, outras formas de coleccionar”. Para além disso, há sempre o “valor emocional” e o “fundo cultural das colecções”. Através da associação, o “contacto com os outros colegas de várias regiões” e com outras associações é facilitado. Há também o convívio entre os membros. A associação tem, pois, muitas razões de existir: “o individualismo tem estragado muita coisa cá neste país.”. Aliás, muitos destes membros pertencem a outros grupos (não ligados ao coleccionismo) e mesmo a outras direcções. Quando “as coisas não corram bem” tentam “torneá-las”. Talvez por isso a maioria nunca pensou vir a sair e, quem já pensou, sentiria a sua falta de tal forma que não ousou fazê-lo. Só sairiam se houvesse uma alteração do “princípio pela qual se rege” a associação, se sentissem que estavam “a mais” ou por um caso de maltrato ou falta de saúde. Os que pensaram sair foi porque pensaram em terminar as suas colecções. Mas para aqueles que nunca pensaram em sair da associação, mesmo que o fizessem continuariam as suas colecções: “Não faço filatelia por estar cá inscrito ou amanhã saio, deixo de fazer.”.

4.3.6 A caminho de ser cristão em comunidade

Eu saber que alguém me ama sem me exigir nada em troca, que me ama gratuitamente é o fundamental da minha vida.

Caracterização

A “transmissão de fé”, para estes membros, “vem do berço”, através da educação dada pelos pais e pela família. Para todos, há igualmente o contacto exterior com a Igreja, a frequência da catequese, da comunhão. Alguns pertenceram a grupos de jovens (como a “Liga da Modéstia”, na qual se cultivava “a castidade nos gestos, no vestir”), grupos corais e mantiveram-se ligados à Igreja de uma forma quase ininterrupta (apesar dos momentos

de “crise de fé” por que “quase todos passam”). Para alguns, o “interesse” (o interesse desinteressado, já que há uma “gratuidade no amor de Deus”) não começou desde logo, apesar da educação e da frequência da Igreja, mas sim “a partir do momento” em que nas suas vidas “aquilo até fazia sentido”, em que compreenderam que “existia alguma coisa superior que comandava” as suas vidas.

Talvez não seja possível fazer comparações com outros interesses ou outros objectos e temáticas: “Deus é único” nas suas vidas e não pode ser separado da própria existência. Deus “dá um sentido à vida” e “a única forma de nos sentirmos preenchidos na totalidade é saber que existe uma coisa muito maior, uma força muito maior do que aquelas coisas do mundo”: as outras coisas só “dão felicidade aos poucos”. “Deus existe nas pessoas, na natureza, nas coisas e sobretudo no amor das pessoas.”.

Deus é um “ideal de vida”, uma “forma de estar”. Deus não é “castigador”: “É o Deus que me diz “tu és assim, eu criei-te assim e é assim que eu te amo; não tens que te sentir preocupada, não tens que sentir angústias, não tens que te sentir mal porque pecas, porque erras, porque te angustias”. Deus ama e no seu amor há um sentimento de alegria e felicidade: “Deus ama-me de tal maneira que me dá constantemente muitas coisas boas e eu encontro-o nas dificuldades, nos problemas, nos sofrimentos, em encontro-O.”.

Ser cristão – ou tentar sê-lo – é, portanto, dar este “testemunho de vida”. “O Homem é por natureza um ser religioso” e pertencer a uma comunidade é também uma necessidade: “Se calhar estamos aqui porque precisamos mais do que os outros que estão lá fora”. Foi Jesus quem o disse: “eu não vim para os justos; eu vim para os pecadores”; “Eu não vim para aqueles que tinham saúde mas para aqueles que precisam de saúde”. Portanto “quem mais necessita, se calhar é quem mais se aproxima do senhor.”.

“Deus é amor” e “para o amor nunca há limites”. Mas “se Deus mandou o seu filho à terra, Jesus Cristo e nos deu uma palavra do sentido da vida que era de amar os outros como a nós mesmos e isso, é óbvio que há limite”: não se pode obrigar alguém a acreditar. E também não se deve viver a religião de uma forma extremada e só viver para isso. O limite é também eles próprios, as suas capacidades: “até onde é que eu iria, não faço ideia. Por defender um ideal em que acredito?” “Irei até onde Deus me levar, onde Deus me der capacidade para eu ir.”. Mas “matar”, isso “nunca”.

A dimensão psicológica

“Porque é que é importante? Oh céus! É a nossa vida, credo! Sem isso acho que estamos perdidos. Não quer dizer que seja a religião mas é próprio Deus”. Deus está sempre presente, daí que seja tão importante o sentimento. “A melhor coisa que eu posso dar aos meus filhos é ter a minha fé”. “Deus em Jesus Cristo” intervém e muda as suas vidas e “viver do amor de Deus” é muito importante. É impossível separar Deus de tudo o resto; é impossível “tirar Deus da vida e construir a vida sem Deus”: Deus é vida e seu amor “aparece quando eu tenho problemas e quando não tenho problemas, quando estou a sofrer e quando não estou a sofrer, quando caio com o pecado, quando faço a experiência do mal e quando a vida me corre bem.”. Sempre. “Deus não me abandona”: “conseguimos ver sempre Deus na nossa história, de que forma é que ele actua e essas coisas.”. Por isso, não se é cristão “aos bocados”. “Deus faz-me sentir realizada e supero tudo, todas as dificuldades, todos os problemas”. O amor de Deus faz nada temer.

E Deus está sempre presente, daí que nem sequer seja concebível viver sem Ele. Está na bíblia, nas celebrações mas também do dia-a-dia independentemente do sítio onde se esteja, de se estar numa comunidade ou não (“podemos sempre estabelecer uma rede de relação”). Até porque “podia não ser cristã e ser uma pessoa íntegra e ter os mesmos valores cristãos porque Deus é único”: “acredito nestes valores do cristianismo mas o meu Deus é o mesmo Deus de outras religiões, que eu devo respeitar e que eu devo amar na mesma a outra pessoa independentemente de ela ser ou não cristã”. O refúgio na fé não é “um sinal de fraqueza”: “eu sinto que preciso disso como o peixe precisa de estar lá dentro de água”.

A comunidade em si não tem uma devoção particular por nenhum ícone da igreja. Aliás, sentem que não há uma devoção, na medida em que “a iniciativa de me encontrar com a gratuidade do amor de Deus é Deus”. Por isso, há uma totalidade “Pai, Filho, Espírito Santo” e a virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. Quanto aos santos, são vistos como “homens e mulheres que tiveram a mesma experiência” da “humanidade” e “se encontraram com o amor de Deus”. Aliás, há quem acredite que os santos não são só aqueles que partiram e que por eles hoje intercedem mas também aqueles do dia-a-dia, que dedicam a sua vida a amar os outros. Mesmo que por vezes haja essa oração aos santos, há um sentido de que a relação com Deus e os ícones da igreja não deve ser uma relação falsa:

“Agora preciso que me resolvas este problema de doença que tenho, esta crise que tenho, então tenho que te pagar com uma promessa, com um sacrifício, com uma vida normal. Depois tenho tudo a correr bem, não tenho problemas na minha vida, então já posso fazer a minha vida sem contar contigo porque tu estás lá na prateleira até outro problema que possa ter em que te vou buscar”. Este “esquema da religião” é, portanto, uma “relação falsa”. Contam-se histórias de quando ainda não se tinha essa noção: “Sempre me interessei pela vida de São Francisco de Assis (...) então cada vez que precisava vá, de qualquer coisa, assim quando era mais novo, antes dos exames e isso ia lá sempre rezar um bocadinho ao São Francisco... se bem que ele é o padroeiro dos animais mas não tem nada... [risos], mas pronto, como era santo, olha!”.

A maioria dos outros interesses que estes membros da comunidade têm estão relacionados com a sua experiência de fé, com o tentar ser cristão. Uma vida familiar e profissional activa, os valores da família e da amizade, tudo isso são “reflexo da fé”. Mas isso não quer dizer que estas pessoas se fechem e não encontrem interesses fora da esfera religiosa: a dimensão do interesse é que, essa sim, é diferente.

A dinâmica das práticas

Vida e Deus não se separaram. O ser cristão, o tentar sê-lo, traduz uma forma de se estar na vida, o reger-se “por princípios e valores humanos” levantados pela fé. Para quem foi educada no seio da religião mais tradicional, nomeadamente em colégios religiosos, há um sentimento de que foi sendo “burilada”, “modificada”, tentando não ter tantos defeitos. Para outros, ser ou tentar ser cristão influencia por impor alguns “limites”: “às vezes vou beber um copo ou às vezes para me alienar assim das coisas, para não pensar em mais nada e “vou-me mas é encamadar-me e pronto” e sei que o ideal é enfrentar as coisas e saber que tenho alguém que me protege ou que está a comandar as tropas”. Mas há quem diga que, a haver mudanças ou influências da cristandade na personalidade, “elas são fruto da presença de Deus na minha vida, não são da minha iniciativa nem da minha esperteza.”.

Uma dimensão importante é o “anunciar” da “boa nova” aos outros: há o “evangelizar”. A “função” é também “transmitir aos outros” a presença de Deus, mesmo que outros associem os acontecimentos das suas vidas ao “acaso ou sorte” e não a Deus. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, disse Jesus Cristo. Esta é uma máxima pela

qual procuram reger as suas vidas, através do seu “testemunho”, no seu dia-a-dia: “Eu tanto sou cristã em casa, no seio familiar, como num supermercado, na fila do supermercado na medida em que eu não atropelo os outros, em que eu não me exaspero, na medida em que dou um sorriso quando as pessoas estão todas desorientadas...”. Apesar disso, há também quem não sinta a necessidade de mostrar a sua fé, apesar de não se importar. E muitas vezes a exteriorização de uma fé depende das relações que se estabelecem (“nem sempre nós temos aquela frontalidade para dizer, chegar e dizer logo que acreditamos em Deus e que somos diferentes”). Pode haver uma certa pressão (pela imagem que as pessoas têm do que é ser cristão), alguma vergonha ou retraimento (por haver muitos assuntos da Igreja incompreensíveis para os demais). O sentimento vai também evoluindo, o que até pode ser um indício de uma maior aceitação da fé por parte da própria pessoa.

A maioria não tem imagens que venera: “não de uma forma de ter aquelas imagens que venero, que eu adoro, de forma alguma, isso não; tenho como símbolos, como símbolos que fazem lembrar, tal como uma fotografia de família nos faz lembrar a pessoa”. Porém, há quem tenha oratórios, imagens, quadros, cruzes e outros símbolos.

A relação com e mediada pelo objecto

A fé “tem de se alimentar todos os dias” e portanto a oração tem de fazer parte do dia-a-dia – “os passos diários de oração, de reflexão e de interiorização”. E a oração não é só “fórmulas ou ler ou falar”: é a “vida do dia-a-dia”, o “trabalho”, as “dificuldades”, as “alegrias”... Ser cristão é uma “forma de estar na vida”. A bíblia dá uma palavra de ânimo quando é preciso e é sempre possível falar com Deus. Mas às vezes tudo isto é esquecido: daí a importância da comunidade.

Como a educação para a religião vem do berço, é natural que tenham outros familiares e amigos criados no seio da religião católica, mas que vêem a religião “de uma forma tradicional”. Para outros, a experiência de fé é também transplantada para as comunidades por amigos e familiares: pais, irmãos, amigos encontram-se nas comunidades. Há famílias inteiras: “eu sinto que olhando para a nossa família, para a minha família, vêem nela uma referência”.

À sua fé, as pessoas reagem de maneiras diferentes. Questionam “como é que és capaz?”, “porquê?”, “como é que aceitas determinadas coisas?”. Outros “ficam admirados” e há quem felicite a opção (“como é que consegues ser assim, uma pessoa assim no meio da sociedade hoje em dia?”). Outros respeitam ou pelo menos não se pronunciam contra.

A inserção grupal

O caminho significa para muitos uma ruptura, uma nova visão da religião tradicional, uma forma diferente de sentir Deus e a fé. Para alguns, o seu chamamento corresponde a uma altura de “crise de fé”, em que não encontravam Deus na sua vida. Ao discurso formal da Igreja (“cheguei a uma altura da minha vida em que eu pus tudo isto em causa. Porquê? Porque eu ia à igreja e ouvia um discurso do padre a dizer que temos de ser bons e eu via que não era bom. Via muitas contradições na minha vida, muitas dualidades. E então dizia “se a igreja é para os bons eu estou cá a mais, não estou cá a fazer nada”) sobrepunha-se agora a “boa notícia” do caminho: “Deus me amava como eu era independentemente de eu ser bom ou mau e que Deus tinha poder de dar sentido à minha vida e de mudar a minha história, de fazer de mim um homem feliz.”. O caminho é, então, uma forma mais clara de ver as coisas, um corte com a religião que até aí conheciam: “afinal de contas, verdades que eu tinha como verdades desde pequenina me tinham sido ensinadas, eu agora vi-as de forma... vi-as de outra forma, vi-as mais autênticas e que aquele percurso vá, de verdades cristãs que me tinham sido ensinadas, eu agora vi-as de uma maneira autêntica”.

Dando também os membros da comunidade o seu testemunho de vida, há a tendência para convidar outros a fazer a mesma experiência de fé e a “evangelização” traduz-se numa acção no sentido de trazer mais gente ao caminho. Muitas são as famílias que estão todas inseridas em comunidades e por isso muitos entram também por influência dos pais. Contudo, estes só percebem a importância do seu ingresso quando entendem a comunidade como “um presente de Deus”, quando passa a fazer sentido na sua história de vida. Aí compreendem, “porque é que os nossos pais vinham aqui, porque é que eles faziam determinadas coisas que os pais dos outros não faziam, porque é que era estranho e começou a ser mais normal para nós”. A revolta inicial dá lugar a uma sensação de inépcia (“fogo, porque é que não ouviste desde o princípio?”).

Sentem-se bem recebidos no seio das suas comunidades, amados pela Igreja. Até porque a comunidade é “vivermos todos em conjunto, irmos acompanhando os passos uns dos outros” e muitos têm outros familiares e amigos nela inseridos. Daí que aqueles que não têm outros familiares nas comunidades tenham pena de não terem os mais íntimos a partilhar esta experiência: “Quando eu me encontro com Deus e vejo que ele... que sou feliz, tenho... sinto dor de não ter, de que a minha família não experimente o mesmo”.

Nem sempre a “radicalidade” desta experiência de fé é bem compreendida pelos demais. Mas no seio da família é possível mudar. Como influencia a vida da família, ela acaba por vezes por partilhar a mesma fé e inserir-se também numa comunidade. Acabam por encontrar-se nas comunidades famílias inteiras, entretanto ampliadas por casamentos e nascimentos, mais filhos e outros cônjuges. Quem está “de fora” “estranha” os seus hábitos e há uma relutância inicial que parte do desconhecimento. Os que não compreendem o que é uma comunidade podem até pensar que “vão lá fazer lavagens ao cérebro”, que são uma seita. Alguns queixam-se da falta de tempo dos membros para outras coisas. Outros incentivam e acham bem. Entre a aceitação e a recusa estão aqueles que respeitam “então, mas se é essa a tua, se é isso que achas que é o importante para ti pronto, tens mais é que seguir e pronto”. Após uma “relutância” inicial, a família também vai aceitando e às vezes são eles próprios que recordam: “hoje não tens palavra?”, “hoje não tens eucaristia?”.

Entre os “irmãos” da comunidade há a “comunhão”, o “perdão”, o sentimento da “presença de Deus”. Partilham uma mesma fé, uma mesma celebração. O que os une “é a palavra” que ouvem e a “aplicação de Deus” que vêem nas suas vida, “independentemente da história que nós tenhamos”. Todos eles sentem um “chamamento” e a falta da comunidade. Há “amor” e “respeito” entre os “irmãos” e a descoberta dos outros. Acreditam no mesmo Deus, ouvem a sua palavra e procuram pô-la na sua vida. E isso “cria de facto laços de comunhão excepcionais”. Para alguns, a relação com outros membros é de extrema importância: “são pessoas com quem tenho mais comunhão em muitos aspectos da vida corrente inclusivamente do que algumas pessoas da minha família.”. Sentem que precisam uns dos outros: vão “crescendo como um grupo, não é só como um par, a dois e dois ou assim”. “Cria-se sempre uma ligação com as pessoas que caminham com a gente”.

Os “irmãos” visitam-se com alguma frequência. Pelo menos, se for necessário, disponibilizam o seu tempo para os outros. “Os irmãos estão doentes, são acolhidos, são atendidos pelos irmãos da comunidade”. Em caso de doença, de nascimento, estão presentes. Entre os jovens, muitos cresceram juntos, fazendo parte de um mesmo grupo de amigos fora da comunidade.

Quatro horas por semana – 2 de eucaristia e 2 de celebração – é o tempo mínimo que dedicam à comunidade, acrescido pelo convívio mensal da comunidade. Por vezes há também que preparar a celebração da palavra ou a eucaristia (que é preparada pelos membros em grupos). Outros têm funções adicionais. Por exemplo, há quem dedique quase todos os serões na altura da evangelização. Estar na comunidade faz falta e não prescindem dela para estar noutros sítios. É importante estar nestes momentos em que “estamos a rezar e estamos a escutar a palavra e a interiorizar e conversar com Deus porque no resto do dia-a-dia (...) nem sempre nós nos lembramos disso.”

Alguns membros da comunidade estão ligados a outros grupos, sobretudo através da colaboração com outras actividades ou pertencendo a grupos ligados à paróquia ou à Igreja (como o “Movimento da Esperança e Vida”, “Legião de Maria” ou a “Senhora da Boa Morte”).

Para a maioria não existem membros exemplares numa comunidade. “Muitas vezes as pessoas que vão à Igreja, são pessoas que pomos uma máscara, uma máscara de boas pessoas, de gente séria, de gente equilibrada e os nossos defeitos; os nossos pecados trazemo-los ocultos porque pensamos que temos de mostrar uma máscara de boas pessoas, de gente bem, de gente que se porta bem, os outros são os pecadores, são os malandros.”. Mas não: mesmo os “que estão em passos mais avançados ou têm mais responsabilidades” na comunidade “não são mais ou menos pecadores”. Afinal, se houvesse um membro exemplar, se calhar “já não lá estava” (“se existisse uma pessoa exemplar... não existia porque se calhar já era santo!”). E afinal, “Onde é que há um homem perfeito? O homem perfeito não existe!”. Portanto, membro exemplar “só Jesus Cristo”. Mas a haver seria “uma pessoa iluminada, capaz de ouvir e pôr os outros na verdade”, “com discernimento”. Mas há quem aponte um membro exemplar: um “apóstolo”, que se preocupa com todos e angaria membros. Para outros, um membro exemplar compreende que as pessoas são

diferentes e consegue conviver com elas, reconhece os seus erros e “diz quando não compreende” o outro.

Estar numa comunidade é “uma graça de Deus”. É um “enriquecimento”, um “encontro com Deus”, “com os irmãos”, consigo próprios. É conhecer “outras realidades”, entender que “é diferente o sentimento que uma pessoa tem perante uma determinada situação”, que “Deus actua em todas as pessoas”. É o reconhecer os seus erros, não ser “egoísta”. É “viver em conjunto”, ir “acompanhando os passos uns dos outros”. É sentir-se “menos sozinha”. E é ter a liberdade de se expressarem, “de dizer alguma coisa” que lhes “tenha tocado”, “uma palavra que tenha ajudado”. É ter a “riqueza” da “entrejuda” e da “amizade” (“quando há um problema há sempre uma ou duas pessoas da comunidade que nos ajudam e que nós podemos ajudar”). Há tantas vantagens e nenhuma desvantagem. Poderia haver eventualmente a desvantagem de se falar da sua vida e vê-la exposta fora da comunidade. Mas até isso é “frutífero” para “nos conhecermos como somos” e “nós vemos que só há um que nos compreende e o único que é fiel que é Deus”.

Mas isso não quer dizer que não haja conflitos. “Somos todas pessoas humanas”. Por isso “é normal que as pessoas tenham pontos de vista divergentes e opiniões diferentes”, que cada um tenha “uma atitude diferente perante a vida”. Por vezes há um irmão “que põe o outro na verdade” e ele não aceita. Pode até haver uma mudança de comunidade. Mas conseguem conviver pois entre todos eles há “o sentido do perdão” e porque “há uma coisa superior” a isso, que é Deus. E tudo isso é importante: “uma comunidade se não tiver conflitos não tem caminho”.

De resto, há sempre momentos de interrogação e de crise, que “são importantes” e que ajudam “a cimentar mais dentro da vida da comunidade”. Há vezes em que “não apetece ir” e ao início os mais jovens podem até sentir a comunidade como “uma obrigação”. As dúvidas podem-se prender igualmente com a incapacidade “de entender e sobretudo de transmitir aquilo que eu aprendo”. Alguns poderiam eventualmente afastar-se (não sair) num momento de crise, em que precisassem mais de apoio (de “pessoas que me elogiasses”) do que da verdade da comunidade. Mas é importante “estar lá e falar com Deus”, pelo que há quem ache que nunca irá sair. Nem mesmo por causa de “intrigas” que possam acontecer ao exporem as suas vidas: “Deus manifesta-se sempre naquele que também é julgado ou difamado”. Mas como um membro refere, não está “plantada de

pedra e cal”. Há irmãos que se afastam em momentos de crise e aí “também não vamos atrás de ninguém que queira sair sinceramente porque entendemos que Deus faz a história com cada um”. Até porque “a liberdade que Deus nos dá é tal, e o amor de Deus e de tal forma gratuito, que nem o exige Deus não me exige, deixa-me a liberdade para eu escolher.”.

4.4 Interpretação e análise comparativa dos dados

A análise de dados qualitativos tem como principal objectivo a sua descrição, feita no sub-capítulo anterior. Contudo, a realidade que esta evidencia é subjectiva e susceptível de uma constante problematização e crítica. Na senda do que para trás ficou, urge objectivar os principais dados coligidos sob uma perspectiva compreensiva

4.4.1 Caracterização do investimento

Para a claque de futebol, não é só o objecto Benfica que é investido: o interesse é também pela pertença a um grupo no qual o apoio é o conceito dominante; apoio esse quer ao Benfica, quer à associação Diabos Vermelhos. Daí que estes benfiquistas não sejam apenas sócios do clube: o seu vínculo prolonga-se para lá do vínculo ao objecto Benfica. Contudo, é também o objecto Benfica que determina a ligação à claque, ainda que indirectamente. Na vida dos seus adeptos, a preferência clubista desde o berço não é um facto anormal já que o interesse pelo Benfica preexiste no seio familiar. É, portanto, um interesse que surge desde cedo e que sobrevive graças à introdução desses elementos na vida do adepto por parte dos seus familiares e amigos. Afinal, quase toda a gente tem um clube. Mas essa adesão maciça ao Benfica é potenciada pela claque. Sem ela, talvez “a maluqueira”, “o vício”, “a emoção muito grande”, não fosse tão exacerbada e apesar dos limites que existem (pois há outras coisas mais importantes como a família) a claque potencia uma entreajuda que por vezes leva a uma violência “mascarada” (a defesa dos outros membros da claque que se envolvem em distúrbios, mesmo que estes tenham sido iniciados por estes). O orgulho de ser benfiquista passa similarmente pelo orgulho de se pertencer a uma claque, que pressupõe alguns sacrifícios maiores a que o adepto normal nem sempre se sujeita. Pelo menos é esta a sua visão: são eles que seguem o Benfica para todo o lado. Logo, o interesse destes adeptos pelo objecto Benfica é singular, diferente do

interesse do adepto geral. Não é apenas ser adepto, é “amar” o Benfica. Mas este interesse não se estende aos jogadores: apesar de haver “jogadores que se confundem com a camisola”, eles são secundários face ao objecto Benfica.

Já o clube de fãs do Tony tem um interesse mais directo pelo artista que é, como já aqui foi referido, a expressão mais directa do interesse dos seus membros. Há no interesse duas dimensões que se complementam e tornam o objecto distinto dos demais: há o Tony artista e o Tony humano. Tanto as características pessoais como as profissionais são salientadas e o interesse é como que uma mescla das duas. No fundo, ele representa também o ideal romântico (dirão as letras aquilo que gostariam de ouvir dos seus apaixonados?). De resto, há também uma identificação possível com o objecto devido ao facto de outras letras das suas músicas remontarem a situações experimentadas e vivenciadas pelas suas fãs, havendo assim como que um elo de ligação entre o cantor e suas fãs na partilha de situações, sentimentos e emoções. Este fenómeno também escapa por vezes à compreensão das suas fãs (elas não conseguem explicar o porquê de tão elevado número de fãs). Aliás, esta incompreensão estende-se a outras fãs: há de facto comportamentos excessivos. O clube apresenta-se então como a possibilidade de desenvolvimento de relação com o objecto. Se ele realmente é a expressão mais directa do clube, é natural que assim aconteça.

Quanto à vespa, há diferentes formas de interesse mas prendem-se normalmente não só à sua característica de veículo utilitário mas também ao prazer que proporciona. E este interesse é observado nos mais variados aspectos. É um prazer que tanto pode advir de um passeio e de um sentimento experimentado por todos os utilizadores de duas rodas como pode advir de o facto da vespa poder, de facto, ser um investimento físico, na medida em que as vespas antigas pressupõem geralmente o seu arranjo, proporcionando assim um hobby relaxante. Um vespista “a sério” tem trabalho com as vespas. É calmo e pacífico e há a consciência de que deve ser necessariamente correcto no trânsito. A grande diferença do veículo é não só as suas linhas e as suas qualidades enquanto veículo, como a sua história apaixonante, a época que evoca e a possibilidade de nelas se encontrar um hobby – através do restauro – e um convívio.

A columbofilia é também um hobby. É uma prática na qual se tenta introduzir os mais novos e cujo interesse deriva de um conjunto de situações na qual o pombo é o

protagonista. O pombo é também a via para a competição e, apesar de ser motivo de admiração, não é só o interesse por este que desperta para a prática columbófila. Na columbofilia não há, portanto, a prevalência de um objecto único pois é a competição a “mola real” da columbofilia. Pombo sem desporto não é columbofilia, nem tampouco columbofilia sem pombo. Mas todos os seus adeptos são igualmente adeptos do pombo-correio e adeptos do desporto. Até porque a relação que se estabelece com o objecto é uma relação recíproca: o adepto investe o seu tempo e dedica-se e o pombo corresponde com a sua classificação no desporto. Mas sendo um desporto isolado, em que o único contacto em grupo se dá aquando da competição em si, é o pombo-correio que vem determinar a relação e não o desporto. Mas não havendo a competição com o pombo, é provável que o interesse no objecto fosse menor. De qualquer modo, o objecto de investimento maior é de facto o pombo, potenciando-se o seu interesse através de uma prática desportiva. O interesse pelo desporto não é o mais determinante; é o complemento pois a particularidade da prática columbófila é precisamente o pombo-correio, a ave de competição que é tratada como atleta. Alia pois, dois gostos – o pombo e a competição – e para que o segundo seja possível é determinante o primeiro. Tanto que o pombo está de certa forma em primeiro lugar: jamais excederiam os seus limites para alcançar boas classificações desportivas. O pombo deve ser conservado, o que faz depender também do tratador o alcance dos resultados desportivos. No fundo, pombo e columbófilo são igualmente necessários, estabelecendo-se assim uma relação de interdependência na concretização de objectivos. A competição é uma forma de passar os tempos livres; o pombo uma forma de não ter outros tempos livres. Implica sacrifício e a relação com o pombo é uma relação directa e diária: o adepto tem influência no próprio objecto, moldando-o para a competição. Daí a luta do columbófilo. Daí que esteja “virada para a sensibilidade”. E pelos sacrifícios que implica, pela sua dedicação e também pelo empenho monetário que obriga, não é um desporto que cativa muitos jovens.

O mesmo se passa no mundo do coleccionismo, onde os coleccionadores são geralmente mais velhos. Há também este sacrifício económico que nem todos podem despende. Mas, na realidade, nem todas as colecções são conquistadas a troco de dinheiro pelo que não será essa a única razão para que os jovens se dela afastem. Há entre os coleccionadores a sensação de que nem sempre se dá o devido valor a este trabalho que é

desenvolvido. Mas antes não era assim. Eram os próprios pais ou outros familiares que inseriam o jovem adepto no mundo do coleccionismo – até porque quem se inicia na prática deve ter acompanhamento (pelo menos na filatelia), o que dificilmente (pelo menos para estes coleccionadores) acontece nos dias de hoje, em que outros interesses se sobrepõem. Mas tal não significa que não haja jovens coleccionadores.

Outros objectos de interesse acabam por ter uma vertente coleccionável. Na música, no cinema, nos meios de comunicação, no desporto; é possível encontrar adeptos que coleccionam ou adoptam artigos relacionados com os seus interesses. Contudo, esses não são efectivamente coleccionadores: no coleccionismo o seu adepto encontra num determinado objecto uma forma de coleccionar e o objecto é único (embora em diferentes versões); enquanto que outras formas de coleccionar são geralmente incipientes e passam por adquirir os mais variados objectos relacionados com um determinado objecto de interesse. O coleccionismo é um “hobby” e para alguns um investimento, o que torna os objectos mais interessantes. Mas apesar de que quase tudo poder ser coleccionável e quase tudo poder proporcionar um hobby, nem tudo é um investimento. Aqui, o que interessa sob o ponto de vista do coleccionador, é que seja possível fazer colecção a partir de um determinado objecto. A escolha do objecto prende-se, portanto, com a existência ou inexistência da possibilidade de a este objecto se lhes juntarem outros da mesma categoria. Objectos únicos, sem possibilidade de categorização ou de agrupamento a outros, não podem ser coleccionados. A paixão pelo coleccionismo é caracterizada pelo começo enquanto ajuntador. Há uma diferença entre o coleccionador e o ajuntador que é importante e que determina se a prática do coleccionismo é ou não correcta. Daí que a relação com o objecto coleccionável exija aos seus adeptos um conhecimento efectivo dos objectos que têm por colecção. Há no coleccionador um gosto por coleccionar que é determinante para que este venha efectivamente a dedicar-se a uma colecção. Independentemente do objecto, o coleccionismo sobrevive da vontade dos coleccionadores, do seu gosto. Daí que nem sempre o objecto de interesse seja efectivamente o objecto de maior interesse mas aquele que é possível de coleccionar. Melhor ainda, ele torna-se objecto de interesse maioritário precisamente pela necessidade de escolha. Assim, o que é determinante é o interesse em coleccionar. Não que o objecto que se colecciona seja de todo secundário pois ao ser investido ele torna-se essencial (apesar da escolha de um objecto em detrimento de outros).

No caso da filatelia, por exemplo, não há para os seus adeptos um relegar do selo para segundo plano: ele é, a razão do coleccionismo, não o oposto. Existem então dois movimentos opostos: o interesse em coleccionar que permite a escolha de um objecto e a escolha de um objecto que se pretende coleccionar (e que determina a vontade de coleccionar) E porquê coleccionar? As peças “são cultura”, “enriquece muito as pessoas”, os objectos têm uma beleza própria e porque permite um sistema de trocas que por sua vez promove o convívio.

Também no caso da comunidade há um contacto com o objecto que é feito desde o berço através dos familiares e da observância dos rituais religiosos. Há um contacto prévio com Deus que se apresenta na sua forma tradicional, contacto esse a dois níveis: na esfera familiar e na esfera social; no privado e íntimo e no exterior e social. Mas a relação com o objecto é tomada de forma diferente aquando o ingresso na comunidade. O objecto não é mudado mas sim percebido de forma diferente. De tal maneira que a comunidade corresponde a uma diferente visão e relação com o objecto e, portanto, também o discurso sobre o objecto é de certa forma modificado. Uma das particularidades da relação com o objecto Deus é o sentimento de plenitude: o objecto é totalmente interiorizado, não podendo ser separado da própria existência. Indivíduo e Deus coexistem numa mesma vida, correspondendo a uma forma de estar, “um ideal de vida”, “um testemunho de vida”. A relação é também diferente, ultrapassando a esfera tradicional da religião na qual a relação com Deus é, segundo eles, uma relação de medo, um negócio. A gratuidade do amor de Deus é, portanto, uma visão aperfeiçoada do objecto que surge com a comunidade; uma redescoberta a que se é chamado. Assim, o interesse pelo objecto não parte do seu adepto: é o objecto que chama o adepto a si mesmo. Dai também a radicalidade da experiência: ao não separar o próprio objecto da existência, Deus é totalmente abraçado (é o viver do amor de Deus), numa experiência de fé que é compartilhada por um grupo heterogéneo carente dessa relação (“os pobres e fracos”). Há nesta relação o sentido da superioridade do objecto sobre todas as coisas. Não é o adepto que molda o objecto; é, antes, moldado por ele. E também nisso se distingue a relação com o objecto que, embora privilegiada, não é exclusiva a estes adeptos: o objecto é omnipresente, faz “a sua história” também com os demais, mesmo com aqueles que o negam. Há um sistema de crenças que está directamente ligado ao objecto pelo que a

relação com este pressupõe o abraçar de uma fé. Apesar disso, não há um sistema de regras estabelecido mas sim orientações. Aqui, Jesus Cristo aparece como um representante humano de uma experiência de fé exemplar e é, aos olhos da comunidade, o modelo a seguir. Daí que nem sempre se assumam cristãos no sentido mais profundo da palavra (que se assemelham a Jesus Cristo) mas sim como “chamados a ser Cristãos”. Jesus Cristo surge, pois, como que um objecto de investimento intermediário a Deus; um modelo a seguir na forma de se relacionar com Deus e, através dele, com os outros. Por tudo isto, há por vezes uma diferenciação feita pelos crentes: afinal, acreditam em algo que a maioria não acredita (há o “nós” e os “outros” – lá fora). E o interesse surge assim não como deliberado mas como algo ao qual se é chamado a comparecer, algo gratuito que se abraça, um sistema organizado de crenças e uma forma de estar que para eles é ditada pelo objecto e não por eles próprios.

4.4.2 A dimensão psicológica

A percepção da maioria dos adeptos destes clubes é que o seu interesse corresponde a qualquer coisa de “diferente”, a ser “diferente”. De facto, apenas os colecionadores não referiram esse facto. O interesse do objecto é diferente de outros, o interesse dos adeptos é diferente dos outros. Talvez o clube assim o motive; talvez o ingresso no clube seja motivado por tal. A entrada na claque, por exemplo, quase que exige esse interesse diferente do adepto regular, também pelo tempo que reivindica para si e para o objecto.

Ser benfiquista é sentir “prazer”, é ter “gosto” e “orgulho” e defender o clube em qualquer situação é algo de muito sério. No caso do Benfica, há sempre a tendência a demarcar-se dos adeptos de outros clubes. Não que tal não aconteça com outros grupos (a afeição a um clube normalmente exclui a possibilidade de se pertencer a clubes rivais) mas aqui a noção é acentuada, de acordo com os adeptos, pela “grandiosidade do clube”. Para estes, quem não é do Benfica é do “anti-Benfica”, o que reforça a identidade dos seus adeptos, dotando-os de uma contraposição constante que opera como um motivo de coesão. A afeição ao objecto é portanto intensa e está presente no quotidiano (ainda que por vezes indirectamente). Os dias passam com referências ao objecto e o corte com este seria doloroso, frustrante (talvez nem seria possível). Até porque ir ver um jogo “é esquecer os problemas e as chatices do dia-a-dia”.

E este é também o sentimento das fãs do Tony Carreira, para as quais um concerto seu é um “anti-stresse”, uma “calma”, uma “paz” que minimiza o stresse e traz a cura para alguma tristeza. Na aferição da significação do objecto para estas fãs há um elemento essencial: a entrada no clube de fãs, cujo estatuto de membro modifica a relação com o objecto e conseqüentemente aquilo que este significa. Esta transição corresponde para as fãs a um incremento qualitativo na relação com o objecto que parte também do reconhecimento do artista do seu clube de fãs. A noção de amizade que está presente nesta nova relação coaduna-se com um sentimento de superioridade em relação aos outros fãs em geral, ainda que tal possa não acontecer na prática (também os fãs não pertencentes ao clube são participativos, têm a possibilidade de contactar com o artista e ser reconhecidos). Assim, parte da significação do objecto para estas fãs é determinada pela pertença ao clube. Talvez também o artista promova esse sentir diferente: elas, no fundo, são reconhecidas pela sua assiduidade. Dai que falem em amizade recíproca, em não serem “iguais às outras”.

Também entre os vespistas existe essa noção diferenciadora entre os adeptos, mas aqui ela é igualmente ditada pela utilização que se dá ao objecto, a categoria na qual se insere o interesse do adepto. No universo vespista não só o passeio como o restauro do veículo correspondem a horas relaxantes, a um escape da difícil rotina diária. Daí que a relação com o objecto permita “combater o stresse e as angústias”, agindo como um “equilíbrio emocional”. É importante quer a nível individual (no restauro) como grupal (pelo convívio). A maioria das vespas antigas estão danificadas e ao adquiri-las há a necessidade de as recuperar: elas não estão “feitas”, concluídas e o resultado final depende da arte do seu possuidor. Mas se há este investimento físico, há também um investimento emocional, já que adepto e objecto estão ligados por via da reparação: o objecto é fruto do investimento do adepto e como tal, ela simboliza o trabalho que este teve. Deste modo, para alguns adeptos, a vespa apresenta-se como fruto de um investimento físico e emocional, um reflexo do seu próprio empenho e por isso, um motivo de vaidade. Do mesmo modo, sendo um objecto que remonta ao século passado, ele pode ser simultaneamente um catalizador de emoções passadas, quer pela via directa (por estar associada a determinados momentos da vida dos seus adeptos) quer pela via indirecta (por representar uma vida que já não existe, evocando sempre memórias de um passado que não

se volta a repetir). A vespa é a saudade e a memória de outros tempos para os adeptos mais antigos. Daí que esteja associada a boas recordações, à família e a sua história seja sucessivamente evocada.

Este envolvimento emocional é igualmente visível na columbofilia, que advém sobretudo do relacionamento diário com o objecto. Sendo uma relação que se pauta por uma espécie de sinergia, o investimento no objecto é para os columbófilos possível de aferir através do desempenho do pombo nas competições (quanto melhor o atleta é treinado...). A columbofilia é um desporto diferente, um “hobby” que permite conviver e “fazer amigos” e que se distingue por exigir também uma dedicação diária. Daí a importância também do objecto: ele é parte da rotina diária. Há pois, também aqui um investimento afectivo no objecto: é o columbófilo que cria as condições necessárias ao pombo. E o columbófilo depende tanto do pombo como este do columbófilo. Absorvendo a maior parte da energia dos seus adeptos, a columbofilia faz parte das suas vida de tal forma que dificilmente terão outros interesses da mesma dimensão. Esta relação pode igualmente ser entendida como um desanuviar do stresse, face ao resto do dia rotineiro.

E o mesmo se passa no caso do coleccionismo: “alivia muito o stresse”. Para os coleccionadores, a sua actividade é um “hobby”, uma ocupação dos tempos que permite não só conviver como adquirir conhecimentos. Em última instância, pode ser uma forma de enriquecimento cultural, uma ocupação que permite esquecer todos os maus momentos. É algo facilmente conciliável com a vida do dia-a-dia – tal como as vespas.

Já a afecção ao objecto Deus é total, impossível de separar da vida de quem nele acredita. É impossível separar Deus porque ele não abandona. Deus preenche, fá-los sentir-se realizados, está sempre presente. A relação implica, claro, uma superioridade do objecto em relação ao crente, uma relação determinada pelo objecto de tal forma, que outros interesses que estes venham a ter estão relacionados com a sua experiência de fé, com o tentar ser cristão. Crêem no “Pai, Filho, Espírito Santo” e têm uma devoção particular a virgem Maria, por ser a mãe de Jesus Cristo.

4.4.3 A dinâmica das práticas

A entrada num grupo corresponde por vezes a uma maior assiduidade na relação com o objecto. Tal é visível no caso da claque e do clube de fãs do Tony Carreira: tanto

num caso como no outro os seus adeptos respondem com uma maior presença face ao objecto. Tal é possível pela particularidade do objecto: um jogo de futebol ou um espectáculo do artista são locais privilegiados de contacto e dedicação ao objecto. Tal também pode acontecer em relação à comunidade, já que o caminho pressupõe a adesão a determinados rituais, momentos de bendizer e louvar Deus.

Para os membros da claque há uma exteriorização do interesse, desde as simples referências ao Benfica no dia-a-dia à utilização dos mais diversos artigos referentes ao Benfica. Todos gostam de ter os equipamentos oficiais e cachecóis, que utilizam mesmo fora dos jogos. No carro, nos pequenos utensílios do dia-a-dia como isqueiros, portachaves, etc., é possível reconhecer a filiação clubista destes adeptos. Não é raro que acabem pois por adoptar vários produtos com o símbolo do Benfica, havendo mesmo quem faça colecção de tudo que se relacione ao clube (até porque ser benfiquista é motivo de orgulho, algo que se gosta de evidenciar). Quanto à interiorização do objecto, nem todos acham que este tenha influência na sua personalidade, apesar da maioria referenciar que ser benfiquista é ser diferente. Para alguns há essa influência pela oposição de outros e pela presença do objecto na vida diária: é algo único.

Também as fãs do Tony Carreira acabam por apropriar-se do objecto na medida em que adquirem os seus trabalhos e se mantêm a par da situação em que se encontra. Como ouvem muita música do artista, é fácil reconhecê-las enquanto fãs. Gostam de mostrar os seus cartões de membros do clube e o apoio ao artista é constante. O objecto opera em algumas destas fãs mudanças, pela paz que os concertos lhes transmitem, que pode eventualmente torná-las mais calmas e tolerantes. A relação com o objecto potencia, no fundo, uma forma diferente de estar na vida, promovida quer pela imagem do cantor quer pelas suas músicas. A relação objecto / fã pode ser vista como uma entrega de parte a parte, proveitosa para ambos: há o apoio para o artista e o consolo para as fãs. Por isso há um reforço do emocional em detrimento do material, pois a gratificação que se retira de um dia de espectáculo compensa a perda desse tempo que poderia ser utilizado noutras actividades.

No caso das vespas, existe também o orgulho em ser vespista, sobretudo pela restauração do veículo. A vespa é um colecionável: há várias versões, distribuídas ao longo dos anos, diferentes e que todos gostariam de possuir. Não sendo possível, alguns

guardam fotografias e colecionam miniaturas. Ao fazer da vespa um transporte diário, a identificação ao seu universo é mais perceptível. E essa identificação com o objecto é tanto maior se recordarmos a razão da existência do clube – a ligação oficial ao universo vespista. Sendo para alguns uma paixão, é natural que haja por parte dos seus adeptos uma exteriorização do interesse, exteriorização essa também no sentido de influenciar outras pessoas a interessarem-se pelo objecto. A personalidade até pode não mudar mas os comportamentos são alterados pela utilização do veículo, que é determinante para um “saber respeitar” no trânsito. De qualquer forma, a vespa acaba por surgir como uma marca, algo que fica colado à pessoa, que a afecta e indirectamente afecta os que com ela convivem.

Esta marca, a alusão à relação do fanático com o seu objecto de interesse, é uma constante no caso da columbofilia, no qual ao nome da pessoa se junta invariavelmente à frase “o dos pombos”. Sendo a columbofilia uma prática desportiva, mais do que o objecto, é a competição a via pela qual a personalidade dos seus adeptos pode ser eventualmente moldada. O respeitar, o saber conviver com a derrota, deriva das contingências observadas na competição, não do pombo em si. O movimento oposto é identicamente observável: se, por um lado, a prática modifica; é também a personalidade que está em jogo na competição, sendo a conduta desportiva um reflexo da personalidade.

E esta dimensão da personalidade é também determinante no coleccionismo. Coleccionar implica uma série de qualidades como a paciência, que são fundamentais no seu exercício. Eventualmente, a personalidade do coleccionador molda-se por essa necessidade de adaptação. O coleccionador tem quase sempre uma predisposição para o ajuntamento, sendo a tendência natural do coleccionador “juntar mais qualquer coisa”, tendência essa que se acentua com o convívio e conhecimento de novas colecções. Quanto maior é o interesse por coleccionar, melhor é colecção; quanto maior (ou melhor) é a colecção, maior é o interesse.

No percurso inverso, surge o objecto Deus, cuja interiorização é total (em última instância Deus é vida; Deus é as suas vidas) e na qual é a personalidade que é moldada à semelhança do objecto (por via de um certo “mimetismo” da figura de Jesus Cristo). O objecto, longe de ser separável, é uma forma de se estar na vida, algo que reside na própria existência. E como tal, a transmissão desta relação aos demais é também uma questão de

fé. Mais importante que a apropriação é a exteriorização. Melhor: a apropriação só é feita no seu sentido espiritual, havendo quase que como uma recusa de uma apropriação material aconselhada pela comunidade (a gratuidade do amor de Deus).

4.4.4 A relação com e mediada pelo objecto

Para os membros dos clubes entrevistados, a dedicação ao objecto é geralmente intensa, fazendo frequentemente parte da vida diária. A dedicação pode ser quantificada em alguns casos, como na claque: ela pressupõe uma maior assistência aos encontros desportivos do clube. Assim, há como que uma “regra” que determina o que é ser um bom adepto e, conseqüentemente, um bom membro da claque: traduzir o apoio em presença nos locais onde o Benfica se apresenta. Neste caso, a dedicação ao objecto Benfica e ao grupo claque é simultânea. Nas reuniões – tempo de dedicação ao grupo – é sobre o objecto que versa a discussão, tentando-se encontrar as melhores formas de apoio; nos jogos – tempo de dedicação ao objecto – é também a performance da claque enquanto grupo que está em jogo. E a dedicação implica sacrifícios. As deslocações, o tempo despendido e o encargo monetário que representa, implicam a escolha do objecto em detrimento de outras actividades e da presença noutros locais. Implica por vezes deixar de realizar outras tarefas para dispor de capital para assistir aos desafios do Benfica. Tal pode levar a alguma incompreensão por parte dos demais. Mas o simples facto de serem adeptos de um clube não: para além da maioria ter um clube de eleição, esta escolha é muitas vezes promovida por amigos e familiares.

Mas se a aceitação de uma preferência por um clube é “normal”, a preferência por um artista nem sempre é bem entendida, sobretudo quando essa preferência se traduz na deslocação das suas fãs aos mais variados locais para assistir aos seus espectáculos. Alguns familiares e amigos acompanham mas outros discordam. Sobretudo os filhos, que não gostam. Porquê? Será precisamente por o artista veicular um ideal romântico? Será por estes pensarem que o fenómeno de fanatização de um artista é um fenómeno tipicamente juvenil que não se encaixa na faixa etária das suas mães (que “já não têm idade para isso”)? Será por esse estereótipo que existe na relação fã / objecto de fanatização na qual o primeiro desenvolve como que uma espécie de idolatrização desmedida, podendo até assemelhar-se a uma relação erotizada no caso destas fãs em relação ao objecto masculino?

Havendo a suposição de que o artista é uma pessoa “normal”, então para quê tanto alarido? Porquê ir a tantos concertos se são todos iguais, sempre as mesmas músicas? Talvez alguma da animosidade se deva também a excessos que são eventualmente cometidos. Afinal, há quem espere horas a fio por um concerto, para assim garantir um local privilegiado ou se emocione quase até à exaustão durante os espectáculos. Talvez esta dedicação seja para os outros demasiado. As fãs ouvem a sua música todo o dia, no carro, em casa. Há uma dedicação diária ao objecto que ainda é mais acentuada pela possibilidade de contacto com o objecto e, sobretudo, pelo seu reconhecimento. Sendo o empenho destas fãs reconhecido, é credível que um maior empenhimento e dedicação sejam potenciados por essa possibilidade, que pode para elas traduzir-se numa amizade recíproca na relação com o objecto. E essa relação é, para elas, avivada pelo ingresso no clube de fãs. A dedicação torna-se mais constante porque, à semelhança da claque, ela constitui um elemento fundamental do apoio ao artista. Em ambos os casos a dedicação é acrescida pelo ingresso num clube (que no caso do clube de fãs em particular surge como principal motivação para a adesão). Daí também a oficialização que estes grupos pretendem ao seu objecto de interesse.

Contudo, no caso do objecto vespa, a dedicação depende mais do significado que o objecto tem para os seus adeptos. Como já foi referido, a relação com o objecto pode ser de diferentes ordens e está relacionada com aquilo que a vespa representa para os seus adeptos e no que se fundamenta o interesse pelo objecto: se é a estética, a utilidade ou o simbolismo (ou mesmo tudo isso). Assim, a dedicação depende da categoria na qual se insere a relação do adepto com a vespa. Ao utilizar a vespa como veículo, a dedicação é diária; sendo apenas um veículo de lazer, a dedicação pode ser apenas pontual; ao reparar os veículos, constituindo assim um “hobby”, a dedicação corresponde a um “escape” da rotina diária. No universo vespista o desenvolvimento de relações entre os vespistas nos encontros (uma “montra” da dedicação) é usual. Nestes, adeptos das mais diversas origens comparecem deslocando-se nas suas vespas; o que pode ser por vezes considerado como excessivo, apesar do geral “entusiasmo” por parte dos demais. Tal “expressão de simpatia”, no caso dos membros deste clube, pode ter origem no facto do interesse pela vespa não ser tão invasivo e não corresponder à tal dedicação que “rouba” o tempo para as outras coisas. Talvez se deva igualmente ao facto de familiares e amigos, por influência,

acabarem por partilhar algum deste tempo de dedicação, nomeadamente nos passeios vespistas, que são sobretudo momentos de dedicação aos outros e não ao objecto em si (aqui ele é o veículo promotor de convívio).

Já o interesse pela columbofilia é menos compreensível para os não praticantes, até porque continua a ser um desporto que se confunde com o objecto de interesse primário: para alguns, os columbófilos continuam a ser os indivíduos dos pombos. De resto, a dedicação ao objecto neste clube é de uma ordem diferente: ela é uma imposição na prática columbófila. Sendo o pombo-correio um atleta, ele depende do seu treinador (assim como o desempenho na competição depende dessa relação). Daí a necessidade de tratamento diário e a construção dos pombais num espaço comum a pombos e columbófilos. Absorvendo também o maior tempo disponível dos seus adeptos, o objecto é visto por vezes como um intruso, causando ainda alguma estranheza o interesse por tal actividade. Sendo também um desporto diferente que se apresenta como uma marca, é comum gracejar com a situação. Mas se por um lado a ausência de tempo é negativa, ela é também um motivo de despreocupação (sobretudo para os pais, que assim têm conhecimento das actividades dos seus filhos). A dedicação é tanta que o pombo acaba por se impor: é importante que familiares e amigos comunguem do mesmo interesse, ou pelo menos, aceitem a prática.

Também o coleccionismo, mais do que sugerir, exige dedicação. Há que organizar, ordenar e catalogar as colecções, caso contrário o indivíduo não se encaixa na designação de coleccionador e sim na de ajuntador. Mais: ser coleccionador é uma actividade durável e não efémera pois muitas colecções não têm fim ou são muito vastas, pelo que um “bom” coleccionador amplia constantemente a sua colecção. Contudo, esta dedicação não é, para eles, invasiva; é antes uma forma de “entretenimento” que não descarta outras prioridades. E por isso, é geralmente aceite, havendo quem coopere na aquisição de novas peças. Mas para quem não se interessa pelos coleccionáveis, surge por vezes a pergunta: “para que é que tu queres isso?”.

O “chamamento a ser cristão” é uma experiência de fé vivida com radicalidade que por vezes não é entendida (mesmo para aqueles que mantêm um contacto com a Igreja), apesar desta experiência ser muitas vezes alargada ao núcleo familiar. Na verdade, existem dogmas dificilmente compreensíveis nos dias de hoje como a não utilização de métodos

contraceptivos ou a castidade até ao sacramento do casamento. Mas serão seguidos por estes membros? O que se entende é que não há regras estipuladas mas há um modelo de conduta: Jesus Cristo. E na tentativa de ser Cristão, de se assemelharem a Jesus Cristo, a fé é alimentada diariamente, não só através da oração convencional, mas principalmente no comportamento diário. A vida é assim, ainda que simbolicamente e em última instância, dedicada a Deus, mesmo que tal não se traduza numa visibilidade de tal para os outros.

4.4.5 O grupo

Inserção grupal

Quer o interesse por um determinado objecto venha “desde o berço” – como no caso do Benfica ou de Deus – quer ele surja posteriormente por descoberta individual ou influência de outros, ele precede o ingresso num grupo. Será lógico que assim seja, já que o ingresso corresponde a uma hiperadesão ao objecto em questão. Nem sempre se toma contacto com o grupo com intuito de lhe vir a pertencer, daí que a recepção dos outros membros seja fundamental. Também o é no caso do ingresso partir de uma iniciativa própria ou de um convite por parte dos outros membros do grupo. Em casos como a claque ou o clube de fãs do Tony Carreira, é comum a iniciativa partir dos próprios interessados, porque vêm no seu ingresso atractivos (como uma maior relação com o artista) ou porque o contacto com o grupo surge como proveitoso (no caso da aquisição de bilhetes para os jogos do Benfica através da claque). Em certos clubes, é normal a introdução de novos adeptos no meio, como na columbofilia e o coleccionismo, em que membros mais antigos vão orientando os interesses dos mais jovens. Outro caso em que a influência acaba por ser determinante é no clube de vespa e na comunidade, na qual a evangelização é um ponto fulcral. De resto, a iniciativa própria é mais comum acontecer naqueles grupos que se dão a conhecer através das mais variadas formas, possuindo uma porta aberta ou divulgando as suas actividades em páginas de Internet.

Em quase todos estes clubes se observa uma lógica de entreajuda, ainda que primária ou superficial em alguns casos. É na comunidade, na associação de filatelia, no vespa clube e na claque que tal é mais visível, quer pela própria lógica interna do grupo (o caminhar entre irmãos), quer pela dimensão relativa de membros (caso da associação e do núcleo da claque), quer pela preexistência de relações de amizade (o núcleo duro do vespa

clube). Na columbofilia, há uma competição que por vezes pode sobrepor-se às relações afectivas e no caso do clube de fãs do Tony Carreira, há uma menor interacção, já que o clube não tem expressão a nível local. Aliás, esta localização geográfica é essencial para o desenvolvimento de relações afectivas, assim como a existência de um local comum aos membros do grupo. Havendo uma sede para o núcleo da claque, para a associação, para o clube columbófilo e para a comunidade e sendo os seus membros de uma mesma região, mais facilmente se promove o convívio entre os vários elementos do grupo. Daí a considerarem-se mesmo “uma família”. Mais ainda: a existência de dias próprios de dedicação ao objecto (e igualmente de convívio) consolida essas relações, sendo esses momentos simultaneamente dedicados ao objecto e ao grupo.

Na claque, devido a esse tempo que é dedicado também aos membros, é frequente o estabelecimento de relações de amizade entre os membros do grupo que ultrapassam o mero relacionamento através do objecto de interesse em comum. É frequente dedicarem algum do seu tempo pessoal aos outros membros, realizarem actividades conjuntas fora do âmbito da claque. Para além disso, as deslocações enquanto membros da claque, proporcionam ainda um maior convívio. Neste caso particular, também o cariz “tribal” da claque tem influência: a claque tem uma lógica de grupo na qual prevalece uma relação de pertença intensa, potenciada também pela oposição a outros grupos e à “perigosidade” que a sua actividade envolve e que produz uma solidariedade entre os seus membros (lembramos a defesa dos outros em actos de violência). A violência acaba por ser uma marca que fica associada à claque, embora estes membros não se assumam violentos: para além de nem todos os membros se apresentarem da mesma forma (há, por exemplo, diferentes ideologias políticas entre eles) e de muitos recusarem actos de vandalismo, há ainda o factor adicional do estereotipo a eles associado (que se alarga à sociedade em geral) e que, segundo eles, leva a repressões por parte das forças policiais, que até podem ser evitadas (mas a que alguns membros respondem). É por isso que muitas vezes familiares e amigos aceitam este ingresso no grupo com alguma relutância. Falar em claque é portanto falar simultaneamente num “benfiquismo” exacerbado e num “espírito de grupo”. Aliás, estas duas dimensões compensam largamente os adeptos: apesar do sacrifício que implica pertencer à claque – pelas despesas e o tempo despendido – e a visão

negativa que sobre eles recai, a relação que proporciona com o objecto e com o grupo supera essas desvantagens.

Noutros grupos, os membros não reconhecem quaisquer desvantagens, como é o caso da comunidade, do clube de fãs e da associação de coleccionismo. Existem apenas vantagens, sobretudo de ordem emocional. O convívio proporcionado e a descoberta dos outros, o contacto com o objecto de eleição aliado a outras vantagens de ordem material (no caso do coleccionismo), são mais do que razões para a perpetuação da pertença ao grupo. Mas a necessidade de investimento nos objectos de interesse que promove a inserção grupal, não só permite um estreitamento de relação com o objecto (que para o clube de fãs do Tony Carreira é fundamental) e com os demais; é também possível que este ingresso dê uma nova visão sobre o primeiro (o caso da comunidade).

O ingresso no clube de fãs do Tony Carreira corresponde a um sentimento diferente pois estas fãs já não são como os outros: são amigas do Tony. Este será o principal motivo de aproximação ao clube já que neste não está patente a mesma forma de convívio que nos outros grupos referidos. Aqui, o “gostar do Tony” e dos espectáculos será o maior elo de ligação entre as fãs e o clube caracteriza-se por uma maior impessoalidade nas relações entre os membros. Talvez os momentos de dedicação aos outros membros do clube sejam apenas aqueles em que se dedicam também ao objecto: os seus espectáculos. E talvez por isso – pela não existência de uma rede organizada de relações de interacção baseada no estabelecimento de relações afectivas – os conflitos não sejam muito frequentes e as dúvidas acerca da permanência no clube ainda menores.

Para outros clubes, as dúvidas subsistem e é no caso do vespa clube que elas são mais evidenciadas. A existência de um núcleo duro é claramente contraposto aos outros membros, havendo uma divisão entre aqueles que promovem as actividades do clube e aqueles que as presenciam. Tal deve-se talvez ao facto da sua constituição ser familiar, envolvendo amigos e familiares, que assumiram o projecto por inteiro. Nesse tal “núcleo duro”, as relações que precedem a constituição do clube permitem a existência de situações de entreajuda, de convívio e de tomada de decisões conjuntas e a ausência de conflitos. Mas neste caso, a vespa é apenas mais um elo de ligação entre os membros, ao passo que com a maioria dos outros membros essa relação não existe (apesar de se estabelecerem algumas relações de amizade “só por via da vespa”). Daí a divisão sentida entre aqueles

que trabalham e aqueles que usufruem das actividades; entre aqueles cuja principal “paixão” é a vespa e os que vêem maior interesse no “beber e comer”. As actividades em torno do objecto acabam pois, por ser desenvolvidas sem recurso ao clube, situação oposta ao clube columbófilo, no qual a pertença e desenvolvimento das actividades através de um clube são obrigatórios na prática desportiva.

O mais interessante no clube columbófilo é que, apesar da obrigatoriedade de pertença a um clube para competir, o clube contém mesmo assim características de um grupo de adesão livre, já que os seus membros, em larga maioria, não se dedicam à prática com o objectivo de daí retirar proveitos financeiros mas sim por gosto (gosto pelo pombo-correio e pela competição): a haver uma necessidade por parte dos membros, ela é da ordem emocional, não material. Aliás, uma das grandes desvantagens desta prática é, efectivamente, as despesas económicas que implica. Outras desvantagens passam precisamente pela dedicação ao objecto, um paradoxo: se, por um lado, a dedicação ao pombo-correio traz “felicidade”, convívio e permite ocupar os tempos livres, ter um “entretém”, um “passatempo”; por outro lado, essa mesma dedicação priva os seus adeptos da sua vida social e familiar. Mas na balança, as gratificações proporcionadas pelo objecto e pela relação com este, pesam mais. E por isso surgem alguns “entraves” por parte de amigos e familiares. A dedicação estende-se igualmente ao clube: há que organizar as campanhas desportivas de acordo com as regras estabelecidas, pelo que são criadas “escalas de serviço” que incluem todos os praticantes. Do mesmo modo, quase todos já pertenceram à direcção do clube. Outra particularidade deste clube reside no facto de ele determinar uma competição entre os próprios membros do clube, nem sempre bem compreendida.

Na associação de coleccionismo, pelo contrário, o sistema de trocas e o facto de a associação possuir os materiais necessários para a progressão das colecções permite que cada coleccionador progrida com a ajuda dos outros membros e da associação. Apesar disso, este sistema de trocas não é apontado como principal motivo para a assiduidade dos seus membros: é o convívio a principal razão para a assiduidade dos membros da associação na sede aos sábados (“o coleccionismo junta as pessoas”). Torna-se um hábito frequentar a associação, muito devido às relações afectivas entretanto estabelecidas e não tanto pelo coleccionismo em si (há a ideia generalizada que pouco ou nada “se adianta”,

senão conversa). Sendo estes membros assíduos em número relativamente pequeno – mesmo tendo uma porta aberta a todos que queiram contactar com o universo do coleccionismo – são de certa forma um grupo fechado. Mas, no entanto, estão abertos a novos sócios. Como é isto possível? Havendo esta pequena dimensão, em que são os membros que efectivamente realizam todas as tarefas da associação, há uma maior necessidade de conhecer aqueles que eventualmente entram no seu domínio, o que pode sujeitar esses elementos estranhos à pressão de se tornarem associados. As suas colecções não são vistas como intrusivas, já que não implicam uma dedicação a tempo inteiro como, por exemplo, a comunidade.

Pela experiência radical que o caminho implica, o ingresso numa comunidade nem sempre é bem visto, sobretudo se atendermos à privacidade desta experiência (no sentido em que ela não é totalmente divulgada). Esta experiência ultrapassa os limites físicos, sendo uma experiência de fé religiosa, inserida num sistema de crenças que se opõe, de certa forma, ao investimento em outros objectos fora da esfera religiosa. Apesar da visão diferente da religião tradicional (“aqui não há regras”), a comunidade acaba por conceder um sentido à vida do indivíduo e à própria sociedade, dá “pistas” para a existência de uma conduta comum e veicula um relato do sagrado e de como se deve pautar o comportamento de cada um nas diversas esferas da sociedade. Daí que a pertença a uma comunidade não implique apenas o domínio religioso mas sim toda a vida (lembremo-nos que estas comunidades, segundo os seus membros, podem servir como modelo de conduta à sociedade). Daí que mesmo as relações de interacção sejam pautadas por certas indicações (que não são assumidas como regras) de “conduta”: há a “comunhão”, o “perdão” entre os “irmãos”. E esta designação reforça os laços de amizade e entreaajuda por que tentam pautar a sua conduta. Há um sentido da natureza grosseira do Homem, do pecado, da imperfeição que se traduz na tentativa de um assumir de erros, crucial para a progressão na caminhada. Consequentemente, persiste a noção de que os membros exemplares não existem (“só Jesus Cristo”) e que todo e qualquer comportamento que se assemelhe ao comportamento de Jesus Cristo é um enriquecimento.

Estrutura grupal

Os Diabos Vermelhos, enquanto associação, têm uma direcção própria mas o núcleo de Évora rejeita a existência de uma liderança formal no seu seio. Parte da

identidade fanática da claque estabelece-se através da oposição. Ser membro da claque indica aquilo que se deve ser (ou seja, a que clube se deve filiar – e ser sócio) mas também aquilo que não se pode ser. Para quem pertence aos Diabos Vermelhos, ser “Portista” ou “Sportinguista” será impensável (“é Porto é merda”, “anti-lagartos”). E apesar de se assumirem sobretudo como benfiquistas, para estes adeptos há certos padrões normativos de comportamento que se formam de modo talvez inconsciente através da necessidade de defesa do clube de eleição, da claque e dos seus membros e fruto da sua lógica de grupo, cúmplice de um certo neotribalismo (um “pacto” de defesa dos interesses da claque). Há também uma apropriação de um certo ritualismo, quer na crença (ainda que inconsciente) em forças sobrenaturais que leva a algumas superstições – traduzidas em actividades formalizadas – que se pretendem ter o domínio da sorte ou do azar; quer na forma como se apresentam e ocupam um espaço próprio na massa humana que assiste aos desafios.

Todos os grupos aqui referidos têm uma relação oficial com o objecto de interesse. Porém, é no clube de fãs do Tony Carreira que esse aspecto é mais visível, já que existe um reconhecimento por parte do próprio objecto. Assim, o carácter emocional da relação com o objecto é mais acentuada dada a interacção interpessoal. Aliás, como já foi referido, é o maior atractivo de um clube (potenciado pela organização anual de um almoço de convívio com o artista) cuja dinamização é desnecessária dadas as iniciativas tomadas individualmente por parte dos seus membros. No seu universo não existe uma rede de relações estabelecidas, nem mesmo com outros clubes de objectos “similares” (artistas).

Também no caso do vespa clube não há de momento uma dinamização da actividade vespista. Neste caso, foi a vontade de oficializar uma relação com o objecto que motivou a sua constituição. Porém, essa mesma oficialização trouxe aos seus membros encargos adicionais que os afastam do seu objecto de interesse: a dedicação ao clube implica por vezes menor dedicação àquele que é o gosto primário dos seus membros – as vespas. Daí que as actividades vespistas sejam realizadas sem recurso ao clube: o objecto prevalece. A única regra imposta é a posse do objecto e a sua utilização nas actividades realizadas. Apesar de não considerarem nenhum grupo opositor, fazem questão de se destacar dos motards, alegando uma filosofia diferente e a ocupação de um espaço “muito próprio” neste amplo universo do fanatismo. No vasto domínio dos clube de fãs, os vespa

clubes constituem uma estrutura de relação de proporções universais e o clube relaciona-se com outros clubes vespistas

A associação dedicada ao coleccionismo, na sua vertente filatelista, insere-se igualmente numa estrutura organizada de clubes, promovendo o intercâmbio com uma “associação congénere” e inserindo-se numa Federação. O mesmo acontece em relação à columbofilia, estando não só o seu universo organizado como também regrado. Os órgãos directivos do clube estão perfeitamente delineados e são impostas regras de procedimento que imprimem o sentido à prática desportiva e à competição. E esta competição tem um duplo efeito na pertença dos seus membros: se, por um lado, reforça essa pertença ao grupo ao assumir as rivalidades a outros grupos – e nesse sentido existe um objectivo comum de superação e a consciência de que o columbófilo representa o seu clube – por outro lado, ela determina que os membros compitam entre si. Assim, apesar da existência de uma direcção, é muitas vezes a competição que determina o poder de liderança dos seus membros: a competição surge como um reflexo do indivíduo enquanto columbófilo.

À semelhança do que acontece na associação de filatelia e outros coleccionáveis, também no clube columbófilo são admitidos sócios sem ligação ao objecto que, apesar disso, são quase como membros exteriores ao grupo (pelo menos é assim que são percebidos, havendo uma clara distinção entre o “nós” e o “eles”). A esta diferenciação acrescenta-se a diferença entre o estatuto de membro – que pertence à direcção – e associado. Contudo, na associação de coleccionadores, a sua natureza dita a inexistência de estatutos actualizados, que são vistos quase como desnecessários. Nela, existe efectivamente um líder (na pessoa do director), devidamente homenageado e com direito a fotografia na sede.

A figura do líder existe igualmente na comunidade. Ao pretender “formar comunidades cristãs como no princípio”, Jesus Cristo torna-se a sua referência. Podemos então identificar em Jesus Cristo a figura do “chefe”, um foco de investimento comum aos membros da comunidade e no qual repousa a sua identificação mútua, já que o ideal comum é medido à sua imagem. Jesus Cristo é então o “objecto grupal” que influencia a forma como a comunidade se relaciona com o objecto por excelência, que é Deus. Como já foi referido, pertencer a uma comunidade cristã implica uma nova visão do objecto Deus, agora supostamente autêntica. Este “sair da esfera religiosa”, das regras e da relação da

religião tradicional com Deus, acaba por implicar um adoptar de novos rituais, que acabam por pertencer igualmente ao domínio da religiosidade, a uma forma de relacionamento com o objecto extra-natural que tem como fundo uma outra forma de organização repleta de rituais localizados quer no tempo (as catequeses e as etapas do caminho), quer no espaço (o tripé: eucaristia, celebração da palavra e convívio). A comunidade não quebra assim os laços com a Igreja tradicional (os estatutos são aprovados pela Santa Sé, as suas actividades inserem-se na paróquia e obedecem à hierarquia religiosa); antes, molda-os à sua imagem. Há na comunidade um controlo hierárquico e a subordinação ao bispo é observável nos escrutínios que avaliam os progressos do grupo (que necessita do seu aval) e controlam a sua ortodoxia e comportamento em conformidade com a doutrina vigente.

Esta determinação da autonomia / conformidade na relação com o objecto e dentro do clube é feita a nível institucional também no caso do coleccionismo e da columbofilia (como já foi referido, as federações que ditam as regras e normas de funcionamento do clube e, conseqüentemente, a relação com o objecto). No caso da claue há o controlo da própria direcção do clube Benfica, um controle indirecto mas que determina alguns aspectos de funcionamento como a distribuição dos bilhetes e a sua distribuição espacial da claue. E apesar de não haver um controlo formal no clube vespista, há uma macro-estrutura de clubes que dita algumas regras. O clube de fãs do Tony Carreira é o único clube onde subsiste uma verdadeira autonomia do membro em relação ao objecto: o controlo de conformidade esgota-se na relação com o ídolo.

Quadro VI: Tipologia dos clubes estudados

Catego- ria	Clubes					
	Claue	Tony	Vespa	Columb.	Colec.	Comu.
Geral						
<i>Natureza</i>	artificial	artificial	artificial	artificial	artificial	artificial
<i>Objectivo</i>	definido	definido	definido	definido	definido	definido
<i>Número</i>	alargado	alargado	pequeno	pequeno	pequeno	alargado
<i>Comunic.</i>	livre	livre	livre	livre	livre	livre?
<i>Incidência</i>	dissemi- nado	dissemi- nado	localizado	localizado	localizado	dissemi- nado
<i>Duração</i>	durável	efémero	efémero	durável	efémero?	durável
<i>Membros</i>	exclusivo hierarquia equitativo	exclusivo equitativo	exclusivo equitativo	inclusivo hierarquia equitativo	inclusivo hierarquia equitativo	exclusivo hierarquia equitativo
<i>R. exterior</i>	aberto	aberto	aberto	aberto	aberto	aberto

Objecto						
<i>Natureza</i>	abstracto	real / humano	real / inanimado	real / ser vivo	real / inanimado	abstracto
<i>Focalização</i>	dispersa	central	central	dispersa	dispersa	dispersa
<i>Quantificação</i>	plural	único	único	plural	plural	plural
<i>Apropriação</i>	múltiplo	singular	singular	múltiplo	múltiplo	múltiplo
<i>Reconhecimento</i>	particular	particular	universal	universal	universal	universal
<i>Exclusividade</i>	comum	específico	comum	comum	comum	comum
Clube						
<i>Formas de culto</i>	ritualismo	não	não	ritualismo	não	ritualismo
<i>Coleccionismo</i>	sim / não	sim	sim / não	não	sim	não
<i>Identificação</i>	parcial exterior	parcial exterior	parcial exterior	total exterior	parcial exterior	total exterior
<i>Oposição e diferenciação</i>	oposição diferenciação	auto-referência diferenciação	auto-referência diferenciação	oposição auto-referência	auto-referência diferenciação	auto-referência diferenciação
<i>Mov social</i>	tribal	não	não	não	não	ideológico?
<i>Legitimação</i>	oficial	oficial	oficial	oficial	oficial	oficial
<i>Iniciativa</i>	autónoma	autónoma determinada	autónoma	autónoma	autónoma	autónoma determinada
<i>Relação com o objecto</i>	indirecta informal	directa reconhecimento	directa informal	directa	directa	indirecta formal
<i>Org. do sistema</i>	relação	não relação	relação	relação	relação	relação

4.4.6 Aspectos em comum

A evidência de que estes clubes – no qual há um investimento em objectos de interesse – possuem particularidades que remontam à sua natureza é um factor assaz importante para o desenvolvimento do trabalho. De facto, tendo por base clubes de diversa natureza, cujos objectos são diferentes, é possível não só compreender os aspectos exclusivos de cada um mas também (e sobretudo), aquilo que os torna similares e, conseqüentemente, pode estar na base de um fanatismo cujos mecanismos de

operacionalização podem ser universais. Apresentam-se agora de modo sistemático, os aspectos comuns mais evidentes, sustentados com citações das entrevistas:

1) *A importância determinante do objecto face ao clube:*

- “Gosto fundamentalmente das vespas, não é do clube.”
- “Sou dos Diabos por causa do Benfica, não sou do Benfica por causa dos Diabos”
- “Nunca disse “entrei, sou fã a partir de hoje” porque eu antes de ter um cartão eu já era fã” (clube de fãs do Tony Carreira)
- “Porque é que é importante? Oh céus! É a nossa vida, credo! Sem isso acho que estamos perdidos. Não quer dizer que seja a religião mas é próprio Deus”
- “Não faço filatelia por estar cá inscrito ou amanhã saio, deixo de fazer. Não. Continuará a fazer.”
- “Fora do clube dedico mais tempo à columbofilia exactamente já que aqui é, enfim, aqui é só praticamente nos dias em que os pombos vão para o concurso ou nos dias das chegadas – não é? – porque todo o outro trabalho é feito em casa no pombal junto dos pombos.”;

2) *O reforço de que cada indivíduo tem e necessita do seu interesse:*

- “Somos todos pessoas e que uns gostam mais do amarelo, outros gostam mais do branco, eu gosto mais das vespas!”
- “Eu digo normalmente, cada um tem a sua maluqueira: há uns que são pelas motas – cada um tem uma maluqueira – outros é pela pesca, outros é pela caça. A gente é pela bola ou mesmo pela claque.”
- “Tenho amigos que uns jogaram futebol, outros não sei quê; eu é com os pombos.”
- “Há pessoas que gostam de – sei lá – futebol, outros que gostam de natação, outros que gostam disto e daquilo.”
- “... acho que as pessoas procuram sempre alguma coisa que as preencha”
- “Se a vespa me faltasse refugiava-me noutra coisa qualquer”
- “[se não pudesse...] Então teria de optar por outros passatempos.” (filatelista)
- “Bem, aqueles amigos que nós temos que não têm vespas e que não se dedicam ao clube, eventualmente – não é? – eles têm outras coisas.”

- “As pessoas quase todas precisam de um escapezinho, está a ver?”

3) *O interesse saudável:*

- “... eu acho que todas as pessoas deviam fazer filatelia porque, além de ser um bom hobby, é uma maneira de fazer investimento”

- “... as pessoas se gostam não perdem nada em fazer parte do clube de fãs” (clube de fãs do Tony Carreira)

- “Eh pá, venham para a claque que isto é bom!”

- “... se me perguntasses se era importante para toda a gente que eu conheço estar na comunidade, assim se calhar por minha perspectiva era muito importante porque para mim é muito bom”

- “... acaba por ser uma coisa que entra nas nossas vidas mas sem também ser perturbante (...) É aceitável do ponto de vista familiar, de nós próprios, dos colegas, de todas as vias” (vespas)

4) *A dedicação:*

- “Não é fácil ter outro interesse particular porque a columbofilia absorve-nos quase. Todo o tempo livre que nós temos é para dedicarmos aos pombos.”

- “Para mim, para mim continua a paixão pela vespa e o amor pela vespa e o gosto da vespa continua à frente.”

- “Tudo do meu dia-a-dia é oração. Não é só a oração fórmulas ou ler ou falar, não é isso: é a minha vida do dia-a-dia, é o meu trabalho, é as minhas dificuldades; tudo isso para mim é... as minhas alegrias, pronto, as coisas boas, os momentos bons, tudo isso para mim é oração.”

- “E para estar, o principal para mim para estar numa claque, para ir a muitos jogos, tens de amar o Benfica. Não é gostar: é mesmo amar o Benfica, tens mesmo porque duvido que quem não goste do Benfica não é capaz de fazer... ir daqui para a Madeira, ou de ir daqui para Bruxelas, ou ir daqui para Roma, ou ir daqui para o Porto.”

5) *A crítica ao exagero:*

- “Há muita gente que eu oiço falar que gostam mais das coisas do que da família; eu gosto das duas coisas, depois divido o tempo com a família.” (filatelia)

- “Tipo, há lá gajos que – como é que eu te hei-de dizer – tipo, faltam ao trabalho para ir ver o Benfica mas a minha teoria é: se faltares ao trabalho vais ver o Benfica, no dia

a seguir és despedido e já não podes ir a mais jogos sem teres dinheiro. Então é assim: se faltares a um jogo, depois continuas com um emprego e com dinheiro para ir ver o Benfica.”

- “Porque às tantas há pessoas que levam a religião a um extremo em que só vivem para... viver para aquilo no sentido de que depois idolatram demais as coisas e nesse sentido acho que há um limite que é saber distinguir até onde é que vai a religião entre aspas boa e aquilo que já se torna demais, já se torna excessivo, já faz as pessoas pensar que é uma coisa e que não é, ultrapassar muito mais a linha.”

- “... há aquelas pessoas que “ai meu Deus do céu” não é? Eu venho aos espectáculos que posso. Mas há pessoas que vêm... Eu fico, eu fico admiradíssima como é que as pessoas conseguem andar, sei lá, uma coisa impressionante, desde Albufeira para Lisboa, de Lisboa para... sei lá. É complicado. Eu não consigo.”

6) *A existência de limites*

- “... eu estou numa idade que primeiro temos de olhar para a nossa vida e depois então a vida dos pombos”

- “... nunca meti à frente o Benfica das questões familiares. Ou mesmo da minha própria vida, dos meus interesses”

- “Eu nunca meto a família sob qualquer coisa que tenha que estar a fazer. A família em primeiro, para mim está em primeiro lugar.” (filatelista)

- “A colecção é um hobby mas isso não me proíbe de eu fazer a minha vida.”

- “[limites?] é a pessoa saber e ter noção até onde é que pode ir e não deixar de maneira nenhuma que a vida se altere por isso” (Tony)

- “Não ia pôr em causa a minha família, não ia pôr em causa as minhas amizades. A esse nível, a vespa não ultrapassa essas situações.”

7) *A dificuldade da ausência do objecto*

- “Hoje, como os selos são caríssimos, já pensei mais do que uma vez em parar, em parar mas o bichinho está a roer, está a roer e vou continuando.”

- “... eu hoje se deixasse de ter pombos tinha dificuldade em conseguir matar os meus tempos livres”

- “... eu sinto que preciso disso como o peixe precisa de estar lá dentro de água.”
(comunidade)

- “Eh pá, não sei, não sei viver sem isso, acho eu, ou não consigo.” (Benfica)

- “É uma coisa que faz parte da minha vida e que eu não me consigo sequer imaginar.” (Tony)

- “Era capaz de não ser fácil o indivíduo tapar agora essa falha, essa falta, que no fundo era encostar as vespas, nunca mais lhe poder pegar.”;

8) *A adesão livre:*

- “... é uma coisa que eu faço, que a gente faz livremente, não é obrigatório porque o dia em que me obriguem a vir aqui...”

- “Pode acontecer um dia qualquer sair. Porque a liberdade que Deus nos dá é tal, e o amor de Deus e de tal forma gratuito, que nem o exige.”

- “Tenho carro, sou sócio, posso reservar o meu bilhete, não preciso de ir aqui através do núcleo...”

- “Nós vimos a um concerto pura e simplesmente por carolice, digamos assim. Nós vimos mas não há interesse nenhum. Não é do clube de fãs que nos contactam...”

9) *O falar sobre:*

- “Quer dizer, nós temos aquela conversação de vespas que é muito contínua, é quase sistemática. Não há semana nenhuma que a gente não fale na vespa, não é?”

- “Às vezes vamos beber um café ou assim. Mas a conversa vai sempre ter ao mesmo sítio...” (Benfica)

- “... mas para o resto dos nossos amigos isto faz-lhes um bocado de confusão porque é que a gente gosta e porque é que estamos sempre a falar” (columbofilia);

10) *Resolução de conflitos e necessidade de conflitos:*

- “Mas depois a gente zanga-se aqui, gritamos um com o outro ou berramos um com o outro; depois à saída da porta está tudo bem.” (filatelia)

- “É normal, às vezes há certos motivos ou assuntos que a gente discute entre si mas acabado isso saímos do portão para fora, está tudo bem, tudo amigo.” (claque)

- “... uma comunidade se não tiver conflitos não tem caminho”

- “Vamos lá a ver: eu entendo que o facto das pessoas não estarem de acordo uma com a outra, não está implícito que as pessoas se dêem mal” (columbofilia)

- “Às vezes há desacordos. E felizmente que os haja porque uma pessoa que diz sim a tudo também não tem aproveitamento nenhum.” (coleccionismo);

11) E sobretudo, a relação privilegiada com o objecto, o investimento neste, a criação de laços com o grupo e todos os sentimentos descritos que denotam um investimento nos afectos, tal como a grelha abaixo indica:

Quadro VII: Grelha de significados

	Significados	Clube					
		Colec.	Colum.	Claque	Comum.	Vespa	Tony
Objecto	Hobby (passatempo, ocupação de tempos livres)	✓	✓			✓	
	Anti-stresse (relaxe, paz, calma)	✓	✓			✓	✓
	Prazer (satisfação)	✓	✓	✓		✓	
	Alegria (felicidade)		✓		✓		✓
	Paixão	✓	✓	✓		✓	✓
	Amor			✓	✓		
	Orgulho (vaidade)		✓	✓		✓	✓
	Consolo (conforto, ânimo)	✓	✓		✓		
	Equilíbrio (saudável)					✓	✓
	Entusiasmo (gosto, bichinho)	✓	✓	✓		✓	✓
	Vício (loucura, maluqueira)		✓	✓			✓
	Vida (necessidade)		✓	✓	✓		✓
	Diferente (especial)		✓	✓	✓	✓	✓
	Grupo	Contacto (convívio, confraternização)	✓	✓	✓		✓
Amizade		✓	✓	✓	✓	✓	✓
Família		✓		✓	✓	✓	✓
Respeito			✓		✓		
Sacrifício (esforço)			✓		✓		
Companheirismo (camaradagem, comunhão, espírito de grupo)			✓	✓	✓	✓	
Encontro			✓		✓	✓	
Diferente		✓	✓	✓		✓	

4.4.7 Impressões finais

Na claque, o apoio é um conceito dominante mas este refere-se não só ao clube como também aos próprios elementos da claque, que deve ser defendida. Daí que, apesar da recusa ao incentivo à violência, a tomada de partido é por vezes assumida porque é necessário “ajudar” os outros elementos. Aliás, reforçam que há de facto um espírito de grupo que também é reforçado por esta entreajuda (mesmo em situações de violência). A claque não é, assim, exclusivamente dedicada ao clube: é dedicada a ela própria. Trata-se de uma hiperadesão à claque e não só ao Benfica, uma hiperadesão em que o objecto Benfica é representado pela claque, não sendo uma relação directa (que seria se fossem apenas sócios do clube). De tal modo que os próprios símbolos apresentados pela claque são autónomos ao objecto Benfica: eles são os Diabos Vermelhos, claque de apoio ao Benfica com características que os unem a um outro objecto que será a própria claque. Assim, apesar do apoio que dizem o principal, há também um investimento físico intenso que deriva do ingresso na própria claque, pelo que ser adepto é muito diferente de ser um adepto inserido numa claque. Esta corresponde a uma virilidade, uma fase exacerbada de adesão ao objecto Benfica (transposto para o objecto claque) em que a relação é oficializada não só com o Benfica (pois só se pode pertencer à claque sendo sócio do clube) mas também com a claque. Sendo a maioria jovens, as suas idades correspondem normalmente a uma faixa etária, que geralmente é também aquela onde se insere o jogador profissional, uma fase de exaltação da adesão ao objecto Benfica.

No caso do clube de fãs do Tony, ele é efectivamente a imagem directa do clube. Ele representa para as suas fãs (pois provavelmente serão as mulheres as mais assíduas) um ideal de amor romântico, que é transmitido pelas letras das suas músicas. Também pela pessoa que é, pelas suas características pessoais, ele é um ideal de artista, sobretudo por ser atencioso com as fãs e humilde. E é por isso que é para elas tão importante estar no clube: este representa um “passaporte” para um maior contacto com o objecto de interesse. Daí que muitas afirmem que ser do clube de fãs é, no fundo, ter uma relação diferente com o artista, de tal forma que se fazem apresentar nos seus espectáculos devidamente identificadas, “para ele ver quem é do clube de fãs”. Essa identificação é, portanto, o maior atractivo do clube, tanto mais que se trata de um clube oficial com o aval do objecto: há, portanto, um reconhecimento que é, também, como que um incentivo ao ingresso.

Recordemos também que o próprio artista dedica um dia às suas fãs, um almoço no qual canta, dá autógrafos e conversa com as suas fãs.

Também no vespa clube essa identificação com o universo do objecto é importante. Aliás, é a única razão de existir um clube da sua natureza (de se ter passado de um núcleo informal para o clube): a oficialização da relação com o universo vespista. Tanto que se a questão fosse unicamente estar ligado à vespa, o outrora núcleo vespista ter-se-ia prolongado, não se dando o passo de oficialização. Neste clube há claramente uma distinção entre o que é o vespista e o membro do clube: é o espírito vespista que se reforça através da ligação a um clube mas o clube é, em tudo, secundário. Quanto ao objecto, ele serve diversos propósitos para quem por ele se interessa. No universo da vespa, existem várias utilizações a dar-lhe. A vespa surge não só como um transporte, utilitário ou de lazer, mas apresenta também uma outra dimensão enquanto veículo a reparar sendo, portanto, um passatempo, uma forma de ocupar os tempos livres, um investimento físico. Mas a vespa é também um investimento emocional, que frequentemente aparece associada a outros sentimentos, sendo como que um elemento simbólico. A vespa aparece ligada muitas vezes ao passado e à saudade: ela é antiga, associando-se assim a recordações de outros tempos.

O clube columbófilo tem diversas particularidades. Para os columbófilos, a inserção num clube é imprescindível para a prática da competição com o pombo-correio. O interesse não é, pois, unicamente direccionado para o objecto pombo: apesar de realmente todos os columbófilos terem uma admiração pelo animal em si, esse interesse é também determinado pela competição. Assim, a columbofilia apresenta-se como um interesse dual: o pombo e o desporto, que não são separados. Aqui, há uma complementaridade e o interesse é visto a duas dimensões. É também algo absorvente em que o objecto pombo e o objecto desporto de competição são interiorizados de forma absoluta. O objecto não está isolado: ele é parte integrante da vida dos seus adeptos. Não que nos outros clubes tal não aconteça mas aqui há a responsabilidade de dedicação total. A relação entre o adepto e o pombo é também uma relação que é definida sem muitas margens para dúvida: é uma relação de atleta / treinador que precede o interesse. Aliás, até o próprio clube precede o interesse pela columbofilia. O clube não é uma complementaridade; é, antes sim, uma obrigatoriedade. De forma que quando surge o interesse na prática columbófila existe já

uma forma de relação com o objecto pombo estipulada (de treinador e atleta) e uma forma de relação com o desporto (adesão a um clube). Pombo e desporto são simultaneamente objectos de interesse e a estrutura grupal do universo columbófilo não é determinada pelo posterior interesse que o columbófilo venha a ter pelo pombo-correio ou pela prática columbófila. Há regras às quais ele não pode fugir e consequentemente, toda uma estrutura que preexiste a esse interesse.

Quanto ao coleccionismo, ele é como que um sub-domínio do próprio domínio do fanatismo. Os objectos de interesse podem ser coleccionados sob a sua forma directa (o objecto em si) e indirecta (através de outros objectos que representem o objecto “feitiço”). Assim, tal como no universo do fanatismo, também no coleccionismo não é possível determinar limites ou o que pode ser ou não objecto coleccionável: se, por via directa – tendo em conta o coleccionismo como objectivo primordial (que é o caso da associação referida) – há limites que se prendem com as características dos próprios objectos; por via indirecta – quando o coleccionismo é uma prática que deriva de um interesse por um outro objecto de interesse – todos os objectos de fanatismo podem ser apropriados. É também num outro aspecto que o coleccionismo se destaca: no fundo, o coleccionismo promove o coleccionismo. Assim, à presença de um objecto de interesse, de uma colecção, acaba por se lhe juntar o interesse por coleccionar outros objectos, alargando-se assim o domínio dos objectos a coleccionar por parte de um determinado adepto. Mas existindo limites, acaba por haver sempre um objecto dominante já que o interesse do coleccionável passa também pela qualidade que a sua colecção poderá vir a ter. Daí que, por um lado, o objecto de interesse coleccionável leve geralmente à criação de outros interesses (também promovido pela existência de várias colecções num clube); por outro ele também exclui a maioria dos outros objectos pois há a necessidade de controlar a colecção face à sua qualidade. Um coleccionador interessa-se por colecções. Um coleccionador tem interesse por outras colecções. Mas um coleccionador tem um interesse dominante. E apesar de uma sobreposição de interesses, há sempre um a que se dedicar mais. A tendência é, pois, estar desperto para o mundo do coleccionismo e optar.

No caso da comunidade a inserção é fundamental para se ter uma outra visão sobre o objecto de interesse. A comunidade corresponde a uma cisão com o objecto para que de novo ele venha a surgir como objecto de interesse sob uma nova forma: é uma

redescoberta de um objecto até ali presente mas sobre outra forma. A comunidade molda pois o objecto: é o objecto que leva à adesão ao grupo mas é também o grupo que molda a relação posterior com o objecto. A inserção marca a diferença entre o tradicional e o radical e portanto é uma forma exclusiva de relação com o objecto, diferente dos outros grupos. Pertencer à comunidade é, pois, “sair da religião” através da redefinição da relação com o objecto.

DISCUSSÃO

A necessidade de algo que preencha – emocional e fisicamente – algo que dê sentido, que dê paz, que permita esquecer maus momentos, um escape, uma alienação; é assim que é descrita a necessidade do objecto. A sua ausência corresponde para os sujeitos a uma falha, algo que tem de ser colmatado, uma vez que o objecto é parte integrante das suas vidas (ele é parte da vida, sendo que para alguns ele não é separado da própria existência). Na definição da relação com o objecto, há a utilização dos termos prazer e satisfação e o objecto apresenta-se não raramente como um passatempo ou hobby, uma necessidade de ocupação espiritual e física na qual se investe com agrado (gosto), por oposição à monotonia do dia-a-dia. O objecto é um consolo, uma alegria, por vezes um anti-stresse.

“A gente quando tem uma necessidade lutamos por ela”. Através da relação com o objecto procura-se então a satisfação, uma relação saudável cujos limites são delineados (lembramos a crítica ao exagero) – ainda que por vezes esbatidamente – e que servem como “balizas” que permitem não gorar o objectivo do investimento: a satisfação, o prazer. Diferentes objectos podem corresponder a esta busca de satisfação, uma necessidade universal colmatada pelo investimento. E para diferentes sujeitos, diferentes objectos de investimento. Assim, aquilo que constitui a base do fanatismo (e foi observado em todos os grupos) é portanto o investimento resultante de uma necessidade, traduzida no amor e/ou paixão pelo objecto. É este o denominador comum, embora o fanatismo assuma várias formas e estruturas. O campo do fanatismo é um espaço de procura de satisfação que é possível através do investimento em objectos para os quais os sujeitos são impelidos, investimento este que implica para a maioria um alto nível de dedicação (também voluntária). O domínio do fanatismo surge como um “mercado” em que os objectos se apresentam aos olhos de quem neles investe com todo o seu enlevo e fascinação e enquanto possuidores de dotes “sobrenaturais” que permitem a satisfação de uma pulsão individual, constituindo uma rede preexistente na qual ele é “apanhado”. Deste modo, o processo de investimento nos objectos obedece a uma lógica de procura de satisfação, a essa tal pulsão que impele para uma relação que preenche uma necessidade.

Estamos portanto no domínio da magia, dos objectos carregados de um poder de sedução externo às suas propriedades materiais. Eles são, antes, dotados de propriedades

“sobrenaturais”, valorizados por aquilo que representam e pelo que a relação com estes traz ao sujeito. É efectivamente o objecto que é mágico: não é o sujeito que opera essa magia, são antes os objectos que assim se apresentam a ele. É o objecto que é animado por forças, por espíritos, um encantamento ou *mana*, investido de propriedades mágicas através da relação que os sujeitos com ele estabelecem e por via da satisfação de uma necessidade. E é o objecto que, decididamente, opera a magia. Tanto que a sua ausência é uma amputação, uma perda quase irreversível (“não sei viver sem isso”), uma privação comparável a uma fome ou sede. A própria relação com o objecto é então, em si mesma, uma necessidade vital cuja privação impede a satisfação e pode levar à procura (melhor será dizer ao encontro?) de novos objectos mágicos. Falamos, pois, de objectos “feitiço”, de uma reactivação do animismo, num feitiço que é operado sem recurso a feiticeiros, uma vez que é o objecto que é dotado de propriedades mágicas.

O fanatismo é, portanto, um processo através do qual os indivíduos investem nos seus objectos de interesse. Este investimento é feito na medida em que é um processo vital para a satisfação do indivíduo, já que é através da sua interacção com o objecto que o indivíduo alcança o seu intento. Daí que ele não possa deixar de aceder a essa interacção: privá-lo do objecto equivaleria a uma “fome” ou “sede” que não é satisfeita. E também por isso ele não pode deixar de investir no seu interesse. Essa necessidade, essa energia disponível é inevitavelmente (ou quase) colmatada na relação com o poder sobrenatural de que os objectos são dotados.

O fanatismo é um processo universal de procura de satisfação através do investimento em objectos, de uma necessidade que impele os indivíduos para os seus objectos de interesse. É um fenómeno individual – cujo investimento nos objectos de interesse é operado a nível dos sujeitos – e colectivo – dada a existência de vínculos sociais estabelecidos nas relações dos fanáticos entre si e com os demais através do objecto. Esta bidimensionalidade é assumida como essencial para a compreensão do domínio do fanatismo e determinante para a percepção do fanatismo como um todo, tendo em conta os investimentos individuais e a agregação grupal do fanático. E é também este aspecto que vem possibilitar a definição do fanatismo como um mecanismo de investimento afectivo e social.

O fanatismo é um processo de investimento afectivo precisamente pela necessidade, pelo prazer e satisfação e sobretudo pela paixão (“a afecção da alma”) e amor que se dedica ao objecto. Ser fanático é também ser “diferente”. É um processo de diferenciação, que distingue o fanático de outros possíveis indivíduos que se relacionam com os mesmos objectos. Está, portanto, intimamente ligado não só aos mecanismos de focalização nos objectos mas também com os mecanismos de hiperadesão ao objecto.

De facto, não é apenas a relação com o objecto que determina o fanatismo. É também importante compreender o nível de energia que os sujeitos colocam nesta relação, o que irá distinguir o “ser fanático” de uma simples adesão. Todos os objectos são susceptíveis de níveis de investimento diferentes, diferentes níveis de adesões. Os próprios membros dos clubes entendem isso (o “ser diferente”). Veja-se casos aqui apresentados: nem todos os católicos são membros de comunidades; nem todos os adeptos de um clube são membros de uma claque. Na relação com Deus há o católico sociológico – aquele que nasce no seio da religião e que com ela é associado mas que não pauta a sua conduta pela experiência da igreja (ou mesmo pela sua ortodoxia) – o praticante – que assume a prática religiosa – e o membro da comunidade – inserido num grupo cuja relação com Deus é “otimizada”. O mesmo se passa na relação com um clube: há o adepto, o sócio e o membro da claque. Esta homologia de estrutura é assaz interessante e pertinente: na relação com diferentes objectos há níveis de investimento que se correspondem. E o mesmo é válido para outras adesões. A relação com os objectos é pois passível de ser escalonada pelo menos em três ciclos: simpatia, adesão formal e hiperadesão. E estes três ciclos determinam também a “economia da energia dos sujeitos”. Assim, as adesões de baixo nível de energia são múltiplas e variáveis e aí o termo paganismo e fanatismo não são adequados: tratam-se de simples gostos que não determinam largamente as relações de interacção do sujeito nem o próprio valor do objecto.

Daí que seja de esperar que, no domínio do fanatismo, não se observem casos recorrentes de “poli-fanatismos”. Um investimento fanático no objecto implica um alto nível de energia impelida no objecto que não deixa muita margem para um outro investimento. Cada fanatismo pode até nem absorver a totalidade da energia fetichista do indivíduo mas essa energia de que os indivíduos dispõem, ao ser investida em vários objectos, fazem com que a energia despendida para cada um tenha de rivalizar com outros

interesses, diminuindo a energia disponível para cada um. Aí, saímos do domínio do fanatismo, das adesões em que a economia dos sujeitos é especificamente direccionada para o objecto, entrando no domínio do gosto. Para compreendermos como se estruturam os interesses temos então que procurar o investimento com a máxima energia e onde esta se concentra, já que um sobreinvestimento diz muito sobre as dinâmicas culturais do nosso tempo e não só sobre as colectividades que o representam.

Segundo Marx, recordemos, há um fetichismo da mercadoria: toda e qualquer mercadoria entra num sistema em que o seu valor é fixado pela sua “forma-dinheiro”, um símbolo trocável desligado da sua forma social. Ao retirar o objecto do estatuto de mercadoria para ser investido de outra maneira – num retorno ao objecto simbólico não desligado do valor que o objecto assume na relação com os sujeitos – estamos presente a um processo próprio do fanatismo. É um processo de arrancamento ao estatuto de mercadoria genérica numa tentativa de escapar a este carácter fetichista, retirando o objecto dessa circulação para o tornar num objecto único. O exemplo mais notório apresenta-se sob a forma da numismática, um investimento no objecto moeda – o objecto fetichista por excelência – onde este adquire um outro sentido fora do seu valor de uso (ou fora do seu valor facial, em que, por exemplo, uma moeda de 5 cêntimos não tem o valor de 5 cêntimos). Vejamos o caso dos cantores: no universo musical coexistem vários artistas; ora, quando os sujeitos e os clubes de fãs desligam um determinado cantor deste universo, tornam-no um objecto único (o clube de fãs do Tony Carreira investe no Tony Carreira, não o assemelha aos outros artistas nem tampouco investe no universo musical total). O investimento no objecto é portanto um processo de diferenciação deste em relação ao seu universo, num mecanismo de focalização que pressupõe um alto grau de energia.

Mas como se dá essa focalização, essa selecção do objecto pertinente? Quais os critérios para que se invista num determinado objecto e não noutra? Há objectos “melhores” que outros, mais “disponíveis”, mais “potentes”? Podemos encontrar duas esferas que permitem compreender a escolha dos objectos: visibilidade (conhecimento) e utilidade (emocional e prática). Há objectos de “larga aceitação”, escolhidos por grupos completamente diferentes. É o caso dos cantores e outras figuras públicas e dos clubes de futebol, em que praticamente nenhum dos objectos desses universos particulares não possui o seu clube de fãs ou claque. A sua visibilidade é também largamente ampliada pela

existência destes sobreinvestimentos maciços que são instrumentos de uma ainda maior notoriedade para o objecto. Mas se há objectos susceptíveis de maior adesão que outros porque é que todos parecem tão bons? Porque é também a relação com o objecto que determina a sua escolha e aí entramos no campo da satisfação, da necessidade e da procura do objecto promotor dessa satisfação. Tendo admitido que todo e qualquer objecto pode ser fanatizado, a sua escolha depende da sua necessidade para o sujeito, pelo que objectos menos comuns podem servir os mesmos propósitos. Depende pois, da utilidade do objecto para o sujeito e da relação que este procura – o passatempo, o saber-fazer, a criatividade, a interactividade, o conhecimento teórico, o coleccionismo, a apropriação total, a dominação, etc. – e os sentimentos que lhe desperta – a paixão, o amor, a diferença, o entretenimento, o anti-stresse, a fantasia... A utilidade do objecto seria então não só uma utilidade “material” e intrínseca (aquilo que o objecto realmente “faz”) mas também a sua utilidade enquanto objecto veículo de satisfação.

Tudo isto aponta para a existência de indícios de que esta focalização se faça de maneira diferente segundo os próprios sujeitos (e não só segundo os objectos) uma vez que para diferentes sujeitos, diferentes formas de colmatar as necessidades. Sexo, idade, classe parecem determinar uma apetência para determinados objectos e determinados grupos. Encontramos, tanto no coleccionismo como na columbofilia, pessoas mais velhas; também mais homens nestes (na prática columbófila uma mulher é mesmo uma “raridade”), entre os vespistas e nas claques – constituídas maioritariamente por um grupo etário mais jovem; mais mulheres entre os fãs do Tony Carreira... Porquê? É possível que o fanatismo traga a marca não só das condições sociais dos fanáticos mas também se adapte às necessidades de cada um deles, necessidades estas determinadas pelos seus gostos e simpatias pessoais. Ou seja, as características pessoais e sociais conduzem a diferentes necessidades individuais e, conseqüentemente, a diferentes objectos. Só assim podemos compreender que existam mais homens, sobretudo jovens, nas claques; uma vez que elas parecem veicular uma virilidade traduzida em actos de defesa por via da violência. Tal não quer dizer que não existam mulheres nas claques. Existem aliás claques especificamente femininas. Mas a existência desta últimas não será então uma demarcação da virilidade própria das claques? Será a sua existência devida ao facto das claques “genéricas” não se enquadrarem na procura de satisfação destas mulheres que, à semelhança de outros membros masculinos,

procuram uma relação privilegiada com o objecto mas cuja relação é definida noutros moldes? No caso dos fãs do Tony Carreira, são as mulheres que estão em maior número. Será o Tony Carreira um ideal romântico ou mesmo objecto de uma relação erotizada na qual se podem incluir fantasias de cariz puramente sexual? E será por o objecto poder transmitir estes dois tipos de relação que também as suas fãs são dos mais variados escalões etários? No caso das vespas, o saber-fazer associado ao veículo é fundamental. Será por isso que estes vespistas, dedicados à reparação do veículo, são do sexo masculino?

Contudo, existem os tais objectos de adesão massiva, nos quais encontramos fanáticos que poucas características têm em comum. Veja-se o caso da religião: a procura de uma relação privilegiada com Deus permite dar um sentido à vida dos sujeitos, o que espelha uma necessidade universal que abarca o mais variado tipo de pessoas. Será por isso que na religião encontramos adeptos cujas características são tão díspares? É provável que quanto mais universal seja o objecto, maiores as possibilidades de os seus fanáticos serem uma massa heterogénea. Do mesmo modo, é também esta heterogeneidade que torna o objecto tão universal.

É de esperar que os indivíduos invistam consoante as suas características pessoais e sociais. Mas no campo do fanatismo não há limites rigidamente impostos. Uma tendência de escolha não exclui a possibilidade de fanáticos com outras características que não aquelas geralmente adoptadas pelos fanáticos de um certo objecto virem efectivamente a investir nesse mesmo objecto. Eventualmente, haverá condicionantes, bem expressas por um dos entrevistados: "Quem me dera a mim coleccionar uma boa pintura, o que é que são peças ou peça de antiquários, isso são peças que estão fora do nosso alcance, do nosso bolso. E então temos que nos limitar a coleccionar porque gostamos de coleccionar estas simples peças de esferográficas...".

Mas no campo do investimento num determinado objecto nem sempre há espaço para outros objectos e nenhum outro serve os propósitos do sujeito. De tal maneira que o universo do fanatismo acaba por ser igualmente um campo de pertença e de oposição. A identidade dos fanáticos e dos clubes a que pertencem pode mover-se num campo em que a oposição é por vezes determinante para o estabelecimento de alguns limites e a relação com um determinado objecto pode implicar a não relação com outros objectos. Por

exemplo, a regra geral dita que quem é adepto do Sporting não é adepto do Benfica. Quanto maior é o nível de implicação, mais fronteiras são estabelecidas: ao membro da claque do Benfica está-lhe vedada a simpatia pelo Sporting (ele é “anti-lagarto”). E a oposição será ainda mais evidente se remontarmos a duas estruturas similares: um membro de uma claque do Benfica opõe-se aos membros das claques do Sporting. Do mesmo modo, embora num plano diferente, o vespista demarca-se do motard, o coleccionador do ajuntador, o membro da comunidade de seitas... Há pois relações com objectos que determinam a oposição a outros; outras determinam uma diferenciação. Até dentro do próprio universo do objecto pode existir esta oposição ou diferenciação: os clubes columbófilos são rivais desportivos. O facto de o objecto ser investido e dotado de propriedades únicas não é suficiente: ele deve ser, sem margem para dúvidas, diferenciado e as estruturas que o suportam também. Assim, essa diferenciação (que é comum no domínio do fanatismo) pode assumir-se por oposição, seja ela directa – havendo um objecto ou grupo de fanáticos nomeado como opositor – ou indirecta – determinando apenas aquilo que os fanáticos e o seu grupo “não são”.

Porém, no campo da oposição, um fenómeno de contornos assaz singulares pode ocorrer: a oposição interna. Veja-se o caso de um clube de futebol. Para os seus adeptos, o clube é algo superior aos seus jogadores, equipa técnica, órgãos dirigentes. E tanto assim é que a defesa dos interesses do clube pode passar pelo afastamento dessas mesmas pessoas: quando o clube não é enaltecido, os “inimigos” podem-se encontrar internamente – um mau treinador, jogadores pouco capacitados, dirigentes ineficazes, etc. O mesmo se passa nas claques com os membros cujo investimento no grupo é superior ao investimento no objecto. Noutros grupos, membros cuja dedicação é inferior são vistos como membros menores e pouco investidores no objecto. Por isso um verdadeiro fã do Tony Carreira deve assistir aos seus concertos, um Diabo Vermelho deve apoiar incondicionalmente o Benfica, o coleccionador catalogar e saber ao certo as peças que possui, o vespista reparar o seu veículo...

O fanatismo possui pois particularidades evidentes nas formas e estruturas de apropriação e nos objectos fanatizados mas é também um processo universal por sugerir determinados mecanismos contextualizantes (sem os quais o fanatismo não é efectivamente fanatismo). Mais: o fanatismo parece pressupor e, mais do que sugerir,

exigir mecanismos de investimento afectivo e social. Efectivamente há um mecanismo bidimensional que parece operar no fanatismo: o investimento afectivo – a adesão energética ao objecto – e o investimento social – a hiperadesão ao objecto através do grupo. O investimento afectivo, já aqui referido, é caracterizado pela alta energia que os sujeitos colocam nos objectos (dotados de forças mágicas), pela necessidade do objecto, pela implicação e dedicação que a relação com este determina e pelo facto de o investimento dotar o objecto de propriedades únicas e distintas. Quanto ao investimento social, ele corresponde a uma hiperadesão (caracterizada pela existência de um grupo) em que há um investimento afectivo nos membros do grupo e uma relação com o objecto que é vista como privilegiada. Assim, a existência de clubes – uns, produto de um fanatismo particular (o clube de fãs do Tony Carreira por exemplo), outros ofertas já disponíveis (como o clube columbófilo) – permitem compreender o fanatismo enquanto produtor do social. Assim, *a homogeneidade do fenómeno do fanatismo reside na existência de mecanismos sócio-cognitivos similares que são accionados pelos indivíduos, levando-os à apropriação de objectos de interesse.*

A especificidade da hiperadesão é precisamente o assumir de uma relação que não se esgota entre o sujeito e o objecto e abarca o conjunto de relações que se desenvolvem entre fanáticos. É, portanto, como que um grau superior à adesão formal na qual a adesão passa a ser não só ao objecto como ao seu universo de fanáticos. Na hiperadesão, é determinante o sentido de pertença não só ao domínio do objecto mas também ao próprio clube. A adesão formal nem sempre implica contacto com outros fanáticos; a hiperadesão exige-o. Na adesão formal há uma pertença a um domínio (que é o do objecto), não a um grupo de fanáticos; a hiperadesão implica a adesão a ambos. Uma fã do Tony Carreira pode ir a todos os concertos, segui-lo para toda a parte e não se envolver com o clube de fãs, o filatelista pode inserir-se num sistema de trocas mas não contactar efectivamente com outros filatelistas numa lógica de pertença a um grupo... O que é determinante na hiperadesão é então o universo do fanatismo aliado ao universo dos fanáticos, uma lógica de grupo baseada na pertença a uma estrutura fanática. Sociologicamente, a hiperadesão corresponde a uma integração grupal, a um “ajustamento recíproco dos membros de um grupo e a sua identificação com os interesses e valores do grupo” (Silva, 1983: 22), aqui

determinada pelo objecto. Agora, os modelos estruturais destes grupos são já da ordem dos particularismos...

No processo de fanatismo o investimento afectivo no objecto costuma preceder o investimento social do sujeito: é geralmente o objecto que conduz ao clube, apesar de alguns já preexistirem no domínio do objecto. Ou seja, não havendo um investimento afectivo no objecto não há uma hiperadesão. Na maioria dos casos, o objecto deve prevalecer ao próprio clube (assim o evidenciam os fanáticos ao afirmar que o objecto é mais importante que o clube). Mas estes dois tipos de investimento são igualmente importantes para determinar o fanatismo. Um investimento afectivo no objecto sem investimento social no grupo é uma adesão profunda não colectiva; um investimento social no grupo sem um investimento afectivo no objecto é apenas uma adesão colectiva superficial; um investimento simultaneamente afectivo e social corresponderá a um fanatismo colectivo profundo, forma suprema de fanatismo. O acto singular de investimento afectivo num objecto pode assumir contornos de um fanatismo, ainda que secreto, uma fanatização cujo processo terá sido incompleto. Um investimento apenas no clube até poderá ser considerado um fanatismo, mas apenas se assumirmos que neste caso o objecto de investimento, o “objecto mágico” será o próprio clube e não o objecto que está na base da criação deste. Sem investimento afectivo ou social, o fenómeno apenas pode ser caracterizado como uma moda passageira, um capricho ou um nível muito rudimentar de investimento como a simpatia ou gosto.

O objecto no qual efectivamente se investe é para os sujeitos único, fetichista, mágico, via para a satisfação. Qualquer objecto que assim se apresenta é um objecto de fanatismo. E todos podem assim apresentar-se. O investimento afectivo pode operar-se através de qualquer objecto e qualquer objecto pode ser investido. Assim, qualquer objecto pode levar a um investimento afectivo cujo mecanismo é operante no domínio do fanatismo e qualquer objecto investido pode conduzir a um investimento social (seja através da criação de um clube próprio ou da apropriação de um clube já existente). Consequentemente, qualquer objecto pode “obedecer aos critérios” do fanatismo; pode ser fanatizado. O fanatismo pode apropriar-se de todo e qualquer objecto e todo e qualquer objecto cabe no seu domínio. O fanático pode ser fanático de tudo e mais alguma coisa; o clube pode dedicar-se ao investimento em qualquer objecto (seja ele qual for). O fanatismo

existe para todos os objectos: todos são passíveis de gerar interesse e de absorver a energia fetichista dos sujeitos. Ora, sendo o fanatismo um reflexo de um investimento afectivo e social e podendo este ocorrer na presença de todos os objectos, o fanatismo não é definível pelo objecto em si mas pelos mecanismos de investimento que são accionados.

O fanatismo, a “economia da energia dos sujeitos” não é definível pelo objecto de interesse. Aquilo que impele os indivíduos para um objecto com o qual estabelecem uma relação privilegiada é um mesmo processo de fanatismo, um mesmo mecanismo sócio-cognitivo que opera independentemente do objecto em questão, não sendo o objecto de fanatismo que determina o fanatismo em si. Mas tal não quer dizer que o objecto em si não seja importante: tem necessariamente de o ser para aqueles que nele investem. Os objectos dotam os fanáticos e os clubes de particularismos, de diferentes formas e estruturas fanáticas. E até um mesmo objecto pode ser apropriado de diferentes formas por grupos diferentes e com diferentes estruturas. Também na escolha do objecto reside o interesse: é que, apesar de tudo, cada objecto dota a relação com o objecto de características particulares, apesar desta relação ser observável nas relações com os mais variados objectos e, conseqüentemente, universal. Daí que assumir que o fanatismo não é definido pelo objecto não é o mesmo que dizer que não são os objectos, pelas suas qualidades, que influenciam a sua escolha e o estabelecimento de uma relação de investimento. Antes pelo contrário: é precisamente aquilo que distingue o objecto que determina o seu interesse. O que se quer dizer então com o facto de o objecto não definir o fanatismo é sim que qualquer objecto pode produzir interesse e que nesse sentido não há objectos privilegiados nesse domínio.

O fanatismo é um processo que pode ser operado independentemente do objecto. E nós? Podemos todos ser ou vir a ser fanáticos? Alguns estarão mais predispostos para tal? Existirão pessoas mais “susceptíveis”? “Alvos” preferenciais? Antes do mais, é sempre bom reforçar a ideia de que o termo fanatismo, ao contrário da noção de senso comum, não é aqui aplicado com um sentido depreciativo: ele é, aqui, despido de qualquer preconceito e de qualquer outra definição que não a presentemente proposta. Perguntar se todos podemos ser fanáticos é pois perguntar se é possível que na generalidade, possamos todos vir a investir afectivamente e socialmente num determinado objecto. Se atendermos a um primeiro grau de investimento nos objectos – a simpatia – a resposta é afirmativa. Quem

não tem cantores favoritos ou clube de futebol preferido? Não é costume torcer por um clube? E comprar mais trabalhos discográficos de certos artistas? Gostar mais de uma série, um filme, um actor...? A simpatia, o simples gosto não faz de ninguém um fanático nem se poderá afirmar que na presença deste comportamento tão comum estamos frente a um potencial fanático. Mas é definitivamente um sinal do investimento dos sujeitos nos objectos e uma evidência da necessidade destes. Certamente, será necessário uma outra energia colocada nos objectos para que o processo do fanatismo venha a correr. Porém, qualquer pessoa procura um interesse, satisfação. Os indivíduos dispõem de uma energia a ser investida e, não havendo sujeitos desligados, eles não podem deixar de investir nos seus interesses e nos seus objectos de interesse... o que não quer dizer que venham a ser fanáticos ou que investir nos objectos leve ao fanatismo. Existem diferentes graus de investimento e factores como a pertença e inserção num clube, a “oficialização” da relação com o objecto de fanatismo, a maior ou menor apropriação do objecto são determinantes. Depende pois do grau de investimento. Contudo, todos os indivíduos possuem essa energia disponível para o investimento em objectos. Vejamos os casos aqui apresentados: muitas vezes, os indivíduos assumem que face à ausência do objecto preferencial há a necessidade de colmatar essa falha com um outro investimento.

O que o Homem procura ainda é a pertença, a não separação. Daí o investimento social, a procura da oficialização da relação com o objecto através da constituição de relações afectivas fora dos modos de pertença tradicionais. O dar a conhecer a relação com o objecto, a divulgação e exteriorização do interesse é feito na partilha com outros fanáticos. Procura-se a amizade, o contacto, o companheirismo e o estabelecimento de relações afectivas profundas (como se de uma família se tratasse) baseadas num interesse comum e consolidadas na pertença a um grupo de fanáticos. O objecto, ao gerar esta hiperadesão, é via para a pertença a um grupo fora da esfera tradicional e o fascínio exercido pelos objectos é também esta possibilidade de pertença que impele os sujeitos para formas de agregação social colectivas. Esta procura de novas formas de pertença caracterizadas pela adesão livre é cada vez mais comum e age como um agente de socialização secundário cada vez mais influente (dada a relação de pertença intensa). São também fruto da necessidade de um investimento afectivo que surge como uma humanização das relações e ampliação da rede de sociabilidade que se opõe ao anonimato

e impessoalidade do dia-a-dia. Na verdade, uma das maiores vantagens da inserção grupal é, para os membros destes grupos, o desenvolvimento de relações afectivas, o espírito de grupo, a camaradagem e palavras como “família” surgem frequentemente associadas aos outros membros. Os grupos são vantajosos por permitirem aos indivíduos o contacto interpessoal e o desenvolvimento de relações de interacção social. Quanto maior contacto e dedicação ao objecto e ao clube, maior é o desenvolvimento de relações afectivas. Paradoxalmente, esse aspecto traz também um aumento de conflitos e algumas desvantagens (sobretudo ligadas à dedicação dos membros e à dedicação ao objecto e ao clube). Por isso as fãs do Tony Carreira são aquelas que não vêem quaisquer desvantagens na sua inserção grupal: o contacto é menor. E quanto menor for essa interacção, maior tendência existe para não encontrar inconvenientes. Porém, os conflitos surgem como necessários para um reajustamento dos membros do grupo. E assim se caracteriza uma pertença intensa.

Mas nestes grupos pertencentes ao domínio do fanatismo há ainda outro factor primordial: o grupo apresenta-se como uma possibilidade de estreitamento da ligação com o objecto, de uma relação privilegiada e é constituído com o intuito de estabelecer uma ligação com o objecto e com os fanáticos através do objecto. Estes clubes possuem particularidades que os tornam diferentes: eles são dedicados a um objecto em particular e a sociabilidade que produzem gira em torno deste interesse comum. De facto, se apenas a possibilidade de estabelecimento de relações afectivas determinasse a pertença ao grupo, os indivíduos não teriam necessidade de constituir clubes cuja particularidade reside na existência de um objecto polarizador das relações sociais: limitar-se-iam a procurar, dentro da rede de clubes já existentes, aquele que melhor lhe conviesse. Há, portanto, também esta necessidade de fundar a pertença na partilha do objecto. Assim, o que distingue estes clubes é precisamente o tipo de investimento que é feito no objecto e como a socialização no seu seio tem como intermediário esse objecto. O objecto é determinante (digamos que ele é inevitável, imprescindível) e funciona como substituto do gosto individual. Esta hiperadesão ao objecto através do grupo pode então caracterizar-se como um “neotribalismo” em que a pertença é promovida pelo incremento da afectividade e é constituída em torno de gostos e interesses comuns. Este “neotribalismo” é evidente se atendermos ao facto de nestes grupos existir um ponto que é comum a todos os seus

membros: o investimento social é mediado pela existência de um objecto mágico que por todos é partilhado (havendo para todos um investimento afectivo no objecto).

Este agrupamento em torno de um objecto partilhado por fanáticos faz parte de um universo proliferante. Os sujeitos dispõem de uma energia que é investida nos objectos, energia esta que não se esgota na relação com o objecto e é transportada para a vida social de um grupo. Os fanáticos são então indivíduos cuja relação com um determinado objecto obedece a processo característico do fanatismo: um investimento afectivo e social nos objectos, no universo destes e no universo dos fanáticos, no qual estes indivíduos colocam um alto grau de energia. Assim sendo, o investimento energético é a condição essencial do fanatismo. Sendo todos os indivíduos dotados dessa energia e sendo a rotina humana pautada pela relação com os objectos, a pergunta que se coloca é inversa à anterior: se todos dispomos dessa energia e investimos em objectos porque é que nem todos somos fanáticos? Provavelmente não há para muitos um canalizar de energias para um objecto privilegiado. Já aqui foi abordado o facto de o poli-fanatismo não ser muito comum, uma vez que ser fanático pressupõe um acumular de energia no objecto. Ora, ao dividirmos essa energia por diversos objectos nenhum deles absorve por inteiro a energia fetichista do indivíduo e a relação com os objectos acaba por ser um mero expressar de simpatia e gosto que não conduz a um processo de fanatismo.

O objecto que absorve a energia fetichista do fanático adquire uma dimensão sagrada, é mágico. Uma estrutura em que o objecto é o elemento primordial (ele é a razão dos clubes e mais importante que estes) emerge da sacralidade proporcionada pelo investimento. Ele é um objecto de culto moderno numa sociedade em que o tempo que o indivíduo dedica a si mesmo é maior e em que se observa um redimensionamento da importância da satisfação. Arrancado do seu valor puramente utilitário e das suas propriedades vulgares, dotado de magia, o objecto assume características sagradas através de um investimento de alto grau de energia fetichista. Daí que o fanatismo possa assumir contornos de uma reemergência do paganismo: ao absorver a energia do fanático, o objecto torna-se um objecto de culto, diferente dos demais. É preciso neste ponto compreender que paganismo não é politeísmo pois nele um só objecto pode servir como promotor de culto. Em casos de hiperadesão, estes novos objectos de culto dão origem a um paganismo, um padrão social em que há um processo efectivo de ajuntamento em torno do objecto, uma

estruturação dos fanáticos em grupos de “devotos” a objectos pagãos. A sacralidade dos objectos é pois uma reemergência de um paganismo adaptado às dinâmicas culturais do nosso tempo, tendo em conta as devidas ressalvas: o culto destes objectos é da ordem do paganismo se atendermos ao facto do paganismo constituir não só um padrão religioso mas igualmente social. Num mundo em que emergem novas formas de religião sem fé e sem culto unificado (em que há um desprendimento da religião de um sistema de crenças) e em que há uma secularização da actividade ritual, o investimento afectivo e social nos objectos apresenta-se como uma forma de actualização do paganismo que remete para padrões de comportamento social no qual há um redireccionamento do investimento em objectos para fora da esfera religiosa. Este paganismo traduz-se num investimento em objectos com poderes e por isso ele é precisamente uma forma de animismo, fundado na crença em objectos habitados e animados por espíritos e forças impessoais.

A hiperadesão pode ser vista como uma forma de culto colectivo, já que o elemento vital da relação entre os membros do grupo é o objecto, polarizador das relações e colocado acima do próprio grupo. É o objecto que concentra a energia fetichista dos membros; é o objecto o ideal pelo qual são suprimidas as diferenças pessoais, actuando como unificador. Num clube de fãs o objecto é o denominador comum que molda os fanáticos e é através do primeiro que os segundos desenvolvem relações entre si.

Mas o papel do objecto enquanto agente de sociabilização não se esgota no seio dos grupos. Entre os fanáticos desenvolve-se uma relação que só é possível através do objecto. Mais: o objecto aparece como potenciador de relações também fora do universo fanático. No futebol, adeptos de um mesmo clube, embora estranhos uns aos outros, abraçam-se para festejar o golo da sua equipa; os vespistas reconhecem-se mutuamente através do veículo e desenvolvem conversações entre si; sabendo que determinado sujeito é coleccionador, os outros desenvolvem um sistema de trocas – e mesmo ofertas – entre si. O objecto é pois um elo de ligação, polarizador de relações a todos os níveis: simpatia, adesão e hiperadesão. E por isso é mais comum a relação de fanáticos de um mesmo objecto que a relação com outros grupos alheios: há uma estrutura de clubes columbófilos, um universo vespista alargado à escala mundial, a inserção dos filatelistas numa federação... A relação com outros domínios é quase inexistente para os clubes aqui abordados e a haver uma relação com o universo de objectos com as mesmas

características do objecto preferencial destes clubes, ela é sobretudo pela diferenciação em relação aos outros (claques contra claques, vespistas versus motards, etc.). Há um maior desenvolvimento de relações no domínio do objecto, que constituem pequenos nichos estruturados no proliferante e aleatório universo do fanatismo.

Contudo, no fanatismo nem tudo é “emocional”. Há uma dimensão racional que lhe está associada e tanto a crítica a alguns excessos na relação com o objecto como a delimitação de alguns limites estão patentes no espírito da maioria dos fanáticos. Há, para muitos, a noção de que nem tudo é permitido na relação com o objecto: a fã do Tony Carreira não deve emocionar-se até à exaustão ou invadir a sua privacidade; o adepto do Benfica não deve faltar ao emprego para assistir a um jogo; o coleccionador não deve comprar peças cujo valor monetário o impeça de fazer face a outras despesas do seu dia-a-dia; o columbófilo não deve recorrer a qualquer tipo de perfídia ou ilicitude na procura de resultados desportivos favoráveis. Do mesmo modo, outras relações são tidas como prioritárias, como as relações familiares e de amizade. No fundo, diriam que há “coisas mais importantes” que a relação com o objecto (“poucas mas há” dizia um Diabo Vermelho). E por isso o fanático julga a sua conduta saudável e convida outros a nela participarem: o coleccionismo é um bom passatempo (e por vezes um bom investimento), a experiência da fé é proveitosa, pertencer a uma claque é comungar de um espírito de grupo, etc.

O fanatismo apresenta-se assim completamente distante da noção do senso comum enquanto um processo muito mais alargado, proliferante e complexo e sobretudo, diferente da visão tradicional na forma como se desenvolve a relação com os objectos de eleição.

CONCLUSÃO

O fanatismo foi aqui apresentado como um investimento (resultante de uma necessidade) em objectos habitados por espíritos e forças que determinam a presença de um “feitiço sem feiticeiros”. Foi compreendido enquanto um universo no qual todo e qualquer objecto pode ser fanatizado, um universo de “magia” e um espaço de procura de satisfação fruto de um investimento afectivo e social. Nele, o fanatismo não é definível pelo objecto em si e o indivíduo não pode deixar de investir; nele, há uma experiência da sacralidade dos objectos. Mostra o fanatismo enquanto fenómeno simultaneamente individual e colectivo. E embora ele assuma várias formas e estruturas, é também um processo universal.

Este estudo será apenas uma pequena exploração de uma temática cujo grande desafio foi, antes do mais, romper com os preconceitos gerados em torno do conceito do fanatismo; uma barreira que porventura continuará a persistir na sociedade. Que significa para o actor o objecto e a relação que com este desenvolve? Como compreender os diversos clubes de investimento em diferentes objectos? Como se dá o processo de investimento no objecto? Foram estas algumas das temáticas abordadas, importantes para compreender como se estruturam os interesses e que relações adoptamos com os objectos nos nossos dias. Pretendeu-se corresponder a uma necessidade de descrição e exploração de um fenómeno por vezes entendido como marginal, ainda pouco definido no campo das ciências sociais. Houve, portanto, esta necessidade sentida de dar a conhecer uma realidade até agora desconhecida ou pouco debatida.

Todo este universo se apresentou como uma novidade e um primeiro contacto com esta realidade só pode mesmo ser definido como um “choque”: afinal tudo pode ser objecto de fanatismo e o universo em que se movem estes interesses é aleatório, disperso e muito alargado. Tal, por si só, seria um contributo modesto (muito...) para a percepção do fanatismo. Mas talvez este trabalho traga mais contribuições, embora modestas mas que se julgam importantes. Ele permitiu encontrar um conceito homogeneizador de um tipo de relação com os objectos e observar nela a existência de mecanismos sócio-cognitivos que são operados independentemente dos objectos em questão. Em última instância, ele descreve as relações operadas no domínio do fanatismo, caracteriza as relações fanático / objecto e as relações mediadas pelo objecto, apresenta relatos de apropriação de objectos,

expõe os sentimentos em relação a estes, a sua significância para os sujeitos, a dinâmica das práticas dos fanáticos e a inserção grupal destes.

O fanatismo enquanto tema de estudo apresentou-se, de facto, como um desafio em todos os campos: na procura de um encaixe teórico, na determinação das suas variáveis, na sua extensão (que se assumia ser bem menor). O determinar de uma tipologia dos clubes de fãs, das dimensões, variáveis e indicadores do conceito e de outros terrenos até então obscuros; corresponde a um permanente questionamento e problematização do fanatismo, a um assumir de uma perspectiva compreensiva, a um processo de pequenos passos e ousadias. O estudo acaba por adequar igualmente teorias a este “admirável mundo novo”, alargando e ligando conceitos utilizados em campos específicos da ciência e adaptando-os a processos sócio-cognitivos do mundo em que hoje vivemos, um mundo em que os objectos feitiços continuam a exercer o seu fascínio, um mundo em que os homens continuam a investir nos objectos porque não podem deixar de o fazer, um mundo em que a relação com os objectos continua sólida, gerando a satisfação procurada e permitindo ao indivíduo não perder aquilo que o individualismo dos tempos modernos afiançou roubar: a pertença.

Por isso o fanatismo contém em si aspectos importantes para a compreensão das dinâmicas culturais do nosso tempo. E também porque permite compreender estes novos grupos a que o indivíduo adere (grupos baseados na partilha do objecto), evidenciar um redimensionamento do campo da pertença, entender como os objectos mediam as relações de interacção social e as condutas individuais e grupais. Empiricamente, dá conta de diferentes realidades deste fenómeno de dupla face (individual e colectivo), do relacionamento com diferentes objectos.

Outras pistas são aqui deixadas: a existência de evidências de que focalização num determinado objecto e as necessidades a ela subjacentes são diferente segundo os próprios sujeitos, a exploração de fenómenos como o poli-fanatismo, os diversos de graus de investimento (que excluem do fanatismo os fenómenos de simpatia), algumas diferenças entre grupos de investimento religioso e outros. E algumas direcções podem mesmo ser apontadas. Haverá um arquétipo de fanático para cada clube? Que limites entre simpatizantes e fanáticos? Haverá pessoas mais susceptíveis de serem fanáticas? No vasto universo do fanatismo, outras direcções podem ser tomadas, abarcando o objecto, o

fanático ou o grupo. Por exemplo, o impacto do fanatismo no objecto, a influência destes grupos de fanáticos na sociedade actual, a percepção do fanatismo por parte dos demais. As formas de culto, os campos de oposição, o cariz tribal ou ideológico, os modos de legitimação, a comunicação, a relação com o exterior; todos estes aspectos grupais podem ser aprofundados.

Neste estudo os grupos de fãs foram a aposta certa, quer por eles admitirem no seu seio um grau de investimento superior, quer pela facilidade de assim encontrar os fanáticos, quer pela maior facilidade em encontrar uma base teórica, quer por permitir compreender o fanatismo nas suas duas manifestações (individual e colectiva). Mas no fanatismo podemos encontrar igualmente um grau de investimento individual profundo. Ficam então por desenvolver os aspectos que concernem ao fanatismo não assumido, ao investimento interiorizado mas não exteriorizado: estes mecanismos que impelem o indivíduo para o investimento num determinado objecto podem ser estudados não só quando potenciam a inserção em clubes de fãs mas também na sua manifestação mais comum – o simples fanatismo sem envolvimento grupal manifesto. Quanto à constatação da emergência a grande escala de um tipo de relacionamento com os objectos (concretos, materiais – selos, moedas, Vespas -, pessoais – jogadores, cantores -, ou abstractos – religião, música), foi formulada a hipótese que este relacionamento equivale a um tipo de animismo, ou de reactivação do paganismo (pelo menos) europeu. Esta hipótese recebe algum conforto na multiplicidade dos objectos possíveis, para não dizer na disponibilidade de qualquer objecto para um investimento de ordem animista, neo-pagão, objecto de fanatismo.

E os grupos secretos de fanáticos? Que fenómeno é esse? O fanatismo encontra, pois, diferentes formas de manifestação, adopta estruturas diferentes e está presente em diversos aspectos da vida quotidiana. Porque não abordar uma destas questões? Ou mesmo desenvolver aspectos relativos a uma das dimensões do fanatismo (dinâmica das práticas, dimensão psicológica, inserção grupal, etc.)?

Há portanto que compreender que este trabalho, mais do que elucidar determinados aspectos acerca do fanatismo, exige um outro olhar a este fenómeno. O fanatismo é uma problemática aberta e extensiva, um espaço de constante descoberta...

BIBLIOGRAFIA

ADRIANI, Maurilio

1997 (1988) *História das Religiões*, Lisboa: Edições 70

AKOUN, André (Dir.)

1983 *Dicionário de Antropologia*, Viseu: Editorial Verbo

ALMEIDA, Ana Nunes et. all.

1998 “Relações familiares: mudanças e diversidade” in *Portugal, que modernidade?*, 2ª ed, Oeiras: Celta Editora

ALMEIDA, João Ferreira de

1990 *Portugal, os próximos 20 anos: valores e representações sociais*, VII vol., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

ARAÚJO, Rogério Bianchi de

2003 “Neotribalismo – o predomínio da estética local sobre a ética global” in *Cenários da Comunicação*, vol.2 , nº1 , Setembro: pp. 6-18

AUGÉ, Marc

1982 *Génie du paganisme*, Paris: Gallimard

BANKS, Michael et all.

1992 *Careers and identities*, Milton Keynes: Open University Press

BARDIN, Laurence

1977 *L'Analyse de Contenu*, Paris: Presses Universitaires de France

BAUDRILLARD, Jean

1995 *A Sociedade do Consumo*, Lisboa: Edições 70

BECKER, Howard S.

1966 *Outsiders, Studies in the Sociology of Deviance*, New York: The Free Press

BELL, Judith

1997 *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa: Gradiva

BOCOCK, Robert; THOMPSON, Kenneth

1992 *Social and Cultural Forms of Modernity*, Cambridge: Polity Press

BOUDON, Raymond

1990a *O Lugar da Desordem*, 1ª ed, Lisboa: Gradiva

1990b *Dicionário de Sociologia*, Lisboa: Publicações Dom Quixote

1990c *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa: Edições Rolim

BOURDIEU, Pierre

1979 *La Distinction*, Paris: Minuit

1989 *O Poder Simbólico*, 2º ed., Lisboa : Difel

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic J. D.

1992 *Réponses, pour une Anthropologie Reflexive*, Paris: Éditions du Seuil

BROMBERGER, Christian

2000 “Las multitudes deportivas: analogia entre rituais deportivos y religiosos” in revista digital *Lecturas: Educación Física y Deportes*, nº29

2001 “Passiones ordinarias”, conferência ditada no Departamento de Postgrado Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

BURKET, Walter

1993 *Religião Grega na época clássica e arcaica*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CHENG, Sheung-Tak

1997 “Psychological determinants of idolatry in adolescents” in *Adolescence*, vol. 32, n.º 127: pp 687-692

COHEN, Abner

1978 *O Homem Bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*, Rio de Janeiro: Zahar Editores

CONNOR, Steven

1992 *Theory and Cultural Values*, Oxford : Blackwell Publishers

CONDE, Idalina

1990 “Identidade nacional e social dos jovens” in *Análise Social*, vol XXV (108-109): pp 675-693

1998 “Contextos, culturas, identidades” in *Portugal, que modernidade?*, 2ª ed, Oeiras: Celta Editora

COSTA, António Firmino da

2000 “Identidades culturais e urbanas em época de globalização”. in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, nº18: pp 15-30

- COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando L; ALMEIDA, João Ferreira de
1990 “Estudantes e amigos – trajetórias de classe e redes de sociabilidade” in
Análise Social, vol. XXV (105-106): pp. 193-221
- COSTA, Pere-Oriol ; TORNERO, José Manuel Pérez; TROPEA, Fabio
1996 *Tribus Urbanas*, Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica
- COWEN, Tyler
2000 “The new heroes and role models” in *Reason*, May
- DANTAS, Luís Filipe Pereira
1997 *Juventude e tribos urbanas: os surfers no barlavento do Algarve*,
dissertação de Mestrado em Sociologia: Universidade de Évora (policop)
- DEBORD, Guy
1997 “A sociedade do espetáculo”
in <http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1540/>
- DICIONÁRIOS EDITORA
1987 *Dicionário da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Porto: Porto Editora
- DONNE, Marcella Delle
1979 *Teorias sobre a Cidade*, Lisboa : Edições 70
- DOUGLAS, Tom
1995 *Survival in groups: the basics of group membership*, Buckingham:
Open University Press
- DUFFETT, Mark
2003 “False faith or false comparison? A critique of the religious interpretation
Elvis fan culture” in *Popular Music and Society*, December
- DURKHEIM, Emile
1995 (1894) *As Regras do Método Sociológico*, 6ª edição, Lisboa: Editorial
Presença
- ENCICLOPÉDIAS VERBO
2004 *A Enciclopédia*, Departamento de Enciclopédias e Dicionários:
Editorial Verbo

EPSTEIN, Joseph

2000 "Bats, balls, and idols (athletes as heroes)" in *American Enterprise*, Heroes Today: where are they? issue, September

2004 "The perpetual adolescent" in *The Weekly Standart*, vol 009, issue 26, March 15

ERIKSON, Erik H

1968 *Identity: youth and crisis*, New York: W. W. Norton & Company

FERREIRA, José Ribeiro

1996 *Civilizações Clássicas I: Grécia*, Lisboa: Universidade Aberta

FIGUEIREDO, Eurico

1988 *Portugal, os próximos 20 anos: conflito de gerações, conflito de valores*, II vol., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

FODDY, William

1996 *Como Perguntar*, Oeiras: Celta Editora

FORMAN, Robert K. C.

1998 *The innate capacity: Mysticism, psychology and philosophy*, New York: Oxford University Press

FREITAS, Henrique e JANISSEK, Raquel

2000 *Análise Léxica e Análise de Conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*, Porto Alegre: Sphinx: Editora Sagra Zuzatto

GANZEBOOM, Harry B.G.; FLAP, Henk

1989 *New Social Movements and Value Change*, Amesterdão: SISWO

GENEVIE, Louis E. (edit.)

1978 *Collective Behaviour and Social Movements*, New York: Peacock Publishers

GIDDENS, Anthony

2000 *As consequências da Modernidade*, 4ª ed, Oeiras: Celta Editora

GOFFMAN, Erving

1975 (1959) *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.

GOSSELIN, Paul

- 1985 “La définition de la religion en anthropologie sociale”, comunicação apresentada no Departamento de Antropologia da Universidade Laval (Canadá) in <http://www.samizdat.qc.ca>

GRISEZ, Jean

- 1975 *Méthodes de la Psychologie Sociale*, Paris: Presses Universitaires de France

HAGUETTE, Teresa Maria Frota

- 1995 *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, 4ªed, Petrópolis: Editora Vozes

HARTLEY, Peter

- 1997 *Group communication*, London: Routledge

HELAL, Ronaldo

- 1999 “Mídia, ídolos e heróis do futebol” in *Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol. 2, ano 2, CEFD/UFSM
- 2003 “Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário” in Alabarces, Pablo *Futbologias. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: pp 225-240

HERVIEU-LÉGER, Danielle

- 2001 *La religion en miettes ou la question des sectes*, Paris: Calmann-Lévy

HOGGART, Richard

- 1970 *La Culture du Pauvre*, Paris: Les Éditions de Minuit

JANEIRA, Ana L.; CARVALHO, António C.; CORREIA, Carlos J.; MOURÃO, José A.

- 1998 *O Regresso do Sagrado*, Coleção Mesa Redonda, Lisboa: Livros e Leituras Lda.

KARNIOL, Rachel

- 2001 “Adolescent females’ idolization of male media stars as a transition into sexuality” in *Sex Roles*, vol. 44, issue 1, January: pp. 61-77

KROGER, Jane

- 1989 *Identity in adolescence: the balance between self and other*, London: Routledge

KURZ, Robert

1999a “A expropriação do tempo” in *Folha Editoria: MAIS!*, edição nº25.477 - domingo, secção “Autores”, 3 de Janeiro: pp 5-31

1999b “O tédio mortal da modernidade” in *Folha Editoria: MAIS!*, edição nº25.806 - domingo, secção “Autores”, 28 de Novembro: pp 5-10

LACAN, Jacques

1996 *Escritos*, São Paulo: Editora Perspectivas

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B.

1976 *Vocabulário da Psicanálise*, 3ª ed., Lisboa : Moraes Editores

LOUBSER et. all. (ed)

1976 *Explorations in General Theory in Social Science*, New York: The Free Press

MACHADO, José Pedro

1977 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. 4, 3ª ed., Lisboa: Livros Horizonte

MACHADO, Fernando Luís; COSTA, António Firmino da

1998 “Processos de uma modernidade inacabada” in *Portugal, que modernidade?*, 2ª ed., Oeiras: Celta Editora

MAFFESOLI, Michel

2000 *O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, Rio de Janeiro: Forense

s.d. *O conhecimento do quotidiano. Para uma sociologia da compreensão*, Lisboa: Vega

MARX, Karl

1975 (1867) *O Capital*, 3ª ed., Lisboa: Edições 70

MAUSS, Marcel

1971 (1925) *Sociologia y Antropologia*, Madrid: Editorial Tecnos

1988 (1950) *Ensaio sobre a Dádiva*, Lisboa: Edições 70

MEAD, George Herbert

1977 (1956) *On Social Psychology*, Chicago: The University of Chicago Press

MELLOR, J. R.

1984 *Sociologia Urbana*, Porto: RÉ S Editora

MONTEIRO, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro dos

1999 *Psicologia*, Porto: Porto Editora

MORIN, Edgar

1972 *Les stars*, Paris: Éditions du Seuil

MORRISH, Ivor

1975 “Anomia” in <http://www.sapereaudare.hpg.ig.com.br>

MOSCOVICI, Serge

1973 *Introduction à la Psychologie Sociale*, Paris: Librairie Larousse

MOSSÉ, Claude; SCHNAPPGOURBEILLON, Annie

1994 *Síntese de História Grega*, Porto: Edições Asa

NAPIER, Rodney; GERSHENFELD, Matti K.

1981 *Groups – Theory and experience*, 2ª ed., Boston: Houghton Mifflin Company

NEIMARK, Jill; JONES, Marian; GERSTEN, Dennis

1998 “Crimes of the soul” in *Psychology Today*, March-April

OLABUENAGA, José I. Ruiz; ISPIZUA, Maria Antónia

1989 *La Descodificación de la Vida Cotidiana – Métodos de Investigación Cualitativa*, Bilbao: Universidad de Deusto

OLIVEIRA, Padre Mário de

2000 *Fátima nunca mais*, 8ª ed., Porto: Campo das Letras

ORWELL, George

2002 *1984*, Colecção Mil Folhas: Público

PAGÈS, Max

1976a *Orientação Não Directiva em Psicoterapia e Psicologia Social*, Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária

1976b *A Vida Afectiva dos Grupos*, Petropólís: Editora Vozes

PAIS, José Machado

1990a “A construção sociológica da juventude” in *Análise Social*, vol. XXV (105-106): pp. 139-165

- 1990b “Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica” in *Análise Social*, vol XXV (108-109): pp 591-644
- 1993 *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda
- PAIS, José Machado (Coord)
- 1998 *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- PENA, Felipe
- 2002 “A vida é um show. Celebidades e heróis no espectáculo da mídia” in <http://bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-vida-show>
- PEIRANO, Mariza
- 2000 “A análise antropológica de rituais” in *Série Antropológica* nº270, Brasília: Universidade de Brasília
- 2001 “Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica” in *Série Antropológica* nº305, Brasília: Universidade de Brasília
- PINHEIRO, Carla Maria
- 2000 “Consumo de massas e estilos de vida: comportamentos, simbolismo e vice-versa”, comunicação apresentada no IV Congresso Português da Sociologia, *Sociedade Portuguesa: Passados Recentes / Futuros Próximos*, Universidade de Coimbra, 17 a 19 de Abril
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van
- 1992 *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva
- RIESMAN, David; GLAZER, Nathan; DENNEY, Reuel
- 1953 *The Lonely Crowd*, New York: Doubleday Anchor Books
- ROJAS, Enrique
- 1993 *O homem light: uma vida sem valores*, Coimbra: Gráfica de Coimbra
- SANTOS, José Rodrigues dos
- 1999 “A propósito das noções de “problema social” e “problema sociológico”, in *Homenagem ao Professor Augusto da Silva*, Évora: Universidade de Évora

SANTOS, Laura Ferreira dos

- 1996 *Pensar o desejo. A partir de Freud, Girard e Deleuze*, tese de Doutoramento em Educação: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho (policop.)

SILVA, Augusto da

- 1983 *Sociologia Geral II*, Évora: Universidade de Évora
1991 *Sociologia Geral I* (reprodução), Évora: Universidade de Évora

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira

- 1995 *Metodologia das Ciências Sociais*, 8ª edição, Porto: Edições Afrontamento

SKIRVIN, Francesca

- 1999 “Leper cult disciples of a stillborn Christ: Richard Edwards as meaningful in his fans’ construction of their identities” in <http://www.theory.org.uk/manics.htm>

STAHLMAN, Sandra

- 1992 “The Relationship Between Schizophrenia & Mysticism” in <http://www.meta-religion.com/Psychiatry/Mysticism/>

STIERNOTTE, Alfred P.

- 1959 *Mysticism and the modern mind*, New York: The Liberal Art Press

TURNER, Bryan S.

- 1999 *The Talcott Parsons Reader*, Oxford: Blackwell Publishers

TWITCHELL, James B.

- 2000 “In Praise of Consumerism” in *Reason*, August/September
2002 “Needing the Unnecessary: The democratization of luxury” in *Reason*, August

VERNANT, J.P. e VIDAL-NAQUET, P.

- 1982 *Mythe et Tragédie en Grèce ancienne*, Paris : FM/Fondations

VIEGAS, José Manuel Leite e COSTA, José Firmino da (org.)

- 1998 *Portugal, que modernidade?*, 2ª ed, Oeiras: Celta Editora

WEBER, Max

1994 (1914) *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol I, 3ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília

1996 (1905) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 4ª ed., Lisboa: Editorial Presença

1998 (1918) *Ciência e Política. Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix

WOODS, Richard

1980 *Understanding mysticism*, New York: Image Books

ZAL, H. Michael

1992 *A geração sanduíche*, Lisboa: Difusão Cultural

Outras fontes:

Clubes:

www.slbenfica.pt

www.diabos1982.com

www.dvevora.diabos1982.com (Diabos Vermelhos – núcleo de Évora)

www.geocities.com/vcevora

(Vespa Clube de Évora)

www.tonycarreira.com

Outros:

http://www.lochness.co.uk/fan_club

(The Official Loch Ness Monster Fan Club)

http://www.geocities.com/presleyterian_church/home.html

(First Presleyterian Church of Elvis the Divine)

<http://www.iglesiamaradoniana.com>

(Igreja Maradoniana)

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith

(Congregação para a Doutrina da Fé)

<http://www.ratzingerfanclub.com>

(The Cardinal Ratzinger Fan Club)

<http://www.trekdoc.com>

(Documentário sobre os “Trekkies”)

<http://www.kli.org>

(Instituto de Linguagem Klingon)

Legislação:

Diário Da República – I Série N.º 110 – 11-05-2004 – Lei n.º 16/2004

(Aprova medidas preventivas e punitivas a adoptar em caso de manifestação de violência associadas ao desporto)

Anexos

Anexo 1

O fenómeno no dia-a-dia 1

Anexo 2

Excertos de entrevistas 20

Anexo 3

Sobre os clubes 60

O fenómeno no dia-a-dia

15 de Setembro 2004

Madonna, a política e a religião:

No Épico Político de Madonna

A "rainha do pop" reviu 21 anos de carreira, mas imprimiu política em temas que antes eram explicitamente sexuais. Há quem diga que esta era a faceta que lhe faltava e há quem diga que Madonna foi superficial. Houve de tudo, no palco e na plateia, durante duas horas de celebração.

O mundo não é só Madonna - há guerras, crianças a morrer à fome, George W. Bush e Saddam Hussein. Mas também é Madonna e ela até já está na História (uma das primeiras imagens nos ecrãs gigantes do Pavilhão Atlântico foi a "rainha da pop" num suposto quadro exposto num museu).

Na epopeia da digressão "Re-Invention Tour", Madonna lembrou os males do mundo e os seus antídotos, a música e a religião (e cantou "music makes the people come together"). O público lembrou-lhe que ela mantém o seu lugar. Uma vénia, uma interpelação e o Atlântico foi ao rubro - estiveram lá famílias inteiras, homens de gravata, homens com t-shirts com brilhantes a formar a palavra "material boy", mulheres como se fossem para uma festa, mulheres de t-shirt e ténis, homens e mulheres de meia idade, "madónicos" a imitar Madonna e até o primeiro ministro Pedro Santana Lopes.

Foram duas horas onde houve tudo (menos sexo): uma avalanche de imagens (de guerra, do corpo humano mutilado ou visto à lupa, da América dos negros e dos emigrantes, de "santos" e "diabos".....); cabaret, circo, vaudeville; parada de soldados, de "kilts", de "burkas", hábitos de freiras; canções para bailar, para bater o pé, canções que puseram o público eufórico a levantar os braços, a bater palmas, a acender isqueiros.

Obsessões de Madonna? A Cabala mas sobretudo a mensagem anti-Bush e pró-paz - à quarta canção, "American life", passou um vídeo com Bush a beijar Saddam. Momento máximo do "statement" pela paz: "Imagine", de John Lennon, com imagens de crianças desamparadas.

Se houve nostalgia, não foi em Madonna

Fazer o revivalismo de 21 anos podia ter sido nostálgico mas Madonna reconstruiu um percurso à luz dos seus filtros actuais - vincados no seu último álbum "American Life" - transformando a política e a religião em espectáculo para todos. Exemplo: em "Express yourself" não foi a "femme fatal" vestida de forma provocante no vídeo, mas uma mulher fardada, rodeada de soldados que se dirigiu aos homens (e não às mulheres como no original): "Do you believe in love?"

Não se atrevam a calar a "besta" a quem o mundo, segundo ela, também já quis colocar numa camisa de forças - é assim que aparece em imagens no ecrã: glamorosa ou esqualida,

amordaçada. E não digam que ela não avisou: "Nunca, nunca me digam para parar, 'mother fuckers'!", gritou.

(...)

“Misticismo”

Foram várias as imagens vídeo com iconografia da Cabala e no final houve mesmo a t-shirt com o "gag" - "Cabalistics do it better". Madonna está fascinada com a Cabala, o milenar misticismo judaico. Mas há várias imagens de apelo à união entre palestinianos e israelitas, como a das crianças com "kippa" e lenço árabe que se abraçam

Onde está o sexo?

(...)

Versão "Political Girl"

Numa digressão que empunha a bandeira da "re-invenção", um dos momentos em que Madonna mais subversiva e subtilmente assume a sua transformação e comenta "o estado das coisas" é aquele em que interpreta "Material Girl". Em 1984 usava vestido rosa de cetim e pestanejava à maneira de uma Marylin movida a dólares. Objectivo: "cold hard cash". 20 anos depois, a volúpia do corpo como moeda de troca agarrou os ares do tempo e militarizou-se. Agora que o mundo dos "yuppies" se dilui, a sua guerra é outra: envergar a farda para apontar o dedo às novas loiras em busca do filão de ouro dos dias que correm - petróleo. Madonna, ela, é uma "political-spiritual girl". Para ela, o corpo já não é a questão, importa a mente; a fortuna já não está na mira (foi conseguida). I.S. e V.R

(Joana Gorjão Henriques in Jornal O Público)

18 de Outubro 2004

O jogo de futebol Benfica-Porto, a polémica:

“Fomos roubados no nosso estádio!”

Já se previa que José Veiga falasse depois do jogo, na sala de imprensa, mas a presença de Luís Filipe Vieira foi uma surpresa. O presidente do Benfica estava irritado, para não dizer furioso: «Muita gente não me esperava encontrar aqui depois de o Benfica perder, mas vim para dizer que os benfiquistas deram uma lição de civismo, quando toda a gente estava tão preocupada com a segurança. Aproveito para dizer ao senhor ministro e ao senhor secretário de Estado, que estavam tão preocupados com a segurança, que deviam era preocupar-se com a arbitragem!» Luís Filipe Vieira aumentou o tom de voz... «Eu não vivo amordaçado e espero que deixem de estar também! Principalmente depois do que todos viram, do triste espectáculo que hoje [ontem] um senhor fez. Fomos espoliados no nosso estádio e espero que todos tenham a coragem de o admitir! Que saibam que os benfiquistas estão muito atentos e qualquer dia vai ouvir-se o hino da revolta!»

(in A Bola)

Abertura de uma loja para colecionadores:

“Vilões e heróis agarram legiões de fãs portugueses à Good'n'Evil”

Há quem se identifique mais com os heróis do cinema. Outros (por sinal mais do que se pensa!) preferem os vilões. E o fascínio das personagens é tão irresistível, tão visceral em alguns casos, que chega a pôr verdadeiras legiões de fãs - entre colecionadores e simples curiosos - em guerra aberta pela estátua X ou o busto Y recém-lançados no mercado do género. Foi a pensar neste tipo de público que os irmãos Nuno e Pedro Laginha criaram a Good'n'Evil, a primeira loja portuguesa especializada em *merchandising* de cinema, no Bairro Alto, Lisboa.

«A ideia surgiu no ano passado, quando andava a fazer compras de Natal e via *action figures* em todas as lojas aonde ia», conta ao DN Nuno Laginha, um sorriso de miúdo traquinas estampado no rosto. Mas outra razão, mais forte, fez avançar o projecto. «Sou colecionador há nove anos, sentia muito a falta de uma loja destas no País», explica. «Perguntei então ao meu irmão se queria alinhar, ele aceitou. E a partir daí foi rápido.» Abririam as portas a 9 de Julho deste ano.

A Good'n'Evil foi crescendo e adquirindo cada vez mais artigos, entre réplicas e bustos, estátuas e uma variedade imensa de outras coisas. «Temos a exclusividade das peças de *O Senhor dos Anéis*», sublinha Nuno Laginha, apontando a montra dedicada à saga de Tolkien com ar de puro êxtase. «Sou completamente fanático por isto. *O Senhor dos Anéis* foi outra das grandes razões que me levaram a querer abrir a loja», confessa ao DN.

Não admira, portanto, o carinho com que se refere às espadas da Arwen e dos cavaleiros Nazgul, ao machado do anão Gimli, às armas dos Uruk-Hai. «E estamos prestes a receber a estátua de Aragorn no momento em que foi coroado rei, já esgotada a nível mundial», exulta Nuno Laginha. E as cabeças - em tamanho real - do *Alien* e do *Predador*. «Além disso, planeamos ter um nicho de filmes de culto destinado a colecionadores», lembra o irmão (e sócio), Pedro Laginha.

Para já, as atenções estão centradas no passatempo *Exorcist: The Begginning*, visto que a Good'n'Evil oferece dez convites duplos para a antestreia do filme - no dia 19, às 21.30, no Cinema São Jorge - à primeira dezena de pessoas que se deslocar hoje à loja, entre as 16.00 e as 20.00. Além do convite, os vencedores levam ainda para casa um *poster* da película de Renny Harlin.

(Ana Pago in Diário de Notícias)

22 de Outubro de 2004

“Olegário dirige jogo com o Aves”

Árbitro atrai público

A nomeação do árbitro Olegário Benquerença para o jogo entre o Olhanense e o Aves, da 7ª jornada da Liga de Honra, está a despertar um interesse pouco usual na cidade de Olhão e o

estádio José Arcanjo contará amanhã com um acrescido número de espectadores, atraídos pela presença do juiz leiriense, que dirigiu o último Benfica-FC Porto.

No mercado de Olhão, Benquerença é o nome mais falado e muita gente, que habitualmente não se desloca ao estádio, está na disposição de fazê-lo amanhã, incluindo, curiosamente, muitas mulheres, dispostas a acompanharem os maridos. "Foi o árbitro que roubou o Benfica? Então quero vê-lo!", ouvia-se numa conversa junto a uma banca de verduras.

(artigo do Record)

18 de Outubro 2004

O livro Draganologia:

Respire fogo... é magnífico

(...) O livro é um álbum devidamente encadernado a vermelho e cada uma das suas pesadas páginas alberga em relevo, incrustadas ou mesmo salientes, outras pequenas «jóias»: mini-livros, sobrescritos lacrados com cartas lá dentro e saquetas de laboratório com o resultado da recolha de material diverso para posterior análise e catalogação. Pretendendo ser um fac-símile de um manual complicado pelo famoso dragonologista do século XIX, Sir Ernest Drake, *Draganologia, o Mais Completo Livro sobre Dragões* é eximamente elaborado e ilustrado, mimetizando na perfeição as páginas carcomidas pelo tempo de um preciosíssimo achado «enigmático-arqueológico».

Para ter uma ideia do que vai encontrar, fique a saber que não só os dragões não foram extintos como podem encontrar-se nos quatro cantos do mundo, frequentemente nas mais inóspitas paragens, sob diferentes morfologias e com comportamentos distintos.

(...)

E conheça todos os métodos e técnicas do trabalho de campo para a localização e observação de dragões e o diário pessoal de um dragonologista, como construir um laboratório ou socorrer-se de vários feitiços e encantamentos úteis. Descubra ainda se consegue ver o seu reflexo no mítico olho-de-dragão...

(...)

Na verdade, é neste facto que reside uma das genialidades do livro – nunca em parte alguma desfazem a fantasia (...) é um livro para quem já compreendeu que sem fantasia a vida seria um erro!

(Cláudia Moura in Notícias Magazine)

14 de Dezembro de 2004

“PSP teve de intervir para serenar terror na chegada ao Estádio da Luz”

Pedras dos adeptos atemorizam equipa

A chegada à Luz do autocarro que transportou a equipa do Benfica, após a goleada sofrida no Restelo, foi bastante tensa. Reinou o medo entre os ocupantes.

Mais de uma centena de adeptos em fúria fizeram uma espera na rotunda junto à entrada do Alto dos Moinhos para mostrar aos jogadores que não toleram exibições tão pobres. "Uma vergonha, vocês são uma vergonha!", foi o mote dos protestos com os adeptos a apedrejarem o veículo.

As forças policiais que, entretanto tinham chegado para manter a ordem, ficaram surpreendidas com a tenacidade dos adeptos, tendo um dos batedores da GNR caído, devido à relutância dos adeptos em saírem do asfalto (partiu mesmo o retrovisor da moto). A situação agravou-se e, ao verem os presentes a bater com as mãos no autocarro, os agentes da PSP intervieram. "Nunca vi nada assim", confessou ao nosso jornal um dos ocupantes do autocarro, onde o medo os invadiu.

A polícia teve mesmo de recorrer a bastonadas para dispersar os adeptos que se mantinham no local, à espera que os jogadores saíssem nas respectivas viaturas. Apesar de haver relatos a dar conta de detenções e até de tiros para o ar, a PSP apresenta uma versão distinta do sucedido.

(...)

«Apedrejaram a instituição» sublinha Vieira

Luís Filipe Vieira mostrou-se revoltado com a atitude dos adeptos. "Não se podem fazer disparates como aquele que fizeram ontem [anteontem] de apedrejar o autocarro à chegada ao Estádio da Luz", afirmou o presidente do Benfica, acrescentando:

"Apedrejaram a instituição! Quem fez isso não deve ser benfiquista. A instituição, as pessoas que dirigem o clube e os jogadores não merecem esse tipo de comportamento".

(artigo do Record)

17 de Janeiro de 2005

“Guarda-redes africano morto por adeptos”

O guarda-redes da selecção sub-20 de Benin, Samiou Yessoufou, morreu hoje depois de ter sido agredido domingo por adeptos ainda não identificados. O jogo realizou-se domingo à noite em Cotonou, capital do país.

Um dia depois da equipa sub-20 de Benin ter sido batida pela Nigéria por 3-0 na primeira jornada do campeonato africano da categoria, Yessoufou foi espancado num bar de Cotonou.

De acordo com a polícia, o guardião foi agredido por indivíduos que o responsabilizaram pela derrota frente aos nigerianos.

(in A bola online)

23 de Janeiro de 2005

“Cinderela faz-de-conta”

O que importa se não são verdadeiras sandálias de vidro? Brilham à mesma com os pedaços de cristal que Reiko Handa, 59 anos, aplicou a um par de novos sapatos de cerimónia. O cabelo, volumoso com as extensões que fez, esvoaça num magnífico rolo enquanto ela deslumbra na

centilante noite de Viena. Alguns belos cavalheiros austríacos acompanham-na enquanto sobe as escadas do castelo para um sumptuoso baile onde ela e um grupo de outras japonesas realizam as suas fantasias de menina: ser Cinderela por um dia.

No Japão, os sonhos de infância estão a ser comprados por quatro mil a dez mil dólares, e às vezes mais, por milhares de mulheres que usam as férias para saltar para dentro de um livro de histórias infantis. "Férias de princesa", como são conhecidas, tornaram-se nos bilhetes mais "in" para um grupo de Cinderelas faz-de-conta, desde jovens com vinte anos até cidadãs mais seniores. (...)

"Fantasy chic" tornou-se uma arte no Japão, onde parques temáticos reproduzem a vida e os costumes de países estrangeiros, por exemplo. Em nome da moda, casais de jovens não-cristãos às vezes contratam ocidentais locais para celebrar os seus casamentos como falsos sacerdotes. Mas são as viagens de princesa que fazem as mulheres japonesas erguer o sobrolho como as figuras de capricho da ficção.

Em Tóquio, por exemplo, adolescentes e mulheres nos seus trinta e quarenta anos agarram o que chamam de "moda Lolita". Como pequenas bonecas em vestidos de folhos e gorros de bebés com laços, centenas dessas raparigas e mulheres desfilam ao longo dos passeios de Tóquio de enormes laçarotes no cabelo e ursinhos de peluche nos braços.

Outras mulheres viram-se para as "celebu" ou "estilo-de-vida-celebridade". Aquilo que começou por ser o decalque dos gostos das personalidades norte-americanas tornou-se numa indústria que inclui mesmo aulas populares. Numa dessas classes, chamada "Como se comportar como uma celebridade", estudantes passam horas a aprender a andar, falar e gesticular como uma estrela de cinema. E outras japonesas estão a pagar milhares de dólares para frequentar escolas de etiqueta, a maior parte delas com o objectivo de partir em viagens de curso onde poderão ter a sorte de chocar com algum dos europeus da alta roda.

Essas escolas oferecem viagens onde as donas-de-casa e as secretárias podem bebericar champanhe ao lado da realeza do Mónaco ou usar uns chapéus de aba larga enquanto observam os pôneis em Prix de Diane Hermes, nos arredores de Paris. As mulheres muitas vezes têm estas aulas para melhorar a sua auto-estima. "Eu respirei o mesmo ar que as pessoas da 'high-society' da Europa", disse Yoshiko Mito, 36, uma ex-assistente de bordo que ficou com muito tempo livre desde que casou com um homem cujo emprego o afasta de casa por largos períodos. "Tornei-me mais auto-confiante por estar entre aquelas pessoas e saber comportar-me correctamente". (...)

Os operadores turísticos lançaram as férias de princesa há cinco anos quando surgiram notícias de mulheres que tinham descoberto a sua princesa interior ao comprar bilhetes e contratar parceiros locais nos bailes aristocráticos de Viena (Áustria). Em casa as mulheres recebiam ajuda das agências para escolher vestidos, jóias, sapatos e acessórios para o cabelo, quase sempre tiaras. Já na Áustria, recebiam dicas de como andar majestaticamente e segurar delicadamente o braço dos seus austríacos acompanhantes, na maioria professores de dança contratados pelas agências.

(in suplemento Pública – revista do Público)

Objectos em leilão em www.ebay.com:

Leilões: olha a boneca assombrada a cem mil euros!!!

É tempo de ficarem boquiabertos com o que lá encontrei nas últimas semanas.(...)

Pois fiquem a saber que acabei de ver á venda no eBay uma pastilha mascada pela Britney Spears (...) neste momento a pastilha vale três euros. (...)

Nada melhor que irem ao eBay pesquisar em Beatles. Agora imaginem que encontrariam um rolo de papel higiénico usado numa das casas de banho dos estúdios da Abbey Road (...) está mesmo à venda (...) Os Beatles queixaram-se de que este rolo era muito duro e brilhante (...) está à venda por... ó Britney Britney... três euros... não era?... 80 mil euros! (...)

O tentáculo de uma lula gigante (...) Em Dezembro do ano passado foi pescada nos mares da Terra Nova a carcaça de uma lula gigante, com cerca de seis metros e noventa quilos.

Neste momento um dos pescadores pôs à venda um dos tentáculos, que tem um metro e meio. (...) o preço-base de licitação: 40 mil euros. (...)

A primeira vez que vi a fotografia da boneca senti três pêlos ficarem eriçados (...) Parece saída de um filme de terror. É de porcelana e veste uma touca de pano branco na cabeça (...) Os olhos são... buraos pretos!! E porquê? Porque foram retirados pelo dono que os acusou de terem um dia olhado para ele. (...) E como e que o senhor tenta convencer-nos de que esta história é verdadeira? Diz que faz o teste de polígrafo (...) E se mesmo assim não ficarmos com vontade de gastar 100 mil dólares numa boneca assombrada e sem olhos, diz que doará 10 mil para as vítimas do *tsunami*. (...)

Acabei de descobrir uma janela de um templo budista japonês (...) assombrada por um monge budista que murmura frases (...) a janela está à venda por mil dólares e já tem um licitador (...)

No eBay está à venda uma carta da princesa Diana, escrita à máquina e assinada pela mão dela. (...) De facto é uma carta escrita pela Diana... mas sobre as minas em África. Tem apenas oito linhas, foi escrita num papel oficial do Palácio de Kensington e vem com envelope (...) Ainada por cima a base de licitação não é muito cara. Apenas mil euros...

(Francisco Salgueiro in Notícias Magazine)

23 de Janeiro de 2005

Star Wars:

A dois meses da estreia, a expectativa adensa-se e as primeiras manifestações dos mais ansiosos ganham forma em pequenos acampamentos campistas nas imediações de algumas salas de cinema nos EUA. Vendedores preparam merchandise...

(in Diário de Notícias)

5 de Abril de 2005

João Paulo II (1920-2005)

“Vende-se de tudo à volta da Praça de São Pedro”

Comerciantes sem mãos a medir

Nas principais ruas que dão acessos à Praça de São Pedro há uma inundação de comércio espontâneo. A imagem de João Paulo II está presente na maioria dos artigos que centenas de comerciantes carregam consigo ou expõem em bancas improvisadas, das mantas no chão às caixas de papelão maltratadas.

Vale quase tudo na engenharia do improviso comercial, implantada nos acessos à praça que termina frente à Basílica. O que interessa é vender. E os peregrinos compram. Compram posters com o Santo Padre aqui, medalhas com a cara de João Paulo II ali, edições especiais tipo revista sobre o Papa mais à frente. São muitos os que querem levar uma recordação escolhida no momento do último adeus a Karol Wojtyła.

Mas nem só de ‘souvenirs’ vivem os mercadores espontâneos. Houve claramente quem tivesse posto a imaginação a funcionar para tentar perceber o que faz falta aos milhares de peregrinos, que parecem duplicar a cada hora. Há quem venda velas brancas e magras, comuns e ordinárias como em qualquer hipermercado, a menos de um euro a dúzia. A diferença reside num detalhe: na Via della Staz Vaticana custam 1 euro cada. Já na Via della Concilizione – o principal e mais directo acesso à Praça de São Pedro – até garrafas de água se vendem, pois o calor aperta sempre durante a tarde e sabe bem tirar a mochila, comprar uma garrafa e descansar no passeio. Isto apesar de haver uma tenda na mesma rua que oferece água aos peregrinos e vários chafarizes mais à frente, onde se podem beber os litros que se quiser, de borla. Pouco importa, o que interessa é vender. E os peregrinos compram.

(in Correio da Manhã)

22 de Abril de 2005

Mourinho e a "Chelseamania"

Sempre com “José”

Em terras de Sua Majestade, a euforia em torno de Mourinho toma ainda proporções maiores, com os adeptos a vestirem camisolas com inscrições a dizer “All the way with José” (sempre com José), e a dedicarem-lhe canções, havendo já um CD com a cara do “mister”.

“Os jornais têm inveja dele, é por isso que ele é tão bom. É o melhor treinador do Mundo”, explicava um adepto do Chelsea, a propósito de “José”, antes do jogo com o Arsenal. “Ninguém o derrota mentalmente, é controverso, mas ou se ama ou se odeia, e nós adoramo-lo”, acrescentou outro. “Ele tem uma boa atitude, é arrogante, mas sabe gerir a equipa”, afirmava mais um.

A “febre” é de tal modo que nas imediações do Estádio Stamford Bridge até há quem diga que... “Mourinho é Deus!”

(in Record)

2 de Maio 2005

O correio dos fãs:

Correio sentimental

As caixas de correio das televisões são a prova concreta de que entre os ídolos e os fãs há um mundo de sentimentos. Nas dezenas de cartas que são escritas todos os dias, há mensagens de amor, confissões, pedidos de ajuda. Herman José é, claramente, a vedeta mais assediada. O humorista recebe mais de 3000 cartas e *e-mails* por mês. “A maior parte são pedidos de favores e dinheiro”. Habitado a ler desabafos e súplicas há mais de 30 anos, o humorista confessa não se deixar “tocar pela palavra escrita”. “Vibro mais com o testemunho presencial”.

Na contabilidade destas cartas, logo depois do rei do humor aparecem, entre outros, Júlia Pinheiro (Quinta), Manuel Luís Goucha (Você na TV!), Jorge Gabriel (Praça da Alegria) e Merche Romero (Portugal no Coração).

“As cartas que mais me marcam têm a ver com maus-tratos e abusos”, reconhece Goucha. Tal como Herman, também o apresentador da TVI é auxiliado pela produção do seu programa para a gestão da correspondência. Aos domingos, Goucha responde a “todos pelo próprio punho”. É um ritual sagrado. “Envio as respostas em envelopes coloridos e não imaginam a alegria das pessoas quando recebem as respostas.” Merche Romero também escolhe um dia da semana para responder aos fãs. A apresentadora recebe o correio mais diversificado: “Tenho jovens que elogiam a minha forma de vestir, até pedidos estranhos. Imagine-se, já me pediram para assinar uns sapatos...”.

Na TVI, José Eduardo Moniz e Júlio Magalhães são os campeões do correio. O director-geral da estação explica à TV Guia que há “histórias de rasgar o coração”. Há uma, então, que Moniz não esquece: “Enterneci-me com uma criança a quem acabámos por enviar um computador”. Júlio Magalhães, um dos pivôs do canal, recorda alguns casos: “Uma mulher doente escrevia-me todas as semanas para a RTP. Continuou a fazê-lo quando mudei para a TVI. Há alguns meses, deixei de receber notícias. Não sei o que é feito dela...” Apesar disso, é uma fã que Júlio não esquece. “Enviava-me uma carta por semana e quando não o fazia, compensava na semana seguinte, com duas cartas”, recorda. O pivô do *Jornal Nacional* também recebeu “cartas positivas” como a de uma jovem de 20 anos que colecionou recortes e fotografias suas de revista, fazendo “um grande quadro de papel”. Há quem também lhe escreva cartas de amor. “Elogiam-me os meus olhos azuis. Acho graça, mas não sou nenhum *sex-symbol!*”.

Histórias impressionantes

Das centenas de cartas enviadas por gente anónima, há histórias dramáticas. Uma deficiente motora confidenciou a Herman ter aprendido a falar com um ano e meio, com *O Tal Canal*, na RTP. “Tinha problemas de fala e quando comecei a vê-lo comecei a falar. Estou-lhe muito grata”. Goucha chorou quando “uma senhora me confessou ter sido violada pelo pai e uma

outra, de uma jovem que teve três cancros". "Dizia-me que o meu sorriso lhe era muito importante. Há tempos recebi a notícia da sua morte. Foi muito emocionante". A correspondência de Jorge Gabriel é seleccionada pela produção do *Praça da Alegria*. Mesmo assim, recebe muitos "pedidos de dinheiro". "As pessoas fazem questão de enviar fotocópias com os recibos das despesas, como a renda da casa ou de medicamentos". O apresentador qualifica de "admirável" a coragem destas pessoas e convida-os a assistir ao programa...

(in TV Guia)

8 de Maio de 2005

Setúbal - Concentração de 'cabeças rapadas'

No programa da 'festa', organizada por uma facção 'skinhead' tida como muito violenta, estavam previstas duas bandas oriundas da Alemanha e Suíça: 'Jungsturm' e 'Dissens'. Esta última ligada ao movimento Hammerskins. Na sua actuação em palco costuma recordar antigas bandas fascistas alemãs. Os 'Ódio', uma conhecida banda portuguesa cujas letras apelam ao orgulho nacionalista, também faziam parte do programa.

Adeptos agredem N Doye

O avançado N'Doye, autor do golo da vitória do Penafiel sobre o Benfica, foi ontem agredido com pontapés e murros por adeptos 'encarnados' que aguardavam os jogadores nas imediações do Estádio 25 de Abril.

(in Correio da Manhã)

9 de Maio de 2005

'Star wars' What would Jar Jar do?

Matthew Bortolin is one of *those* "Star Wars" fans. Jedi robes in the closet. Marathon camp-outs for tickets. To speak to Bortolin, you might think "Star Wars" is his religion. But Bortolin, who's lived in Buddhist monasteries in America and abroad, sees his existing religion in "Star Wars." Last week he published a book he was uniquely qualified to write: "The Dharma of Star Wars," which explains Buddhism by outlining its parallels with the sci-fi epic (page 161: "We can transform the 'Jar Jar from within' by practicing mindful breathing").

He's not the only one who's found religion. Dick Staub, a faith and culture commentator, just released "Christian Wisdom of the Jedi Masters," which compares Luke Skywalker's journey to become a Jedi knight with a Christian youth's journey for spiritual enlightenment. "I think there's a much more interesting conversation about spirituality happening in pop culture than there is in the typical church," says Staub. Whether you interpret "The Force" as being Nirvana or the Holy Spirit, finding spirituality in "Star Wars" can bring that galaxy far, far away a lot closer to home.

(Elise Soukup in Newsweek)

14 de Maio de 2005

O merchandising de Star Wars

Os bonecos da fortuna

Mais do que quaisquer palavras, os números são eloquentes: de 12,4 mil milhões de dólares de receitas (9,6 mil milhões de euros) dos cinco filmes, 3,4 mil milhões são provenientes das bilheteiras e 9 mil milhões do «merchandising». Os brinquedos («action figures») são os mais vendidos de sempre, os livros de BD já venderam mais de 60 milhões de cópias. (...) A mais de um mês e meio da estreia do filme, as lojas da especialidade abriram portas à meia-noite para vender um batalhão de bonecos...

(in Actual, Semanário O Expresso)

15 de Maio de 2005

Os fãs da Guerra das Estrelas: E a Força ficou com eles para sempre

Para quem gostava de ficção científica como José Abrantes, hoje autor de BD e livros infanto-juvenis, o cinema dos anos 70 era uma desilusão. Havia livros, BD com o tema, mas no ecrã nada que valesse a pena. Até àquele dia em que, estávamos em 1977 e ele tinha 17 anos, entrou no cinema Monumental e ficou deslumbrado com o mundo criado por George Lucas.

Mas a grande experiência, que atiraria irremediavelmente a sua relação com o filme para o lado da paixão, só iria acontecer com o episódio seguinte, "O Império Contra-Ataca", em 1980. Cinema Império, Lisboa, ecrã gigantes, as naves em corridas loucas, um mundo de sonho a irromper na vida do adolescente tímido, que gostava de ficar em casa a ler. Viveu muito tempo a paixão pela "Guerra das Estrelas" como um "prazer solitário".

Numa idade em que os amigos gostam de se gabar que vão ver o Bergman, nem sempre cai bem confessar-se a preferência por rever o "Star Wars". "As pessoas na altura tinham muita vergonha do cinema lúdico. Eu ia ver longas-metragens da Walt Disney e via-me a justificar-me com o meu trabalho de desenhador." Foi quando, muitos anos mais tarde, conheceu Gastão Travado que José sentiu "pela primeira vez um "feed-back" total".

Gastão tinha 11 anos quando viu "A Guerra das Estrelas" no antigo Monumental. Quando o filme acabou não queria desligar-se dele. Por isso, a partir do início dos anos 80, quando chegaram a Portugal, e mesmo assim só a algumas lojas, as primeiras figuras da série, começou a gastar todas as suas semanadas em bonecos da "Guerra das Estrelas".

"Uma figura custava mais ou menos mil escudos, o que era muito naquele tempo. A semana não chegava para tantas." Mas Gastão esforçava-se. Ao robô inicial foram-se, a pouco e pouco, juntando outras personagens. Depois surgiu o LP duplo, edição de luxo, também ele "uma tentativa de prolongar o prazer do visionamento".

Engenheiro electrotécnico e designer, hoje com 38 anos, Gastão Travado é um fã a sério. Entre cinema, televisão e DVD, já viu a primeira trilogia (episódios IV, V e VI) "seguramente umas 50 vezes". E, do cinema, tem guardados os bilhetes todos. Quando a série voltou com o episódio I, em 1999, depois de mais de uma década de ausência, não quis esperar, meteu-se no avião e foi ver "A Ameaça Fantasma" na estreia nos Estados Unidos, no meio de fãs descomplexados (como nunca se chega a ver em Portugal), vestidos de Luke Skywalker, Han Solo, C3PO, ou Darth Vader, empunhando sabres de luz e simulando combates de vida ou de morte entre o Bem e o Mal.

João Ribeiro tem 38 anos, a mesma idade que Gastão, e, por isso, foi também com 11 que - quem sabe se na mesma sessão? - entrou um dia no Monumental, em cuja fachada "aqueles cartazes pintados, maravilhosos" anunciavam o que, tinham-lhe dito, seria uma espécie de "filme de "cowboys" com naves espaciais". João não encontrou ali nada que lhe fizesse lembrar filmes de "cowboys".

Inesquecível para ele foi a primeira entrada de Darth Vader, uma figura que "funciona muito pela sugestão do som", com a máscara negra, a respiração funda. Não é um colecionador obsessivo, mas desde o início dos anos 80 foi juntando objectos ligados à "Guerra das Estrelas". "Ainda tenho a primeira coisa que comprei, talvez nos Preciados, em Espanha, um C3PO [o robô de figura humana e muito britânico que faz par com o pequeno R2-D2] em cartolina, articulado."

Ali está ele, pendurado com um ar desengonçado, a cartolina meio amarelecida, num corredor da casa de João Ribeiro. E se o nosso olhar seguir pela mesma parede até ao fundo encontra um Darth Vader em tamanho quase natural - "é dos que serviam de suporte nas lojas para vender a trilogia e foi um amigo que me ofereceu" - com os espaços onde em tempos estiveram os filmes transformados em arrumação para sapatos.

Ao lado, esse verdadeiramente em tamanho natural, está a pérola da colecção: um Boba Fett, mercenário que conquistou o lugar de personagem favorita no imaginário de João, com a armadura meia-medieval muita usada, com a tinta a cair, uma viseira com abertura ao meio, uma espécie de cavaleiro tecnológico.

Quando se olha com atenção descobrem-se outros pedaços desse mundo espalhados por vários sítios - as naves compradas logo nos primeiros anos depois do lançamento do filme e cujas pequenas peças foram pacientemente montadas pelo João, um Darth Vader mais pequeno de sabre em punho, cromos da "Guerra das Estrelas" em cima da mesa, números de colecionador de várias revistas sobre o filme guardados nos armários. E um velho postal com o R2 que ele descobriu um dia no sótão de uma casa que comprou, como se fosse uma silenciosa passagem de testemunho entre fãs.

Hoje a trabalhar em cinema como director de fotografia, João confessa que embora não seja capaz de ir para a loja a correr para ser um dos primeiros a comprar a trilogia, o fascínio levou-o a fazer outras coisas improváveis, como comprar durante uns tempos uma revista de fãs da "Guerra das Estrelas". "Mas aquilo já era demasiado fã para mim, com coisas do tipo fotos dos filhos dos fãs vestidos como as personagens." Não resistiu, no entanto, a fazer uma

"star tour" na DisneyWorld de Paris, numa nave dos rebeldes em escala real que nos transporta directamente para o meio de uma batalha.

(...)

As memórias de David Coutinho, de 26 anos, não passam pelo ecrã gigante do Monumental, mas não foi preciso. Bastou um vulgar ecrã de televisão para este estudante de Informática e Gestão descobrir a "Guerra das Estrelas" e ficar rendido. O padrasto tinha o filme e ele era uma criança quando o viu em vídeo pela primeira vez. "Nessa idade temos uma enorme capacidade de nos metermos naquele mundo e ficarmos maravilhados."

Só mais tarde começou a perceber que a história reúne "um bocado aquilo em que se acredita na vida, o poder da crença, um poder construtor, a existência de uma Força que une o Universo todo e que é uma força interior". Nessa altura, reconhece, "foi o filme que mais me marcou, que mais me fez sonhar". Não havia muitos rapazes da idade dele no final dos anos 80 em Lisboa que conhecessem a "Guerra das Estrelas". O filme tinha estreado havia muito tempo ("O Regresso de Jedi" é de 1983) e só quem, como David, tivesse o filme em vídeo é que percebia do que ele estava a falar. "Ainda me espanto por haver pessoas a quem aquilo passou ao lado."

Transmitiu a sua paixão ao primo mais novo. Sérgio Coutinho tem 18 anos, está no 12º ano, e é fã declarado, do género de "ter visto o mesmo episódio cinco vezes numa semana" sem se cansar e de saber as histórias, as frases, os diálogos. Tal como David, não teve a sorte de começar a ver o filme no cinema. Foi o pai, que gosta muito de cinema e desde pequeno o punha a ver pedaços de filmes, que um dia fez entrar na pequena abertura do leitor de vídeo o mundo deslumbrante de Luke Skywalker, Han Solo, da princesa Leila e de Darth Vader.

David e Sérgio devoraram os filmes da primeira trilogia uns a seguir aos outros. Ao contrário de José, Gastão ou João, não tiveram de esperar anos para ver o episódio seguinte. A sensação de expectativa só a viveram com a segunda série. Uma expectativa tal que Sérgio gravou tudo o que passou na televisão, incluindo os canais por cabo, que tivesse alguma relação com "A Ameaça Fantasma", todos os produtos de promoção, desde os anúncios do próprio filme aos de papa para bebé com figuras da "Guerra das Estrelas".

Os primeiros bonecos que teve foram herdados do primo mais velho - "fui uma espécie de padrinho", diz David. Lembra-se de ir a casa da avó e andar à procura de bonecos do David que por lá tivessem ficado. Depois, mais tarde, começou ele próprio a comprá-los, e hoje ainda o faz mas como colecionador - já não os tira das caixas para brincar às batalhas numa galáxia distante, como dantes fazia com os primos da sua idade. "Sempre que nos juntávamos numa festa de anos, a brincadeira era à "Guerra das Estrelas"" (já na geração de João Ribeiro as brincadeiras mais populares eram o "Caminho das Estrelas" e o "Espaço 1999", mais "democráticas" do que o "Star Wars" porque passavam na televisão).

David esteve a rever os filmes e confessa: "Embora já não exista neles o que hoje procuro no cinema, ainda me deixo levar." Tem uma imensa vontade de "reviver aquele sonho de criança". Ser fã é isso, é saber-se que houve um dia em que a "Guerra das Estrelas" entrou na nossa vida para ficar. É sentir o tal arrepio na espinha quando a música começa e as primeiras letras

surgem no ecrã. É recordar a compra de cada boneco, a construção de cada nave, a descoberta de um postal com o R2 esquecido num sótão, ou, como José Abrantes, estrear cada novo leitor de vídeo, de DVD ou aparelho de televisão com uma cópia do filme.

É, como confessa Gastão, estar a "contar os minutos, os segundos" para ver o próximo episódio. É acreditar que a magia voltará a funcionar. Ou esperar que isso aconteça, como João Ribeiro, que, depois da desilusão que foram o I e o II, diz que "a grande esperança é este último". Ser fã é (ainda o João) esperar por "aquele dia em que vamos ficar em casa, só com pizzas, e ver os seis episódios de seguida".

É querer ver (mesmo já sabendo como foi) como Anakin abandonou o Bem e passou para o Lado Negro. É ter aprendido que existem outras coisas e mesmo assim sonhar com uma galáxia muito, muito distante. É crescer e continuar a acreditar.

(Alexandra Prado Coelho in Revista Pública, Joranal O Público)

Guerra das Estrelas chega ao fim: "Vocês vão chorar" Steven Spielberg

(...) "É uma espécie de ruminação do lado negro e negativo do poder, seja ele o de Júlio César ou Richard Nixon", considera em declarações ao "Washington Post". Segundo Lucas, é a guerra do Vietname que está por trás do primeiro filme "A Guerra das Estrelas", estreado a 25 de Maio de 1977 (...) "Comecei a ler sobre como os franceses voltaram as costas ao ideal democrático e republicano para apoiar Napoleão, ou como os romanos traíram Júlio César", conta. Seguindo a mesma lógica, neste derradeiro capítulo, "A Vingança de Sith", encontra-se o 11 de Setembro e a guerra no Iraque: há triunfalismo, perdição e vingança. (...) Lucas redimia uma nação despedaçada, nesta segunda parte, confronta o público com outras questões morais e políticas: o que leva as pessoas boas a tornarem-se más, ou como podem as democracias tornar-se ditaduras?

(Rita Siza in Revista Pública, Joranal O Público)

16 de Maio de 2005

Os clones do Tino

... a figura de Vitorino da Silva inspirou a criação de *Os Tinos de Portugal* (...) Os membros têm entre 18 e 80 anos e já são 200 espalhados por Portugal. O próximo passo é abrir uma delegação na Madeira. (...) A celebração, que acontece todos os anos, tem uma regra de ouro. "Comemos muito, cantamos e dançamos, mas é proibido falar de futebol, política e religião".

Esta filosofia é inculcada aos novos membros que, na festa anula, se sujeitam ao "baptismo":

"Eles ficam de joelhos e são baptizados com água do penico, sal na boca e óleo queimado nas mãos": depois do ritual, os caloiros ganham um novo nome, um novo "Tino" (...) nomes como "Tino Tira o Leite", "Tino Vai Tu", "Tino Calhau", "Tino Tubos", "Tino Saudade" ou "Tino Maestro".

(in TV Guia)

22 de Maio de 2005

SuperDragões provocam desacatos na Av. dos Aliados

Os SuperDragões semearam a confusão na Av. dos Aliados, no Porto, onde os adeptos encarnados acorreram para fazer a festa, após o empate no Bessa (1-1) que valeu ao Benfica o 28º título nacional.

A claque portista "varreu" autenticamente os aficionados do emblema rival, obrigando a entrada em acção da Polícia de Intervenção para terminar os desacatos. A força de segurança da Polícia de Segurança Pública (PSP) procedeu mesmo a algumas detenções.

23 de Maio de 2005

Adeptos tentam agredir jogadores

Ambiente escaldante ontem, após o final do jogo em Alvalade. Um numeroso grupo de adeptos invadiu o parque de estacionamento do estádio e tentou agredir alguns jogadores do Sporting. A situação mais grave aconteceu com Moutinho. Mais de 50 adeptos conseguiram introduzir-se na garagem e rodear o médio, forçando a pronta intervenção dos "stewards" e da polícia. Os desacatos obrigaram à deslocação de efectivos de segurança para a zona e causaram momentos de pânico dentro e fora do estádio, com alguns adeptos a tentar arrombar o portão de acesso à zona de saída dos jogadores, numa altura em que entravam para o autocarro os atletas do Nacional.

2 Julho 2005

Michael Jackson ilibado de acusações de pedofilia

Jacko a preto e branco

O momento da leitura do veredicto foi aguardado em toda a América com enorme expectativa. Uma mulher entusiasmada foi libertando, em frente ao tribunal, dez pombas, à medida que as absolvições iam sendo anunciadas. No Walk of Fame (Passeio da Fama) de Hollywood, muitas pessoas cercavam a estrela de Jackson no chão e tiravam fotografias. «Eu sabia que um rapaz tão bonito não podia ter feito aquilo», dizia uma mulher à televisão.

Em Nova Iorque, na Times Square, concentram-se multidões à espera da deliberação do tribunal através do ecrã gigante da CNN, e à medida que o resultado de cada acusação era revelado ouviam-se gritos e viam-se demonstrações eufóricas de felicidade. Nos noticiários, a reacção dos fãs que aguardavam à porta do tribunal foi descrita com uma só palavra: «júbilo» - e a sua vitória comparada à queda do Muro de Berlim. (...)

Randy não é o único na Califórnia a celebrar a absolvição de Jackson. Nas lojas de roupa, *T-shirts* com trocadilhos do seu nome ou a figura do cantor com palavras de ordem como «Go,

Michael!» abundam penduradas em cabides ao lado de biquínis e toalhas de praia em forma de notas de mil dólares.

Duas gémeas caminham, cada qual vestindo uma *T-shirt*, e as pessoas que por elas passam felicitam-nas pela vitória da estrela, como se fizessem parte de um clube secreto e Jackson fosse a palavra-chave. «Michael é um herói», dizem quase em coro. «Rezámos por ele todas as noites». Para Mahalia e Ellie, não restam dúvidas sobre a inocência do homem. «Querem tirá-lhe o dinheiro», acrescenta Ellie. «É sempre assim, especialmente quando se é negro na América».

(in Jornal de notícias)

17 Julho 2005

O sexto volume de Harry Potter

Prevê-se que seja um novo recorde de vendas

Nem mesmo J. Rowling, a autora do menino feiticeiro, podia imaginar as dimensões que o fenómeno Harry Potter iria atingir. Os primeiros cinco volumes da saga mágica venderam 275 milhões de exemplares em todo o mundo.

O livro é tão desejado, os fãs têm tanto medo que se esgote e só possam ter acesso à edição mais tarde, que até as pré-encomendas atingem números surreais.

Na maior livraria online do mundo, a norte-americana Amazon, foram pedidos 10 milhões de cópias, o equivalente a dizer que, se fosse em Portugal, não haveria miúdo nem graúdo que não andasse com um Harry Potter debaixo do braço.

As encomendas com antecedência nos Estados Unidos já ultrapassaram um milhão e 400 mil unidades. É um novo recorde, que bateu, não um romance nem uma ficção, nem mesmo uma história sobre factos reais, mas, precisamente, o Harry Potter na aventura com “A Ordem de Fénix”, o número anterior.

(sic online)

2 Julho 2005

Beckham Trail: as peregrinações aos locais de infância de David Beckham:

Chingford a nova Belém?

Esta é a breve história de uma peregrinação. Tudo começa em Maio de 2003, uma brincadeira de um jornalista da freguesia. Dois anos depois, autocarros de japoneses são vistos a passear em Waltham Forest, um subúrbio empobrecido do nordeste de Londres (...)

A prestável relações públicas do «Borough» de Waltham Forest está habituada a estas peregrinações erráticas. (...) partilha altruisticamente todos os *emails* recebidos desde então.

Um dos primeiros, datado de 11 de Junho de 2003, é da produtora alemã ARF.

Seguem-se-lhe dezenas, de rádios belgas e sul-africanas, jornais japoneses, BBC Breakfast, BBC London, *The Independent*, um semanário suíço, revistas espanholas, dos inevitáveis

tablóides britânicos (...) a autarquia sublinha que não organiza circuitos turísticos pelo *Beckham Trail*. (...) Nem o próprio futebolista oficializou a ideia...

12 Agosto 2005

Salto de Cruise no dicionário

O salto de Tom Cruise para cima do sofá de Oprah Winfrey, quando disse que estava apaixonado pela sua noiva, Katie Holmes, já está no dicionário. A expressão “saltar para o sofá” tornou-se uma frase bastante usada desde então e o termo foi recentemente adicionado ao sítio UrbanDictionary.com, que define a expressão como “momento em que uma pessoa fica fora de si”.

(in Revista Sábado nº67)

19 Agosto 2005

Salvem a noiva do Tom

Apenas 24 horas depois de ver Cruise declarar-se a Holmes no programa de Oprah, Sheila Cameron, uma ex-produtora que trabalhou para empresas como a MTV e a HBO, criou o sítio www.freekatie.net e lançou um movimento para libertar “uma jovem talentosa atriz aprisionada por forças que talvez nunca entenderemos”, numa referência à religião do actor, a Cientologia. (...)

Desde Maio vendeu mais de quatro mil *T-shirts* e artigos alusivos à campanha para fãs de todo o mundo...

(in Revista Sábado nº68)

9 de Agosto 2005

Traí-o com um cantor conhecido

Gostava de partilhar convosco um episódio da minha vida que foi muito bom e que, embora tenha terminado, recordo com muita saudade. Tenho 25 anos, vivo na zona centro e sou casada. O ano passado tive uma relação extraconjugal; nunca pensei em vir a trair o meu marido mas a proposta era irrecusável... Foi com um cantor que admiro e de quem gosto muito. Conhecemo-nos antes de eu começar a ir aos concertos – acompanhava-o de Norte a Sul do País nas *tournées*. Um dia, depois de um concerto no Norte, ele convidou-me para beber um copo no bar do hotel onde estava. Confesso que aceitei de imediato e, do bar ao quarto, foi uma questão de minutos.

Entre nós havia uma atracção mútua e notória já há algum tempo, mas eu sempre achei que ele fosse inatingível, pois além de tudo é casado há muitos anos... Nessa noite caímos nos braços um do outro e fizemos o melhor sexo da minha vida (nada mau para quem já está na casa dos 40).

Depois, outras noites se seguiram, ele chegou a vir ter comigo à minha cidade, e passámos momentos muito agradáveis... Ele é realmente muito humilde, simpático e charmoso... Comecei a apaixonar-me e ele confessou que já estava a ter um sentimento por mim que não podia ter...

(in Revista Maria nº1395)

Iglesia Maradoniana

10 Mandamientos:

- 1) La pelota no se mancha, como dijo DIOS en su despedida;
 - 2) Amar al fútbol por sobre todas las cosas;
 - 3) Declarar tu amor incondicional por Diego y el buen fútbol;
 - 4) Defender la camiseta Argentina, respetando la gente;
 - 5) Difundir los milagros de Diego en todo el universo;
 - 6) Honrar los templos donde predicó y sus mantosa sagrados;
 - 7) No proclamar a Diego en nombre de un único club;
 - 8) Predicar siempre los principios de la Iglesia Marodoniana;
 - 9) Llevar Diego como segundo nombre y ponérselo a tu hijo;
 - 10) No ser cabeza de termo y que no se te escape la tortuga.
- (in <http://www.iglesiamaradoniana.com>)

First Presleyterian Church of Elvis the Divine

The Presleyterian Charter: "foundational truths of Elvis's Word"

- 1) His Voice, inerrant as originally given, is God's verbally inspired, complete revelation to mankind ;
- 2) There is one Elvis, who is infinitely holy and perfect, existing eternally in the Persons of the Young Elvis, the Vegas Elvis, and the Holy Hip Shakin Spirit of the Rock;
- 3) The blessed birth, earthly miracles, sinless life, bodily impersonation, ascension, and literal frequent sightings of our Lord Elvis Presley are testament to his holiness;
- 4) The King is the Divine Person sent to indwell, guide, empower and sanctify the believer, and thus to bear witness of our Lord Elvis Presley;
- 5) The true Church consists of all those who trust in the life, death, and frequent sightings of Elvis Presley as the sole and sufficient means for obtaining forgiveness of their sins and eternal life with Elvis. Those who so trust in Elvis Presley, are redeemed through His music and are born again of the Holy hip shakin' Spirit to rock with Him everafter in Heavenly Graceland;
- 6) There will be a resurrection of both the saved and the lost, the first to everlasting rockin' and a rollin' and the second to everlasting damnation with the evil false pop idols.

31 Holy Items from Elvis' fixed, absolute and unchangeable shopping list:

1. Unfrozen ground round meat
2. Hamburger buns
3. Mustard
4. Ingredients for meat loaf and sauce
5. Bacon
6. Wieners
7. Cans of sauerkraut
8. Pickles
9. Potatoes and onions
10. Brown 'n' Serve hot rolls
11. Six cans of biscuits
12. Peanut Butter
13. Assorted fresh fruits
14. One case regular Pepsi
15. One case orange drinks
16. Three bottles of milk & half-and-half cream
17. Freshly squeezed, cold orange juice
18. Banana pudding (made fresh each night)
19. Brownies (made fresh each night)
20. Vanilla and chocolate ice cream
21. Shredded coconut
22. Fudge cookies
23. Cigarettes
24. El Producto Cigars
25. Matches
26. Spearmint, Doublemint & Juicy Fruit gum
27. Dristan
28. Contac
29. Sucrets
30. Super Anahist nasal spray
31. Feenamint laxative gum

Excertos de entrevistas *

(A) Diabos Vermelhos Claque do Benfica

Como começou o teu interesse pelo Benfica e o que é que te despertou tanto interesse?

Desde pequenino que sempre gostei de futebol, principalmente do Benfica, porque fui habituado pela minha família. A maior parte dos elementos da minha família são todos benfiquistas. E entretanto comecei a ir aos jogos com eles e coiso e então foi aí o coiso pelo Benfica.

Mas o que diferencia este clube dos outros? Porque é que não és adepto de outro clube? Do Sporting, Porto...

Eu sinceramente acho que é mesmo de família. Acho que se o meu pai ou a minha família fosse do Sporting, principalmente se o meu pai fosse do Sporting... O meu pai, eu lembro-me do meu pai ir à bola, trazer-me coisas do Benfica, lembro de trazer-me um chapéu do Benfica. Eh pá, a gente começa, começa assim com o bichinho do Benfica, do Benfica. Acho que também já nasce connosco, não sei. Não sei porque é que eu não sou do Sporting. Lembro-me de ser do Benfica, não sei porque é que não escolhi o Sporting. Lembro-me só de ser do Benfica. Mas acho que é por questões familiares.

E o que é ser adepto do Benfica? É preciso ter alguma qualidade? Como descreverias o adepto do Benfica?

É ser adepto do melhor clube do mundo! É, por exemplo, nós vimos coisas no Benfica que nos fazem mesmo... eh pá, dá-nos mesmo orgulho. Por exemplo, ainda hoje quando ia ali para o Bacelo vi uma faixa a dizer “SLB Glorioso SLB”. Isso não há com o Porto, não há com o Sporting. É mesmo... é fantástico!

Para ser adepto do Benfica não é preciso nenhuma qualidade. Para ser membro da claque é preciso certas qualidades. Agora para ser adepto no geral não é. Tanto é um rico como é um pobre. Há-de reparar que o Benfica é o clube do povo, tipo: quem não gosta de futebol é do Benfica.

És adepto só do clube ou também és fã dos jogadores?

* Para cada clube são aqui apresentadas as respostas de vários elementos

Há jogadores que se confundem com a camisola mas os jogadores passam e a camisola fica. O clube é que fica, o resto é tudo passageiro.

És adepto é do Benfica. É isso?

Sim, a gente gosta mesmo é do Benfica.

E a tua relação com o clube: é importante para ti em que medida? Como te sentes por ser adepto? Alguma coisa em especial?

Sinto uma coisa em especial? Por ser adepto e ir aos jogos é – como é que eu hei-de explicar? – é nós até esquecermos certas coisas e irmos a jogos e às vezes até temos problemas e chatices e ir a jogos um gajo esquece-se de tudo, é só futebol. E depois também o espírito de companheirismo.

Achas que ser adepto do Benfica diz muito sobre a tua personalidade?

Diz, sem dúvida que diz. Por exemplo, eu tenho uma amiga minha que no outro dia chegávamos ao café e diz-me assim: “Ah, a ver se hoje não discutes do Benfica”. E eu digo assim: “Olha...”... Cheguei ao balcão, encostei-me e começa logo o velho “e o Benfica isto...” – e era quando o Sporting ainda estava aí em grande e falava em taça UEFA e não sei quê – “e o Benfica e o Sporting aquilo” e não sei quê! Tipo, é... está sempre presente na nossa vida! Sempre, sempre, sempre, sempre.

E gostas de mostrar aos outros que és benfiquista?

Gosto e tenho orgulho nisso.

Como mostras?

Gosto de andar muitas vezes vestido. No meu carro uso bandeiras do Benfica, uso o que é Benfica, não escondo a ninguém que sou do Benfica. E aliás, se eu estou num café onde não conheço ninguém, se ouvir alguém a dizer qualquer coisa do Benfica, às vezes sou capaz de me levantar logo e dizer “e veja lá isto” e não sei quê.

Colecionas artigos ou adoptas outros produtos relacionados com o Benfica?

Faço colecção de coisas do Benfica. De tudo, tudo. Olha, tenho flautas, tenho chaves, tenho cachecóis, camisolas. Camisolas então, é uma por ano. Todos os anos compro a camisola do Benfica.

Fora da claque, dedicas tempo pessoal ao clube? Vês os jogos...

Vejo os jogos todos. Por exemplo, faço colecção das coisas do Benfica. Sempre que não é possível ir ao estádio vejo na televisão – isso não há jogo nenhum do Benfica que falhe! Mas por exemplo, modalidades (basket e isso) não vejo. Mas por exemplo, todos os dias vou ao site do Benfica ver se há novidades, leio blogs acerca do Benfica, todos os dias leio o jornal. Se chegar ao café, beber o cafezinho e só tiver 5 minutos, só leio os 5 minutos do

Benfica. Se tiver tempo para tudo leio para tudo, até porque eu gosto de falar de futebol e gosto de falar com conhecimento de causa. Se tiver tempo para tudo leio mas se não tiver leio sempre do Benfica. Tenho de ler todos os dias. Todos os dias tenho de ler o que se passa no Benfica.

E imagina uma situação em que não teria notícias do Benfica (não vias jogos, não sabias a sua classificação, etc). Como é que achas que reagirias?

É difícil. É difícil porque eu até este ano na Bélgica andámos à procura de jornais portugueses. Andámos à procura. Eh pá, não sei, não sei viver sem isso, acho eu, ou não consigo.

Tens amigos ou familiares que também sejam adeptos do Benfica?

O meu pai até, enquanto não teve juízo era assim como eu. Agora pronto, já tem 50 e tal anos, já vai uma vez por ano à bola.

E que se interessem por outro tema / objecto / clube?

Sim, o meu irmão praticou outro tipo de desporto e a minha família... sei lá. Se há um interesse por outras coisas? Sei lá. Cada um tem... eu sou o que ligo mais à bola. O meu irmão e isso já ninguém vai assim à bola como eu, quase todas as semanas.

E os teus amigos e familiares (benfiquistas e não benfiquistas), como é que eles reagem ao facto de seres adepto Benfica? És criticado ou incentivado de alguma forma? Que te dizem?

Criticado não sou. Sou mais incentivado pelos meus familiares. Sou mais incentivado porque eles também, também são benfiquistas e apoiaram-me muito desde que eu sou apoiante do Benfica. Sempre fui, desde pequenino.

Quais são os limites de um interesse saudável pelo clube? O que é que, por exemplo, nunca farias?

Olha, coisas que eu não concordo é actos de vandalismo. Outra coisa é, por exemplo, um pai que deixe a família para trás por causa do Benfica. Posso-te dizer que já deixei de sair à noite e isso para ter dinheiro para ir ver o Benfica. Mas isso sou eu, não tiro aos meus filhos. Por exemplo, eh pá, basicamente é prejudicar a família e a vida profissional. Tipo, há lá gajos que – como é que eu te hei-de dizer? – tipo, faltam ao trabalho para ir ver o Benfica mas a minha teoria é: se faltares ao trabalho vais ver o Benfica, no dia a seguir és despedido e já não podes ir a mais jogos sem teres dinheiro. Então é assim: se faltares a um jogo, depois continuas com um emprego e com dinheiro para ir ver o Benfica. Tipo: há coisas que estão primeiro. Poucas mas estão.

E para além do Benfica há alguma outra coisa que te interesse particularmente?

Não assim como este...

Como é que tomaste contacto com a claque e o que fizeste para te tornares membro?

Eh pá, foi através de amigos meus. Eu já ia a alguns jogos, já ia ver o Benfica e via as claques – tanto os No Name Boys como os Diabos – sempre. Despertou-me aquele coiso de ir lá para ao pé deles para os apoiar. Depois conheci alguns amigos meus que estavam aqui. Foi a partir daí que, através de uns amigos meus, que vim aqui para a claque.

E foste bem recebido?

Ah, pois! Sim. Sim porque também já conhecia dois rapazes. Vim, vim naquela de ir mais àquele jogo e depois fui ficando.

Tens amigos ou familiares que também pertencem à claque?

Amigos tenho, pronto, aqui. Há aqui pessoal que veio para cá por causa de mim, porque fui eu que trouxe para cá. Mas familiares não.

E os outros membros da claque: consideras que são teus amigos ou apenas conhecidos?

Há muitas pessoas aqui que são grandes amigos. Sou um grande amigo deles agora e dou-me muitas vezes com eles porque saímos muitas vezes. E conheci-os quando eles entraram para aqui.

Já me disseste como os teus amigos e familiares reagem ao facto de seres adepto do Benfica. Mas como reagiram eles quando souberam que eras membro de uma claque?

Ser do Benfica é normal. Quase toda a gente tem um clube e acho que a minha família não ia dizer nada. Ser da claque, aí já é diferente. Ao princípio não me disseram nada. Agora, muitos jogos que vou, sentem-se preocupados ou telefonam e “como é que estás?”. Jogos no Porto, quando tipo, quis ir ver um jogo mesmo ao Porto, mesmo ao Estádio do Dragão, a Alvalade... Mas pronto, a minha mãe aí até é um bocadinho – como é que hei-de dizer? – não se apercebe da dimensão do perigo que é. Porque há muitos perigos. A minha mãe não se apercebe. Apercebeu-se uma vez quando eu fui ver um jogo à Amadora e de repente tivemos de fugir à polícia. Houve lá porrada com a polícia mas eu não disse nada. Pronto, passou! E no outro dia é que apareci na televisão. Há lá um rapaz que é meu amigo e até levou uma sticada e ficou aqui [testa] com a marca não sei quê e a minha mãe aí é que começou-se a preocupar. Agora o meu pai, que vai muitas vezes aos jogos, conhece a realidade. A minha mãe não conhecia a realidade. O meu pai não quer, não gosta, nada, nada, nada. O meu pai está farto de me dizer para eu sair daqui disto, estou a meter a minha vida em perigo por causa de uma bola. Eu gosto mas a sério, é um perigo e é muito... e sinceramente, eu se tivesse um filho...

Também não deixavas?

Não sei. Acho que pelo que sei, isto é... Olha, eu nunca levei uma bastonada da polícia mas já fugi e sei que há muitos perigos. Também sei se a gente... às vezes quando há aquelas coisas com a polícia, normalmente que há com as claques, acho que nós só levamos se quisermos. Porque há aquela coisa: há porrada ali e eu se quiser afasto-me e há muita gente que vai naquela e não sei o quê e sujeitam-se a levar. Mas é perigoso às vezes. Já fugi, já houve situações que me senti à rasca.

E o que há em comum entre todos os membros da claque? Há algo em comum?

Acho que sim. Acho que acima de tudo é amar o Benfica. Acho que destes todos que para aqui estão, não há um que não goste. É impossível estar aqui a fazer tanto esforço.

E dedicas muito tempo às actividades da claque?

Dedico. É assim, neste núcleo é mais as coisas aqui da claque. Por exemplo, aqui há a arrumação da sede – embora pareça um bocado coiso – há a arrumação da sede, ir a... tento ir a alguns jogos, arranjar aqui a sede e isso tudo... torneio e essas coisas. Eu dedico muito tempo aqui a isto.

E o contrário: fora das actividades da claque, estás algum tempo com os outros membros?

Às vezes estou. Às vezes vamos beber um café ou assim. Mas a conversa vai sempre ter ao mesmo sítio...

Quais são as vantagens e desvantagens de pertencer à claque?

Vantagens? Conhecemos... por exemplo as vantagens é conhecermos gente de todo o país. Temos amigos em todo o lado, em toda a parte, onde quer que vamos. E desvantagens é sermos um bocadinho mal tratados pela polícia, marginalizados pela polícia, um bocado.

E o que é para ti ser um membro exemplar?

O que é ser um membro exemplo? Não, não. Não é arranjar conflitos entre, entre outros membros da claque. Acho que é, é essencial é não arranjar conflitos.

E há conflitos no seio da claque?

Há. Às vezes há aí uns stresses. Por exemplo, às vezes não... “quem é que leva o carro?”, ninguém quer levar o carro. Por exemplo, toda a gente quer beber e é “ah, vá lá, vê lá, eu já levei três vezes, tu ainda não levaste nenhuma”, “ah, o meu carro tem isto, não pode ir e não sei quê”. Os únicos conflitos que há em termos de... (podes ver, somos todos amigos), é... às vezes é só os conflitos assim por causa dos carros e tudo isso. De resto não há mais nada. Somos todos amigos e não sei o quê. Mas lá nos Diabos mesmo há. Há muitos porque houve uma mudança de direcção que não foi mesmo nada pacífica. E então dividiram-se mais ou menos dois grupos: o grupo que está com a antiga direcção e o grupo que está com a nova direcção.

Já pensaste em sair?

Já.

E há algum caso em que sairias mesmo?

Eh pá, eu neste momento eu não estou a trabalhar, estou a estudar e tenho tempo. Se não tivesse tempo tinha... não era sair mas em vez de ir a vinte ia a dez. Acho que o tempo... acho que se não tivesse tempo é que sairia. E também por causa do dinheiro: se não tiver dinheiro não posso ir. E se tivesse, se houvesse algum conflito com algum membro ou conflito directo era capaz de sair. Nunca sair do Benfica – ia sempre à bola – mas sair deste grupo aqui e ir ver o Benfica de maneira diferente.

A claque relaciona-se com outros clubes ou claque ou até mesmo com outros grupos?

A gente tem uma... os Diabos têm uma amizade oficial com a claque do Espanhol, o Espanhol de Barcelona.

E o contrário? Há alguns “inimigos”, opositores?

Eh pá, no dia dos jogos, quando é Benfica – Porto por exemplo, são inimigos autênticos porque uma pessoa vai ali... é mesmo defender e fugir e sei lá. Porque é assim: eu apesar de não gostar de porradas, eu vou ao estádio deles; se vierem para cima de nós eu tenho de me defender. Aí é assim.

Vocês têm todos o mesmo estatuto ou há uma hierarquia? Alguém assume a liderança do grupo?

Não, não. Já tivemos tipo, chamado aqui dentro do grupo, presidente, vá mas normalmente não deu. Agora o que acontece: eu, tipo, eu no meu caso sou o responsável das contas, há um responsável por encomendar os bilhetes... Eh pá, normalmente o que é que fazemos? Fazemos o que está aqui a ser feito que é: eles estão a combinar, cada um fala e chegas a um consenso. Se estiver um a mandar – já chegou a haver um a mandar mas o pessoal não gosta dele – aí é que surgem os conflitos porque parece que ninguém quer mandar mas, quando há um a mandar, há sempre aquele que quer mandar e não sei o quê. Portanto, se nos sentarmos todos aqui, todos reunidos (quem estiver aqui), se tivermos um assunto a tratar toda a gente sabe que as reuniões são à quinta-feira. O pessoal chega, debate o assunto e fica desfeito o problema.

E há rituais seguidos pela claque? Há, por exemplo, alguns momentos especiais, algumas tarefas que não podem deixar de fazer?

Temos um exorcismo que é... que é da ordem quando entra um elemento novo na claque. Temos certas tradições que a gente temos que é por exemplo o bagaço, é parar sempre no

mesmo sítio. Paramos em vários sítios aliás. Fazemos as mesmas coisas durante todos os fins-de-semana.

E se não fizerem?

Não sei. Às vezes pode dar azar, outras vezes não. Porque nós fazemos sempre a mesma coisa. Às vezes dá certo, outras vezes não.

Pertences a algum outro grupo? A outra claque, clube de fãs, etc.?

Não. Não, não. Mais nada, mais nada.

Tens algo a acrescentar, alguma coisa que gostarias de dizer sobre o clube ou a claque que aches importante e que eu não te perguntei?

Eh pá, venham para a claque que isto é bom! [risos] Gasta-se é muito dinheiro. Eh pá, venham para aqui, não venham a pensar em violências que isso não leva a nada. A imprensa e o público em geral falam das claques como se fossemos uns índios.

É uma ideia errada?

Eh pá, é assim. Se queres que te diga [risos]... meio meio porque dentro das claques há de tudo. Há desde pessoal que quer é porrada. Tipo, nos Diabos há pessoal que, eh pá, é para apoiar o clube e há muitos que querem porrada. Isso há em todo o lado. Não, não. Acho que não deve existir uma claque que é chegar ali, é só apoiar o clube e nem olham para os lados. É meio meio.

(B) Clube Columbófilo

Como começou o seu interesse pela columbofilia e o que lhe despertou tanto interesse?

Despertou-me interesse através de um, de um vizinho. Comecei, comecei a... de certa forma a assistir e a participar na... em todo o processo de tratamento e manuseio dos pombos e foi a partir daí que eu comecei, da prática da columbofilia.

E o que diferencia este animal dos outros? Porque não interessar-se por outro animal ou mesmo outro objecto, outra coisa?

O pombo-correio é um animal, senão único – não digo único porque existe o cão e o cavalo que também têm umas características próprias, de resto pouco é o animal ou ser – que consegue ser solto a 1000 quilómetros de distância e voltar ao sítio do nascimento. Essa paixão, o facto da luta que o columbófilo tem no dia-a-dia para conseguir pôr a ave em melhores condições físicas, em melhores condições sanitárias, tudo isso é que é o amor pela columbofilia.

O que é ser adepto da columbofilia? Como o descreveria? Que qualidades é necessário ter?

Tem que ser meiguinho, tem que ser muito sensível, tem que ser, tem que ser muito humano, tem que, tem que ter uma quantidade de atributos em termos de humanidade que, que depois pode transparecer também para as pessoas. O columbófilo em si – não é o jogador de pombos mas aqueles que são columbófilos – choram quando um pombo não vem, ficam dias inteiros deprimidos porque o pombo não chegou, ficam completamente arruinados sentimentalmente no ego deles porque tentou tratá-lo da melhor forma e por algum motivo lhe aconteceu um acidente. É o mesmo que termos filhos, estarmos à espera deles e depois termos uma má notícia. É um... é terrível. Da mesma forma se passa quem gosta do pombo e que trata o pombo, que o viu nascer, que o criou, que fez o casamento dos pombos da mãe com o pai para tirar um campeão. E depois quando ele começa a crescer, começa a dar-nos alegrias, começa a nos dar alegrias como um bom pombo, como poderia ser um bom filho... a gente fica completamente, sei lá, radiante, fica empolgado com esse tipo de coisas. Então acontece a mesma... quer dizer, quem gosta de pombos gosta da família. A família faz parte de uma quantidade de situações que nós necessitamos e o pombo faz parte da nossa família porque também vive na nossa casa e tratamo-lo dessa forma.

A sua relação com a columbofilia: é importante para si em que medida? Como se sente por ser columbófilo?

O amor pela columbofilia é de tal ponto que os columbófilos, para serem columbófilos – para serem eu não digo – mas qualquer columbófilo... Eu falo pelo meu caso, sou columbófilo há quase trinta anos: eu hoje se deixasse de ter pombos tinha dificuldade em conseguir matar os meus tempos livres porque tenho uma vida inteira dedicada aos pombos. Eu saio do meu trabalho, já me espera o tratar dos pombos e não sei... eu se me faltasse os pombos eu já não sabia como é que organizar a minha vida porque pronto, a gente habitua-se anos após anos a fazer este, este ritual de casa, de trabalho - casa, tratar dos pombos e depois o tempo já que sobra é pouco.

Sente que desde que se interessou pela columbofilia a sua personalidade se modificou de alguma forma?

Essencialmente aprendo também a respeitar os outros e também tenho de saber perder – o que acontece mais vezes do que ganhar – tenho que saber perder. Talvez conviver melhor com o facto de perder e com a derrota, se calhar. Valorizou-me como pessoa provavelmente.

E gosta de mostrar aos outros que é columbófilo?

Gosto, não tenho problemas em mostrar. Gosto e é curioso que tomámos – eu como outras pessoas – tomámos várias iniciativas com o intuito de espalhar o nome da columbofilia. Fizemos, recordo-me que aqui há quinze anos, participámos num torneio de futebol salão com uma equipa de columbófilos onde, para nosso espanto, oitenta por cento das pessoas não sabia o que era um columbófilo nem o que era a columbofilia. E até diziam: “olha, é a equipa dos indivíduos dos pombos”. Acabaram por saber o que era a columbofilia, foi uma forma de espalhar o nome da columbofilia, que muita gente se calhar não sabe o que é a columbofilia ou como é que se chamam os indivíduos que mandam os pombos e recebem os pombos. Acredito que hoje, em pleno século XXI, se calhar há muita gente que não sabe o que é ainda.

Colecciona artigos ou adopta outros produtos relacionados com a columbofilia?

Se utilizo alguns produtos relacionados? Sim, sim, é normal. Pronto, o pombo-correio é um atleta, tenho que ter alguns pelo menos.

Mas fora da competição?

Não. Gosto de analisar essencialmente algumas cassetes de vídeo e alguns livros sobre columbofilia. Pronto, é a única coisa.

Fora do clube, dedica necessariamente tempo pessoal à columbofilia?

Toda a gente, todos os columbófilos dedicam mais tempo à columbofilia nos próprios pombais, no sítio onde têm os pombos e onde tratam deles porque têm de tratar deles dia a dia, de manhã e à noite e à tarde.

Imagine uma situação em que não teria a possibilidade de dedicar o seu tempo à columbofilia (não ir a leilões, não saber a classificação de competições, não contactar com o animal etc). Como acha que reagiria?

Pronto, se não pudesse neste momento ser columbófilo para mim seria uma grande frustração – não é? – porque é uma coisa que me dá imenso prazer. Não tendo acesso às... sendo columbófilo e não tendo acesso às classificações, pronto, quer dizer, é só... pronto, quer dizer, não, não, a classificação é ao fim e ao cabo é o – como é que hei-de dizer? – é a cereja em cima do bolo. Pronto, é o ponto final sobre o trabalho de uma semana. Quer dizer, sendo boa é... de certa forma serve como prémio – não é? – sendo má é algo frustrante – não é? – mas pronto...

Tem amigos ou familiares que também se interessem por um determinado tema / objecto / clube? Columbófilos ou outros?

Tenho, tenho. Já tinha pessoas da família antes de me fazer columbófilo e continuo a ter já depois de me fazer columbófilo, continuo a ter.

E outros interesses?

Só, só ligados ao desporto, no caso do futebol. Tenho, nesse caso tenho. Agora não tem nada a ver com a columbofilia, só no caso de um desporto – que eu acho que a columbofilia é um desporto – e tenho ligados, pessoas de família ligados a outro desporto, que é o futebol. Apenas.

E os seus amigos e familiares (os que são columbófilos e os que não têm um interesse especial), como é que eles sentem o facto de ter este interesse pela columbofilia? É criticado, incentivado? Que lhe dizem?

Como já lhe disse há bocado, é assim: os familiares já estão, já estão habituados. Já estão habituados em que os meus tempos livres, quase todos pombos, pombos, pombos, pombos, pombos. Há pessoas que levam isto de uma maneira, tipo o meu pai e a minha mãe; já estão habituados e levam isto bem. Pronto, já sabem. Se calhar é preferível para eles que eu ocupe o tempo numa actividade desta em que goste do que noutra actividade em que não, não tenha muito interesse. Há outras pessoas, nomeadamente namoradas, que ao princípio acham muita graça e isso mas depois quando nós começamos a ter pouco tempo, as coisas começam-se a complicar. E depois há pessoas que lidam de uma maneira, outras com outra mas depois lá surge a célebre frase: “primeiro, antes de tu chegares, já cá estavam os pombos”. E é mesmo assim. Eu acho que as pessoas, para gostarem de nós... Um exemplo: há pessoas que têm problemas com a família e isso tudo (problemas entre aspas), os pombos são vistos como tirando o tempo todo e não sei quê. E é assim: quem quer estar com o columbófilo tem de gostar dos pombos também porque senão é uma relação um bocado complicada.

Quais são os limites de um interesse saudável pela columbofilia? O que é que, por exemplo, nunca faria?

Eu nunca era, nunca... era incapaz de prejudicar alguém por face de um pombo meu vir a ganhar a uma pessoa amiga. Era incapaz de prejudicar alguém. Não, não, não, não. Este tipo de desporto é importante se for praticado com seriedade e... são; é um desporto são. Pronto, se é que nos estejam a ultrapassar ou a aldrabar ou seja aquilo que for, outros, para conseguir chegar à vitória.

Para além da columbofilia há outros temas ou objectos que o interessem particularmente?

Não é fácil ter outro interesse particular porque a columbofilia absorve-nos quase. Todo o tempo livre que nós temos é para dedicarmos aos pombos. Não é fácil mas existem coisas triviais que a gente acompanha e não deixa de fazer. Pá, o meu desporto principal está na columbofilia porque senão não fazia sentido: deixávamos de ser columbófilos. E a gente se

envereda pela columbofilia não pode prescindir, porque é uma coisa dos livros que diz: “columbófilo é-se 365 dias por ano”. Isso responde a tudo!

Como tomou contacto com o clube e como fez para se tornar membro?

Este clube, este clube teve origem... pronto, inicialmente era só uma colectividade. Depois mais tarde acabou por haver – eu já era sócio da outra colectividade, atenção, a colectividade em Évora, era sócio – entretanto nos anos 80, nos inícios dos anos, deu-se uma ruptura pronto, entre alguns sócios. Acabaram por fundar esta colectividade. Eu na altura estava um pouco afastado porque estava a cumprir serviço militar. Quando regresssei aos pombos, pronto, tinha aqui a maior parte... pronto, tinha aqui pessoas com quem me dava bem e acabei por começar aqui a concorrer, porque vim de outra colectividade inicialmente.

E os outros membros do clube, receberam-no bem?

Sim, sim, sim, sim, sim. Neste momento aqui sinto-me bem. E sou respeitado aqui.

Tem amigos ou familiares que também pertencem ao clube?

Amigos, todos quase... isto é, todos os que fazem parte. Tenho outro grupo de amigos mas quase todos os sócios deste clube e até alguns da outra são meus amigos, amigos que fiz depois que me tornei membro.

E os outros membros da clube: desenvolveu relações afectivas com eles? Considera que já tem amigos aqui?

Sim, sim, sem dúvida. Alguns tinha pouco contacto com eles e acabei por me tornar... acabei por ser... tornar-se bons amigos, pessoas com quem inicialmente, pronto, não as conhecia.

Já me disse como os seus amigos e familiares reagiram ao facto de ser columbófilo. Não notou diferença quando souberam que era membro do clube?

Sim. Quer dizer, o ser columbófilo sem ser, sem ser... ter pombos de competição e não fazer parte de uma colectividade não faz sentido. Aliás, só nós, só podemos ter pombos de correio fazendo parte da colectividade, uma vez que as anilhas são requisitadas através da colectividade.

E o que há em comum entre todos os membros do clube?

Se eu entendo a pergunta é... eu penso que a forma de estar e de conviverem uns com os outros é muito semelhante porque o objectivo final da columbofilia é, para todos, o mesmo e nesse caso apresentam-se, penso eu, da mesma forma.

E dedica muito tempo às actividades do clube?

Já tenho dedicado, como lhe disse quando disse quase cem por cento. Foi... muitos assuntos foram tratados fora do clube em que eu tratei muito tempo, perdi muito tempo a tratar assuntos relativos ao clube e a tratar assuntos para que as pessoas e vissem as coisas organizadas e em condições como toda a gente gosta. Toda a gente gosta das coisas certas e bem feitas mas também nem toda a gente está disponível, uns porque não podem, outros porque não querem.

E o contrário: fora das actividades do clube, passa muito tempo com os outros membros?

Deveria passar. Deveríamos passar porque isto é assim: cada um tem a sua vida, isto está cada vez mais complicado mas deveríamos, fora daqui, de vez em quando... almoços juntos – pelo menos os directores – pronto, para se aproximar uns, mais uns dos outros. Só com essas amizades que eu já lhe disse que tenho aqui dentro. Passo. Isso, todo o tempo que... pronto, é como os amigos: a gente sai daqui ou vamos beber um café ou vamos jantar ou vamos almoçar ou... há sempre qualquer coisa.

Quais são as vantagens e desvantagens de pertencer ao clube?

Vantagens... vantagens... Vantagens. A maior vantagem é que se não pertencesse ao clube nunca podia competir. Porque é assim: é preciso ser sócio de um clube para se poder competir. Essa é a grande vantagem. Depois, o facto de pertencer a um clube como este tem vantagens de poder conviver neste espaço com os nossos amigos. É um sítio em que se pode conversar sobre aquilo que se gosta sem estar que estar a ouvir as outras pessoas “e lá estão vocês a falar de pombos”. Ao menos aqui toda a gente compartilha o mesmo interesse e é perfeitamente normal estar aqui a falar de pombos. E penso que são estas as grandes vantagens.

E desvantagens?

Desvantagens é assim: quanto mais pessoas existirem... (não sei se isto poderá ser uma desvantagem, possivelmente não é mas pode ser inicialmente uma desvantagem, depois pode vir a ser uma virtude). As pessoas, cada uma tem a sua maneira de pensar e a sua maneira de agir e a gente em sociedade tenta moldar as pessoas de acordo com que consigamos viver todos em harmonia. É uma das vantagens da sociedade. A sociedade é composta de todos os feitos e de todas as opiniões e, neste caso, é os órgãos dirigentes... procuram tanto quanto possível uma maior união. Se conseguirem isso já é uma vitória.

O que para si é ser um membro exemplar?

Membro exemplar? Acho que é um membro que respeita todos os outros, está sempre predisposto a ajudar. E basicamente penso que para se ser um membro exemplar são essas,

essas, essas duas qualidades. Acho que são as duas fundamentais, que é: estar disposto a ajudar e respeitar os outros.

E há muitos conflitos no seio do clube?

Não, conflitos não. Há sempre – e existe sempre – qualquer coisa. Eu não digo que não, que aqui dentro não haja conflitos com algumas pessoas agora... corre tudo normal! Acho que não, não há aqui mau ambiente. Isso não.

Já pensou em sair do clube?

Não. Quando eu saísse deste clube acabava como columbófilo.

Mas em algum caso o faria?

Não sei. Isso é uma situação que eu não lhe posso responder porque nunca fui confrontado com uma situação dessas. Um dia se calhar, se eu deixar os pombos – como eu lhe disse estava a tentar a pouco e pouco deixar os pombos – nessa altura... Mas não era por outra coisa, não era. Só porque, pronto, encaro outro tipo de vida diferente da vida de columbófilo.

O clube relaciona-se com outros clubes ou até mesmo com outros grupos que como vocês têm um interesse particular por um determinado tema ou objecto?

Não, basicamente não. Só de vez em quando há entidades que nos pedem colaboração para isto ou para isto ou para aquilo pelo pombo ser o símbolo da paz. De resto não. Não está assim interligado com outros clubes.

E há alguns opositores, rivais?

Sim, haver há. Há um clube. Em primeiro lugar, é assim, dentro de Évora há três colectividades: uma bastante fraca; outra que foi a inicial (e que depois entretanto houve uma ruptura e formou-se esta) em que o nível competitivo dessa colectividade foi rapidamente suplantado por esta e se calhar isso, para muita gente ainda que lá está é... é um problema. Mas pronto, é uma oposição saudável. Eles dizem mal (mal entre aspas) de nós; nós, como somos superiores, só temos é que ouvir e ignorar. E pronto, é assim. Mas que há, há. É escusado estar a dizer que não há. São as rivalidades que existem entre os clubes.

Vocês têm todos o mesmo estatuto ou há uma hierarquia?

Há uma direcção, pronto, há um órgão directivo que é composto pela Assembleia-geral, por Direcção, Conselho Técnico e Conselho Fiscal.

Alguém assume a liderança do grupo?

Não. O poder de liderança provém mais da idade do que da pessoa, dos anos que a pessoa tem de columbófilo e dos resultados que obtém em termos desportivos também porque um

columbófilo que tenha um passado recheado de êxitos é sempre um columbófilo mais respeitado do que um que tenha um passado recheado de fracassos. Mas isso é em todas as actividades assim.

Há rituais seguidos pelo clube? Há, por exemplo, alguns momentos especiais, algumas tarefas que não podem deixar de fazer?

Aquilo que sei, momentos imprescindíveis são na altura da campanha desportiva. Ter que se organizar, organizar um, fazer um programa e organizar a campanha desportiva e todos os fins-de-semana há que, há que enviar aproximadamente mil pombos. Essas tarefas têm que ser feitas, as coisas têm de ficar tudo dentro da legalidade e há sempre pessoas encarregues semanalmente, grupos de pessoas – e isto passa por todos – até fazer esta organização. Aparte de haver uma direcção que superintende essas questões todas, existe grupos semanalmente. Estão divididos por três equipas, portanto todos estão de serviço de semana a... de três em três semanas estão de serviço para fazer esses, esses, esses... a organização da prova desportiva.

Pertence a outro grupo com o qual partilhe o mesmo interesse? A outro clube ou grupo? Qual?

Pertencço a um clube ornitológico também na parte dos canários.

Tem algo a acrescentar, alguma coisa que gostaria de dizer sobre a columbofilia ou o clube e que eu não perguntei?

Não, assim de relevante não. Posso apenas dizer-lhe que esta colectividade é, provavelmente, em termos competitivos, a colectividade mais forte do distrito. Fora isso não tenho assim nada a acrescentar.

(C) Vespa Clube

Queria começar por lhe perguntar como começou o seu interesse pela vespa e o que lhe despertou tanto interesse?

Então era isso que eu lhe estava a contar: porque morei muito tempo ao pé do agente de vendas da vespa, que era a sociedade comercial Guerin e via ali as vespas e gostava muito delas. E tinha aquela idade dos catorze, quinze, treze, aquela idade em que os miúdos começam a ver as motos e a saírem-lhe os olhinhos por as motas, não é? Foi aí que começou esta paixão, pronto. E depois todo este desenvolvimento. Depois desde miúdos tivemos uma vespa, eu e o meu irmão, tivemos uma vespa. E foi assim que começámos a gostar daquilo.

O que diferencia a vespa de outros veículos motorizados e de outros objectos? Porque não interessar-se por outro objecto?

É muito popular, é uma coisa... E depois tem aquela... já lhe devem ter dito com certeza: a vespa nasce quando foi o final da Segunda Grande Guerra; as pessoas coitadas ficavam sem trabalho, aqueles indivíduos lá naquela fábrica... (Tem esses elementos não tem? Esses elementos de porque é que nasce a vespa?). E depois é um transporte muito... embora tivessem na altura aparecido outras scooters como fosse a Lambreta e a Enkel e a Diana, apareceram aí várias scooters também mas nenhuma se popularizou como a vespa porque, por um lado, era muito simples, aquilo era dar ao pedal e ela ficava a funcionar, era a qualquer lado; as outras era mais complicado, às vezes tinham mais problemas e era preciso saber mais da mecânica do que da vespa. A vespa estava sempre a andar, era muito simples; quer dizer, toda a mecânica da vespa era a coisa mais simples, por isso talvez fosse uma das razões que eu gostasse muito da vespa.

E o que é ser adepto da vespa? Como o descreverias? Que qualidades é necessário ter?

Ter algum interesse pelos veículos também, ter simpatia pelos veículos, ter trabalho com os veículos. No fundo não é comprar uma coisa já feita; tem de se comprar e recuperar, que difere, a tal coisa que difere de outro veículo qualquer em que normalmente as pessoas compram o carrinho ou compram a bicicleta pronto; já está tudo feito e ali no fundo criamos algum elo de ligação com a vespa.

A sua relação com a vespa: é importante para si em que medida? Como se sente por ser adepto da vespa?

Não. Olhe, repare, é que como as minhas vespas antigas... eu tenho nove vespas antigas e sou eu que as recupero, sou eu que as reparo, sou eu que as desmonto, desmonto os motores. Então aquilo é tudo uma paixão, é um hobby. Quando saio do trabalho vou para ali, vou (digo eu), vou fuçar, vou fuçar, vou-me sujar de óleo. A minha mulher guerreia comigo, aquelas coisas todas mas pronto, estou a fazer aquilo que quero, estou a fazer aquilo que gosto. Desmonto o motor, vejo o motor, estudo o motor. Estou paralelamente aprendendo, estou estudando: enquanto estou a desmontar o motor de uma vespa estou a estudar, não estou a perguntar a ninguém como é que se faz. Estou a ver como é que desmonto, como é que aquilo se monta, porque é que funciona assim, porque é que não funciona assim. Mais ou menos estou a estudar aquilo, está a ver? Entretenho-me ali com aquelas coisas.

Sente que desde que se interessou pela vespa a sua personalidade se modificou de alguma forma?

A personalidade... pois. É provável que sim. É provável que mesmo que não se queira muda... porque até mesmo aqui no ambiente profissional acabaram por descobrir que eu ando nas vespas e eu venho aqui nas férias e paro aqui na vespa e acabam por... toda a gente às vezes já me diz: “a tua coisa é as vespas e não sei quê”. Quer dizer, acaba por sermos envolvidos até mesmo pelos colegas e profissionalmente e acaba por nos... também a família e nós próprios também certamente que somos – como é que eu hei-de dizer? – somos afectados. Não pode deixar de ser, não é? Somos afectados e a vespa acaba por ser uma marca, uma marca que nos une a isto, àquilo. É verdade que às vezes também podemos deixar a família mas também é verdade que às vezes a família vai connosco e nós vamos de vespa e eles depois vão lá ter e nós depois convivemos em conjunto e tomamos ali um almoço ou um jantar ou aquilo que for, é com os outros. Resumindo, afecta. Afecta tudo: afecta a família, afecta a própria pessoa e até mesmo as relações com os colegas. Acaba também por se conhecer: hoje toda a gente sabe que eu tenho vespas, toda a gente que eu a comprei, toda a gente vê aqui que eu trago a vespa e se calhar se for perguntar aí às pessoas mais de cinquenta por cento sabe disso.

E gosta de mostrar aos outros o seu interesse?

Gosto de andar de vespa e gosto de mostrar às pessoas que ando de vespa. Não tenho absolutamente nada de negativo, nada que venha impelir a dizer assim: “eh pá, de vespa não quero mostrar”; “não ando de vespa”; “vou pôr um capacete que me tape tudo para não verem que sou eu porque me envergonho de andar de vespa”. De maneira nenhuma! E se pudesse andar sem capacete andava, para me conhecerem melhor, não tenho problemas nenhuns em mostrar que sou vespista.

Colecciona artigos ou adopta outros produtos relacionados com este veículo?

Não. Relacionado com as vespas não. Colecciono é as vespas! Gostaria de ter uma colecção maior.

A própria vespa é colecionável? É isso?

É colecionável porque há muitos modelos de vespas.

Fora do clube, dedica tempo pessoal à vespa?

Fora do clube, fora dos nossos encontros? Sim. Temos de cuidar delas, de vez em quando elas atiram-nos ao chão, caímos e quando caímos depois temos de cuidar das pinturas, temos de cuidar da mecânica. Ainda agora tive um problema na minha que tive de desmanchar a parte eléctrica toda. Perdemos algum tempo. Perdemos mas fazemo-lo assim nesse aspecto que lhe contei que é de o fazer com agrado e com prazer. E portanto eu, que sou professor, que não sabia mexer numa máquina nem sabia o que era um motor, aprendi

e agora sou capaz de desmontar o motor de uma vespa e montá-lo na íntegra e tratar da parte eléctrica, de tudo, de tudo. Aprendo com eles.

Imagine uma situação em que não teria a possibilidade de conduzir ou contactar com o universo da vespa. Como acha que reagiria?

Ter contacto... Portanto, se eu deixasse de ter agora as vespas – digamos assim – não pudesse, era capaz de ter dificuldade de tapar essa lacuna porque depois um indivíduo tinha de arranjar outro passatempo, outra forma. Era capaz de não ser fácil o indivíduo tapar agora essa falha, essa falta, que no fundo era encostar as vespas, nunca mais lhe poder pegar. Era capaz de não ser fácil porque nós acabamos por gostar daquilo, gostar das vespas, gostar do nosso clube, dos nossos grupos e não era, não fácil ultrapassar e substituí-la. Não era fácil, não, isso garanto-lhe eu. Não sei o resultado, qual é que ia ser o resultado mas que não ia ser fácil. Não ia, não ia.

Tem amigos ou familiares que também se interessem pela vespa?

Sim.

E por outros temas ou objectos...

Amigos que tenham interesse por outro objecto, é? Bem, aqueles amigos que nós temos que não têm vespas e que não se dedicam ao clube, eventualmente – não é? – eles têm outras coisas. Têm outras coisas para fazer, outras coisas para se dedicar. Cá está, estou-me a lembrar de dois irmãos que são pescadores e têm um barco, vão para a barragem e dedicam o seu tempo aí e não sei quê. Mas mesmo assim, pelo menos um deles já lançou a boca várias vezes a dizer que se encontrássemos alguma vespa, que ele queria comprar uma. Não é fácil porque elas estão degradadas a um ponto que tem de se pegar do zero e eles depois não querem fazer isso e depois tinham que meter na oficina e então acabou por... Mas pelo menos um deles já disse várias vezes: “eu também quero uma vespa, quero-me juntar a vocês” e no entanto gasta as energias noutra lado.

E os seus amigos e familiares (os que partilham o mesmo interesse e os que não têm um interesse especial), como é que eles sentem o facto de ser adepto da vespa? É criticado, incentivado? Que lhe dizem?

Incentivam. Muitos tento influenciá-los também e há outros que perguntam se eu sei de algum negócio de uma vespa, que eles também querem. No fundo, depois querem também juntar-se ao grupo para dar uns passeios de mota.

Quais são os limites de um interesse saudável pela vespa? O que é que, por exemplo, nunca faria? Ou faz-se tudo?

Não, não. Não. Quer dizer, eu acho... eu vejo as coisas como um equilíbrio, não vejo isto realmente como extremo, assim como extremo, como uma... – como é que eu hei-de dizer? – algo que vá extremar posições e criar atritos. Não. Nada disso. Isto é apenas, é uma coisa muito... acaba por ser uma coisa que entra nas nossas vidas mas sem também ser perturbante, se não assim não era... às tantas não era bem aceite, não é? Não. É aceitável do ponto de vista familiar, de nós próprios, dos colegas, de todas as vias.

Para além deste veículo, há outros temas ou objectos que o interessem particularmente?

Não: assim da dimensão da vespa não.

Como tomou contacto com o clube e como fez para se tornar membro?

Para entrar no clube? Membro. Então foi sobretudo dois membros das vespas – os dois irmãos – que me levaram para lá porque eu sozinho não conseguia. Para já, eu não tinha nenhuma vespa. Um deles é que me dispensou uma que tinha e acabou por ser um preço simbólico quase porque... e eu restaurei-a eu mas com a ajuda deles, que não sabia inicialmente. A primeira teve de ser com a ajuda deles, a segunda já restaurei eu praticamente sozinho e agora estou a restaurar outra. Mas fui levado por eles os dois, sem dúvida foram eles – os dois irmãos – que me levaram para lá.

E foi bem recebido pelos outros membros?

Fui bem recebido. Aliás, até fui incentivado a entrar porque nós quando fizemos a escritura... Fomos fazer a escritura e então aqui para ser membro do vespa clube de Évora tinha de se ter uma vespa e eu até era o único que não tinha e eles então dispensaram-me aquela e eu passei a ter aquela. E depois passei a ter outra e passei a ter outra. Ou seja, aceitei aquilo com agrado, não como uma pressão.

Tem amigos ou familiares que também pertencem ao clube?

Sim, sim, sim. Isto mais ou menos é quase familiar.

E os outros membros do clube que não conhecia. Desenvolveu relações afectivas com eles? Considera que fez amigos ou são só conhecidos?

Sim, sim. Considero-os amigos. Hoje tenho-os como amigos já só por via da vespa. Amigos. E tratamo-nos, já hoje, temos um trato mais afável e tratamo-nos por tu e já somos amigos, como parece que já foi há tanto tempo. E realmente por causa das vespas, senão não os conhecia.

Já me disse como os seus amigos e familiares reagiram ao facto de ser adepto da vespa.

Mas quando souberam que era membro do clube? As reacções foram diferentes?

Não. Foi tudo entusiasmado e conseguimos dinamizar a família toda, tanto mais que aquilo é assim: nós tínhamos que fazer, criar, fazer uma escritura de... a nossa família, todos

fazem parte dos corpos sociais, directivos daquilo tudo. Envolvermos a nossa família toda nisto, toda a gente gosta muito porque também quando há estas festas eles vão sempre acompanhar-nos, fazem sempre, fazemos sempre, tiramos sempre partido da família toda destes encontros; na medida do possível vamos sempre todos os pelo menos... aqui em Évora vamos sempre e lá fora aqueles que podem ir.

E o que há em comum entre todos os membros do clube?

O que há de comum é que todos têm vespas – não é? – e todos gostam das vespas e todos gostam de passear nas vespas, nas duas rodas. É o que eu acho que há ali. O que há de comum é um bocado isto.

E dedica muito tempo às actividades do clube?

Nem por isso. Agora não. Não. Sabe porquê? O clube existe para quando nós fazemos o encontro a nível nacional.

Para terem um nome?

Sim, sim. Fundamentalmente para isso, para fazer um encontro nacional, para termos um nome. Porque de facto o que a gente gosta mesmo é tipo de véspera, de véspera: “então amanhã vais onde?” e tal; “ah, olha, não tenho nada que fazer. E tu?”; “Também não”; “Então vamos dar um passeiozinho de vespa; o tempo está bom, vamos dar um passeiozinho de vespa”.

Mesmo não havendo clube existiria a mesma paixão...

Pronto, isso existiria na mesma!

E o contrário: fora das actividades do clube, passa muito tempo com os outros membros?

Sim. Mas é aqui neste contexto que nós éramos amigos, já éramos amigos há muitos anos, mais de trinta anos, mais de trinta anos.

Quais são as vantagens e desvantagens de pertencer ao clube?

Pois, olhe, vantagens... As vantagens são mais. São mais as vantagens porque nós conhecemos as pessoas, relacionamo-nos. Telefonam-nos de Lisboa, do Norte, do Algarve, de todo o lado a perguntar coisas sobre a vespa – temos a página na internet, não é? – a perguntar-nos coisas sobre encontros, sobre muitas coisas. Temos muitas relações, digamos, neste âmbito social por causa da vespa mesmo para além de Évora e portanto temos, temos... a maioria das coisas são positivas. Negativas. A haver algumas negativas é o facto só daqueles encontros maiores que a gente que organiza que dão muito trabalho; os patrocínios são difíceis de conseguir. Aí sim. Aí sim que é difícil e é complicado. Mas seja como for as vantagens são inúmeras ao pé das desvantagens. E às vezes um mau reconhecimento depois de termos tanto trabalho a organizar uma coisa qualquer, haver um

ou dois que manda uma boca. Mas isso não é nada comparado com o impulso positivo que está por trás disto, não é?

O que para si é ser um membro exemplar?

Ah, isso, eu nesse aspecto... olhe, não sei, não sei o que é. Isso depende de cada pessoa mas eu acho que um exemplar, um membro exemplar é aquele que aparece, colabora no possível, não bebe de maneira a depois ter de sair e haver algum problema e para mim acho que não há outras coisas.

E há muitos conflitos no seio do clube?

Poucos, poucos. Nós temos assim um núcleo talvez de uma dúzia deles que nunca houve conflito. Nunca houve. Às vezes lá um tem uma opinião, outro tem outra e depois o outro aceita a opinião, mais tarde ou mais cedo acaba por ver que nenhum tinha razão ou que os dois têm razão ou que um tem mais razão que o outro. Mas isso, conflito propriamente dito, eu não vejo isso como conflito. Mas existem. Mas há sempre elementos, há sempre elementos... mas não desse núcleo duro, não desse núcleo duro. São mais os outros elementos que nunca está nada bem mas também nada fazem, só criticam. Então é mais aí. Agora deste núcleo de uma dúzia que nós nos conhecemos, aí não há normalmente, não há barreiras e nós levamos bem a água ao moinho.

Já pensou em sair?

Não. Mas olhe, agora está...

Mas haveria algum caso em que o faria?

Não sei. Olhe, não. Também tenho as minhas dúvidas em relação a isso. Se houvesse mais gente com vontade de trabalhar poderia haver motivação para continuar. Agora, pronto, no estado em que isto está ninguém quer trabalhar e trabalhar é sempre para os mesmos. Assim é um bocado complicado.

O clube relaciona-se com outros clubes ou até mesmo com outros grupos que como vocês têm um interesse particular por um determinado tema ou objecto?

Relaciona-se com os vespa clubes todos: Faro, Lisboa, Felgueiras...

E fora do universo da vespa?

Fora do universo vespista não temos laços muito estreitos mas já temos sido contactados, já nos foram pedidos apoios para determinados eventos.

Há alguns "inimigos", opositores?

É difícil haver opositores. É difícil haver opositores porque nós ocupamos um espaço muito nosso, muito próprio. Não é propriamente, não é propriamente... não somos concorrentes de ninguém. É um espaço nosso, único. Não. Não vejo nenhum problema aí.

Vocês têm todos o mesmo estatuto ou há uma hierarquia? Alguém assume a liderança do grupo?

É difícil. Neste núcleo duro, neste núcleo duro é difícil falarmos, digamos, em hierarquia em todos os níveis. Agora a estes níveis técnicos, de informação técnica, de conhecimentos técnicos, ah isso sim, é capaz de a gente recorrer a estes dois a maioria das vezes porque são eles que sabem, são eles que nos desenrascam e nesse aspecto eles têm um estatuto especial, têm um estatuto especial. Ainda agora vou montar a minha e tenho quase a... tenho quase a certeza absoluta que vou precisar de perguntar uma coisa a um deles: vou pedir para eles me irem ajudar a montar e então são eles os dois que aparecem, são sempre, sempre. Nesse aspecto sim. Nesse aspecto há diferença.

Há rituais seguidos pelo clube? Há, por exemplo, alguns momentos especiais, algumas tarefas que não podem deixar de fazer?

Não. Gostamos de ir aos encontros, gostamos de nos encontrar – normalmente próximo numa bomba de gasolina – para marcharmos para os encontros e tal. E lá vamos nós todos em grupo, vamos andando por ali a fora. Agora ritual ritual não. Não há assim nenhum ritual.

Pertence a outro grupo com o qual partilhe o mesmo interesse?

Não, é só este.

Finalmente, tem algo a acrescentar, alguma coisa que gostaria de dizer sobre a vespa ou o clube que eu não tenha perguntado mas ache ser importante eu saber?

Deixe-me lá pensar... mas penso que não. Penso que disse o fundamental e pronto, tenho que deixar aqui claro que as vespas são uma paixão. Isso tenho que deixar porque de facto é verdade. Pronto. E o clubismo vem depois, as vespas são a paixão: são maravilhosas, são fiáveis, levam-nos para todo o lado, têm um baixo consumo, são amorosas, são lindas, são... Olhe, não sei o que é que lhe hei-de dizer mais [risos]. Gosto fundamentalmente das vespas, não é do clube. Só lhe quero dizer isto.

(D) Secção de filatelia

Queria-lhe perguntar como é que começou o seu interesse pelas colecções e o que é que lhe despertou tanto interesse.

Desde muito pequenina, ia a casa dos meus avós e ia esgravulhar todas as gavetas e gostava muito de ver coisinhas antigas; principalmente as coisas antigas – não é? – foi primeiro por ver e interessar-me por coisas antigas. Sei lá, havia postais ilustrados – faço também colecção de postais ilustrados – via os postais ilustrados e gostava muito, achava

muito engraçado e comecei a trazer para casa, guardar. Comecei assim por guardar coisas, não é? Comecei mais por guardar.

Mas porque é que colecciona esses objectos e nunca se interessou por outros?

Por outras peças? Olhe, aquilo é assim: a gente quando começa a coleccionar uma peça ou colecciona-as e vai fazendo aquela colecção que se possa ver ou então se começa a misturar com outras chega à altura que nem tem uma nem tem outras e isso é o que me faz fazer só uma. Outra também que me faz é que a gente para fazer qualquer colecção custa sempre muito dinheiro porque as peças às vezes podem até não ser muito caras mas a maneira de as coleccionar e de registá-las, portanto isso é peças que custa tudo muito dinheiro e as nossas reformas são pequenas (é reformas de operário) e então a gente tem que se limitar. E para estar a fazer duas ou três coisas ruins prefiro fazer uma coisa boa.

Portanto o senhor seria adepto da filatelia, ou filatelista. E o que é que isso quer dizer? Consegue descrever o que é o que é um filatelista, se há algumas qualidades necessárias a ter?

O filatelista é o gosto. Há três coisas que um coleccionador, independentemente seja do que for, tem que ter: gosto, poder de compra e não se importar de dar o dinheiro. Há coleccionadores que têm gosto e têm poder de compra e depois têm pena de dar o dinheiro. Quando se tem pena de dar o dinheiro as colecções ficam incompletas. Tem de ser os três conjuntos.

E a sua relação com os selos é importante em que medida? Como é que descreveria o facto de ser filatelista?

Olhe, é muito importante e eu já lhe vou contar porque é que considero aquilo muito importante. É porque sucedeu-me um azar aqui há dez ou quinze anos: assaltaram-me a loja e levaram-me tudo o que havia na loja. Foi muito difícil aquele, aquele período em que eu fiquei naquela situação e os selos é que me foram dando ânimo. Ia-me entregando aos selos e iam-me dando ânimo, ajudaram-me a esquecer aquele terror que foi aquele momento.

E sente que desde que se interessou pela filatelia é uma pessoa diferente?

Talvez. Uma pessoa que se dedica à filatelia tem muita paciência e tem outras coisas. Isso tudo é capaz de levar a pessoa a ser mais condescendente com o outro, às vezes com qualquer desaguizado que haja, é capaz de ter influência.

E gosta de mostrar que é...

Gosto. Gosto de mostrar as colecções que tenho. Mas acho que as pessoas, a maioria dos coleccionadores... com a maioria dos coleccionadores acho que isso não acontece, que são

um bocadinho ciosos com aquilo que têm. As pessoas não gostam muito de mostrar. Não sei se têm medo que as pessoas comecem a ter também e a copiar o que eles têm. E gosto de partilhar quando tenho determinadas peças, gosto de partilhar com pessoas que... mas gosto que as estimem, não é também fazem colecção e depois meterem numa gaveta e limitarem-se a juntar uma gaveta; isso não. Gosto que estimem as peças que trocamos. Já fui algumas vezes a feiras de coleccionismo e temos trocado algumas coisas.

E para além das moedas colecciona alguma coisa ou adopta algum produto relacionado com a moeda?

Não. Eu, como a tendência de qualquer coleccionador que seja destas duas áreas é de juntar qualquer coisa mais. A gente, em eu arrançando uma caixa de fósforos quero outra igual àquela; por exemplo, uma caixa de fósforos tem o número um: arrançando cinco ou seis... porque é para completá-la.

E fora aqui da associação dedica muito tempo à filatelia?

Dedico, depois de sair daqui, vou para casa. Não digo todos os serões mas de vez em quando. Há um gosto pela filatelia; a gente entretém-se ali os serões ou os fins-de-semana. É o meu hobby que tenho é este, não tenho mais nenhum.

E imagine uma situação em que não podia fazer isso (em que não tinha os seus serões e que não podia coleccionar). Como é que acha que reagiria?

A gente acaba sempre por ter um tempinho para essas coisas.

Mas se não tivesse, não pudesse mesmo?

Então, se não tivesse, paciência; não poderia também... pronto, não podia... Mas até no meu emprego – eu era professora – eu muitas vezes mesmo na própria escola aproveitava para fazer trocas com os miúdos. Lembro-me de ter feito uma vez uma... havia aquelas colecções de cromos (não sei se se recorda ainda de colecções que havia sobre história), tinha, fizemos um vez com... fiz uma vez com os alunos uma colecção de cromos sobre o Luís de Camões, outra de história, geografia, ciências; aqueles livrinhos. Depois os miúdos compravam e eu comprava também e depois trocávamos. Dentro da escola incentivava isso. Era uma maneira de eu também estar a coleccionar.

E tem outros amigos ou familiares que tenham interesse...

Amigos tenho, familiares não tenho assim mais ninguém assim de família a fazer colecção.

Mas em relação a outro objecto em particular?

Não, não. Há aqui várias pessoas que fazem colecções das mais diversas coisas. Aquele senhor por exemplo faz de esferográficas, há aquele senhor, faz de pacotes de açúcar, outro

faz de isqueiros, outro faz de porta-chaves, eu faço também – não sou coleccionador, sou ajuntador – de pins, tenho algum, pronto, quer dizer...

E os seus amigos – aqueles que partilham o mesmo gosto e os outros também – o que é que eles lhe dizem em relação ao facto de ser adepto da filatelia? Se é criticado ou incentivado?

Não, isso é igual. Não incentivam mas também não desincentivam. No meio colecionista, pronto, a gente, ninguém se desincentiva uns aos outros. Aí por fora depende. Às vezes digo que eu faço colecção de selos; as pessoas “ah faz, então deixe estar que eu tenho uns selos cá em casa hei-de lhe trazer”; outras vezes dizem “faz esferográficas, deixe estar que eu tenho que trazer”. Pronto, também não há desincentivo, uma pessoa nunca encontra desincentivo.

Quais é que são os limites do interesse pela filatelia?

Eu nunca meto a família sob qualquer coisa que tenha que estar a fazer. A família em primeiro, para mim está em primeiro lugar. Mas não quer dizer que o que esteja a fazer tenha que acabar logo, não é? Há sempre espaço para a gente fazer de tudo um pouco dentro da normalidade, dentro daquilo que a gente quer fazer, não é? Há muita gente que eu oiço falar que estão mais, gostam mais das coisas do que da família; eu gosto das duas coisas, depois divido o tempo com a família.

E para além deste interesse que tem pela filatelia, tem algum outro interesse assim desta dimensão?

Outro interesse, mais nada. Então vou interessando-me assim levemente porque na associação há filatelistas, há numismáticos e há coleccionadores de pacotes de açúcar, de esferográfica. Vou-me interessando por essas coisas porque estou ali a conviver com eles.

Mas não é a mesma coisa.

Não, não é.

Agora em relação à associação. Como é que tomou contacto com esta associação e o que é que fez para se tornar membro?

Através de uma pessoa conhecida – portanto que é aqui sócia – que me disse “ah e tal, apareça por lá”. A gente, é como a gente faz às outras pessoas para incentivar a virem, é só por conhecimento de uns com outros. “Ah, eu faço colecção de selos”; “ah, então fazes, então a gente tem lá uma associação que também é de várias colecções, entre elas selos”. E a gente vem. Vindo, vindo: gostamos ficamos; não gostamos vamos embora. É como acontece em todo o lado.

Foi bem recebido? Considera...

Não e como isto é uma família, somos mais ou menos os mesmos, com os mesmos que entraram, já os conhecia lá de fora portanto é uma família. É isso que me leva a vir aqui todos os sábados falar com eles. No fundo não adiantamos nada senão conversa e essa conversa sempre trocam impressões mas não venho aqui com o intuito de comprar nem vender; venho aqui para contactar todos os sábados, quando posso.

E para além do seu marido tem mais outros amigos ou familiares na associação?

Não. Tenho aqueles amigos que são dele, são meus amigos também, não é? Como disse, ainda o senhor... aqui esteve há bocadinho. Os outros também são meus amigos à mesma e aqueles espanhóis com quem a gente confraterniza também são. É como se fosse família.

E essas pessoas que entraram aqui depois. Considera que já estabeleceu relações afectivas com essas pessoas, que são amigos?

Sim porque a partir do momento que o tema, de base, o tema de base é o mesmo, portanto falando desse tema depois a seguir há conversas que vêm adjacentes (até de política e outras coisas, que não faz mal nenhum para a gente falar, dizer mal de alguém) mas como o tema é moedas e selo, portanto todos falamos do mesmo. Quando se fala de uma moeda todos conhecem, sabem o que é; não é, não é estranha para nenhum.

Já me tinha dito como é que os seus amigos e familiares reagiram ao facto de ser filatelista, não é?

Não, bem. Não tenho problemas nenhuns.

Mas depois quando entrou para a associação?

Não. A minha família reagiu bem e até nem se preocupa muito com a questão do dinheiro que gasto em selos ou... Isto, pronto, eu também sei quais são os meus limites e vou então andando assim.

E o que é que há de comum entre todos os membros da associação? Julga que há alguma coisa?

Tentar que esta associação seja, esteja melhor, mais sólida e olhando para o futuro. É só o que a gente aqui fazemos por esta associação.

E dedica muito tempo às actividades da associação?

Não. Só aqui ao sábado.

Só aos sábados é que vê os outros membros?

Não. Às vezes vejo-os durante a semana. Ainda há bocado esteve aqui um que também é lá director que veio cá. Conhece o senhor...? Falou com ele? Esteve aqui há bocado: veio cá acima (mora lá no bairro), veio cá acima e passou por aqui. Sempre para dizerem qualquer coisa.

Quais são as vantagens e as desvantagens de pertencer à associação?

As vantagens existe porque todos vimos à associação, partilhamos os objectos que temos para fazermos trocas, os senhores quando têm trazem para aqui para se trocar. Há outras pessoas que vêm aqui, vêm ver. É divulgação dos objectos que nós temos também e acho que todo este conjunto de colecções que nós temos têm também um fundo, sei lá, cultural. Acho que sim. Por exemplo os selos é cultura. Os selos, vê aí, aprende muita história do país e não só. Culturalmente acho que enriquece muito as pessoas.

E há alguma desvantagem de pertencer à associação?

Não. Desvantagem não. Acho que estas coisas nunca trazem desvantagens.

E o que é que para si é ser um membro exemplar de uma associação deste género?

Ser um membro exemplar? Bem, eu não sou um membro exemplar; que venho cá poucas vezes. E um membro exemplar são as pessoas tentarem fazer o mais possível por isto – não é? – que é o caso destes senhores todos que aqui estão, que juntam-se sempre sempre ao fim-de-semana aqui. Sempre, todos os sábados eles para aqui vêm e são eles mesmos que lavam, que esfregam, que limpam, que mudam mesas, põem mesas, põem expositores, tentam arranjar dinheiro (nós pagamos uma cota quase insignificante e eles tentam arranjar dinheiro para conseguir ter isto o mais arranjadinho possível). Isso é ser um sócio exemplar, não é? Eu não sou [risos]!

Também não há muitos conflitos?

Não há nada, conflitos nenhuns.

Nenhuns?

Nenhuns. Uma discussão de vez em quando mas isso é até saudável porque se não éramos todos carneiros, andava tudo para o mesmo lado. De vez em quando há um que arrepia caminho mas pronto, isso discute-se. Mas não, nada que leve a mais que isso.

Quer dizer que nunca pensou em sair?

Não, não. De momento não.

Haveria algum caso em que sairia da associação?

A não ser que isto alterasse muito a sua fisionomia – não é? – ou o princípio pela qual se rege. É claro, isso aí sairia mas também não me preocupava muito. Assim como vim, assim depois saía. Não...

E continuava a dedicar-se à...

Não, isso à filatelia continuaria. Não faço filatelia por estar cá inscrito ou amanhã saio, deixo de fazer. Não. Continuaria a fazer. Há várias pessoas que eu conheço que fazem filatelia e nem sequer são inscritos na associação; portanto...

E esta associação relaciona-se com alguma outra associação ou clube de outro interesse?
Ela está inserida dentro da Federação Portuguesa de Filatelia, está, pronto, acho que é a Federação Portuguesa de Filatelia. Parceria, temos uma parceria. Temos uma parceria com uma associação espanhola, com uma associação pacense ali de Badajoz, que já vai para vinte anos (a rondar os vinte anos que temos essa parceria com essa associação). Fazemos intercâmbios.

Mas fora da filatelia?

Não. Fora da filatelia, numismática. Quer dizer, isto em geral quem anda ligado à filatelia é um pouco numismata (portanto, numismata é moedas). São, vá, os dois pontos fortes da associação.

E o contrário: há algum clube que se possa chamar de opositor ou...

Não, não há. Por exemplo, cá em Évora há outra associação que é a associação timbrológica meridional mas rege-se por outros princípios e pronto, é composta por outras pessoas. Se é melhor, se é pior não sei porque eu só conheço esta.

Há um estatuto entre os membros. Há os membros, os associados... Mas depois essa hierarquia é muito rígida? Acha que é rígida ou não?

Não. Aquilo ali é tudo uma família. Aquilo os estatutos ali é só porque é preciso ter.

E há algum ritual seguido pela associação, actividades que não possam deixar de ser feitas?

Não. A gente faz, as actividades foram essas que eu lhe disse: tentamos todos os meses ter uma exposição diferente dos mais diversos temas. Como lhe disse, esta agora é de cartas, envelopes pré-filatélicos. Mas temos tido aí de postais de Évora antiga, temos tido de moedas, temos tido de esferográficas, de pacotes de açúcar; sei lá, dos mais diversos temas. Interessa é ser colecção! Portanto, qualquer coisa é colecionável.

E pertence a alguma outra associação?

Não, não.

E finalmente queria perguntar-lhe se tem alguma a acrescentar sobre o colecionismo ou sobre a associação que eu não perguntei, que ache que seja importante.

O que eu acho que seria relevante era que as pessoas se juntassem mais, mostrassem mais as peças que gostam de coleccionar e que não fossem... Acho que às vezes há grupos por fora que são fechados, a gente nem sabe. Sei que há muita gente em Évora que faz colecções, também há muita gente que faz colecção de, nomeadamente, de esferográficas mas depois não são muito motivadas a trocar. Não são, creio que não pertencem à associação mas não mostram o que têm, não trocam. E acho que há pessoas também que

têm essas peças, às vezes até as deitam fora e não se lembram de pensar que haverá pessoas que qualquer pecinha dessas para ela seja um grande valor – não é? – valor estimativo. Eu penso que é isto.

(E) Clube de Fãs do Tony Carreira

Queria perguntar-lhe como começou o seu interesse pelo Tony Carreira e o que lhe despertou tanto interesse?

Em 1994, quando ouvi uma música que me despertou muita atenção porque aquilo que ele disse já se tinha passado comigo na minha vida. Então a partir daí começou-me a suscitar interesse e a querer ouvir mais, a querer saber mais.

Mas o que é que o diferencia realmente dos outros cantores? Porque não interessar-se por outro?

Para já é a humildade dele, é a simpatia dele e é a voz dele, não é? E ele é realmente muito bonito, para já. Mas isso, independentemente disso tudo, é porque ele dá atenção a cada uma das fãs, sempre, do princípio ao fim. Quando nós chegamos, ele vê quem está e depois lembra-se no próximo concerto: “você esteve lá”. Isso é muito bom e nós ficamos muito sensibilizadas.

E o que é ser fã do Tony Carreira? Como o descreveria? Que qualidades é necessário ter?

O Tony Carreira é um anti-stresse, é um anti-stresse. Quando estou mais stressada é Tony Carreira que se ouve logo de imediato. É uma calma, é uma paz. Todas as letras que ele tem nos dizem alguma coisa. É uma paz, é uma paz mesmo.

A sua relação com o cantor: é importante para si em que medida? Como se sente por ser fã dele?

É importante porque desde que comecei a fazer parte do clube de fãs sinto que é diferente quando vou ao pé dele. Ele... a relação que nós temos é diferente, é já mais de amizade. Sinto-me já... eu sinto-me amiga dele e sinto que ele também é meu amigo.

E sente que desde que se interessou por este cantor a sua personalidade se modificou de alguma forma?

Se calhar comecei a aprender a ver as coisas de outra maneira. Comecei a ter mais calma, a ser mais tolerante. Acho que é através dessa paz (que ele transmite-nos tanta paz), não vale a pena andarmos stressados, andarmos enervados. Muda-se, muda-se.

Gosta de mostrar aos outros o seu interesse?

Gosto sim senhora! Com muito orgulho! Olhe, como é que faço? Olhe, ando sempre a ouvir músicas do Tony Carreira, falo às minhas amigas sempre que posso para elas colaborarem e virem aos concertos e pronto. E ando sempre com o carro cheio de etiquetas do Tony Carreira.

Colecciona artigos ou adopta outros produtos relacionados com o Tony?

Sim, tudo o que sai nas revistas, os cds, tudo! Tenho um dossierzinho com as coisinhas todas.

E fora do clube, dedica tempo pessoal ao Tony Carreira?

Dedico este tempo [concerto]. Por exemplo, para aí de 15 em 15 dias no máximo – às vezes é menos tempo mas pelo menos de 15 em 15 dias – há uma tarde e uma noite dedicada ao Tony Carreira. Uma noite quer dizer, pronto, um bom bocado da minha vida dedicada ao Tony Carreira.

Imagine uma situação em que não poderia estar nos concertos do Tony Carreira nem ouvir a sua música. Como acha que reagiria?

Ai, não sei. Acho que nem sequer consigo imaginar uma situação dessas. Eu, como já lhe disse, tenho um restaurante e é assim: eu é que estou a gerir a parte da cozinha, não é? ... e faz parte da minha vida. É uma coisa que faz parte da minha vida e que eu não me consigo sequer imaginar. Sinceramente, é uma pergunta muito difícil de responder porque não sei.

Tem amigos ou familiares que também são fãs do Tony ou se interessem por um determinado tema / objecto / clube?

Tenho, tenho várias pessoas da minha família, inclusive o meu marido, que também gosta.

E os seus amigos e familiares (os que partilham o mesmo interesse e os que não têm um interesse especial), como é que eles sentem o facto de ser fã do Tony? Que lhe dizem?

Não dizem nada. A única coisa às vezes é: “eh pá, tu és muito exagerada, vais a todos”.

Não vou a todos porque não posso mas vou a quase todos! Quase todos os concertos.

E há limites para um interesse saudável pelo cantor? O que é que, por exemplo, nunca faria?

Bem, é assim, os limites para um interesse talvez seja, portanto, nós conseguirmos, conseguirmos pesar bem na balança e ver até onde é que estamos a deixar – como é que eu hei-de explicar? – deixar que a nossa vida tome algum tipo de rumo diferente, não é? Como lhe digo, eu tenho a minha vida profissional. Uma vez por outra abandono tudo, deixo tudo para trás mas também não posso todos os dias, não é? Por minha vontade, muito sinceramente, não lhe vou dizer que não tinha ido ontem para Silves atrás do Tony, não fui hoje, não iria amanhã para o Norte nem ia depois de amanhã. Portanto, é a pessoa

saber e ter noção até onde é que pode ir e não deixar de maneira nenhuma que a vida se altere por isso, não é?

Para além deste cantor, há outras pessoas, temas ou objectos que o interessem particularmente? Quais?

Música portuguesa... tive um que eu gostava muito mas fiquei muito decepcionada com uma atitude dele que é o José Alberto Reis. E então decepcionou-me muito numa prestação que eu fui ver dele e fiquei muito desmoralizada acerca disso. Mais nada.

Como tomou contacto com o clube de fãs e como fez para se tornar membro?

Foi numa festa. Falei com umas senhoras que faziam parte, perguntei o que é que era preciso e elas disseram-me o que é que eu devia fazer e então aí eu segui os passos que elas me disseram.

E sente que foi bem recebida?

Oh, a nossa directora, portanto, – é a Lídia Carvalho que é uma moça espectacular – é ela que tem dado um impulso muito grande ao clube de fãs e portanto a partir daí comecei a colaborar sempre... Almoços, vamos sempre todos os anos. Temos um almoço que ele oferece, sabia? Não sabe? Sabia!

Tem amigos ou familiares que também pertencem ao clube de fãs?

Já lhe disse que sim. O meu marido, as minhas primas, as... sim, as minhas amigas. O meu filho não gosta, o meu filho não gosta.

E os outros membros do clube: desenvolveu relações afectivas com eles?

Sim, sim. Não tenha dúvida. Quando fomos a Mira Sintra estava uma senhora ao nosso lado e como aquela senhora que entrevistou agora mesmo... quer dizer, já... pronto, as pessoas já se conhecem, já falam, já se cumprimentam, já falam do Tony e não sei quê. É giro.

Já me disse como os seus amigos e familiares reagiram ao facto de ser fã do Tony Carreira. Mas como reagiram eles quando souberam que era membro do clube de fãs?

Ainda não disse a ninguém [risos]. Não.

Não... o meu filho vai dizer que agora é que eu perdi o juízo de vez!

E o que há em comum entre todos os membros do clube? Há alguma coisa?

Então não há? É a loucura, o gostar. Basta nós gostarmos todos da mesma coisa, do mesmo artista. Os mesmos, são os mesmos valores aqui. Logo quando começar o espectáculo vai ver: são as mesmas canções, a gente canta tudo porque a gente gosta imenso disto. Por isso é que a gente sabe sempre as canções. Bem, mas há pessoas que vêm aos concertos e não sabem, não é? Mas eu sei-as todas, do princípio ao fim!

E dedica muito tempo às actividades do clube?

Não. Não dedico muito tempo porque eu não tenho muito tempo. Portanto, é assim: actividades do clube há um almoço anual – a que eu faço questão de ir – e também não há muito mais actividades. Portanto, encontro-me aqui com algumas pessoas membros do clube de fãs e pronto, não há assim também muitas mais actividades, não é? As actividades são mais ou menos estas, não... nem tenho conhecimento assim de muitas mais coisas. Há excursões, há excursões às vezes que eu... pronto, lá está, aí está o saber pesar na balança até onde é que se pode ir. Por exemplo, houve uma excursão em Janeiro a Paris que eu não pude ir: não pude ir não fui, pronto!

E o contrário: fora das actividades do clube, passa muito tempo com os outros membros?

Quer dizer, de vez em quando há telefonemas. Por exemplo, ainda hoje antes de vir para aqui houve duas ou três pessoas que me telefonaram (as tais pessoas com quem se estabelecem relações de mais amizade): “olha, que o concerto seja bom, boa sorte”. Pronto, aquelas coisas: “dá um beijinho ao Tony por mim”. Pronto, é realmente isso assim. Há realmente duas ou três pessoas com quem se estabelece outro tipo de relações. Tenho pessoas que me visitam no restaurante. Pronto, mas são pessoas também mais ou menos da minha área de residência, não é? Não há pessoas que se deslocam do norte do país para me vir visitar, como é lógico, não é? Nem eu vou visitar as pessoas porque também não tenho tempo.

Quais são as vantagens de pertencer ao clube?

Pronto, as vantagens de pertencer ao clube é manter-se actualizada porque eles mandam a programação de todos os espectáculos que ele tem, mandam, é estar actualizado. Pronto, eles mandam para casa todo o percurso dele desde cá até ao estrangeiro.

E desvantagens?

Não, acho que não há nenhuma.

O que para si é ser um membro exemplar do clube?

É colaborar, é ir aos concertos sempre que pode, divulgar a música dele, comprar os artigos dele... pronto, incentivar outras pessoas a entrar para o clube de fãs. Que eu tenho... já meti muita gente e continuo sempre a falar e lutar por ele na rádio porque há rádios que não passam música dele e eu estou sempre em cima. Que a Rádio Pal é uma deles. Mas ele está no top, pode ouvir que está!

E há muitos conflitos no seio do clube?

Há aqueles conflitos que não se podem chamar conflitos. É, por exemplo, numa sessão de autógrafos uma que passa à frente da outra. Aquelas coisas, não são conflitos, não é?

Já pensou em sair? Em que caso o faria?

Não, nem penso. Não me passa pela cabeça tampouco. Não. Quando morrer.

O clube relaciona-se com outros clubes ou grupos?

Não, penso que não.

E o contrário? Há alguns “inimigos”, opositores, rivais...?

Não, acho que não. Acho que é o melhor!

Vocês têm todos o mesmo estatuto ou há uma hierarquia? Há alguém que assuma a liderança do grupo?

É a Lídia Carvalho, sim, que é a directora do clube. Ela manda-nos as cartas a dizer quando é que é o almoço, quando é que temos de pagar as cotas. Temos uma cota anual e ela é portanto... temos de pagar essa cota todos os anos. Mas dá-nos direito a um prémio, dá-nos direito ao almoço todos os anos.

Há rituais seguidos pelo clube? Há, por exemplo, alguns momentos especiais, algumas tarefas que não podem deixar de fazer?

Não. É mais aquela “É To, é Ny, é Tony Carreira” e essas coisas, “Oh Tony és tão bom” e essas coisas mas basicamente é isso. E é andar sempre com as t-shirts, vir para os concertos para ele distinguir quem é que é do clube de fãs e quem é que não é.

Pertence a outro clube de fãs ou outro grupo com o qual partilhe o mesmo interesse?

Não, mais nada.

Finalmente, tem algo a acrescentar sobre o Tony ou sobre o clube que eu não perguntei e que ache importante eu saber?

Sobre o clube de fãs? Não, acho que, portanto, já falei no almoço anual, já falei que as pessoas se gostam não perdem nada em fazer parte do clube de fãs. Não sei, não estou a ver assim muito mais a acrescentar.

Sobre o Tony? Sobre o Tony, pronto, é realmente o que eu gostava e quando tenho oportunidade lhe digo é que ele se mantenha o Tony de sempre, o Tony que tem sido até hoje. Porque tenho a plena noção que uma pessoa começa como ele começou, que chega onde ele está, tem que ter os pés bem, bem, bem assentes na terra para não se deixar mudar porque é muito complicado. E mais, é muito complicado gerir esta quantidade de gente atrás dele e pronto, isso é o tal valor que só mesmo... lá está o que há bocadinho perguntava: porque é que... porquê o Tony Carreira e não outro? Porque é assim: só mesmo uma pessoa muito, muito, muito especial, com uma sensibilidade extrema, é que

consegue, eu sei lá! Eu, por exemplo, a minha história com o Tony é muito engraçada porque ele viu-me uma vez e à segunda vez o Tony lembrava-se de mim! Como se lembra das outras pessoas todas. Portanto, tem que ser uma pessoa muito, muito, muito inteligente e principalmente sensível e acho que é isso que cativa muita gente. E portanto era isso que eu gostava: era mesmo que ele não mudasse nunca, que se tentasse manter assim, não é? E pronto!

(F) Comunidade Neocatecomunal

Como é que começou o teu interesse pela religião e o que é que te despertou tanto interesse?

Começou não, porque foi já desde pequenina. Começou porque os meus pais desde pequenina me deram essa educação e como eles também já frequentavam – porque de certa forma foram educados um bocado nisso – a educação de nós todos como filhos foi sempre essa e então nunca nos desviámos muito disso. E daí começou logo desde que nascemos.

Mas o que é que achas que realmente diferencia a religião de outras temáticas? Porquê uma pessoa se interessar pela religião e não por outra coisa qualquer?

Porque acho que as pessoas procuram sempre alguma coisa que as preencha. E aqui, eu pelo menos vejo por mim, sinto que só aqui, que é a única forma de nos sentirmos preenchidos na totalidade é saber que existe uma coisa muito maior, uma força muito maior do que aquelas coisas do mundo. E acho que é isso sobretudo que diferencia das outras coisas porque as outras são um bocado coisas que nos dão felicidade aos poucos, não... nada nos preenche assim na totalidade.

E o que é que significa ser religiosa (se calhar não é a palavra) mas ter esta ligação com Deus? O que é que isso significa? É preciso ter alguma qualidade em especial?

Não, nada. Até Jesus disse “eu não vim para os que... para os justos; eu vim para os pecadores”, não é? “Eu não vim para aqueles que tinham saúde mas para aqueles que precisam de saúde”. Portanto quem mais necessita, se calhar é quem mais se aproxima do Senhor.

Em relação à sua devoção. Diria que é devoto a Deus, a Jesus Cristo, santos... alguma entidade em particular?

Não. Eu sinto que a iniciativa, a iniciativa de me encontrar com a gratuidade do amor de Deus é Deus. Portanto neste sentido não há uma devoção minha; há um chamamento de Deus que me oferece o seu amor e na medida das minhas pobreza e das minhas dificuldades, das minhas debilidades, vivo do amor de Deus.

Portanto essa tal devoção que existe na igreja...

Não. Eu acredito nos santos enquanto homens e mulheres que tiveram a mesma experiência que eu tenho da humanidade, dos sofrimentos, das debilidades e das alegrias mas que no meio da história se encontraram com o amor de Deus.

E a sua relação com este amor de Deus. É importante em que medida? Sente alguma coisa em especial por...

Eu saber que alguém me ama sem me exigir nada em troca, que me ama gratuitamente. É o fundamental da minha vida.

Nesse caso diria que também a sua personalidade... ou o facto de ser religiosa diz alguma coisa sobre a sua personalidade? Da sua forma de ser, de estar...

Não tinha sentido o contrário porque é a minha forma de estar na vida; rege-se por princípios – não é? – por valores, os valores humanos. Claro, quando eu não... pronto, ao fim ao cabo sou humana e muitas vezes não mostro, não dou os testemunho daquilo que acredito, daquilo que verdadeiramente sinto porque aí há todo um desvio que acontece frequentemente no dia-a-dia, não é?

E gosta de mostrar aos outros?

Eu sinto que a única coisa que faço de jeito na minha vida (se é que faço alguma coisa de jeito) é quando Deus me chama a evangelizar, a anunciar esta boa nova aos outros.

E colecciona ou adopta algum produto relacionado com a religião? Se tem muitos santos, se tem...

Pois. Agora, vamos lá a ver, o que tenho... mas isso tal como tenho uma imagem e que tem uma pagela é como se tiver uma fotografia porque uma pessoa que eu, que eu amo, pronto, da família e que gosto de lembrar, eu tenho uma fotografia – não é? – que me a faz lembrar. Tenho. Logo, eu ao ter uma imagem ou uma pagela qualquer da Virgem, é como que uma fotografia que eu tenho para a lembrar e pronto, para lembrar, para rezar. Não como ter, não de uma forma de ter aquelas imagens que venero, que eu adoro, de forma alguma, isso não; tenho como símbolos – não é? – como símbolos que fazem lembrar, tal como uma fotografia de família – não é? – nos faz lembrar a pessoa.

E é uma coisa a que também se dedica o tempo pessoal a isso, não é?

É o tempo pessoal, não em comunidade. É a oração em comunidade mas há a oração pessoal. A pessoa pode também... Existe a oração que faço vá, lendo a palavra mas também é a oração de vida e a oração, aquela interligação entre mim e Deus, que esse é com o meu trabalho; tudo do meu dia-a-dia é oração. Não é só a oração fórmulas ou ler ou falar, não é isso: é a minha vida do dia-a-dia, é o meu trabalho, é as minhas dificuldades;

tudo isso para mim é... as minhas alegrias, pronto, as coisas boas, os momentos bons, tudo isso para mim é oração.

E imagina uma situação em que não podias fazer nada disso: não terias contacto com a religião. Como é que achas que reagirias?

Isso é um bocado difícil porque há sempre o contacto, não é? Isso, como é interior, nós podemos sempre estabelecer uma rede de relação: eu agora posso estar a rezar sem ninguém estar a aperceber, sem estar a aperceber disso. Por isso acho que isso é... isso não dá porque em qualquer lugar acho que podemos rezar, em qualquer lugar mesmo porque os outros não precisam de ouvir; pode ser interior, pode-se falar para dentro. Por isso acho que isso em qualquer momento, em qualquer altura, em qualquer lugar se pode estar em contacto com Deus.

E tens mais amigos e familiares que partilhem a mesma religião?

Sim – como eu estava a dizer – como praticamente nasci aqui. Da minha família não todos mas pelo menos os meus pais, os meus irmãos e alguns... vá, já as minhas cunhadas (porque entretanto os meus irmãos foram casando). E mesmo a maioria dos amigos porque como nós, assim como eu, há muitos mais que cresceram com os pais aqui e já somos muito ligados porque há tudo, são várias gerações (e há a minha geração, a geração do meu irmão antes de mim...) e então somos todos muito ligados e tenho muitos amigos aqui. Mas também tenho muitos amigos fora da comunidade; isso pois. E depois vamos conhecendo mais pessoas – como fazemos as peregrinações e isso – de várias zonas mesmo do país, da comunidade e não só, pessoas que vão também.

E os teus amigos e familiares (os religiosos e os não religiosos). O que é que eles te dizem em relação a esta... o facto de professares uma religião? És criticada ou incentivada de alguma forma?

Depende. Lá está: depende das pessoas. Algumas pessoas, se calhar mais as pessoas da turma, da escola e isso assim não... alguns criticam. Mas acho que hoje em dia já não... isso está já... não é mais a criticar; é questionar e perguntar “como é que és capaz?”, “porquê?” e isso, “como é que aceitas determinadas coisas?”. E às vezes nem é mais questionar, é dizer, ficarem boquiabertos com certas coisas. E eu também tento sempre um bocado – não é influenciá-los a nada mas – é pelo menos dar-lhes o meu ponto de vista e pronto, e eles apercebem-se que de certa forma não sou diferente mas acredito nalguma coisa diferente. E há outros, há uns que aceitam pior, há uns que gozam, há uns que coiso e há outros que ficam admirados e até já tem havido pessoas que vêm entre aspas felicitar

porque “como é que consegues ser assim, uma pessoa assim no meio da sociedade hoje em dia?”.

E acha que há algum limite para este interesse (entre aspas, porque é uma coisa gratuita que tem)? Há coisas que nunca faria em nome da comunidade ou em nome de Deus?

Vamos ver: uma coisa que eu sei é que Deus é amor. Portanto, para o amor nunca há limites. Portanto... [risos]

Como tens este interesse pela religião, há alguma coisa que te interesse da mesma maneira (da mesma maneira quer dizer da mesma dimensão, que envolva tanto)?

Sei lá. Isso depois tenho se calhar alguns valores que levantam a religião como a família ou como, como a amizade ou sei lá. Pronto, isso, algumas... mas isso já está tudo relacionado, não é? Porque são coisas que vêm um bocado também com aquilo em que nós acreditamos ali.

Já me tinhas dito mais ou menos como tinhas tomado contacto com a comunidade. Foi através dos teus pais...

Foi. Mas quer dizer, só entrei porque quis – não é? – porque chega a uma determinada altura em que nós podemos escolher entrar ou não. Quer dizer, os nossos pais dizem “vai” mas se nós não quisermos não somos obrigados, não é? Há muitos filhos de pais da comunidade que não vão. Mas a maioria das pessoas vem, pelo menos só para, para pronto; como também crescemos com isso já se torna... de certa maneira já era um bocado hábito. E depois começamos a perceber porquê, porque é que os nossos pais vinham aqui, porque é que eles faziam determinadas coisas que os pais dos outros não faziam, porque é que era estranho e começou a ser mais normal para nós – não é? – desde que entrámos mais neste grupo.

Já me tinha dito mais ou menos como tomou contacto com a comunidade. Sente realmente que foi bem recebido, que foi acolhido?

Mais do que bem recebido. Sinto que sou amado como sou pela igreja.

Tem amigos e familiares na comunidade. E considera os outros que conheceu aqui apenas conhecidos ou realmente estabelecem-se laços de amizade?

São pessoas com quem tenho mais comunhão em muitos aspectos da vida corrente inclusivamente do que algumas pessoas da minha família. Cria de facto laços de comunhão excepcionais.

Já me tinhas dito como é que o teus familiares e amigos reagem ao facto de tu seres... não é seres religiosa mas seres cristã (é isso?). Mas depois quando souberam que tu estavas inserida numa comunidade, as reacções foram diferentes ou...

As pessoas que não conhecem estranham sempre, não é? Ficam assim: “O que é que é isso? Nunca ouvi falar” e não sei quê. Depois estranham muito nós virmos aqui e certos, certos hábitos que nós temos mas... a maioria das pessoas estranha, principalmente os que não conhecem. Os que conhecem, sei lá, depois também depende da opinião de cada um não é? Há uns que acham que isto que é uma seita e que acham que é aquilo e que “vão lá fazer lavagens ao cérebro” e coisas assim e há outros que sim senhora, que acham muito bem e “ah e não sei quê, nunca pensei”. Isso depois também depende.

E o que é que há realmente de comum entre todos os membros da comunidade?

De comum? Virmos aqui à celebração e partilharmos a fé.

Dedicas muito tempo à comunidade?

É assim, comparativamente com as horas que tem a semana [risos] ... Nós temos, as horas que eu dedico à comunidade são quatro horas por semana: são duas de celebração, duas de eucaristia e depois uma vez por mês pode ser que seja eu a preparar... – porque nós temos de preparar às vezes, temos todos às vezes que preparar a celebração da palavra ou a eucaristia – e também é uma hora / uma hora e meia de preparação. Por isso, em comparação, não é assim muito tempo que se gasta. Vá, num mês... a vezes dois... quatro vezes quatro... [risos] ... ah, quatro vezes quatro: dezasseis. Dezasseis, dezassete, dezoito... para aí vinte horas por mês. Tipo, ainda tem algumas horas por mês.

E o contrário: fora aqui da comunidade costuma dedicar algum tempo aos outros membros da comunidade mas fora do...?

Sim, sim. Visitamo-nos com frequência. Os irmãos estão doentes, são acolhidos, são atendidos pelos irmãos da comunidade.

Quais são as vantagens e desvantagens (a haver) de pertencer à comunidade?

Vantagens e desvantagens? Eu não vejo a comunidade como vantagem e desvantagem. Eu vejo a comunidade como, como uma coisa boa, pronto, a comunidade é bom para mim porque é um encontro com Deus, com os irmãos e com a palavra; portanto com Deus, com Jesus Cristo – enquanto palavra – e com os irmãos enquanto... as pessoas, não é? Agora que há vantagens sim porque (não propriamente o termo vantagem para mim) mas que nós vivemos em sociedade e em comunidade. Que havendo pequenas comunidades com determinados ideais de uma forma de estar na vida, são fermento para toda a sociedade na medida (isto para mim) na medida em que uma comunidade mais pequena com pessoas que se valorizam podem e devem ser sal, ser fermento, ser luz numa sociedade onde estão integradas, não é? E portanto a comunidade é um enriquecimento para mim. Pronto, vá,

agora se quisermos chamar isso vantagem... para mim é um enriquecimento a vários níveis.

E o que é que é para si ser um membro exemplar da comunidade?

Um membro exemplar é só Jesus Cristo! [risos]

Os conflitos são também uma parte fundamental?

Claro. Bastante. Eu acho que uma comunidade se não tiver conflitos não tem caminho. Tipo, porque é pelos conflitos que nós vamos conhecendo também e que pronto, há dias que se calhar eu posso ser uma pessoa que não sou conflituosa e que um dia me passe e tipo, tenha um dia mau e que chegue lá tipo... não quer dizer que por nesse dia ter agora... seja conflituosa, não é? Mas no entanto dá para ver também que também sou susceptível a isso ou que posso também estar um dia menos bom e passar-me. E eu que tantas vezes critiquei outros que estavam... e depois caio eu na mesma coisa. E acho que é bom os conflitos acontecerem porque nós tipo, não estamos lá sempre, nem estamos lá a ofendermo-nos ou a chamarmos nomes uns aos outros mas tipo, conflito é neste sentido de não concordarmos com certas coisas e pronto, e no entanto estarmo-nos a dar à mesma não de uma maneira hipócrita mas sabendo que temos limitações.

Já pensou alguma vez em sair da comunidade?

Sim, claro. Tenho tido também momentos de interrogação e momentos de crise. Não sou nenhum cego nem nenhum tonto, não é? [risos] mas digamos que também tenho feito a descoberta que mesmo esses momentos de crise são importantes porque têm-me ajudado a cimentar mais dentro da vida da comunidade.

Mas consegue ponderar ou imaginar uma situação em que realmente sairia? Se há alguma situação em que poderia eventualmente...

Se um dia acontecer... pode acontecer, não digo que nunca acontecerá. Pode acontecer um dia qualquer sair. Porque a liberdade que Deus nos dá é tal, e o amor de Deus é de tal forma gratuito, que nem o exige. Deus não me exige, deixa-me a liberdade para eu escolher. Portanto eu posso escolher sempre o que quero, posso sempre escolher isto ou aquilo, tomar esta ou aquela decisão. Só que pronto, Deus não me obriga a nada, estou sempre livre: a liberdade é a coisa mais maravilhosa que Deus me deu.

E aqui a comunidade relaciona-se com algum outro grupo?

Com todos os grupos da paróquia. Estamos inseridos numa paróquia. A comunidade só faz sentido se tiver uma paróquia. A comunidade não é um movimento isolado que se instala aí numa paróquia qualquer. Cada comunidade só caminha porque tem um pároco, precisa de

ter paróquia para caminhar. Por exemplo, com todos os grupos da paróquia nos relacionamos, claro.

E consideras que há outros grupos que possam ser inimigos da comunidade?

Acho que não. Eu pelo menos não vejo isso. Se calhar há pessoas que acham, que podem achar isso em relação a nós mas eu não acho isso em relação a grupo nenhum. Se calhar às vezes é um bocado estranho ver para nós as outras seitas ou os outros movimentos ou os outros grupos mas mesmo assim acho que não, acho que assim em termos de rivalidades não há.

E em relação à hierarquia? Como definirias a relação que há entre vocês todos: há uma hierarquia ou não?

Não. Assim tipo quem é que manda... É assim, aquilo cada um tem o seu carisma, carisma neste sentido: há um que é o responsável, há um que é o cantor, há outro que é o hasteário (hasteário, acho que é assim) é o que arruma lá a sala, lá a eucaristia ou faz preparação, há outro que é o que está com as crianças, há outros que são os leitores, outros que são os catequistas. E então não se sente que haja nenhuma hierarquia porque podia haver... Podia sentir que era uma hierarquia neste sentido: “está o responsável, depois está o grupo de pessoal responsável, e depois estão os outros irmãos da comunidade”. Mas não, sente-se que tanto os outros irmãos da comunidade que não têm... não são leitores nem são nada, no entanto têm o mesmo papel na comunidade do que o que é responsável e o que tem outra função porque não há, não se nota assim uma hierarquia.

Em relação aos rituais: há algum ritual em especial na comunidade? Há actividades ou coisas que nunca deixem de fazer?

Não. Tipo, temos só a eucaristia e a celebração da palavra; assim rituais mesmo. Pronto, depois temos para os jovens essas peregrinações mas nada de... Pronto, isto é uma caminhada – não é? – tipo, ando lá há oito anos e tipo, há vários passos, há vários passos no caminho neo-catecumunal. Temos o primeiro escrutínio que é um passo do caminho, depois há o chamado segundo escrutínio e assim sucessivamente porque isto é uma caminhada para a renovação do baptismo e então pronto, para formar assim... o objectivo é também formar comunidades cristãs como no princípio: depois de Cristo morrer os discípulos foram-se espalhando pelo mundo que era para difundir a palavra que tinham ouvido de Jesus e também foram formando comunidades cristãs e o objectivo se calhar é também de ir formando essas comunidades iniciais como havia pronto, depois de Cristo morrer e... Desculpa lá: estava a falar do quê? Agora perdi-me assim...

Rituais.

Ah! E então temos esses passos, que no primeiro escrutínio... e todos eles têm o seu ritual entre aspas; não é ritual é... têm sempre um... (como é que eles chamam àquilo?) há sempre em cada passo desses, há sempre um rito que é com o bispo e isso que fazemos lá e pronto, tem certos simbolismos também para a adaptação à palavra e o que nós estamos além a fazer – que é uma coisa séria, não é? – mas pronto ritos assim rituais só mesmo...

Pertence a algum outro grupo, algum clube?

Não. Colaboro com várias actividades da paróquia independentemente da comunidade mas pertencer a outro movimento ou a outro grupo não. Não sinto necessidade disso.

Finalmente queria-te só perguntar se tens alguma coisa a acrescentar em relação à religião ou à comunidade que aches importante eu saber.

Então, nós não somos uma seita nem somos um movimento. Nada disso. Já te devem ter explicado. E sei lá, acho que somos se calhar diferentes dos outros porque, porque não há regras aqui. Por mais que pareça que há regras, não há regras; se calhar há umas coisas que convém seguir por ali mas não há assim nada...

Estandarte e bandeira dos Diabos Vermelhos – Núcleo de Évora



Antes e depois: a restauração das vespas por parte do Vespa Clube



Letra de música de Tony Carreira

QUEM ERA EU SEM TI

Se não fosse a tua luz
E esse olhar que me conduz
Simplesmente era mais um caso perdido
Mas foi Deus que te enviou
No meu caminho te pôs
Para dares à minha vida outro sentido
P'ra acalmares a minha dor
Fazeres-me um homem melhor
Para me dares a paz que eu nunca tinha
tido
Por isso te digo

REFRÃO

Eu sem ti
Quem era eu sem ti?
Um eterno vagabundo à tua espera
Eu sem ti
Quem era eu sem ti?
Um Inverno sem sinais de Primavera
Eu era!

Se não fosse ter-te aqui
Eu seria até ao fim
Cavaleiro andante de abrigo em abrigo
Um amante sem amar
Uma alma sem lugar
Uma vida, um coração só e perdido
Tu chegaste e eu me encontrei
Nem pediste e eu fiquei
E então fui o homem que não tinha sido
Por isso te digo

REFRÃO

Eu sem ti
Quem era eu sem ti?
Um eterno vagabundo à tua espera
Eu sem ti
Quem era eu sem ti?
Um Inverno sem sinais de Primavera
Eu era!